BIBLIOTECA MITOLÓGICA

PSEUDO-APOLODORO

SUMÁRIO

Introdução geral.....4
Livro I.....15
Notas ao Livro I.....30
Livro II.....36
Notas ao Livro II.....57
Livro III.....65
Notas ao Livro III.....89
Epítome.....101
Notas à Epítome.....120

CONTEÚDO DOS LIVROS

LIVRO I

Capítulo 1 - Teogonia: nascimento de Zeus
Capítulo 2 - Teogonia: guerra contra os Titãs
Capítulo 3 - Teogonia: os deuses olímpicos
Capítulo 4 - Apolo e Ártemis
Capítulo 5 - Deméter e Perséfone
Capítulo 6 - A guerra dos Gigantes e Tífon
Capítulo 7 - Prometeu, Deucalião e os descendentes de Éolo
Capítulo 8 - Eneu, Meleagro e Tideu
Capítulo 9 - Os filhos de Éolo, Melampo, Admeto, Pélias e os Argonautas

LIVRO II

Capítulo 1 - Io e as Danaides
Capítulo 2 - Preto e as Prétides
Capítulo 3 - Belerofonte
Capítulo 4 - Perseu, os Perseidas, Anfitrião e o nascimento de Héracles
Capítulo 5 - Os doze trabalhos de Héracles
Capítulo 6 - Guerras de Héracles
Capítulo 7 - Últimas façanhas e morte de Héracles
Capítulo 8 - Os Heráclidas

LIVRO III

Capítulo 1 - Europa, Minos e Pasífae
Capítulo 2 - Catreu
Capítulo 3 - Glauco
Capítulo 4 - Cadmo, Sêmele e Actéon
Capítulo 5 - Dioniso, Antíope, Anfíon, Zeto e Édipo
Capítulo 6 - Os Sete contra Tebas
Capítulo 7 - Os Epígonos
Capítulo 8 - Licáon e Calisto
Capítulo 9 - Auge e Atalanta
Capítulo 10 - Plêiades, Hermes, Asclépio, Leda e os pretendentes de Helena
Capítulo 11 - Os Dióscuros
Capítulo 12 - Dárdano, Ilo, Príamo, Éaco e Télamon
Capítulo 13 - Peleu e Tétis
Capítulo 14 - Cécrope, Adônis, Tereu, Procne e Erictônio
Capítulo 15 - Céfalo, Orítia, Eumolpo e Egeu
Capítulo 16 - Teseu

EPÍTOME

Capítulo 1 - Teseu (continuação)
Capítulo 2 - Tântalo, Pélope e Atreu
Capítulo 3 - Guerra de Troia: antecedentes
Capítulo 4 - Guerra de Troia: a Ilíada
Capítulo 5 - Guerra de Troia: acontecimentos posteriores à Ilíada
Capítulo 6 - Os retornos
Capítulo 7 - Odisseu e a Telegonia

INTRODUÇÃO GERAL

1. A obra e seu lugar na tradição mitográfica

A Biblioteca Mitológica atribuída a Pseudo-Apolodoro é o mais amplo compêndio antigo conservado de mitos gregos organizado como uma narrativa contínua. Em vez de escolher um único herói, uma cidade ou um episódio, o texto procura acompanhar a história mítica desde as primeiras gerações divinas até o encerramento do ciclo heroico. A sucessão começa com Urano, Gaia e os Titãs, passa pela instauração do poder de Zeus, percorre as grandes linhagens de Deucalião, Ínaco, Agenor, Pelasgo, Atlas e Asopo, reúne os ciclos de Héracles, dos Argonautas, de Tebas e de Atenas, e alcança, na parte preservada por epítomes, a guerra de Troia, os retornos dos combatentes e a morte de Odisseu. Essa amplitude explica por que a obra se tornou um instrumento quase inevitável para o estudo moderno da mitologia grega.

A Biblioteca não é, contudo, uma simples coleção casual de histórias. Sua matéria é ordenada por uma combinação de genealogia, cronologia relativa e distribuição geográfica. A genealogia oferece o eixo principal: cada novo conjunto narrativo nasce de uma filiação, de um casamento ou da divisão de uma casa real. A cronologia resulta dessa sequência de gerações, ainda que o autor não procure harmonizar todas as tradições disponíveis. A geografia, por sua vez, organiza os ramos familiares em torno de regiões, cidades e reinos. O resultado é uma espécie de mapa narrativo da Grécia mítica, no qual as aventuras individuais aparecem encaixadas em linhas de descendência mais extensas.

A mitografia antiga ocupava uma posição intermediária entre erudição, comentário literário, história local, genealogia e repertório escolar. Seus autores recolhiam versões dispersas, resumiam poemas, tragédias e tradições regionais, confrontavam variantes e ofereciam ao leitor um caminho de consulta. A Biblioteca representa uma forma especialmente desenvolvida desse trabalho. Ela reduz narrativas complexas a uma prosa direta, mas preserva um número extraordinário de nomes, relações familiares, versões alternativas e referências a obras hoje perdidas. Por isso, o seu valor não depende apenas da qualidade literária da redação: depende sobretudo da capacidade de conservar, num sistema relativamente coerente, materiais provenientes de muitos séculos de poesia e erudição grega (HIGBIE, 2007; CAMERON, 2004; CABRAL, 2013).

Durante muito tempo, a linguagem concisa do compêndio levou leitores a tratá-lo como obra menor ou meramente utilitária. A pesquisa recente tem corrigido esse juízo. A seleção das tradições, a ordem das genealogias, a localização dos episódios e a maneira de apresentar divergências revelam decisões autorais constantes. O compilador não inventa uma nova mitologia, mas também não reproduz mecanicamente um arquivo prévio. Ele constrói uma visão de conjunto, escolhe pontos de passagem, encerra certos ramos e prolonga outros. A simplicidade do estilo, longe de eliminar a autoria, constitui o meio pelo qual a obra procura tornar manejável uma matéria vastíssima (TRZASKOMA, 2013; KENENS, 2011).

2. O autor ausente e o nome Pseudo-Apolodoro

A identidade do autor permanece desconhecida. A tradição manuscrita e a notícia de Fócio associaram o texto a um Apolodoro, posteriormente identificado com Apolodoro de Atenas, gramático e erudito do século II a.C. Esse Apolodoro histórico foi discípulo de Aristarco, trabalhou com cronologia, religião e filologia e compôs, entre outras obras, um extenso tratado Sobre os deuses. Sua autoridade no campo da erudição mitológica tornou plausível, para leitores posteriores, que um repertório como a Biblioteca lhe pertencesse.

A identificação, porém, não resiste à cronologia interna do texto. A Biblioteca cita Cástor de Rodes, cronógrafo que levou sua narrativa até 61/60 a.C.; portanto, a obra não pode ter sido escrita pelo gramático ateniense, morto várias décadas antes. Carl Robert demonstrou de modo sistemático, em 1873, a necessidade de distinguir os dois autores. Desde então, o nome Pseudo-Apolodoro passou a indicar o mitógrafo anônimo, sem pressupor que ele tivesse pretendido cometer uma fraude literária. O prefixo “pseudo” é uma convenção filológica: significa apenas que a atribuição tradicional é falsa ou insuficiente (ROBERT, 1873; ARCE, 1985; CABRAL, 2013).

Não se sabe se o verdadeiro autor se chamava Apolodoro, se esse nome foi acrescentado por um copista ou se a confusão resultou da aproximação entre obras de conteúdo semelhante. A hipótese de uma pseudonímia deliberada não pode ser demonstrada. Também não há informação segura sobre cidade de origem, carreira, escola filosófica ou posição social. O texto oferece pouquíssimas marcas autobiográficas. Em raros momentos surge a primeira pessoa, sobretudo quando o autor declara ter encontrado determinada informação em suas pesquisas; mesmo aí, trata-se de uma presença erudita, não de uma confidência pessoal.

A ausência de biografia não torna a obra inteiramente impessoal. O modo de ordenar os mitos permite reconhecer um autor interessado na continuidade das linhagens, na distinção entre versões e na construção de uma memória especificamente grega. Ele prefere a enumeração clara à ornamentação retórica, mas não elimina os conflitos entre as fontes. Fórmulas como “alguns dizem”, “segundo Hesíodo”, “Ferécides afirma” ou “os trágicos dizem” fazem da divergência uma parte constitutiva do relato. Em vez de resolver todas as contradições, o compilador permite que versões incompatíveis permaneçam lado a lado. Esse procedimento indica uma concepção de autoridade fundada não numa única narrativa oficial, mas na comparação de tradições reconhecidas.

3. Data de composição e ambiente intelectual

A citação de Cástor estabelece apenas um limite inferior: a Biblioteca foi composta depois de 61/60 a.C. O limite superior é mais incerto. Fócio, no século IX, é o primeiro autor que descreve de forma segura uma obra com esse título e atribuição; entretanto, características linguísticas, fontes utilizadas e contexto intelectual apontam para uma data muito anterior, geralmente situada entre o fim do século I a.C. e o século II d.C. Muitos estudiosos preferem o século I ou o início do II d.C., mas a formulação deve permanecer cautelosa: não existe prova conclusiva que fixe uma década ou um reinado específico (FRAZER, 1921; SMITH; TRZASKOMA, 2007; CABRAL, 2013).

Esse intervalo corresponde à consolidação do mundo greco-romano imperial, período em que a cultura grega foi intensamente catalogada, comentada e reorganizada. Bibliotecas, escolas, círculos de gramáticos e centros urbanos preservavam uma tradição literária já muito antiga. Poemas arcaicos, dramas clássicos, histórias locais e compilações helenísticas circulavam ao lado de resumos, escólios e manuais. O autor da Biblioteca pertence a esse universo de leitura retrospectiva. Ele escreve quando os mitos gregos já possuíam séculos de elaboração e quando o desafio não era apenas narrá-los, mas selecioná-los e relacioná-los.

A obra quase não contém referências diretas à vida política, religiosa ou social do presente do autor. Tal silêncio dificulta a datação. Ao mesmo tempo, mostra que a narrativa procura construir um passado fechado, anterior à história contemporânea. Os acontecimentos são apresentados como uma sequência autônoma que vai das origens do cosmos ao fim da geração heroica. Roma,

embora pudesse ser ligada a várias tradições gregas por intermédio de Héracles, Eneias e outros personagens, não recebe papel estruturante. K. F. B. Fletcher interpretou essa exclusão como uma escolha consciente: a organização genealógica da Biblioteca definiria a Hélade mítica sem integrar os romanos à sua rede de parentesco. Outros estudiosos consideram que o silêncio pode resultar do recorte das fontes ou da finalidade do compêndio. Em qualquer caso, a ausência de Roma é significativa e impede que o texto seja lido como uma simples síntese imperial de todas as tradições mediterrâneas (FLETCHER, 2008).

A língua também oferece indícios, embora não decisivos. O grego é correto, relativamente simples e pouco marcado por modismos tardios. A sintaxe recorre frequentemente a particípios, coordenações e fórmulas repetitivas, adequadas à compressão de longas cadeias narrativas. Essa prosa pode ser situada com naturalidade nos primeiros séculos do Império, mas não fornece uma assinatura cronológica precisa. A data mais provável, portanto, resulta da convergência de argumentos, e não de um único testemunho.

4. O título Biblioteca e a notícia de Fócio

O título Biblioteca, embora consagrado, também suscita problemas. Fócio relata ter lido uma pequena obra de Apolodoro, o gramático, intitulada Biblioteca. Segundo seu resumo, o livro reunia antigas histórias de deuses e heróis, nomes de rios, países e cidades, a guerra de Troia, os retornos dos combatentes e as viagens de Odisseu. Fócio acrescenta que a obra servia como síntese para quem desejasse recordar as velhas narrativas sem consultar separadamente Homero, a elegia, a tragédia, a poesia mélica e os poemas do ciclo épico.

Essa descrição corresponde em linhas gerais ao conteúdo que conhecemos, sobretudo quando a Epítome é considerada. Há, contudo, diferenças de ênfase. O texto conservado impressiona principalmente por genealogias, sucessões e listas de descendentes, enquanto Fócio destaca lugares, cidades e episódios troianos. Javier Arce sugeriu que a inadequação pode indicar que Fócio leu uma obra diferente, ou que o título Biblioteca foi transferido posteriormente para o compêndio atual. Ele aventou ainda que Genealogias seria uma designação mais adequada à estrutura do texto. A hipótese é estimulante, mas não pode ser demonstrada de forma definitiva (ARCE, 1985).

Na Antiguidade, bibliothēkē podia indicar tanto uma coleção de livros quanto uma compilação construída a partir de muitos livros. O título, portanto, é semanticamente apropriado, mesmo que não seja original. A obra funciona como uma biblioteca reduzida: concentra em um único percurso materiais que, nas fontes antigas, estavam espalhados por poemas épicos, hinos, tragédias, catálogos, crônicas e histórias locais. O epigrama transmitido por Fócio apresenta justamente essa promessa de substituição prática. Não afirma que a poesia seja dispensável como arte; afirma que o compêndio oferece acesso rápido ao conteúdo narrativo.

A palavra “mitológica”, acrescentada ao título desta edição, explicita para o leitor moderno a natureza do repertório e evita confusão com bibliotecas históricas ou bibliográficas. Ela não pretende reconstruir um título grego perdido. “Biblioteca Mitológica” deve ser entendida como designação editorial transparente para a Biblioteca de mitos tradicionalmente associada a Pseudo-Apolodoro.

5. Arquitetura da obra: genealogia, sequência e espaço

A organização da Biblioteca distingue-se por transformar genealogias em estrutura narrativa. O Livro I começa com as primeiras entidades cósmicas e a sucessão de Urano, Crono e Zeus.

Depois de estabelecer a ordem divina, acompanha descendências associadas a Deucalião e aos filhos de Éolo, conduzindo aos ciclos de Meleagro, Melampo, Pélias, Jasão e os Argonautas. O Livro II passa à linhagem de Ínaco, percorre Io, Dânao, Perseu e os Perseidas e dedica grande espaço a Héracles e aos Heráclidas. O Livro III reúne diversos ramos: os Agenóridas de Creta e Tebas, as linhagens pelásgica, atlântida e asópida, os reis de Troia, Éaco e seus descendentes, e por fim as casas de Atenas. O texto contínuo interrompe-se durante os feitos de Teseu.

A parte perdida, conhecida por intermédio das epítomes, completa Teseu, apresenta Tântalo, Pélope e os Atridas, prepara a guerra de Troia, resume a Ilíada e os poemas pós-homéricos, descreve a tomada da cidade, os retornos e as errâncias de Odisseu. Assim, o conjunto termina com a morte do último grande herói do ciclo troiano. A Epítome não é um quarto livro antigo no mesmo sentido dos três livros convencionais: é uma reconstrução editorial da porção desaparecida, composta pela combinação de dois testemunhos abreviados. Nesta edição, ela ocupa o lugar de quarto livro para tornar visível a continuidade do projeto narrativo.

A divisão em três livros não aparece de maneira uniforme nos manuscritos e foi estabilizada pela tradição editorial. Ainda assim, os grandes blocos genealógicos são reais. A narrativa avança por expressões de transição: depois de tratar de uma estirpe, o autor anuncia que passará a outra; quando menciona um personagem cujo ciclo pertence a um ramo posterior, adia o relato; quando conclui uma casa, retorna ao ancestral comum e abre uma nova linha. Esses movimentos produzem uma complexa rede de antecipações e retomadas.

A organização não elimina inconsistências. Um mesmo personagem pode receber filiações diferentes em lugares distintos; episódios podem ser repetidos; cronologias locais podem entrar em conflito. Parte dessas dificuldades decorre das próprias fontes, parte pode resultar da transmissão manuscrita e parte nasce da tentativa de combinar tradições originalmente independentes. A Biblioteca não oferece um sistema mítico perfeitamente fechado. Sua força está em construir a maior continuidade possível sem apagar por completo a pluralidade do material.

A geografia participa desse arranjo. Argos, Tebas, Creta, Arcádia, Esparta, Atenas, Troia e as ilhas aparecem como centros de linhagens. Viagens e exílios conectam esses espaços: Io atravessa regiões distantes; Europa chega a Creta; Cadmo funda Tebas; Héracles percorre o Mediterrâneo; os Argonautas alcançam a Cólquida; os exércitos gregos convergem para Troia. Desse modo, a genealogia se converte em geografia mítica, e a geografia, em memória compartilhada da Hélade.

6. Fontes, citações e variantes

O autor nomeia poetas, mitógrafos, cronógrafos e tradições coletivas. Entre os nomes citados figuram Homero, Hesíodo, Ferécides, Acusilau, Eumelo, Paníasis, Píndaro, Estesícoro, Eurípides, Apolônio de Rodes, Cástor e outros. Também aparecem referências a obras sem autor explícito, como a Tebaida, a Alcmeônida, os Retornos e as Naupáctias, além de fórmulas genéricas como “os trágicos”, “os órficos”, “alguns” e “outros”. O repertório alcança, portanto, a épica arcaica, a lírica, a tragédia, a historiografia genealógica, a poesia helenística e a erudição cronográfica.

Não se deve concluir que todas essas obras foram consultadas diretamente. A mitografia antiga trabalhava por camadas de transmissão. Um compilador podia conhecer Homero ou Eurípides de primeira mão e, ao mesmo tempo, receber citações de Ferécides ou Acusilau por meio de compêndios intermediários. Uma referência nominal podia ter sido copiada com todo o trecho que a continha. Marc Huys e Ulrike Kenens mostraram que a investigação das fontes exige cautela: semelhanças entre a Biblioteca e uma tragédia não provam automaticamente dependência

direta, pois resumos mitográficos e coleções de argumentos circulavam amplamente (HUYS, 1997; KENENS, 2011).

Mesmo com essa reserva, comparações com textos preservados demonstram que o compilador costuma transmitir com fidelidade o núcleo das narrativas. O ciclo dos Argonautas revela proximidade com Apolônio de Rodes; histórias de Medeia, Alceste, Édipo e Orestes mantêm relações reconhecíveis com a tragédia; a seção troiana condensada na Epítome segue materiais que conhecemos pela Ilíada, pela Odisseia e pelos resumos do ciclo épico. Essa fidelidade relativa justifica o uso da Biblioteca para reconstituir tradições de autores perdidos, desde que não se transforme o compêndio em testemunha literal de cada fonte.

A apresentação das variantes é uma de suas características mais valiosas. O autor raramente se detém em longas discussões. Em geral, oferece uma versão principal e acrescenta alternativas breves: muda-se a filiação, o local do acontecimento, o agente de uma morte ou o destino de um personagem. Essa economia permite conservar grande quantidade de divergências sem interromper inteiramente o fluxo. Ao leitor moderno, as variantes recordam que “mitologia grega” não era um cânone único, mas um campo de narrativas concorrentes, adaptadas a cidades, cultos, gêneros poéticos e interesses diversos.

As citações também constroem autoridade. O compilador não pretende falar como poeta inspirado nem como testemunha ocular. Sua credibilidade provém da leitura e da comparação. Quando declara “encontrei” determinados nomes em suas fontes, revela o gesto do pesquisador. Quando registra versões anônimas, reconhece a circulação de tradições que não podem ser atribuídas com segurança. A Biblioteca é, nesse sentido, um texto sobre mitos e sobre a memória escrita dos mitos.

7. Estilo, concisão e presença do compilador

A prosa da Biblioteca é deliberadamente sóbria. O autor privilegia verbos de ação, filiações, deslocamentos, casamentos, mortes e sucessões. Longos episódios podem ser reduzidos a poucas frases; personagens célebres surgem e desaparecem rapidamente quando não pertencem ao eixo genealógico em curso. A repetição de fórmulas dá ao texto um ritmo de inventário: “de X nasceu Y”, “tendo desposado”, “depois disso”, “alguns dizem”, “foi morto por”. Essa regularidade facilita a consulta e sustenta a continuidade de centenas de nomes.

A concisão não é absoluta. Em momentos específicos, a narrativa se expande: a descrição de Tífon, os trabalhos de Héracles, a viagem dos Argonautas, o labirinto de Creta, as guerras tebanas e a matéria troiana recebem tratamento mais desenvolvido. É possível que certas passagens conservem de perto o colorido de fontes poéticas. Ainda assim, o compilador evita transformar o conjunto em epopeia ou romance. O seu objetivo parece ser a cobertura organizada da tradição, não o efeito dramático.

Frazer julgou que as limitações literárias do autor favoreciam a tarefa do compêndio: por não impor uma teoria filosófica abrangente nem buscar constantemente o ornamento, ele preservaria melhor as narrativas recebidas. Esse elogio precisa ser qualificado, pois nenhuma compilação é neutra. A seleção, a ordem e o grau de desenvolvimento já constituem interpretação. A pesquisa de Trzaskoma sobre citação e presença autoral mostra que a voz do compilador aparece justamente no modo de orientar o leitor, anunciar transições, hierarquizar versões e controlar a extensão dos episódios (FRAZER, 1921; TRZASKOMA, 2013).

O texto também alterna precisão e silêncio. Certas genealogias são minuciosas; outras são abreviadas. Alguns conflitos entre versões são registrados, outros parecem ignorados. A

sexualidade violenta, os sacrifícios humanos, os infanticídios e as vinganças familiares são narrados sem comentário moral prolongado. O efeito pode parecer frio ao leitor moderno, mas corresponde à posição de um repertório que registra acontecimentos míticos como dados de uma tradição, sem reconstruir a experiência psicológica das personagens.

Essa escrita exige uma leitura própria. Quem procura a densidade poética de Homero, Hesíodo ou dos tragediógrafos pode estranhar o compêndio. Quem acompanha as ligações entre famílias, cidades e variantes descobre uma obra de grande complexidade estrutural. A Biblioteca deve ser lida ao mesmo tempo em sequência e como instrumento de consulta: a narrativa contínua revela a arquitetura geral; a consulta localizada permite observar a tradição de cada mito.

8. Mitografia, religião e memória cultural

A Biblioteca registra deuses e heróis sem separar rigidamente religião, lenda e história. Para o autor, as genealogias divinas desembocam nas casas heroicas; deuses geram filhos mortais, fundam dinastias, intervêm em guerras e estabelecem cultos. A passagem do tempo cósmico ao heroico não elimina a presença divina. O mundo narrado permanece permeável: metamorfoses, oráculos, monstros, maldições hereditárias e aparições divinas integram a causalidade dos acontecimentos.

Isso não significa que o compêndio seja um manual de teologia ou de ritual. Informações cultuais aparecem de forma desigual e geralmente ligadas à explicação de um nome, de uma festa, de um santuário ou de uma punição. O autor não procura interpretar alegoricamente os deuses nem racionalizar sistematicamente os monstros. Nesse ponto, distancia-se do tratado Sobre os deuses de Apolodoro de Atenas, que parece ter desenvolvido investigação filológica e teológica muito mais analítica. A Biblioteca conserva a superfície narrativa das tradições e raramente pergunta o que elas “significam” em termos filosóficos.

Seu valor religioso e antropológico deriva justamente dessa preservação. Ritos de purificação, sacrifícios, juramentos, hospitalidade, parentesco, vingança e sucessão aparecem incorporados às histórias. Frazer explorou amplamente esses temas em suas notas, aproximando motivos gregos de costumes e contos de outras sociedades. Parte de suas comparações pertence ao horizonte evolucionista de sua época e deve ser utilizada criticamente; ainda assim, ele demonstrou que a Biblioteca contém material decisivo para a história comparada da religião e do folclore.

A obra também preserva a memória de poemas perdidos. A épica cíclica, as genealogias arcaicas e numerosas tragédias sobrevivem apenas em fragmentos, títulos ou resumos. Quando a Biblioteca transmite uma versão associada a esses textos, oferece uma janela indireta para repertórios desaparecidos. Essa função documental explica sua presença constante em comentários filológicos, estudos de iconografia e reconstruções de ciclos míticos.

A memória transmitida não é universal nem socialmente completa. Predominam casas reais, heróis guerreiros, fundadores, sacerdotes e descendências aristocráticas. Mulheres ocupam posições centrais como mães de linhagens, profetisas, esposas disputadas, vítimas e agentes de vingança, mas a narrativa costuma enquadrá-las em estruturas de casamento e descendência. Povos não gregos aparecem frequentemente como adversários, espaços de viagem ou ramos periféricos. Ler criticamente a Biblioteca implica reconhecer tanto a riqueza do arquivo quanto os limites de sua perspectiva.

9. A tradição manuscrita e a perda do final

A transmissão do texto é complexa. O principal manuscrito da tradição completa conservada é o Parisinus Graecus 2722, do século XIV, do qual dependem vários testemunhos posteriores. Outros manuscritos preservam seleções, paráfrases ou excertos. A história textual foi estudada de modo decisivo por Aubrey Diller, que mostrou as relações entre famílias manuscritas e a importância de materiais bizantinos para a reconstrução da obra (DILLER, 1935; 1983).

Os manuscritos da Biblioteca propriamente dita interrompem-se durante a narrativa de Teseu. A notícia de Fócio, porém, mostra que a obra que ele conheceu prosseguia pela guerra de Troia, pelos retornos e pelas viagens de Odisseu. João Tzetzes, no século XII, também parece ter utilizado uma forma mais completa do texto. A confirmação material surgiu no fim do século XIX. Em 1885, Richard Wagner reconheceu, num manuscrito do Vaticano, extensos excertos abreviados que incluíam a porção perdida; esse testemunho passou a ser chamado Epítome Vaticana. Em 1887, Athanasios Papadopoulos-Kerameus encontrou, num manuscrito do mosteiro de São Sabas, em Jerusalém, outra série de excertos, conhecida como Fragmentos ou Epítome Sabaítica. Os dois testemunhos se sobrepõem parcialmente, divergem em detalhes e completam lacunas um do outro (CABRAL, 2013; FRAZER, 1921).

Wagner incorporou esses materiais à sua edição de 1894. Frazer, em 1921, apresentou uma narrativa combinada, articulando os testemunhos para oferecer ao leitor uma continuação coerente. Essa composição é a base de grande parte das traduções modernas. É essencial, entretanto, distinguir o estado textual: os três livros derivam da tradição manuscrita contínua, embora com seus próprios problemas; a Epítome é um resumo bizantino de uma parte perdida. Sua redação pode abreviar, deslocar ou duplicar episódios. Em alguns casos, a versão do Vaticano conserva um detalhe ausente na Sabaítica; em outros, ocorre o contrário.

A condição epitomada explica a velocidade ainda maior do trecho final e certas transições abruptas. Também recomenda prudência na comparação estilística. Nem toda formulação da Epítome deve ser atribuída diretamente ao mitógrafo antigo; parte pertence aos abreviadores ou copistas. Ainda assim, a concordância com Fócio, Tzetzes e os ciclos épicos confirma que esses excertos preservam o desenho geral do final perdido.

Tratar a Epítome como quarto livro é uma solução prática, não uma afirmação sobre a divisão original. Ela permite que o leitor acompanhe o arco completo, de Urano e Gaia à morte de Odisseu, sem ocultar que a última parte chegou por via diferente. A unidade do volume é, portanto, simultaneamente narrativa e editorial.

10. A Biblioteca e os grandes ciclos míticos

Um dos maiores interesses da obra é a maneira como conecta ciclos que, em suas fontes poéticas, podiam ser independentes. O ciclo cosmogônico e teogônico fornece a ordem do mundo; a geração de Deucalião conduz a linhagens tessálias e etólias; a casa de Ínaco liga Argos a Io, às Danaides, a Perseu e a Héracles; Agenor aproxima Fenícia, Creta e Tebas; a descendência de Atlas conduz a Esparta e Troia; a história ateniense culmina em Teseu. A matéria troiana, por fim, reúne heróis oriundos de quase todos esses ramos.

Héracles ocupa posição excepcional. Sua genealogia é preparada por Perseu e Anfitrião; seus trabalhos atravessam regiões diversas; seus filhos e descendentes explicam conquistas e dinastias posteriores. O ciclo dos Argonautas funciona de modo semelhante, reunindo heróis de várias casas numa expedição comum. As guerras de Tebas organizam uma sequência de culpa, sucessão

e vingança que passa de Édipo aos Sete e aos Epígonos. Teseu concentra a mitologia ateniense e serve como ponte para Helena e a geração troiana.

Na Epítome, a guerra de Troia aparece como convergência e encerramento. O catálogo dos pretendentes de Helena, o juramento de Tíndaro, a reunião em Áulis, os episódios da Ilíada, a morte de Aquiles, o cavalo de madeira, a queda da cidade e os retornos resumem grande parte da épica cíclica. A Odisseia é condensada em seus principais episódios, e a Telegonia fornece a morte de Odisseu por Telégono. O compêndio, assim, transforma uma multiplicidade de poemas em uma história mítica contínua.

Esse procedimento teve enorme influência sobre a maneira moderna de visualizar a mitologia grega como um sistema ordenado. Manuais posteriores, dicionários e árvores genealógicas frequentemente reproduzem, conscientemente ou não, as escolhas de Pseudo-Apolodoro. Ken Dowden observou que compêndios antigos e modernos não apenas conservam mitos: eles definem quais narrativas parecem centrais e como se conectam. A Biblioteca é uma das matrizes mais importantes dessa estabilização (DOWDEN, 1992; CABRAL, 2013).

Ao mesmo tempo, o leitor deve resistir à tentação de considerar o texto uma autoridade final. Homero, Hesíodo, Píndaro, os tragediógrafos, os historiadores locais e a iconografia podem oferecer versões diferentes e mais antigas. A melhor utilização da Biblioteca é comparativa: ela fornece o esqueleto e muitas variantes, mas cada mito ganha profundidade quando reencontrado em seus contextos poéticos, religiosos e políticos.

11. Recepção, edições e uso moderno

A primeira edição impressa apareceu em Roma, em 1555, preparada por Benedetto Egio. Desde então, o texto passou por sucessivas recensões. As edições de Heyne, Müller e especialmente Richard Wagner ampliaram a base manuscrita e estabeleceram divisões ainda usadas. A edição de Wagner de 1894, nos Mythographi Graeci, integrou a descoberta das epítomes e marcou uma nova etapa da crítica textual. A edição bilíngue de James George Frazer, publicada na Loeb Classical Library em 1921, difundiu amplamente a obra em língua inglesa e acrescentou um vasto comentário comparativo.

No século XX, traduções e estudos em várias línguas tornaram a Biblioteca acessível a públicos mais amplos. A edição espanhola da Biblioteca Clásica Gredos, com introdução de Javier Arce e tradução de Margarita Rodríguez de Sepúlveda, ofereceu uma discussão influente sobre título, autoria e transmissão. Em português, a tese de Luiz Alberto Machado Cabral apresentou tradução, estudo da mitografia e ampla documentação bibliográfica, contribuindo decisivamente para a recepção da obra no Brasil (ARCE, 1985; CABRAL, 2013).

A investigação contemporânea deslocou o foco da busca por uma única fonte para o estudo da composição, da transmissão e das escolhas do compilador. Trabalhos de Huys e Kenens examinaram o problema das fontes; Fletcher analisou a organização genealógica e a exclusão de Roma; Trzaskoma estudou citação e presença autoral; estudos filológicos recentes dedicam-se a seções específicas e à linguagem do texto. Essa renovação mostra que a Biblioteca não é apenas um depósito de informações para outros temas, mas um objeto literário e intelectual próprio.

O compêndio continua indispensável em várias áreas. Filólogos recorrem a ele para reconstruir poemas e tragédias perdidos; historiadores da religião investigam cultos, sacrifícios e genealogias divinas; arqueólogos e historiadores da arte usam suas narrativas para interpretar imagens; estudiosos de recepção identificam nele uma fonte para mitógrafos renascentistas e modernos; leitores não especialistas encontram uma visão panorâmica do mundo heroico grego.

A facilidade de consulta, porém, pode produzir uma falsa sensação de uniformidade. O texto deve ser acompanhado de notas e confrontado com outras fontes. Nomes variam entre tradições e traduções; genealogias podem ser contraditórias; lugares míticos não correspondem necessariamente a geografias históricas; a Epítome possui estatuto textual distinto. Uma edição bem acabada deve tornar o percurso legível sem esconder essas dificuldades.

12. Orientação para a leitura

A leitura pode seguir dois caminhos complementares. O primeiro é contínuo: acompanhar a sucessão das gerações permite perceber como o autor constrói a história mítica como uma longa cadeia de parentescos, migrações e conflitos. Nesse percurso, personagens aparentemente secundários preparam linhagens que se tornam centrais muitas páginas depois. O segundo caminho é temático: consultar um herói, uma cidade ou uma família e utilizar as remissões e notas para comparar versões.

A numeração tradicional das seções, preservada nos três livros, facilita a referência acadêmica e permite confrontar traduções e edições. Na Epítome, os capítulos organizam os grandes blocos da continuação: Teseu, os Pelópidas, os antecedentes da guerra de Troia, a matéria iliádica, os episódios posteriores à Ilíada, os retornos e a história de Odisseu. As notas reunidas depois de cada livro registram paralelos antigos, variantes e esclarecimentos, mas não substituem a leitura das fontes mencionadas.

Os nomes próprios seguem formas portuguesas usuais, procurando manter coerência entre os quatro livros. Em alguns casos, coexistem variantes tradicionais; o leitor encontrará, por exemplo, formas que refletem diferentes hábitos de transliteração. Essas diferenças não indicam necessariamente personagens distintos. O contexto genealógico é frequentemente o melhor guia.

Por fim, convém lembrar que a Biblioteca é simultaneamente uma obra antiga e o resultado de uma longa história editorial. O autor anônimo compilou tradições anteriores; copistas transmitiram e por vezes abreviaram o texto; eruditos modernos estabeleceram livros, capítulos e numeração; as epítomes reconstruíram o final perdido. Ler Pseudo-Apolodoro é entrar não apenas na mitologia grega, mas também na história de sua conservação. A extraordinária utilidade do compêndio nasce dessa condição: ele é uma biblioteca de narrativas e, ao mesmo tempo, um testemunho da maneira como cada época reorganizou o passado mítico.

13. Entre repertório, narrativa e instrumento de ensino

A forma compendiosa da Biblioteca não deve ser confundida com ausência de projeto. Os repertórios mitográficos atendiam a necessidades concretas de uma cultura cuja literatura pressupunha o conhecimento de redes extensas de nomes e acontecimentos. Um leitor de poesia épica, lírica ou dramática precisava reconhecer patronímicos, maldições familiares, relações de hospitalidade e antecedentes apenas insinuados pelo poeta. A narrativa de Pseudo-Apolodoro transforma esse saber disperso em sequência consultável. Sua utilidade não se limita, portanto, ao leitor moderno: o próprio desenho da obra sugere um público interessado em recordar, ordenar e comparar tradições.

O epigrama conservado por Fócio apresenta o compêndio como alternativa prática à consulta de Homero, da elegia, da tragédia, da lírica e dos poemas cíclicos. A formulação é deliberadamente enfática, mas descreve uma função real: reunir em prosa aquilo que se encontrava distribuído por muitos gêneros. O texto não substitui a experiência literária dessas obras; retira delas o esqueleto narrativo e genealógico. Esse procedimento explica tanto a

extraordinária densidade de informação quanto a redução de discursos, descrições e cenas emocionais. A unidade procurada é a do encadeamento dos fatos, não a da voz poética.

Essa função de consulta aproxima a Biblioteca de práticas escolares e gramaticais, embora não seja possível determinar com segurança uma instituição ou nível de ensino específico. A clareza da sintaxe, a frequência de fórmulas de transição e a disposição em blocos favorecem a memorização. Ao mesmo tempo, o número de variantes e de referências eruditas ultrapassa o que se esperaria de um resumo elementar. A obra pode ter servido a leitores de diferentes formações: estudantes, oradores, poetas, comentaristas e pessoas cultas que necessitavam de um panorama do passado mítico.

A tensão entre manual e narrativa permanece produtiva. Lido de maneira contínua, o texto revela repetições estruturais: sucessões ameaçadas, crianças expostas, oráculos mal interpretados, casamentos que ligam casas distantes, homicídios seguidos de purificação e expedições que reúnem várias linhagens. Lido como repertório, permite localizar rapidamente personagens e versões. Nenhuma dessas modalidades esgota a obra. Sua sobrevivência decorre precisamente da capacidade de funcionar ao mesmo tempo como arquivo, mapa genealógico e história geral da idade heroica.

14. Variantes, contradições e limites da reconstrução

A mitologia grega nunca constituiu um sistema inteiramente fechado. Poetas, cidades e famílias preservavam versões divergentes, e novas composições podiam alterar parentescos, lugares e motivações. Pseudo-Apolodoro registra parte dessa pluralidade por meio de atribuições explícitas: uma tradição é associada a Homero, outra a Hesíodo, Ferécides, Acusilau ou aos poetas trágicos. Em outros casos, a divergência aparece sem nome de fonte. A justaposição não deve ser tratada como defeito a ser eliminado, mas como testemunho da condição histórica do mito.

Há também contradições internas. Um personagem pode receber genealogias diferentes em passagens afastadas; uma cronologia pode tornar difícil a convivência de heróis reunidos numa mesma expedição; nomes semelhantes podem ser confundidos pela tradição. Algumas incoerências podem provir das fontes, outras da transmissão manuscrita e outras do próprio método de compilação. O leitor deve resistir à tentação de harmonizar automaticamente todos os dados. A utilidade crítica da Biblioteca reside muitas vezes no fato de conservar justamente aquilo que não se ajusta perfeitamente.

A Epítome exige cuidado adicional. Ela não é o final autógrafo da obra, mas uma reconstrução fundada em testemunhos abreviados que remontam à parte perdida. Os excertos Vaticano e Sabaítico selecionam e condensam materiais de maneiras distintas; sua combinação moderna oferece uma narrativa extensa, porém não restitui palavra por palavra o texto desaparecido. Por essa razão, diferenças de detalhe, transições abruptas e desigualdade de extensão são inevitáveis. Apresentá-la como quarto livro é uma solução editorial útil para a leitura contínua, desde que se reconheça seu estatuto documental próprio.

Essa situação também determina o valor das notas. Elas identificam paralelos antigos, explicam nomes, indicam divergências e registram problemas da transmissão. Não pretendem converter a obra num sistema sem lacunas. Ao contrário, ajudam a perceber onde a tradição é segura, onde depende de um único testemunho e onde permanece conjectural. A leitura informada da Biblioteca combina, assim, confiança e prudência: confiança no extraordinário arquivo que chegou até nós; prudência diante de uma autoria desconhecida, de fontes intermediárias e de uma conclusão preservada apenas em forma abreviada.

A presente disposição em quatro partes torna visível o movimento total da narrativa: cosmogonia e primeiras linhagens no Livro I; ciclo argivo e heracliano no Livro II; genealogias cretenses, tebanas, arcádias, atlântidas e áticas no Livro III; conclusão de Teseu, casa de Pélope, guerra de Troia, retornos e destino de Odisseu na Epítome. A continuidade não apaga a ruptura material entre o terceiro livro e os testemunhos epitomados. Ela oferece ao leitor um percurso completo, ao mesmo tempo em que a introdução e as notas fornecem os elementos necessários para distinguir obra conservada, tradição perdida e reconstrução editorial.

Bibliografia da introdução

ARCE, Javier. Introducción. In: APOLODORO. Biblioteca. Tradução e notas de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Gredos, 1985. p. 7-38.

CABRAL, Luiz Alberto Machado. A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CAMERON, Alan. Greek Mythography in the Roman World. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DILLER, Aubrey. The Text History of the Bibliotheca of Pseudo-Apollodorus. Transactions and Proceedings of the American Philological Association, v. 66, p. 296-313, 1935.

DILLER, Aubrey. The Text History of the Bibliotheca of Pseudo-Apollodorus. In: DILLER, Aubrey. Studies in Greek Manuscript Tradition. Amsterdam: A. M. Hakkert, 1983. p. 199-216.

DOWDEN, Ken. The Uses of Greek Mythology. London: Routledge, 1992.

FLETCHER, K. F. B. Systematic Genealogies in Apollodorus' Bibliotheca and the Exclusion of Rome from Greek Myth. Classical Antiquity, v. 27, n. 1, p. 59-91, 2008.

FRAZER, James George. Introduction. In: APOLLODORUS. The Library. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1921. v. 1, p. vii-liii.

HARD, Robin. Apollodorus: The Library of Greek Mythology. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HIGBIE, Carolyn. Hellenistic Mythographers. In: WOODARD, Roger D. (org.). The Cambridge Companion to Greek Mythology. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 237-254.

HUYS, Marc. Euripides and the Tales from Euripides: Sources of Apollodoros' Bibliotheca? Rheinisches Museum für Philologie, v. 140, p. 308-327, 1997.

HUYS, Marc. 125 Years of Scholarship on Apollodoros the Mythographer. L'Antiquité Classique, v. 66, p. 319-351, 1997.

KENENS, Ulrike. The Sources of Ps.-Apollodorus' Library: A Case Study. Quaderni Urbinati di Cultura Classica, v. 97, p. 129-146, 2011.

KENENS, Ulrike. Text and Transmission of Ps.-Apollodorus' Bibliotheca: Avenues for Future Research. In: TRZASKOMA, Stephen M.; SMITH, R. Scott (org.). Writing Myth: Mythography in the Ancient World. Leuven: Peeters, 2013. p. 95-114.

ROBERT, Carl. De Apollodori Bibliotheca. Berlin: Weidmann, 1873.

SMITH, R. Scott; TRZASKOMA, Stephen M. Apollodorus' Library and Hyginus' Fabulae: Two Handbooks of Greek Mythology. Indianapolis: Hackett, 2007.

TRZASKOMA, Stephen M. Citation, Organization and Authorial Presence in Ps.-Apollodorus' Bibliotheca. In: TRZASKOMA, Stephen M.; SMITH, R. Scott (org.). Writing Myth: Mythography in the Ancient World. Leuven: Peeters, 2013. p. 75-94.

WAGNER, Richard (ed.). Apollodori Bibliotheca. Leipzig: Teubner, 1894. (Mythographi Graeci, 1).

LIVRO I

Teogonia e descendência de Deucalião

CAPÍTULO 1

Teogonia: nascimento de Zeus

[1.1.1] Céu (Urano) foi o primeiro a reinar sobre todo o mundo.[1] Tendo desposado Terra (Gaia), gerou primeiro os chamados Centímanos: Briareu, Gies e Coto, incomparáveis em tamanho e força; cada um possuía cem mãos e cinquenta cabeças.[2]

[1.1.2] Depois deles, Terra deu-lhe os Ciclopes, a saber, Arges, Estéropes e Brontes; [3]cada qual tinha um único olho na fronte. Céu, porém, amarrou-os e lançou-os no Tártaro, lugar sombrio do Hades, tão distante da terra quanto a terra está distante do céu.[4]

[1.1.3] De Terra, Céu gerou ainda os chamados Titãs: Oceano, Ceos, Hipérion, Crio, Jápeto e, o mais jovem de todos, Crono; e também filhas, as chamadas Titânides: Tétis, Reia, Têmis, Mnemosine, Febe, Dione e Teia.[5]

[1.1.4] Terra, aflita com a destruição dos filhos lançados no Tártaro, persuadiu os Titãs a atacarem o pai e entregou a Crono uma foice de diamante. Todos, exceto Oceano, investiram contra ele; Crono cortou os órgãos genitais do pai e lançou-os ao mar. Das gotas do sangue derramado nasceram as Erínias: Alecto, Tisífone e Megera.[6] Depois de deporem o pai, os Titãs fizeram subir os irmãos que haviam sido arremessados ao Tártaro e confiaram a soberania a Crono.

[1.1.5] Crono, contudo, tornou a prendê-los e encerrá-los no Tártaro. Desposou então a irmã Reia; como Terra e Céu lhe haviam profetizado que seria destronado por um de seus próprios filhos, engolia os descendentes logo ao nascerem. Engoliu primeiro Héstia, depois Deméter e Hera, e em seguida Plutão e Posêidon.[7]

[1.1.6] Enfurecida, Reia foi para Creta quando estava grávida de Zeus e deu-o à luz numa caverna do monte Dicte.[8] Entregou-o aos Curetes e às ninfas Adrasteia e Ida, filhas de Melisseu, para que o criassem.

[1.1.7] As ninfas alimentaram o menino com o leite de Amalteia;[9] e os Curetes, armados, guardavam o recém-nascido dentro da caverna, golpeando as lanças contra os escudos para que Crono não ouvisse sua voz.[10] Reia envolveu uma pedra em faixas e a deu a Crono para que a engolisse como se fosse o filho recém-nascido.[11]

CAPÍTULO 2

Teogonia: guerra contra os Titãs

[1.2.1] Quando Zeus chegou à idade adulta, tomou por auxiliar Métis, filha de Oceano. Ela deu a Crono uma droga para beber,[12] que o obrigou a vomitar primeiro a pedra e depois os filhos que havia engolido. Com o auxílio deles, Zeus declarou guerra a Crono e aos Titãs. [13]Combateram durante dez anos, e Terra profetizou a vitória[14] a Zeus, caso ele tivesse por aliados aqueles que haviam sido lançados ao Tártaro. Zeus matou Campe, a carcereira deles, e rompeu-lhes as cadeias. Os Ciclopes deram então a Zeus o trovão, o relâmpago e o raio; [15] a Plutão deram um capacete, e a Posêidon, um tridente. Armados com essas armas, os deuses venceram os Titãs, encerraram-nos no Tártaro e nomearam os Centímanos como seus guardiões.[16] Depois lançaram sortes pela

soberania: a Zeus coube o domínio do céu; a Posêidon, o do mar; e a Plutão, o domínio do Hades.[17]

[1.2.2] Dos Titãs nasceram descendentes. De Oceano e Tétis nasceram as Oceânides: Ásia, Estige, Electra, Dóris, Eurínome, Anfitrite e Métis; [18] de Ceos e Febe, Astéria e Leto;[19] de Hipérion e Teia, Aurora, Sol e Lua;[20] de Crio e Euríbia, filha do Mar (Ponto), nasceram Astreu, Palas e Perses.[21]

[1.2.3] De Jápeto e Ásia nasceram Atlas, que sustenta o céu sobre os ombros, Prometeu, Epimeteu e Menécio, a quem Zeus atingiu com o raio na batalha contra os Titãs e lançou no Tártaro.[22]

[1.2.4] De Crono e Fílira nasceu Quíron, centauro de dupla forma;[23] de Aurora e Astreu nasceram os ventos e as estrelas;[24] de Perses e Astéria nasceu Hécate;[25] e de Palas e Estige nasceram Vitória, Poder, Zelo e Força.[26]

[1.2.5] Zeus determinou que os juramentos fossem feitos pela água do Estige, que corre de uma rocha no Hades, concedendo-lhe essa honra porque ela e seus filhos haviam combatido ao seu lado contra os Titãs.[27]

[1.2.6] Do Mar (Ponto) e da Terra nasceram Fórcis, Taumante, Nereu, Euríbia e Ceto.[28]De Taumante e Electra nasceram Íris e as Harpias, Aelo e Ocípete; [29] de Fórcis e Ceto nasceram as Fórcides e as Górgonas,[30] das quais falaremos ao tratar de Perseu.

[1.2.7] De Nereu e Dóris nasceram as Nereidas,[31] cujos nomes são: Cimótoe, Espio, Glauconome, Nausítoe, Hália, Erato, Sao, Anfitrite, Eunice, Tétis, Eulímene, Ágave, Eudora, Doto, Ferusa, Galateia, Acteia, Pontomedusa, Hipótoe, Lisianassa, Cimo, Eione, Halimede, Plexaura, Eucrante, Proto, Calipso, Panope, Cranto, Neômeris, Hipônoe, Janira, Polínome, Autônoe, Melite, Dione, Neseia, Dero, Evágora, Psâmate, Eumolpe, Ione, Dinâmene, Ceto e Limnória.

CAPÍTULO 3

Teogonia: os deuses olímpicos

[1.3.1] Zeus desposou Hera e gerou Hebe, Ilítia e Ares; [32] mas uniu-se também a muitas mulheres, mortais e imortais. De Têmis, filha do Céu, teve as Horas - Paz, Ordem e Justiça - e também as Moiras - Cloto, Láquesis e Átropos;[33] de Dione teve Afrodite;[34] de Eurínome, filha de Oceano, teve as Graças - Aglaia, Eufrósine e Tália;[35] de Estige teve Perséfone;[36] e de Memória (Mnemosine) teve as Musas: primeiro Calíope, depois Clio, Melpômene, Euterpe, Erato, Terpsícore, Urânia, Tália e Polímnia.[37]

[1.3.2] Calíope deu a Eagro - ou, nominalmente, a Apolo - um filho, Lino, [38] a quem Héracles matou; e outro filho, Orfeu,[39] que cultivou o canto e com suas melodias movia pedras e árvores. Quando sua esposa Eurídice morreu, picada por uma serpente, ele desceu ao Hades, desejoso de trazê-la de volta,[40] e persuadiu Plutão a deixá-la subir. O deus prometeu fazê-lo, desde que, durante o caminho, Orfeu não se voltasse para trás antes de chegar à própria casa. Orfeu, porém, desobedeceu e, voltando-se, contemplou a esposa; por isso ela retornou ao mundo dos mortos. Orfeu também instituiu os mistérios de Dioniso;[41] despedaçado pelas Mênades,[42] foi sepultado na Piéria.

[1.3.3] Clio apaixonou-se por Píero, filho de Magnes, em consequência da cólera de Afrodite, a quem havia censurado por seu amor por Adônis. De sua união nasceu Jacinto, por quem Tâmiris, filho de Filâmon e da ninfa Argíope, concebeu paixão, sendo o primeiro homem que se

enamorou de outro homem. Mais tarde, Apolo amou Jacinto e o matou involuntariamente ao lançar um disco.[43] Tâmiris, excelente em beleza e música, entrou em competição musical com as Musas. Ficou acordado que, se vencesse, gozaria de todas elas; mas, se fosse vencido, elas o privariam do que quisessem. As Musas venceram e tiraram-lhe tanto a visão quanto a arte musical.[44]

[1.3.4] Euterpe teve do rio Estrímon um filho, Reso, a quem Diomedes matou em Troia;[45] alguns, porém, dizem que sua mãe era Calíope. Tália teve de Apolo os Coribantes; [46] e Melpômene teve de Aqueloo as Sereias, das quais falaremos ao tratar de Odisseu.[47]

[1.3.5] Hera deu à luz Hefesto sem união com homem;[48] segundo Homero, entretanto, ele era filho de Hera e Zeus.[49] Zeus lançou-o para fora do céu porque ele acudira Hera quando ela estava presa.[50] Com efeito, depois que Héracles tomou Troia e se encontrava no mar, Hera enviou-lhe uma tempestade; por isso Zeus suspendeu Hera do Olimpo.[51] Hefesto caiu em Lemnos e ficou coxo das duas pernas,[52] mas Tétis o salvou.[53]

[1.3.6] Zeus uniu-se a Métis, que assumia muitas formas para escapar de seus abraços. Quando ela engravidou, Zeus, aproveitando a ocasião, engoliu-a, pois Terra dissera que, depois de dar à luz a filha que então trazia no ventre, Métis geraria um filho destinado a tornar-se senhor do céu. Por temer essa profecia, Zeus a engoliu.[54] Chegado o tempo do parto, Prometeu - ou, segundo outros, Hefesto - golpeou a cabeça de Zeus com um machado, e Atena, inteiramente armada, saltou do alto de sua cabeça junto ao rio Tritão.[55]

CAPÍTULO 4

Apolo e Ártemis

[1.4.1] Entre as filhas de Ceos, Astéria, sob a forma de codorniz, lançou-se ao mar para escapar às investidas amorosas de Zeus; por isso uma cidade foi primeiramente chamada Astéria e, mais tarde, Delos.[56] Leto, por haver-se unido a Zeus, foi perseguida por Hera por toda a terra, até chegar a Delos; ali deu à luz primeiro Ártemis, e, com o auxílio desta como parteira, depois deu à luz Apolo.[57] Ártemis dedicou-se à caça e permaneceu virgem. Apolo aprendeu a arte profética com Pã, filho de Zeus e Híbris,[58] e foi a Delfos, onde Têmis então proferia os oráculos.[59] A serpente Píton, guardiã do oráculo, tentou impedi-lo de aproximar-se da fenda;[60] Apolo matou-a e tomou posse do oráculo.[61] Pouco depois matou também Tício, filho de Zeus e Elara, filha de Orcômeno. Após unir-se a ela, Zeus escondeu-a sob a terra por medo de Hera e trouxe à luz Tício, filho de tamanho monstruoso que ela carregara no ventre. [62]Quando Leto foi a Pito, Tício viu-a e, dominado pelo desejo, tentou violentá-la. Ela chamou os filhos, que o abateram com flechas. Mesmo depois de morto ele é castigado: no Hades, abutres devoram-lhe o coração.[63]

[1.4.2] Apolo matou também Mársias, filho de Olimpo. Mársias encontrara as flautas que Atena havia abandonado porque deformavam-lhe o rosto;[64] com elas, desafiou Apolo para uma competição musical. Concordaram que o vencedor faria do vencido o que desejasse. Durante a prova, Apolo virou a lira de cabeça para baixo e ordenou que Mársias fizesse o mesmo. Como Mársias não podia fazê-lo, Apolo foi declarado vencedor; então o matou, pendurando-o num alto pinheiro e arrancando-lhe a pele.[65]

[1.4.3] Ártemis matou Órion em Delos.[66] Dizem que ele era de estatura gigantesca e nascido da Terra; Ferécides, porém, afirma que era filho de Posêidon e Euríale. [67] Posêidon concedeu-lhe o poder de atravessar o mar a passos.[68] Órion casou-se primeiro com Side,[69] a quem Hera lançou no Hades porque rivalizava com ela em beleza. Depois foi a Quios e pediu em casamento Mérope, filha de Enopião. Enopião embriagou-o, cegou-o enquanto dormia e lançou-o na praia. Órion

dirigiu-se à oficina de Hefesto, tomou um rapaz, colocou-o sobre os ombros e mandou que o conduzisse ao nascente do Sol. Ao chegar, recuperou a vista graças aos raios solares e apressou-se a atacar Enopião.

[1.4.4] Posêidon, porém, havia preparado para Enopião uma morada subterrânea construída por Hefesto.[70] Aurora apaixonou-se por Órion, raptou-o e levou-o para Delos; Afrodite fizera com que Aurora se apaixonasse incessantemente, porque ela se deitara com Ares.

[1.4.5] Órion morreu, segundo alguns, porque desafiou Ártemis para uma disputa de disco; segundo outros, Ártemis o matou a flechadas porque ele tentou violentar Ópis, uma das donzelas vindas dos Hiperbóreos.[71] Posêidon desposou Anfitrite, filha de Oceano, e deles nasceram Tritão[72] e Rode, que se casou com o Sol.[73]

CAPÍTULO 5

Deméter e Perséfone

[1.5.1] Plutão apaixonou-se por Perséfone e, com o auxílio de Zeus, raptou-a em segredo.[74] Deméter percorreu toda a terra à sua procura, com tochas acesas de dia e de noite. Ao saber pelos habitantes de Hermíone que Plutão a havia raptado,[75] enfureceu-se contra os deuses, deixou o céu e, sob a forma de mulher, foi para Elêusis. Primeiro sentou-se sobre a rocha que, por sua causa, se chamou Sem-Riso, junto ao chamado Poço das Belas Danças;[76]depois dirigiu-se à casa de Céleo, então rei dos eleusínios. Algumas mulheres estavam ali e, quando a convidaram a sentar-se junto delas, uma velha chamada Iambe brincou com a deusa e a fez sorrir.[77] Por isso, dizem, as mulheres trocam gracejos nas Tesmofórias.[78] Metanira, esposa de Céleo, tinha um filho, e Deméter tomou-o para criar. Desejando torná-lo imortal, todas as noites colocava o menino sobre o fogo, removendo-lhe a carne mortal. Demofonte - assim se chamava a criança - crescia maravilhosamente durante o dia; mas Praxítea espiou e, ao vê-lo mergulhado no fogo, gritou. Por isso o menino foi consumido pelas chamas e a deusa revelou sua verdadeira forma.[79]

[1.5.2] Para Triptólemo, o mais velho dos filhos de Metanira, Deméter construiu um carro puxado por dragões alados e deu-lhe trigo. Levado pelo céu, ele semeou toda a terra habitada.[80] Paníasis afirma que Triptólemo era filho de Elêusis, pois diz que Deméter foi à casa dele; Ferécides, contudo, afirma que ele era filho de Oceano e Terra.[81]

[1.5.3] Quando Zeus ordenou que Plutão devolvesse a Donzela, Plutão deu-lhe uma semente de romã para comer, a fim de que ela não permanecesse por muito tempo com a mãe.[82] Sem prever a consequência, Perséfone a engoliu. Como Ascálafo, filho de Aqueronte e Gorgira, testemunhou contra ela, Deméter colocou sobre ele uma pesada rocha no Hades. [83]Perséfone foi obrigada a permanecer com Plutão durante um terço de cada ano e, no restante do tempo, com os deuses.[84]

CAPÍTULO 6

A guerra dos Gigantes e Tífon

[1.6.1] Tal é a lenda de Deméter. Terra, irritada por causa dos Titãs, gerou de Céu os Gigantes.[85] Eram incomparáveis no volume do corpo e invencíveis na força; tinham aspecto terrível, longos cabelos caindo da cabeça e da barba, e escamas de dragão no lugar dos pés. [86]Nasceram, segundo alguns, em Flegra; segundo outros, em Palene.[87] Lançavam contra o céu rochedos e carvalhos em chamas. Acima de todos se destacavam Porfirião e Alcioneu, que era imortal enquanto combatesse na terra em que nascera. Ele também roubara os bois do Sol em Eritia. Um oráculo advertira aos deuses que nenhum Gigante morreria pelas mãos de um deus,

mas que seriam destruídos com o auxílio de um mortal. Sabendo disso, Terra procurou uma erva capaz de impedir que os Gigantes fossem mortos até por um mortal. Zeus proibiu Aurora, Lua e Sol de brilharem e, antes que alguém encontrasse a erva, colheu-a ele próprio; depois, por intermédio de Atena, chamou Héracles em auxílio. Héracles atingiu primeiro Alcioneu com uma flecha; mas, quando o Gigante caiu ao chão, recobrou algum vigor. A conselho de Atena, Héracles arrastou-o para fora de Palene, e assim ele morreu.[88]

[1.6.2] Na batalha, Porfirião atacou Héracles e Hera. Zeus, contudo, infundiu-lhe desejo por Hera; quando ele rasgou as vestes da deusa e tentou violentá-la, ela pediu socorro. Zeus atingiu-o com o raio, e Héracles matou-o com uma flecha.[89] Quanto aos outros Gigantes, Efialtes foi atingido por Apolo no olho esquerdo e por Héracles no direito; Êurito foi morto por Dioniso com o tirso; Clítio, por Hécate com tochas; Mimas, por Hefesto com projéteis de metal incandescente.[90] Encélado fugiu, mas Atena lançou sobre ele a ilha da Sicília; [91] ela também esfolou Palas e usou-lhe a pele para proteger o próprio corpo durante o combate. [92]Posêidon perseguiu Polibotes pelo mar até Cós; então arrancou da ilha a porção chamada Nisiro e lançou-a sobre ele.[93] Hermes, usando o capacete de Hades,[94] matou Hipólito; Ártemis matou Grátion. As Moiras, combatendo com clavas de bronze, mataram Ágrio e Toante. Zeus destruiu os demais Gigantes com raios, e Héracles flechou todos eles enquanto morriam.

[1.6.3] Depois que os deuses venceram os Gigantes, Terra, ainda mais enfurecida, uniu-se ao Tártaro e gerou Tífon na Cilícia,[95] ser híbrido de homem e animal. Em tamanho e força, superava todos os filhos da Terra. Até as coxas tinha forma humana e era tão colossal que ultrapassava todas as montanhas; sua cabeça muitas vezes roçava as estrelas. Uma das mãos estendia-se ao ocidente e a outra ao oriente, e delas saíam cem cabeças de dragão. Das coxas para baixo possuía enormes espirais de víboras que, quando se desenrolavam, chegavam até sua cabeça e soltavam fortes silvos. Todo o corpo era alado;[96] cabelos ásperos corriam ao vento da cabeça e das faces, e fogo brilhava em seus olhos. Tal era Tífon quando, arremessando rochedos em chamas, avançou contra o próprio céu entre silvos e gritos, lançando pela boca uma vasta torrente de fogo. Ao vê-lo investir contra o céu, os deuses fugiram para o Egito e, perseguidos, transformaram-se em animais.[97] Zeus atingiu Tífon à distância com raios e, de perto, golpeou-o com uma foice de diamante. Quando ele fugiu, perseguiu-o até o monte Cásio, que domina a Síria; ali, vendo-o gravemente ferido, travou luta corporal com ele. Tífon enroscou-se em Zeus, prendeu-o nas espirais, arrancou-lhe a foice e cortou os tendões de suas mãos e pés. Levando-o sobre os ombros através do mar, depositou-o na caverna Corícia, na Cilícia. Escondeu também ali os tendões dentro de uma pele de urso e colocou como guardiã a dragoa Delfine, donzela meio animal. Hermes e Egipã roubaram os tendões e, sem serem vistos, recolocaram-nos em Zeus.[98] Recuperada a força, Zeus apareceu subitamente do céu num carro de cavalos alados, atingiu Tífon com raios e perseguiu-o até o monte Nisa. Ali as Moiras enganaram o fugitivo: ele provou frutos efêmeros, acreditando que lhe aumentariam a força.[99] Perseguido novamente, chegou à Trácia e, combatendo no monte Hemo, arremessou montanhas inteiras. Rechaçadas contra ele pela força do raio, elas fizeram jorrar sobre o monte uma torrente de sangue; por isso, dizem, o monte foi chamado Hemo.[100] Quando Tífon começou a fugir pelo mar da Sicília, Zeus lançou sobre ele o monte Etna. É uma montanha imensa, da qual até hoje, segundo se diz, irrompem labaredas produzidas pelos raios lançados naquela luta.[101] E isso basta sobre esse assunto.

CAPÍTULO 7

Prometeu, Deucalião e os descendentes de Éolo

[1.7.1] Prometeu modelou os homens com água e terra[102] e deu-lhes também o fogo, que escondera de Zeus num caule de funcho.[103] Quando Zeus soube, ordenou a Hefesto que pregasse o corpo de Prometeu no monte Cáucaso, montanha da Cítia. Ali ele permaneceu cravado e acorrentado durante muitos anos. Todos os dias uma águia descia e devorava-lhe os lóbulos do fígado, que tornavam a crescer durante a noite. Prometeu sofreu esse castigo pelo roubo do fogo até que Héracles, mais tarde, o libertou, como mostraremos ao tratar do herói.[104]

[1.7.2] Prometeu teve um filho, Deucalião.[105] Reinando nas regiões próximas de Ftia, Deucalião desposou Pirra, filha de Epimeteu e Pandora, a primeira mulher modelada pelos deuses.[106] Quando Zeus decidiu destruir os homens da Idade do Bronze, Deucalião, aconselhado por Prometeu, construiu uma arca,[107] abasteceu-a de provisões e nela embarcou com Pirra. Zeus derramou do céu uma chuva torrencial e inundou a maior parte da Grécia, de modo que todos os homens morreram, exceto alguns que fugiram para as altas montanhas vizinhas. Foi então que as montanhas da Tessália se separaram, e todo o mundo fora do Istmo e do Peloponeso ficou submerso. Deucalião, flutuando na arca durante nove dias e nove noites, foi levado ao Parnaso; quando a chuva cessou, desembarcou e sacrificou a Zeus, deus da Fuga. Zeus enviou-lhe Hermes e permitiu que escolhesse o que desejasse; ele escolheu que surgissem homens. Por ordem de Zeus, apanhou pedras e lançou-as por sobre a cabeça: as pedras lançadas por Deucalião tornaram-se homens, e as lançadas por Pirra tornaram-se mulheres. Por isso os homens foram chamados metaforicamente laoi, de laas, 'pedra'.[108]Deucalião teve de Pirra os seguintes filhos: primeiro Heleno - cujo pai, segundo alguns, era Zeus -; em segundo lugar Anfictião, que reinou sobre a Ática depois de Crânao; e, em terceiro, uma filha, Protogenia, que de Zeus se tornou mãe de Étlio.[109]

[1.7.3] Heleno teve da ninfa Orseis Doro, Xuto e Éolo.[110] Aos que eram chamados gregos ele deu, de seu próprio nome, a designação de helenos,[111] e dividiu a terra entre os filhos. Xuto recebeu o Peloponeso e teve de Creúsa, filha de Erecteu, Aqueu e Íon; de Aqueu e Íon derivam os nomes dos aqueus e dos jônios. Doro recebeu a região situada diante do Peloponeso e chamou os habitantes de dórios, a partir de seu próprio nome. [112] Éolo reinou nas terras da Tessália e chamou seus habitantes de eólios.[113] Desposou Enarete, filha de Deímaco, e gerou sete filhos - Creteu, Sísifo, Atamante, Salmoneu, Deião, Magnes e Perieres - e cinco filhas: Cânace, Alcíone, Pisídice, Cálice e Perimede.[114] Perimede teve de Aqueloo Hipodamante e Orestes; Pisídice teve de Mirmidão Antifo e Actor.

[1.7.4] Alcíone foi desposada por Céix, filho de Eósforo.[115] Ambos pereceram por causa de sua soberba: ele dizia que sua esposa era Hera, e ela dizia que o marido era Zeus. [116]Zeus transformou-os em aves: fez dela um alcião e dele uma ave marinha chamada céix.[117]Cânace teve de Posêidon Hopleu, Nireu, Epopeu, Aloeu e Tríope. Aloeu desposou Ifimedeia, filha de Tríope; ela, porém, apaixonou-se por Posêidon e, indo frequentemente ao mar, recolhia as ondas com as mãos e as derramava sobre o colo. Posêidon uniu-se a ela e gerou dois filhos, Oto e Efialtes, chamados Aloídas.[118] A cada ano eles cresciam um côvado em largura e uma braça em altura; quando completaram nove anos,[119] medindo nove côvados de largura e nove braças de altura, decidiram combater os deuses. Colocaram o Ossa sobre o Olimpo e o Pélion sobre o Ossa, ameaçando subir ao céu por meio dessas montanhas; disseram ainda que, enchendo o mar com montanhas, fariam dele terra seca, e da terra, mar. Efialtes pediu Hera em casamento, e Oto, Ártemis; além disso, prenderam Ares.[120] Hermes libertou Ares às escondidas; Ártemis matou os

Aloídas em Naxos por meio de um ardil: transformou-se em corça e saltou entre eles; querendo atingir a presa, os dois lançaram os dardos um contra o outro.[121]

[1.7.5] Cálice e Étlio tiveram um filho, Endimião, que conduziu eólios da Tessália e fundou Élis. Alguns dizem, porém, que ele era filho de Zeus. Como possuía extraordinária beleza, a Lua apaixonou-se por ele. Zeus permitiu que escolhesse o que desejasse, e Endimião escolheu dormir para sempre, permanecendo imortal e sem envelhecer.[122]

[1.7.6] Endimião teve de uma ninfa Náiade - ou, segundo alguns, de Ifianassa - um filho, Etolo. Este matou Ápis, filho de Foroneu, e fugiu para o país dos Curetes. Ali matou seus anfitriões Doro, Laódoco e Polipetes, filhos de Ftia e Apolo, e deu à região o nome de Etólia.[123]

[1.7.7] Etolo e Prónoe, filha de Forbo, tiveram dois filhos, Plêuron e Cálidon, dos quais receberam o nome as cidades da Etólia. Plêuron desposou Xantipe, filha de Doro, e gerou um filho, Agenor, e as filhas Estérope, Estratonice e Laofonte. Cálidon e Eólia, filha de Amitáon, tiveram as filhas Epicaste e Protogenia; esta teve de Ares Óxilo. Agenor, filho de Plêuron, casou-se com Epicaste, filha de Cálidon, e gerou Portaon e Demonice; esta teve de Ares Eveno, Molo, Pilo e Téstio.

[1.7.8] Eveno gerou Marpessa. Apolo a cortejava, mas Idas, filho de Afareu, raptou-a num carro alado que recebera de Posêidon.[124] Perseguindo-o num carro, Eveno chegou ao rio Licormas; incapaz de alcançá-lo, matou os próprios cavalos e lançou-se no rio, que desde então passou a chamar-se Eveno.

[1.7.9] Idas chegou à Messênia, onde Apolo o encontrou e tentou tirar-lhe a jovem. Enquanto disputavam a mão dela, Zeus separou-os e permitiu que a própria moça escolhesse com qual dos dois se casaria. Temendo que Apolo a abandonasse na velhice, ela escolheu Idas como marido.[125]

[1.7.10] Téstio teve de Eurítemis, filha de Cleobeia, filhas e filhos. As filhas foram Alteia, Leda,[126] Hipermnestra; os filhos foram Íficlo, Evipo, Plexipo e Eurípilo. Portaon e Eurite, filha de Hipodamante, tiveram os filhos Eneu, Ágrio, Alcátoo, Melas e Leucopeu, e uma filha, Estérope, que se dizia haver gerado as Sereias de Aqueloo.

CAPÍTULO 8

Eneu, Meleagro e Tideu

[1.8.1] Reinando em Cálidon, Eneu foi o primeiro a receber de Dioniso uma muda de videira.[127] Desposou Alteia, filha de Téstio, e gerou Toxeu, a quem matou com as próprias mãos porque saltara por sobre o fosso.[128] Além de Toxeu, teve Tireu e Clímeno, uma filha chamada Gorge, desposada por Andremon, e outra filha, Dejanira, que, segundo se dizia, Dioniso gerara em Alteia. Dejanira conduzia carros e exercitava-se na guerra; Héracles lutou com Aqueloo para obter sua mão.[129]

[1.8.2] Alteia teve também de Eneu um filho, Meleagro,[130] embora se dissesse que seu verdadeiro pai era Ares. Quando ele tinha sete dias, as Moiras apareceram e declararam que Meleagro morreria quando se consumisse o tição que ardia no lar. Ao ouvir isso, Alteia retirou o tição e guardou-o numa arca.[131] Meleagro cresceu invulnerável e valente, mas encontrou a morte do seguinte modo. Ao oferecer as primícias anuais da terra a todos os deuses, Eneu esqueceu-se apenas de Ártemis. Enfurecida, ela enviou um javali de tamanho e força extraordinários, que impedia a semeadura, destruía os rebanhos e matava as pessoas que encontrava. Para abatê-lo, Eneu convocou os homens mais nobres da Grécia e prometeu a pele como prêmio a quem matasse o animal. Reuniram-se para a caçada: [132] Meleagro, filho de Eneu, e Drias, filho de Ares, vindos de

Cálidon; Idas e Linceu, filhos de Afareu, da Messênia; Castor e Pólux, filhos de Zeus e Leda, da Lacedemônia; Teseu, filho de Egeu, de Atenas; Admeto, filho de Feres, de Feras; Anceu e Cefeu, filhos de Licurgo, da Arcádia; Jasão, filho de Éson, de Iolco; Íficles, filho de Anfitrião, de Tebas; Pirítoo, filho de Íxion, de Larissa; Peleu, filho de Éaco, de Ftia; Télamon, filho de Éaco, de Salamina; Eurítion, filho de Actor, de Ftia; Atalanta, filha de Esqueneu, da Arcádia; e Anfiarau, filho de Oícles, de Argos. Com eles vieram também os filhos de Téstio. Eneu hospedou-os durante nove dias. No décimo, quando Cefeu, Anceu e alguns outros se recusaram a caçar ao lado de uma mulher, Meleagro obrigou-os a segui-la, pois desejava ter um filho de Atalanta, embora fosse casado com Cleópatra, filha de Idas e Marpessa. Cercado o javali, Hileu e Anceu foram mortos pelo animal, e Peleu atingiu acidentalmente Eurítion com um dardo. Atalanta foi a primeira a ferir o javali, acertando-lhe uma flecha no dorso; Anfiarau foi o segundo, atingindo-o no olho; Meleagro matou-o com um golpe no flanco e, recebendo a pele, deu-a a Atalanta. Os filhos de Téstio, indignados porque uma mulher recebera o prêmio diante dos homens, tomaram-lhe a pele, alegando que, se Meleagro não quisesse guardá-la, ela lhes pertencia por direito de nascimento.

[1.8.3] Meleagro, enfurecido, matou os filhos de Téstio e devolveu a pele a Atalanta. Alteia, porém, tomada de dor pela morte dos irmãos, acendeu o tição, e Meleagro morreu imediatamente. Alguns dizem que ele não morreu desse modo,[133] mas que, quando os filhos de Téstio reclamaram a pele alegando que Íficlo fora o primeiro a atingir o javali, irrompeu uma guerra entre Curetes e Calidônios. Meleagro saiu da cidade[134] e matou alguns filhos de Téstio; então Alteia o amaldiçoou, e ele, irritado, permaneceu em casa. Quando os inimigos se aproximaram das muralhas e os cidadãos suplicaram que os socorresse, cedeu com relutância aos pedidos da esposa, saiu para o combate, matou os demais filhos de Téstio e morreu lutando. Depois de sua morte, Alteia e Cleópatra enforcaram-se, e as mulheres que o pranteavam foram transformadas em aves.[135]

[1.8.4] Após a morte de Alteia, Eneu desposou Peribeia, filha de Hipônoo. O autor da Tebaida afirma que, quando Oleno foi saqueada, Eneu recebeu Peribeia como presente de honra; Hesíodo diz que ela foi seduzida por Hipóstrato, filho de Amarinceu, e que o pai, Hipônoo, mandou-a de Oleno, na Acaia, para Eneu, que habitava longe da Grécia, com ordem de matá-la.[136]

[1.8.5] Outros dizem que Hipônoo descobriu que a filha fora seduzida por Eneu e, por isso, enviou-a a ele quando estava grávida. Dela Eneu gerou Tideu. Pisandro, porém, afirma que a mãe de Tideu era Gorge, pois Zeus quis que Eneu se apaixonasse pela própria filha.[137]Quando Tideu cresceu e se tornou valente, foi exilado por ter matado, segundo alguns, Alcátoo, irmão de Eneu; segundo o autor da Alcmeônida, matou os filhos de Melas, que haviam conspirado contra Eneu - Feneu, Eurílalo, Hiperlau, Antíoco, Eumedes, Estérnops, Xantipo e Estênelo; segundo Ferécides, assassinou o próprio irmão Olênias.[138] Acusado por Ágrio, fugiu para Argos e apresentou-se a Adrasto, cuja filha Deípile desposou; dela gerou Diomedes. Tideu marchou contra Tebas com Adrasto[139] e morreu em consequência de uma ferida recebida de Melanipo.

[1.8.6] Os filhos de Ágrio - Tersites, Onquesto, Prótoo, Celeutor, Licopeu e Melanipo - arrancaram o reino de Eneu e entregaram-no ao pai; além disso, mantiveram Eneu preso durante a vida e o atormentaram.[140] Mais tarde, Diomedes veio secretamente de Argos com Alcmeão e matou todos os filhos de Ágrio, exceto Onquesto e Tersites, que haviam fugido a tempo para o Peloponeso. Como Eneu já era velho, Diomedes entregou o reino a Andremon, marido da filha de Eneu, e levou o próprio Eneu consigo para o Peloponeso. Os filhos de Ágrio que haviam escapado armaram-lhe uma emboscada junto ao lar de Télefo, na Arcádia, e mataram o velho. Diomedes levou o cadáver a Argos e o sepultou no lugar em que agora se encontra uma cidade chamada

Enoe em sua honra.[141] Depois de desposar Egialeia, filha de Adrasto - ou, segundo alguns, de Egialeu -, Diomedes partiu para as guerras contra Tebas e Troia.

CAPÍTULO 9

Os filhos de Éolo, Melampo, Admeto, Pélias e os Argonautas

[1.9.1] Entre os filhos de Éolo, Atamante reinou sobre a Beócia e teve de Néfele um filho, Frixo, e uma filha, Hele.[142] Desposou depois Ino, da qual teve Learco e Melicertes. Ino conspirou contra os filhos de Néfele e persuadiu as mulheres a torrarem o trigo; elas o fizeram sem que os homens soubessem. A terra, semeada com trigo torrado, não produziu a colheita anual. Atamante enviou mensageiros a Delfos para saber como poderia livrar-se da fome; Ino persuadiu-os a dizer que o oráculo anunciara o fim da esterilidade se Frixo fosse sacrificado a Zeus. Ao ouvir isso, Atamante foi obrigado pelos habitantes da região a conduzir Frixo ao altar. Néfele, porém, arrebatou o filho e a filha e lhes deu um carneiro de velo dourado, recebido de Hermes. Transportados pelo ar sobre o carneiro, cruzaram terras e mares. Quando sobrevoavam o mar entre Sigeu e o Quersoneso, Hele caiu nas profundezas e morreu afogada; o mar recebeu dela o nome de Helesponto. Frixo chegou aos colcos, cujo rei era Eetes, filho do Sol e de Perseis, irmão de Circe e Pasífae, esposa de Minos. Eetes acolheu Frixo e deu-lhe uma filha, Calcíope. Frixo sacrificou o carneiro do velo dourado a Zeus, deus da Fuga, e entregou o velo a Eetes, que o pregou num carvalho do bosque de Ares. De Calcíope Frixo teve Argos, Melas, Frôntis e Citisoro.

[1.9.2] Mais tarde, por causa da cólera de Hera, Atamante perdeu também os filhos de Ino: enlouqueceu e matou Learco com uma flecha, enquanto Ino se lançou ao mar com Melicertes.[143] Expulso da Beócia, Atamante perguntou ao deus onde deveria habitar; recebeu o oráculo de que se estabeleceria no lugar em que fosse hospedado por animais selvagens. Percorreu vasta região até encontrar lobos devorando pedaços de ovelha; ao vê-lo, eles abandonaram a presa e fugiram. Atamante estabeleceu-se ali e chamou a terra de Atamântia. Desposou Têmisto, filha de Hipseu,[144] e gerou Leucon, Erítrio, Esqueneu e Ptoo.

[1.9.3] Sísifo, filho de Éolo, fundou Éfira, hoje chamada Corinto, [145] e desposou Mérope, filha de Atlas. Tiveram Glauco, que de Eurímede gerou Belerofonte, matador da Quimera que vomitava fogo.[146] Sísifo é castigado no Hades: com as mãos e a cabeça tenta fazer rolar uma pedra para além do cume, mas, por mais que a empurre, ela sempre volta para trás.[147] Sofre esse castigo por causa de Egina, filha de Ásopo; quando Zeus a raptou em segredo, Sísifo, segundo se conta, revelou o fato a Ásopo, que a procurava.

[1.9.4] Deião reinou na Fócida e desposou Diomede, filha de Xuto. Tiveram uma filha, Asteródia, e quatro filhos: Eneto, Actor, Fílaco e Céfalo, que desposou Prócris, filha de Erecteu.[148] Mais tarde, Aurora apaixonou-se por ele e o raptou.

[1.9.5] Perieres tomou posse da Messênia e desposou Gorgófone, filha de Perseu. Dela teve Afareu, Leucipo,[149] Tíndaro e Icário. Muitos, porém, afirmam que Perieres não era filho de Éolo, mas de Cinortas, filho de Amiclas;[150] por isso narraremos a história de seus descendentes ao tratar da família de Atlas.

[1.9.6] Magnes desposou uma ninfa Náiade e teve dois filhos, Polidectes e Díctis, que colonizaram Sérifos.

[1.9.7] Salmoneu habitou primeiro na Tessália; depois foi para Élis e ali fundou uma cidade.[151] Soberbo e desejoso de equiparar-se a Zeus, foi punido pela impiedade. Afirmava ser o próprio Zeus, desviava para si os sacrifícios do deus e ordenava que fossem oferecidos a ele; arrastando

peles secas e caldeirões de bronze atrás do carro, dizia que trovejava; lançando tochas acesas ao céu, dizia que produzia relâmpagos. Zeus atingiu-o com um raio e destruiu a cidade fundada por ele com todos os habitantes.[152]

[1.9.8] Tiro, filha de Salmoneu e Alcídice, foi criada por Creteu, irmão de Salmoneu. Apaixonou-se pelo rio Enipeu e muitas vezes ia às suas águas correntes para lamentar-se. Posêidon, sob a forma de Enipeu, uniu-se a ela;[153] Tiro deu à luz secretamente dois gêmeos e os abandonou. Enquanto os bebês jaziam desamparados, uma égua pertencente a criadores de cavalos que passavam atingiu com o casco o rosto de um deles, deixando uma mancha escura. O criador recolheu os dois e criou-os; ao que tinha a marca escura (pelion), chamou Pélias, e ao outro, Neleu.[154] Quando cresceram, descobriram quem era a mãe e mataram Sidero, a madrasta dela. Sabendo que ela maltratava Tiro, perseguiram-na; antes de ser alcançada, Sidero refugiou-se no recinto de Hera.[155] Pélias, porém, matou-a diante dos próprios altares e, daí em diante, continuou a tratar Hera com desprezo.

[1.9.9] Mais tarde, os irmãos desentenderam-se. Neleu, expulso, foi à Messênia, fundou Pilos e desposou Clóris,[156] filha de Anfião. Dela teve uma filha, Pero, e os filhos Tauro, Astério, Pílaon, Deímaco, Euríbio, Epilau, Frásio, Eurímenes, Evágoras, Alastor, Nestor e Periclímeno, a quem Posêidon concedeu o poder de mudar de forma. Quando Héracles devastou Pilos, Periclímeno transformou-se durante a luta em leão, serpente e abelha, mas foi morto por Héracles juntamente com os demais filhos de Neleu. Somente Nestor foi salvo, porque fora criado entre os gerênios.[157] Ele desposou Anaxíbia, filha de Cratieu,[158] e gerou as filhas Pisídice e Policasta, e os filhos Perseu, Estrático, Areto, Equéfron, Pisístrato, Antíloco e Trasímedes.

[1.9.10] Pélias habitou na Tessália e desposou Anaxíbia, filha de Biante; segundo alguns, porém, sua esposa era Filômaca, filha de Anfião. Teve um filho, Acasto, e as filhas Pisídice, Pelópia, Hipótoe e Alceste.[159]

[1.9.11] Creteu fundou Iolco e desposou Tiro, filha de Salmoneu, da qual teve Éson, Amitáon e Feres.[160] Amitáon habitou em Pilos e desposou Idômene, filha de Feres; deles nasceram dois filhos, Biante e Melampo. Este vivia no campo, e diante de sua casa havia um carvalho em que se encontrava um ninho de serpentes. Seus servos mataram as serpentes; Melampo reuniu lenha, queimou os répteis e criou os filhotes. Quando cresceram, as pequenas serpentes ficaram junto a seus ombros enquanto ele dormia e purificaram-lhe os ouvidos com a língua. Melampo acordou assustado, mas passou a compreender as vozes das aves que voavam sobre ele e, pelo que aprendia delas, profetizava aos homens o futuro.[161] Adquiriu também a arte de interpretar auspícios e, depois de encontrar Apolo junto ao Alfeu, tornou-se excelente adivinho.

[1.9.12] Biante pediu em casamento Pero, filha de Neleu.[162] Como havia muitos pretendentes, Neleu declarou que daria a filha a quem lhe trouxesse as vacas de Fílaco. Elas estavam em Fílace e eram guardadas por um cão do qual nenhum homem ou animal podia aproximar-se. Incapaz de roubar as vacas, Biante pediu ajuda ao irmão. Melampo prometeu ajudá-lo e profetizou que seria surpreendido durante o roubo, mas obteria o gado depois de permanecer preso por um ano. Foi a Fílace e, como predissera, foi capturado e encerrado numa cela. Quando o ano estava quase completo, ouviu os vermes escondidos no teto: um perguntava quanto da trave já havia sido roído, e os outros respondiam que restava muito pouco. Mandou que o transferissem imediatamente para outra cela; pouco depois, a antiga desabou. Fílaco admirou-se e, percebendo que Melampo era grande adivinho, libertou-o e pediu-lhe que explicasse como seu filho Íficlo poderia gerar filhos. Melampo prometeu fazê-lo se recebesse as vacas. Sacrificou dois touros, cortou-os em pedaços e convocou as aves. Quando veio um abutre, soube por ele que, certa vez, enquanto Fílaco castrava

carneiros, colocara a faca ainda ensanguentada junto de Íficlo. Assustado, o menino fugira, e Fílaco cravara a faca no carvalho sagrado;[163] a casca crescera ao redor e a ocultara. Melampo disse que, se a faca fosse encontrada, a ferrugem raspada e dada a Íficlo para beber durante dez dias, ele geraria um filho. Encontrou a faca, raspou a ferrugem e deu-a a Íficlo durante dez dias; então nasceu-lhe Podarces.[164] Melampo conduziu as vacas a Pilos e, recebendo a filha de Neleu, entregou-a ao irmão. Por algum tempo habitou na Messênia; quando Dioniso enlouqueceu as mulheres de Argos, curou-as com a condição de receber parte do reino e ali se estabeleceu com Biante.[165]

[1.9.13] Biante e Pero tiveram um filho, Tálao, que desposou Lisímaca, filha de Abas, filho de Melampo. Dela teve Adrasto, Partenopeu, Prônax, Mecisteu, Aristômaco e Erifile, que desposou Anfiarau. Partenopeu teve um filho, Prômaco, que marchou com os Epígonos contra Tebas;[166] Mecisteu teve Eurílalo, que foi a Troia.[167] Prônax teve Licurgo; Adrasto teve de Anfiteia, filha de Prônax, três filhas - Argia, Deípile e Egialeia - e dois filhos, Egialeu e Cianipo.

[1.9.14] Feres, filho de Creteu, fundou Feras na Tessália e gerou Admeto e Licurgo. Licurgo estabeleceu-se em Nemeia e, desposando Eurídice - ou, segundo alguns, Anfiteia -, gerou Ofeltes, mais tarde chamado Arquêmoro.[168]

[1.9.15] Quando Admeto reinava em Feras, Apolo serviu-o como escravo,[169] enquanto Admeto cortejava Alceste, filha de Pélias. Pélias prometera entregar a filha a quem atrelasse um leão e um javali a um carro. Apolo atrelou-os e entregou-os a Admeto, que os levou a Pélias e assim obteve Alceste.[170] Durante o sacrifício das núpcias, Admeto esqueceu-se de sacrificar a Ártemis; quando abriu a câmara nupcial, encontrou-a cheia de serpentes enroscadas. Apolo ordenou-lhe que aplacasse a deusa e obteve das Moiras que, quando chegasse a hora de morrer, Admeto pudesse escapar da morte se alguém escolhesse voluntariamente morrer em seu lugar. Chegado o dia, nem o pai nem a mãe aceitaram morrer por ele; Alceste, porém, morreu em seu lugar. A Donzela,[171] entretanto, enviou-a novamente para cima; ou, segundo outros, Héracles lutou com Hades e a trouxe de volta ao marido.[172]

[1.9.16] Éson, filho de Creteu, teve de Polimede, filha de Autólico, um filho, Jasão. Jasão vivia em Iolco, onde Pélias reinava depois de Creteu.[173] Consultando o oráculo sobre o reino, Pélias foi advertido a precaver-se contra o homem de uma só sandália. No início não compreendeu o oráculo; mais tarde, porém, entendeu-o. Quando oferecia um sacrifício a Posêidon à beira-mar, mandou chamar Jasão, entre muitos outros, para participar. Jasão dedicava-se à agricultura e vivia no campo; ao apressar-se para o sacrifício, perdeu uma sandália na corrente do rio Anauro e chegou usando apenas uma. Quando Pélias o viu, lembrou-se do oráculo. Aproximou-se e perguntou-lhe o que faria, caso tivesse o poder, se recebesse um oráculo afirmando que seria morto por um dos cidadãos. Jasão respondeu - por acaso ou instigado pela cólera de Hera, para que Medeia se tornasse uma maldição para Pélias, que não honrava a deusa -: 'Eu ordenaria que ele trouxesse o Velocino de Ouro.' Ao ouvir isso, Pélias mandou-o imediatamente buscar o velo. Ele se encontrava na Cólquida, pendurado num carvalho do bosque de Ares e guardado por um dragão que nunca dormia.[174]

[1.9.17] Enviado para buscar o velo, Jasão pediu ajuda a Argos, filho de Frixo. A conselho de Atena, Argos construiu uma nau de cinquenta remos e chamou-a Argo, segundo seu próprio nome; na proa, Atena colocou uma madeira falante retirada do carvalho de Dodona.[175] Quando a nau ficou pronta, Jasão consultou o oráculo, e o deus permitiu-lhe reunir os nobres da Grécia e partir. Reuniram-se os seguintes:[176] Tífis, filho de Hágnias, piloto da nau; Orfeu, filho de Eagro; Zetes e Cálais, filhos de Bóreas; Castor e Pólux, filhos de Zeus; Télamon e Peleu, filhos de Éaco;

Héracles, filho de Zeus; Teseu, filho de Egeu; Idas e Linceu, filhos de Afareu; Anfiarau, filho de Oícles; Ceneu, filho de Corono; Palêmon, filho de Hefesto ou de Etolo; Cefeu, filho de Aleu; Laertes, filho de Arcísio; Autólico, filho de Hermes; Atalanta, filha de Esqueneu; Menécio, filho de Actor; Actor, filho de Hípaso; Admeto, filho de Feres; Acasto, filho de Pélias; Êurito, filho de Hermes; Meleagro, filho de Eneu; Anceu, filho de Licurgo; Eufemo, filho de Posêidon; Peante, filho de Taumaco; Butes, filho de Téleon; Fano e Estáfilo, filhos de Dioniso; Ergino, filho de Posêidon; Periclímeno, filho de Neleu; Augias, filho do Sol; Íficlo, filho de Téstio; Argos, filho de Frixo; Euríalo, filho de Mecisteu; Peneleu, filho de Hipalmo; Leito, filho de Alector; Ífito, filho de Naúbolo; Ascálafo e Iálmeno, filhos de Ares; Astério, filho de Cometes; e Polifemo, filho de Elato. Sob o comando de Jasão, eles partiram e aportaram em Lemnos.[177] Naquele tempo, a ilha estava sem homens e era governada por uma rainha, Hipsípile, filha de Toante. Isso ocorrera porque as mulheres de Lemnos não honravam Afrodite, e a deusa as castigara com um odor repulsivo; por isso seus maridos haviam capturado mulheres da Trácia vizinha e se deitavam com elas. Desonradas, as mulheres de Lemnos mataram pais e maridos; somente Hipsípile salvou o pai, Toante, escondendo-o. Chegando à ilha governada por mulheres, os Argonautas uniram-se a elas. Hipsípile deitou-se com Jasão e deu à luz Euneu e Nebrófono.

[1.9.18] Depois de Lemnos, desembarcaram entre os Dolíones, cujo rei era Cízico. [178]Ele os recebeu com bondade. Os Argonautas partiram dali durante a noite, mas ventos contrários fizeram-nos perder o rumo e desembarcar novamente entre os Dolíones. Estes, supondo tratar-se de um exército pelásgico - pois eram continuamente atacados pelos Pelasgos -, combateram-nos à noite, sem que nenhum dos lados reconhecesse o outro. Os Argonautas mataram muitos, entre eles Cízico. Ao amanhecer, quando perceberam o que haviam feito, lamentaram, cortaram os cabelos e deram ao rei um funeral magnífico. [179] Depois das exéquias, partiram e chegaram à Mísia.[180]

[1.9.19] Ali deixaram Héracles e Polifemo. Hilas, filho de Teiodamante e favorito de Héracles, fora buscar água e, por causa de sua beleza, foi raptado por ninfas. [181] Polifemo ouviu o grito e, desembainhando a espada, correu, acreditando que ladrões o levavam. Encontrou Héracles e contou-lhe o ocorrido; enquanto os dois procuravam Hilas, a nau partiu. Polifemo fundou na Mísia a cidade de Cio e ali reinou; [182] Héracles retornou a Argos. Herodoro afirma, porém, que Héracles nem sequer navegou nessa ocasião, pois servia como escravo na corte de Ônfale. Ferécides diz que ele foi deixado em Afetas, na Tessália, porque a própria Argo declarou com voz humana que não podia suportar seu peso. Demarato registra que Héracles navegou até a Cólquida, e Dionísio chega a afirmar que ele comandou os Argonautas.[183]

[1.9.20] Da Mísia partiram para a terra dos Bébrices, governada pelo rei Âmico, filho de Posêidon e de uma ninfa da Bitínia.[184] Homem vigoroso, ele obrigava os estrangeiros que desembarcavam a lutar no pugilato e assim os matava. Como de costume, foi até a Argo e desafiou o melhor homem da tripulação para um combate. Pólux aceitou lutar e o matou com um golpe no cotovelo. Quando os Bébrices avançaram contra ele, os heróis tomaram as armas e os puseram em fuga, causando grande mortandade.

[1.9.21] Dali navegaram e desembarcaram em Salmidesso, na Trácia, onde vivia Fineu, adivinho privado dos dois olhos.[185] Alguns dizem que era filho de Agenor;[186] outros, de Posêidon. Segundo diferentes tradições, foi cegado pelos deuses por revelar aos homens o futuro; ou por Bóreas e os Argonautas, porque cegara os próprios filhos por instigação da madrasta deles;[187] ou por Posêidon, porque ensinara aos filhos de Frixo o caminho da Cólquida para a Grécia. Os deuses também lhe enviaram as Harpias, criaturas femininas aladas. Sempre que uma mesa era posta diante de Fineu, elas desciam do céu e arrebatavam a maior parte da comida; o pouco que

deixavam exalava tamanho mau cheiro que ninguém podia tocá-lo. Quando os Argonautas quiseram consultá-lo sobre a viagem, Fineu prometeu aconselhá-los se o libertassem das Harpias. Os Argonautas colocaram alimentos junto dele, e as Harpias, soltando gritos, desceram e os arrebataram. Zetes e Cálais, filhos de Bóreas, viram-nas, desembainharam as espadas e, como possuíam asas, perseguiram-nas pelo ar. Estava destinado que as Harpias morressem pelas mãos dos filhos de Bóreas, e que os filhos de Bóreas morressem se não conseguissem alcançar um fugitivo. Uma das Harpias caiu no rio Tigres, no Peloponeso, chamado depois Harpis por causa dela; alguns a chamam Nicótoe, outros Aélopo. A outra, chamada Ocípete - ou, segundo alguns, Ocítoe; Hesíodo chama-a Ocípode -[188] fugiu pela Propôntida até chegar às ilhas Equínades, hoje chamadas Estrófades por causa dela; pois, ao chegar ali, voltou-se (estraphe) e caiu na praia, exausta, junto do perseguidor. Apolônio, porém, diz nas Argonáuticas que as Harpias foram perseguidas até as ilhas Estrófades e não sofreram dano, porque juraram não voltar a molestar Fineu.[189]

[1.9.22] Livre das Harpias, Fineu revelou aos Argonautas o curso da viagem e aconselhou-os sobre os Rochedos que se Chocam, as Simplégades,[190] no mar. Eram enormes penhascos que, impelidos um contra o outro pela força dos ventos, fechavam a passagem. Densa névoa os envolvia e o estrondo era terrível; nem mesmo as aves podiam atravessá-los. Fineu aconselhou-os a soltar uma pomba entre as rochas: se ela passasse ilesa, deveriam atravessar o estreito com confiança; se morresse, não deveriam tentar. Ao se aproximarem, soltaram da proa uma pomba; quando ela voou, o choque das rochas cortou a extremidade de sua cauda. Esperaram que os rochedos se afastassem e, remando com força e com o auxílio de Hera, passaram; a extremidade da popa ornamentada foi raspada em toda a volta. A partir daquele momento, as Simplégades permaneceram imóveis, pois estava determinado que, assim que uma nau conseguisse atravessá-las, elas cessariam inteiramente de mover-se.

[1.9.23] Os Argonautas chegaram aos Mariandinos, onde o rei Lico os recebeu com bondade.[191] Ali morreu o adivinho Idmão, ferido por um javali;[192] morreu também Tífis, e Anceu assumiu o governo da nau.[193] Depois de passarem pelo Termodonte e pelo Cáucaso, chegaram ao rio Fásis, na terra da Cólquida.[194] Ancorada a nau, Jasão apresentou-se a Eetes, expôs a missão imposta por Pélias e pediu-lhe o velo. Eetes prometeu entregá-lo se Jasão, sem auxílio, atrelasse os touros de pés de bronze. Eram dois touros selvagens, enormes, presentes de Hefesto; tinham pés de bronze e expeliam fogo pela boca. Eetes ordenou que os atrelasse e semeasse dentes de dragão, pois recebera de Atena metade dos dentes que Cadmo semeara em Tebas.[195] Enquanto Jasão refletia sobre como atrelar os touros, Medeia apaixonou-se por ele. Ela era feiticeira, filha de Eetes e de Idia, filha de Oceano. Temendo que ele fosse destruído pelos animais, prometeu em segredo ajudá-lo a atrelar os touros e entregar-lhe o velo, caso jurasse tomá-la por esposa e levá-la na viagem à Grécia. Depois do juramento, deu-lhe uma droga com que deveria ungir escudo, lança e corpo antes de enfrentar os touros; segundo ela, uma vez ungido, durante um dia não poderia ser ferido nem pelo fogo nem pelo ferro. Explicou também que, quando os dentes fossem semeados, homens armados surgiriam da terra; ao vê-los reunidos, ele deveria lançar pedras de longe no meio deles e, quando lutassem uns contra os outros, aproximar-se e matá-los.[196] Jasão ungiu-se com a droga,[197] foi ao bosque do templo e encontrou os touros; embora o atacassem com uma labareda, conseguiu atrelá-los.[198] Quando semeou os dentes, homens armados brotaram da terra. Onde via vários juntos, lançava-lhes pedras sem ser percebido; quando começavam a lutar entre si, aproximava-se e os matava.[199] Apesar de os touros estarem atrelados, Eetes recusou-se a entregar o velo: pretendia incendiar a Argo e matar a tripulação. Antes que o fizesse, Medeia levou Jasão durante a noite até o velo e, adormecendo com drogas o dragão que o guardava,

apoderou-se dele e voltou com Jasão para a Argo.[200] Seu irmão Absirto acompanhou-a; com eles, os Argonautas partiram durante a noite.[201]

[1.9.24] Quando Eetes descobriu o que Medeia fizera, saiu em perseguição da nau. Ao vê-lo perto, Medeia matou o irmão, cortou-lhe os membros e lançou os pedaços ao mar. Eetes, recolhendo os membros do filho, atrasou-se na perseguição; por isso voltou e, depois de sepultar os pedaços recuperados, chamou o lugar de Tomos. Enviou muitos colcos em busca da Argo, ameaçando-os com o castigo de Medeia caso não a trouxessem de volta. Eles se dividiram e procuraram em diferentes lugares. Quando os Argonautas navegavam junto ao rio Erídano, Zeus, enfurecido pelo assassinato de Absirto, lançou sobre eles violenta tempestade e desviou-os do curso. Ao passarem pelas ilhas Absírtides, a nau falou: a cólera de Zeus não cessaria enquanto não viajassem à Ausônia e fossem purificados por Circe pelo assassinato. [202]Navegaram além dos povos lígures e celtas, cruzaram o mar da Sardenha, contornaram a Tirrênia e chegaram a Eéia, onde suplicaram a Circe e foram purificados.[203]

[1.9.25] Quando passaram pelas Sereias,[204] Orfeu conteve os Argonautas entoando uma melodia contrária. Apenas Butes nadou em direção a elas, mas Afrodite o arrebatou e o estabeleceu em Lilibeu. Depois das Sereias, a nau encontrou Caríbdis, Cila e as Rochas Errantes,[205] acima das quais se viam enorme chama e fumaça. A pedido de Hera, Tétis e as Nereidas conduziram a nau através delas. Passaram pela ilha de Trinácia, onde estavam os bois do Sol,[206] e chegaram a Corcira, ilha dos Feácios, governada por Alcínoo. [207] Como os colcos não conseguiram encontrar a nau, alguns se estabeleceram nos montes Ceraunianos; outros foram à Ilíria e colonizaram as ilhas Absírtides; alguns chegaram aos Feácios e, encontrando ali a Argo, exigiram que Alcínoo lhes entregasse Medeia. O rei respondeu que, se ela já tivesse conhecido Jasão como marido, a entregaria a ele; se ainda fosse virgem, mandá-la-ia de volta ao pai.[208] Arete, esposa de Alcínoo, antecipou-se e celebrou o casamento de Medeia e Jasão.[209] Por isso os colcos se estabeleceram entre os Feácios,[210] e os Argonautas partiram com Medeia.

[1.9.26] Navegando à noite, encontraram violenta tempestade. Apolo colocou-se sobre os cumes Melântios e, lançando um raio no mar, fez resplandecer a luz. Então perceberam uma ilha próxima, ancoraram e chamaram-na Anafe, porque surgira (anaphanenai) inesperadamente. Fundaram um altar para Apolo Radiante e, depois do sacrifício, entregaram-se ao banquete. Doze servas que Arete dera a Medeia trocaram gracejos alegres com os heróis; daí o costume de as mulheres brincarem durante o sacrifício.[211] Partindo dali, foram impedidos de aportar em Creta por Talo.[212] Alguns dizem que ele era homem da raça de bronze; outros, que Hefesto o dera a Minos; era um homem de bronze, embora alguns o considerassem um touro. Tinha uma única veia do pescoço aos tornozelos, fechada na extremidade por um prego de bronze. Talo guardava a ilha, correndo ao redor dela três vezes por dia; quando viu a Argo perto da costa, lançou-lhe pedras, como costumava fazer. Morreu pelos ardis de Medeia: segundo alguns, ela o enlouqueceu com drogas; segundo outros, prometeu torná-lo imortal e retirou o prego, de modo que todo o ícor escorreu e ele morreu. Outros afirmam que Peante o matou com uma flecha no tornozelo. Depois de permanecerem uma única noite, chegaram a Egina para buscar água; ali surgiu uma disputa sobre quem a buscaria mais depressa.[213] Dali navegaram entre Eubeia e Lócrida e chegaram a Iolco, concluindo toda a viagem em quatro meses.

[1.9.27] Pélias, desesperando do retorno dos Argonautas, pretendia matar Éson. Este pediu permissão para tirar a própria vida e, durante um sacrifício, bebeu abundantemente sangue de touro e morreu.[214] A mãe de Jasão amaldiçoou Pélias e enforcou-se,[215] deixando um filho ainda pequeno, Prômaco; Pélias matou até mesmo essa criança.[216] Ao retornar, Jasão entregou o velo. Desejando vingar as injustiças, aguardou o momento oportuno. Navegou com os heróis até o

Istmo e dedicou a nau a Posêidon; depois pediu a Medeia que concebesse um modo de punir Pélias. Ela foi ao palácio do rei e persuadiu as filhas dele a cortarem o pai em pedaços e cozê-lo, prometendo rejuvenescê-lo com suas drogas. Para convencê-las, cortou um carneiro, cozinhou-o e fez dele sair um cordeiro. Elas acreditaram, cortaram o pai em pedaços e o cozinharam.[217] Acasto sepultou Pélias com o auxílio dos habitantes de Iolco e expulsou Jasão e Medeia da cidade.

[1.9.28] Jasão e Medeia foram para Corinto e ali viveram felizes durante dez anos. Depois, Creonte, rei de Corinto, prometeu a filha Glauce a Jasão; ele a desposou e repudiou Medeia. Ela invocou os deuses pelos quais Jasão havia jurado e, depois de acusá-lo repetidas vezes de ingratidão, enviou à noiva uma veste impregnada de veneno. Quando Glauce a vestiu, foi consumida por fogo violento juntamente com o pai, que correra para socorrê-la. [218]Medeia matou Mérmero e Feres, filhos que tivera de Jasão, e fugiu para Atenas num carro puxado por dragões alados, recebido do Sol.[219] Outra tradição afirma que, ao fugir, deixou os filhos ainda pequenos como suplicantes no altar de Hera Acraia; os coríntios retiraram-nos dali e os feriram de morte.[220] Em Atenas, Medeia desposou Egeu e deu-lhe um filho, Medo. Mais tarde, depois de conspirar contra Teseu, foi expulsa de Atenas com o filho. [221] Medo conquistou muitos povos bárbaros e chamou de Média toda a região sob seu domínio;[222]morreu numa expedição contra os indianos. Medeia retornou incógnita à Cólquida e, descobrindo que Eetes fora destronado pelo irmão Perses, matou Perses e restituiu o reino ao pai.[223]

NOTAS AO LIVRO I

1. Cf. Hesíodo, Teogonia 126 ss. Frazer observa que a união de Céu e Terra é um motivo cosmogônico amplamente difundido e que, em Hesíodo, Urano nasce de Gaia antes de unir-se a ela.

2. Cf. Hesíodo, Teogonia 147 ss. Alguns manuscritos trazem Giges em lugar de Gies.

3. Cf. Hesíodo, Teogonia 139 ss.

4. Cf. Hesíodo, Teogonia 617 ss. e 717 ss. A distância do Tártaro é figurada pela queda de uma bigorna durante nove dias e nove noites.

5. Cf. Hesíodo, Teogonia 132 ss., que também apresenta Crono como o mais jovem. Frazer relaciona a sucessão do filho caçula a costumes de ultimogenitura.

6. Cf. Hesíodo, Teogonia 156-190. As Erínias nascem das gotas do sangue de Urano que caem sobre Gaia, não dos órgãos lançados ao mar. A mutilação foi interpretada como mito da separação entre Céu e Terra.

7. Cf. Hesíodo, Teogonia 453 ss.; Pausânias 8.8.2. Em algumas tradições Reia salvou também Posêidon, oferecendo a Crono um potro para engolir.

8. Cf. Hesíodo, Teogonia 477 ss. Outras tradições localizavam o nascimento de Zeus no monte Ida, também em Creta.

9. Amalteia é apresentada ora como cabra, ora como ninfa proprietária da cabra. Seu chifre tornou-se o célebre chifre da abundância.

10. Cf. Calímaco, Hino a Zeus 52 ss.; Lucrécio 2.633 ss. O choque das armas dos Curetes ocultava de Crono o choro do menino.

11. Cf. Hesíodo, Teogonia 485 ss.; Pausânias 10.24.6. A pedra engolida por Crono era mostrada em Delfos e recebia libações de óleo.

12. Hesíodo atribui a Gaia, não a Métis, o ardil que obriga Crono a devolver os filhos.

13. Cf. Hesíodo, Teogonia 617 ss.; Higino, Fábulas 118.

14. Gaia era considerada a primeira possuidora do oráculo de Delfos; Têmis a sucedeu, e depois Apolo. Cf. Ésquilo, Eumênides 1 ss.; Pausânias 10.5.5 ss.

15. Cf. Hesíodo, Teogonia 501-506.

16. Cf. Hesíodo, Teogonia 717 ss.

17. Cf. Ilíada 15.187 ss.; Platão, Górgias 523a, sobre a partilha do universo.

18. Cf. Hesíodo, Teogonia 346-366. Hesíodo não inclui Anfitrite entre as Oceânides, mas entre as Nereidas.

19. Cf. Hesíodo, Teogonia 404 ss.

20. Cf. Hesíodo, Teogonia 371 ss.

21. Cf. Hesíodo, Teogonia 375 ss.

22. Cf. Hesíodo, Teogonia 507-520.

23. Segundo um escólio a Apolônio de Rodes 1.554, Crono tomou forma de cavalo ao unir-se a Fílira; daí a forma centáurica de Quíron.

24. Cf. Hesíodo, Teogonia 378 ss.

25. Cf. Hesíodo, Teogonia 409 ss. A genealogia de Hécate variava: podia ser filha de Deo, da Noite ou de Zeus e Astéria.

26. Cf. Hesíodo, Teogonia 383 ss.; Higino, Fábulas, prefácio.

27. Cf. Hesíodo, Teogonia 389-403 e 775 ss.; Ilíada 15.37 ss.; Odisseia 5.186.

28. Cf. Hesíodo, Teogonia 233 ss. Ponto é concebido como divindade masculina do mar.

29. Cf. Hesíodo, Teogonia 265 ss.

30. Cf. Hesíodo, Teogonia 270 ss.; Higino, Fábulas, prefácio. Sobre as Górgonas, ver Biblioteca 2.4.2 ss.

31. Outras listas de Nereidas: Ilíada 18.38-49; Hesíodo, Teogonia 240-264; Hino homérico a Deméter 417-423; Virgílio, Geórgicas 4.334-344.

32. Cf. Ilíada 5.889 ss.; 11.270 ss.; Odisseia 11.603 ss.; Hesíodo, Teogonia 921 ss.

33. Cf. Hesíodo, Teogonia 901 ss.

34. Cf. Ilíada 5.370 ss. Hesíodo oferece outra genealogia: Afrodite nasce da espuma formada em torno dos órgãos de Urano.

35. Cf. Hesíodo, Teogonia 907 ss.; Pausânias 9.35.5.

36. A tradição usual faz Perséfone filha de Deméter, não de Estige. Cf. Hesíodo, Teogonia 912 ss.; Hino homérico a Deméter.

37. Cf. Hesíodo, Teogonia 915 ss.

38. As genealogias de Lino variavam: filho de Apolo e Urânia, de Apolo e Psâmate, de Apolo e Etusa, ou de Magnes e Clio.

39. A filiação de Orfeu a Eagro e Calíope aparece também em Apolônio de Rodes 1.23 ss. e em outras fontes; havia variantes que faziam Polímnia sua mãe.

40. Sobre a descida de Orfeu ao Hades: Pausânias 9.30.6; Virgílio, Geórgicas 4.454 ss.; Ovídio, Metamorfoses 10.8 ss.; Higino, Fábulas 164.

41. A tradição antiga apresentava Orfeu como fundador de mistérios, especialmente os dionisíacos; alguns autores antigos relacionavam-nos aos mistérios egípcios de Osíris.

42. Sobre a morte de Orfeu pelas Mênades, cf. Ésquilo, fragmentos; Ovídio, Metamorfoses 11.1 ss.; Conon 45.

43. Segundo a versão mais difundida, Zéfiro, rival de Apolo, desviou o disco contra Jacinto. Do sangue do jovem nasceu a flor marcada pelo lamento AI AI.

44. Cf. Ilíada 2.594-600. Polignoto representou Tâmiris cego no mundo inferior, com a lira quebrada aos pés.

45. Cf. Ilíada 10.474 ss.; Eurípides, Reso 756 ss.

46. As genealogias dos Coribantes divergiam: eram atribuídos ao Sol e Atena, a Zeus e Calíope, a Crono ou à Mãe dos Deuses.

47. Sobre as Sereias, ver Biblioteca, Epítome 7.18 ss. Em 1.7.10, o autor registra a variante que as faz filhas de Estérope.

48. Cf. Hesíodo, Teogonia 927 ss. Frazer compara outras tradições de concepção sem união sexual.

49. Cf. Ilíada 1.571 ss. Hefesto reconhece Hera como mãe; não é igualmente explícito que Zeus seja seu pai.

50. Cf. Ilíada 1.590 ss.

51. Cf. Ilíada 15.18 ss., onde Zeus prende bigornas aos pés de Hera ao suspendê-la do céu.

52. Frazer observa que o significado da claudicação em mitos e ritos permanece obscuro e reúne paralelos etnográficos.

53. Cf. Ilíada 1.590 ss.; 18.394 ss. A associação de Hefesto a Lemnos foi relacionada ao antigo vulcão Mosquilo.

54. Cf. Hesíodo, Teogonia 886-900. Hesíodo diz que Zeus agiu aconselhado por Terra e Céu; Métis podia assumir qualquer forma.

55. A versão mais comum atribui a Hefesto o golpe que abre a cabeça de Zeus; Eurípides o atribui a Prometeu. Cf. Píndaro, Olímpicas 7.35.

56. Cf. Calímaco, Hino a Delos 36 ss.; Higino, Fábulas 53. Astéria/Ortígia é associada à codorniz.

57. Cf. Hino homérico a Apolo 14 ss. Algumas fontes distinguem Ortígia, lugar do nascimento de Ártemis, de Delos, onde nasceu Apolo.

58. Um Pã filho de Zeus e Timbreu/Híbris é mencionado por um escólio a Píndaro e distinguido do Pã filho de Hermes.

59. Antes de Apolo, o oráculo de Delfos pertencia a Terra e depois a Têmis. Cf. Ésquilo, Eumênides 1 ss.

60. A fenda délfica e a serpente Píton são motivos ligados à apropriação do oráculo por Apolo.

61. Cf. Hino homérico a Apolo 300 ss.; Eurípides, Ifigênia em Táuris 1234 ss.

62. Cf. Odisseia 7.324 ss.; Higino, Fábulas 55. Tício é descrito como gigante e agressor de Leto.

63. Cf. Odisseia 11.576-581. Em outras versões, dois abutres devoram seu fígado.

64. Atena teria visto no reflexo da água as faces inchadas produzidas pelo sopro da flauta e, envergonhada, abandonou o instrumento.

65. Cf. Diodoro 3.59; Ovídio, Metamorfoses 6.382 ss. A pele de Mársias era mostrada em Celene; muitas fontes dizem que ele foi suspenso num pinheiro.

66. Cf. Odisseia 5.121-124; Horácio, Odes 3.4.70 ss.

67. A genealogia de Órion como filho de Posêidon e Euríale também era atribuída a Hesíodo.

68. Algumas fontes dizem que Órion caminhava sobre o mar; outras, que avançava através dele.

69. Side significa 'romã' em grego; sugeriu-se uma relação entre o mito e a estação em que a constelação de Órion aparece.

70. O guia que Órion carregou aos ombros chamava-se Cedálion. Sófocles dramatizou o episódio numa peça satírica perdida.

71. Outra versão mais difundida diz que Ártemis enviou um escorpião contra Órion; ambos foram transformados em constelações opostas no céu.

72. Cf. Hesíodo, Teogonia 930 ss.

73. Rode ou Rodes personifica a ilha, grande centro do culto solar e chamada por Píndaro de 'noiva do Sol'.

74. O relato segue de perto o Hino homérico a Deméter. Fontes tardias localizam o rapto na Sicília, especialmente em Ena.

75. A visita de Deméter a Hermíone não aparece no Hino homérico, mas relaciona-se ao culto local da Deméter Subterrânea e a uma suposta entrada do Hades.

76. O Hino homérico distingue o Poço da Donzela do Poço das Belas Danças; Pausânias também os localiza separadamente.

77. Cf. Hino homérico a Deméter 194-206.

78. Os gracejos das Tesmofórias eram obscenos e provavelmente vinculados, por magia simpática, à fertilidade dos campos.

79. Frazer remete ao apêndice 'Putting Children on the Fire', sobre ritos e mitos de crianças colocadas no fogo para adquirir imortalidade.

80. O carro de dragões de Triptólemo aparece em numerosas fontes e vasos. O herói personifica o primeiro semeador e a difusão da agricultura.

81. As genealogias de Triptólemo eram numerosas e divergentes; também a figura epônima Elêusis possuía genealogias locais.

82. A Donzela (Kore) é Perséfone. O alimento consumido no mundo dos mortos cria um vínculo que impede o retorno pleno aos vivos, motivo amplamente difundido.

83. Em outra versão, Perséfone ou Deméter transformou Ascálafo em coruja. Cf. Ovídio, Metamorfoses 5.538 ss.

84. O Hino homérico também atribui a Perséfone um terço do ano no Hades; outras fontes dividem o ano igualmente em seis meses acima e seis abaixo.

85. Hesíodo faz os Gigantes nascerem do sangue de Urano derramado sobre Gaia. O combate foi tema frequente de esculturas e vasos.

86. Embora Pausânias negasse que os Gigantes tivessem pés de serpente, a iconografia tardia os representa frequentemente dessa maneira.

87. Flegra era considerado antigo nome de Palene. A localização da Gigantomaquia variava e foi associada a regiões vulcânicas e a achados de grandes fósseis.

88. Alcioneu recuperava a força ao tocar o solo natal; por isso Héracles teve de arrastá-lo para fora de Palene.

89. Píndaro atribui a morte de Porfirião a Apolo; Tzetzes concorda com a versão de Apolodoro.

90. Outras fontes atribuem a morte de Mimas a Zeus ou a Ares.

91. Cf. Eneida 3.578 ss. O combate de Atena e Encélado figurava no templo de Apolo em Delfos.

92. Uma variante faz Palas pai de Atena e agressor da deusa; ela o esfolaria e usaria sua pele como proteção.

93. Cf. Estrabão 10.5.16, sobre Nisiro lançada sobre Polibotes.

94. O capacete de Hades tornava invisível quem o vestia. Cf. Ilíada 5.844 ss.; Escudo de Héracles 226 ss.

95. Sobre Tífon e a caverna Corícia da Cilícia, cf. Hesíodo, Teogonia 820 ss.; Píndaro, Píticas 1.15 ss.; Ésquilo, Prometeu Acorrentado 351 ss.

96. O adjetivo também pode significar 'coberto de penas'. Antonino Liberal fala das muitas asas de Tífon.

97. A transformação dos deuses em animais foi provavelmente criada pelos gregos para explicar o culto egípcio de animais.

98. Nono atribui a Cadmo, disfarçado de pastor, o roubo dos tendões de Zeus, enganando Tífon com a promessa de música.

99. A fraude das Moiras contra Tífon não parece atestada em outra fonte.

100. Etimologia antiga: Hemo seria derivado de haima, 'sangue', isto é, 'monte sangrento'.

101. Sobre Tífon sob o Etna, cf. Ésquilo, Prometeu Acorrentado 363 ss.; Píndaro, Píticas 1.17 ss.; Ovídio, Fastos 4.491 ss.

102. Nos relatos mais antigos, Prometeu aparece como benfeitor, não como criador da humanidade. A criação de homens por ele surge em fontes posteriores.

103. Cf. Hesíodo, Trabalhos e Dias 50 ss.; Ésquilo, Prometeu Acorrentado 107 ss. O nártex ou funcho-gigante possui medula que conserva o fogo sem consumir a casca.

104. Sobre a libertação de Prometeu, ver Biblioteca 2.5.11.

105. O relato de Deucalião e Pirra é citado quase literalmente por um escólio à Ilíada 1.126, que menciona Apolodoro.

106. Sobre a criação de Pandora, cf. Hesíodo, Trabalhos e Dias 60 ss.; Teogonia 571 ss.; Higino, Fábulas 142.

107. Sobre o dilúvio de Deucalião, cf. Luciano, Sobre a Deusa Síria 12 ss.; Ovídio, Metamorfoses 1.125-415; Higino, Fábulas 153.

108. Cf. Píndaro, Olímpicas 9.41 ss.; Higino, Fábulas 153. A etimologia laos/laas é tradicional, não científica.

109. A passagem sobre os filhos de Deucalião é citada por um escólio à Ilíada 13.307.

110. Sobre Heleno e seus filhos, cf. Estrabão 8.7.1; Pausânias 7.1.2; Conon 27.

111. A Crônica de Paros datava a mudança do nome 'gregos' para 'helenos' em 1521 a.C.; trata-se de cronologia mítica.

112. Sobre as primeiras moradas dos dórios, cf. Heródoto 1.56.

113. Sobre os eólios da Tessália, cf. Pausânias 10.8.4; Diodoro 4.67.2.

114. Sobre Éolo, seus descendentes e suas migrações, cf. Diodoro 4.67.2-7.

115. Segundo Ovídio, Metamorfoses 11.271 ss., o rosto de Céix refletia o brilho de seu pai Eósforo.

116. Cf. escólios a Aristófanes, Aves 250. Frazer considera possível reminiscência do uso de títulos divinos para reis.

117. Cf. Ovídio, Metamorfoses 11.410 ss.; Higino, Fábulas 65. A identificação zoológica da ave céix é incerta.

118. Sobre os Aloídas, cf. Odisseia 11.305 ss.; Eneida 6.582 ss.; Higino, Fábulas 28.

119. A expressão homérica enneôroi foi entendida por Apolodoro e Higino como 'de nove anos'.

120. Ares teria permanecido treze meses num vaso de bronze até ser libertado por Hermes. Cf. Ilíada 5.385 ss.

121. Cf. Higino, Fábulas 28.

122. Sobre Endimião e a Lua, cf. Apolônio de Rodes 4.57 ss.; Pausânias 5.1.4. Seu sono eterno tornou-se proverbial.

123. Cf. Pausânias 5.1.8; Conon 14.

124. Outras fontes descrevem uma corrida de carros entre Eveno e os pretendentes de Marpessa; o pai mataria os vencidos.

125. Cf. escólios à Ilíada 9.557; Pausânias 5.18.2.

126. Pausânias 3.13.8 também faz Leda filha de Téstio.

127. Cf. Higino, Fábulas 129.

128. Frazer compara a morte de Remo por saltar sobre a muralha nascente de Roma.

129. Ver Biblioteca 2.7.5, sobre a disputa de Héracles e Aqueloo pela mão de Dejanira.

130. O relato de Meleagro foi citado por Zenóbio e aparece, com variantes, em Baquílides, Homero, Diodoro e Ovídio.

131. A vida de Meleagro ligada ao tição pertence ao motivo folclórico da 'alma exterior', em que a vida depende de um objeto externo.

132. Outras listas dos caçadores do javali calidônio: Ovídio, Metamorfoses 8.299 ss.; Higino, Fábulas 173.

133. Esta versão da morte de Meleagro corresponde em substância à Ilíada 9.529 ss.

134. Isto é, Meleagro saiu de Cálidon, então sitiada pelos Curetes.

135. As mulheres transformadas são as meleágrides, galinhas-d'angola; em Leros, essas aves eram mantidas num santuário e não podiam ser comidas pelos devotos de Ártemis.

136. Cf. Diodoro 4.35.1 ss. Sófocles compôs uma tragédia perdida sobre Peribeia.

137. Gorge era filha de Eneu; cf. 1.8.1 e Pausânias 10.38.5.

138. As fontes discordam sobre as vítimas de Tideu, mas concordam que ele fugiu de Cálidon, foi purificado por Adrasto em Argos e recebeu sua filha em casamento.

139. Ver Biblioteca 3.6.3 ss., sobre a expedição dos Sete contra Tebas.

140. Cf. Pausânias 2.25.2; Antonino Liberal 37; Higino, Fábulas 175. Eurípides compôs a tragédia perdida Eneu.

141. Cf. Pausânias 2.25.2.

142. Sobre Atamante, Frixo e Hele, cf. Diodoro 4.47; Higino, Fábulas 1-3. Frazer relaciona o mito a tradições de sacrifício do primogênito e substituição por carneiro.

143. Cf. Ovídio, Metamorfoses 4.481-542; Higino, Fábulas 4-5. Hera enlouquece Atamante porque ele acolhera o menino Dioniso.

144. Segundo o Etimológico Magno, Atamântia era uma planície da Tessália.

145. Cf. Ilíada 6.152 ss.; Pausânias 2.1.1.

146. Sobre Belerofonte e a Quimera, ver Biblioteca 2.3.1.

147. Cf. Odisseia 11.593-600. Homero não explica a punição; Pausânias e os escólios ligam-na à delação do rapto de Egina.

148. Cf. Biblioteca 2.4.7 e 3.15.1. Sobre Aurora e Céfalo, cf. Hesíodo, Teogonia 986 ss.; Ovídio, Metamorfoses 7.700 ss.

149. Cf. Pausânias 4.2.2 e 4.2.4.

150. Ver Biblioteca 3.10.3.

151. A cidade de Salmoneu chamava-se Salmone. Cf. Diodoro 4.68.1; Estrabão 7.3.31.

152. Frazer interpreta o mito como lembrança de reis que personificavam Zeus e imitavam trovão e relâmpago em ritos para produzir chuva.

153. Sobre Tiro e o rio Enipeu, cf. Odisseia 11.235 ss.; Diodoro 4.68.3. Sófocles compôs duas peças intituladas Tiro.

154. As versões sobre a exposição e reconhecimento de Pélias e Neleu variavam. O motivo dos gêmeos expostos foi comparado ao de Rômulo e Remo.

155. Cf. Tzetzes, escólio a Lícofron 175, que parece copiar Apolodoro.

156. Cf. Odisseia 11.281 ss.; Pausânias 4.2.5.

157. Periclímeno recebia de Posêidon o poder de assumir várias formas. As fontes divergem sobre a forma em que Héracles o matou.

158. Segundo Odisseia 3.452, a esposa de Nestor era Eurídice, filha de Clímeno.

159. Cf. Tzetzes, escólio a Lícofron 175.

160. Cf. Odisseia 11.258 ss.; Tzetzes, escólio a Lícofron 175.

161. Melampo aprende das serpentes a linguagem das aves. Motivo semelhante explica a profecia de Heleno e Cassandra e ocorre em contos de muitas regiões.

162. O romance de Biante, Pero e as vacas de Fílaco também aparece em Homero e nos escólios; Frazer o discute no apêndice sobre Melampo.

163. Segundo os escólios, a árvore não era carvalho, mas pereira-brava.

164. Cf. Biblioteca, Epítome 3.20.

165. Ver Biblioteca 2.2.2; Diodoro 4.68.4; Pausânias 2.18.4.

166. Cf. Biblioteca 3.7.2.

167. Cf. Ilíada 2.565 ss.

168. Ver Biblioteca 3.6.4.

169. Ver Biblioteca 3.10.4.

170. Cf. Higino, Fábulas 50-51.

171. A Donzela é Perséfone.

172. A história de Alceste foi imortalizada na tragédia homônima de Eurípides. Frazer menciona paralelos históricos de substituição voluntária na morte.

173. Sobre Pélias e Jasão, cf. Píndaro, Píticas 4.73 ss.; Apolônio de Rodes 1.5 ss.; Higino, Fábulas 12-13. Frazer observa o costume etólio de usar calçado em um só pé.

174. Cf. Apolônio de Rodes 2.1268-1270; 4.123 ss.

175. O relato da viagem da Argo depende principalmente das Argonáuticas de Apolônio de Rodes. A madeira falante vinha do carvalho oracular de Dodona.

176. Outras listas dos Argonautas: Píndaro, Píticas 4.171 ss.; Apolônio de Rodes 1.20 ss.; Argonáuticas Órficas 119 ss.; Higino, Fábulas 14.

177. Sobre Lemnos, cf. Apolônio de Rodes 1.607 ss.; Argonáuticas Órficas 473 ss. Ritos anuais purificavam a ilha da matança e renovavam o fogo.

178. Sobre os Dolíones e Cízico, cf. Apolônio de Rodes 1.935-1077; Argonáuticas Órficas 486 ss.; Higino, Fábulas 16.

179. Segundo Apolônio, os heróis prantearam Cízico durante três dias, cortaram os cabelos, ergueram um túmulo, marcharam armados ao redor dele e celebraram jogos.

180. Cf. Apolônio de Rodes 1.1172 ss.; Valério Flaco 3.481 ss.

181. Sobre Hilas e Héracles, cf. Apolônio de Rodes 1.1207 ss.; Teócrito 13; Argonáuticas Órficas 646 ss. O culto local chamava Hilas três vezes junto à fonte.

182. Cf. Apolônio de Rodes 1.1321 ss. e 1345 ss.

183. As fontes antigas discordavam sobre a participação de Héracles: abandonado na Mísia, deixado em Afetas, viajando a pé ou chegando até a Cólquida.

184. Sobre Âmico e o combate de pugilato, cf. Apolônio de Rodes 2.1 ss.; Teócrito 22; Higino, Fábulas 17.

185. Sobre Fineu e as Harpias, cf. Apolônio de Rodes 2.176 ss.; Valério Flaco 4.422 ss.; Higino, Fábulas 19.

186. Apolônio de Rodes e Higino também fazem Fineu filho de Agenor.

187. Ver Biblioteca 3.15.3 sobre os filhos de Fineu e a madrasta.

188. Hesíodo, Teogonia 267, chama a Harpia de Ocípete.

189. Apolônio diz que as ilhas se chamavam antes Ilhas Flutuantes.

190. Os Rochedos que se Chocam são as Simplégades, também chamadas Cíaneas ou Rochedos Azuis. Nas Argonáuticas Órficas, a ave enviada é uma garça, não uma pomba.

191. Cf. Apolônio de Rodes 2.720 ss.; Argonáuticas Órficas 715 ss.; Higino, Fábulas 18.

192. Cf. Apolônio de Rodes 2.815 ss.; Argonáuticas Órficas 725 ss. O túmulo de Idmão era assinalado por uma oliveira selvagem cultuada como protetora.

193. Cf. Apolônio de Rodes 2.851-898; Argonáuticas Órficas 729 ss.; Higino, Fábulas 14 e 18.

194. Sobre Jasão na Cólquida e a conquista do Velocino, cf. Apolônio de Rodes 2.1260 ss.; Diodoro 4.48; Ovídio, Metamorfoses 7.1-158.

195. Cf. Apolônio de Rodes 3.401 ss. e 1176 ss.

196. A droga protetora provinha, segundo Apolônio, de uma flor cor de açafrão nascida no Cáucaso do sangue de Prometeu.

197. Cf. Apolônio de Rodes 3.1246 ss.

198. Cf. Apolônio de Rodes 3.1278 ss.

199. Cf. Apolônio de Rodes 3.1320-1398.

200. Cf. Apolônio de Rodes 4.123-182.

201. Apolodoro diverge de Apolônio: neste, Absirto fica para trás, persegue os fugitivos e é morto por Jasão com a cumplicidade de Medeia numa ilha do Danúbio. Sófocles oferecia ainda outra versão.

202. Cf. Apolônio de Rodes 4.576-591; Argonáuticas Órficas 1160 ss.

203. Apolônio descreve a purificação: um leitão era agitado sobre os homicidas, sacrificado, e o sangue aspergido sobre suas mãos.

204. Sobre os Argonautas e as Sereias, cf. Apolônio de Rodes 4.891-921; Argonáuticas Órficas 1270-1297; Higino, Fábulas 14.

205. Cf. Apolônio de Rodes 4.922 ss. Frazer identifica as Rochas Errantes com as ilhas Lípari, algumas vulcânicas.

206. Segundo Apolônio, os bois do Sol eram brancos e tinham chifres de ouro.

207. Sobre os Argonautas entre os Feácios, cf. Apolônio de Rodes 4.982 ss.; Argonáuticas Órficas 1298-1354.

208. Cf. Apolônio de Rodes 4.1106 ss.; Argonáuticas Órficas 1327 ss.

209. Cf. Apolônio de Rodes 4.1111-1169; Argonáuticas Órficas 1342 ss.

210. Cf. Apolônio de Rodes 4.1206 ss.

211. Os gracejos rituais tinham caráter obsceno. Apolodoro altera a ordem de Apolônio e omite o episódio líbio da viagem.

212. Sobre Talo, cf. Apolônio de Rodes 4.1639-1693; Argonáuticas Órficas 1358-1360. As fontes divergem sobre sua natureza e morte; a cena foi representada em vasos.

213. O episódio explicava uma corrida de Egina em que jovens corriam carregando cântaros cheios de água.

214. Os antigos consideravam venenoso o sangue de touro; também Temístocles teria morrido ao bebê-lo.

215. A mãe de Jasão chamava-se Perimede segundo 1.9.16; Diodoro chama-a Anfínome e diz que ela se matou com uma espada.

216. Cf. Diodoro 4.50.1.

217. Sobre a morte de Pélias, cf. Diodoro 4.51 ss.; Ovídio, Metamorfoses 7.297-349; Higino, Fábulas 24. Vasos mostram o carneiro rejuvenescido saindo do caldeirão.

218. Cf. Eurípides, Medeia 1136 ss. A fonte Glauce, em Corinto, conservava a tradição de que a princesa se lançara nela durante a agonia.

219. Apolodoro segue em linhas gerais a Medeia de Eurípides; Diodoro, Ovídio, Higino e Apuleio registram variantes.

220. Os coríntios realizavam ritos expiatórios anuais pela morte das crianças: sete meninos e sete meninas vestidos de negro permaneciam no santuário de Hera Acraia.

221. Em outra tradição, Medeia tentou envenenar Teseu, mas Egeu derrubou a taça. Ovídio identifica o veneno como acônito.

222. A etimologia mítica relaciona Medo ao nome da Média; cf. Diodoro 4.55-56; Estrabão 11.13.10.

223. Outras fontes dizem que Medo, não Medeia, matou Perses. Diodoro observa que os tragediógrafos alteraram e ornamentaram a história de Medeia.

LIVRO II

Descendência de Ínaco e ciclo de Héracles

CAPÍTULO 1

Io e as Danaides

Filhos de Ínaco. Filhos de Foroneu. Argo e Pelasgo. Argo Panoptes

[2.1.1] Uma vez que expusemos os relatos referentes à estirpe de Deucalião, discorramos agora sobre a estirpe de Ínaco.

De Oceano e Tétis nasceu um filho, Ínaco, a partir do qual um rio de Argo é denominado Ínaco[1]. Dele e de Mélia, filha de Oceano, nasceram dois filhos: Foroneu e Egialeu. Quando Egialeu morreu sem filhos, toda a região foi denominada Egialeia[2]; e Foroneu[3], tendo reinado sobre todo o território que foi posteriormente denominado Peloponeso, gerou, com a ninfa Telédice, Ápis e Níobe. Ápis converteu seu poder em uma tirania e denominou o Peloponeso Ápia, a partir do próprio nome. Contudo, por ser um tirano violento, foi vítima de uma conspiração de Telxíone e Télquis e morreu sem deixar descendentes, sendo posteriormente divinizado sob o nome de Serápis[4]. De Níobe e Zeus - e ela foi a primeira mulher mortal com a qual Zeus se uniu -, nasceu Argo, e também, como afirma Acusilau, Pelasgo, a partir do qual os habitantes do Peloponeso foram denominados pelasgos. Contudo, Hesíodo afirma que Pelasgo nascera do próprio solo.

[2.1.2] Sobre ele, porém, voltaremos a falar[5]. Argo, após haver recebido o reino, passou a chamar o Peloponeso de Argo, a partir do próprio nome, e tendo esposado Evadne, filha de Estrímon e Neera, gerou Écbaso, Piras, Epidauro e Críaso, o qual também o sucedeu no poder.

De Écbaso nasceu Agenor e de Agenor, Argo, o chamado panoptes[6]. Ele tinha olhos por todo o corpo e, por ser dotado de uma força descomunal, matou o touro que devastava a Arcádia e se recobriu com o couro dele, e após ter enfrentado Sátiro, que causava prejuízos aos árcades e lhes roubava os rebanhos, matou-o. Também se diz que Argo, ao constatar que Equidna[7], que era filha de Tártaro e de Gaia e arrebatava simultaneamente os que passavam perto dela, estava dormindo, matou-a. Ele também vingou o assassinato de Ápis, matando os culpados.

Io

[2.1.3] De Argo e de Ismene, filha de Asopo, nasceu um filho, Íaso, do qual afirmam haver nascido Io. Mas Cástor, autor de crônicas, e vários poetas trágicos dizem que Io era filha de Píren[8]. Zeus costumava seduzi-la quando ela desempenhava a função de sacerdotisa de Hera. Todavia, ao ser surpreendido em flagrante por Hera, com um leve toque metamorfoseou a donzela numa novilha branca[9] e jurou que não havia se unido amorosamente a ela. Por esse motivo, Hesíodo afirma que as juras feitas pelos amantes não atraem a cólera dos deuses[10]. Hera, porém, pediu a Zeus a novilha para si e instituiu Argo, o que tudo vê, como o guardião dela. Ferécides diz que esse Argo era filho de Aréstor; Asclepíades, no entanto, que era filho de Ínaco; e Cércope, que era filho de Argo e Ismene, filha de Asopo; porém Acusilau diz que ele havia nascido da terra. Então Argo a amarrou em uma oliveira que havia em um bosque de Micenas. Zeus, porém, ordenou a Hermes que roubasse a novilha, e, uma vez que Hermes não podia fazê-lo às ocultas, porque Hiérax* denunciara sua presença, ele atirou uma pedra e matou Argo. Por esse motivo, Hermes foi denominado Argifonte [11]. Em seguida, Hera enviou um moscardo para perseguir a novilha[12], e ela se dirigiu primeiramente ao golfo, que foi denominado Jônio a partir de seu nome;

em seguida, ela viajou pela Ilíria e, após atravessar o monte Hemo, transpôs o estreito da Trácia, o qual é atualmente denominado Bósforo[13], em sua homenagem. Tendo partido dali para Cítia e para a terra dos Cimérios, perambulou por imensas extensões de terra, atravessou a nado muitos mares da Europa e da Ásia e chegou finalmente ao Egito, onde ela retomou a sua forma original e deu à luz, próximo ao rio Nilo[14], a um filho, Épafo. Hera pediu então aos Curetes que desaparecessem com Épafo e eles assim o fizeram. Logo que Zeus percebeu, ele matou os Curetes; Io, no entanto, partiu à procura de seu filho. Após haver vagueado a esmo por toda a Síria - pois aí lhe fora revelado que a mulher do rei de Biblos havia criado o seu filho - ela encontrou Épafo e, ao chegar ao Egito, foi desposada por Telégono, que reinava então sobre os egípcios. Em seguida, ela ergueu uma estátua de Deméter, a qual os egípcios denominaram Ísis, e, do mesmo modo, passaram a chamar Io de Ísis[15].

Descendência de Io: Agenor e Belo. Os filhos deste: Dânao e Egito

[2.1.4] Depois que Épafo, rei dos egípcios, esposou Mênfis, filha do Nilo, ele fundou a cidade de Mênfis em homenagem a ela e lhe gerou uma filha, Líbia, a partir da qual o país passou a ser denominado Líbia[16]. De Líbia e Posêidon nasceram dois filhos gêmeos: Agenor e Belo. Agenor partiu para a Fenícia, onde se tornou rei e o ancestral de uma grande linhagem, e, por esse motivo, exporemos posteriormente o relato a seu respeito[17]. Belo permaneceu no Egito e tornou-se o rei dos egípcios; tendo esposado Anquínoe, filha do Nilo, teve com ela dois filhos gêmeos: Egito e Dânao; todavia, segundo Eurípides, além desses, ele teve ainda Cefeu e Fineu. Belo estabeleceu Dânao na Líbia e Egito na Arábia; esse último, tendo conquistado o país dos melâmpodes, denominou-o Egito, a partir do próprio nome. Ambos tiveram filhos com várias mulheres: Egito teve cinquenta filhos, e Dânao, cinquenta filhas. Depois que brigaram entre si pela posse do reino, Dânao passou a temer os filhos de Egito e, a conselho de Atena, construiu uma nau, tendo sido o primeiro a construir uma, e, após haver embarcado nela com suas filhas, partiu. Ao atracar em Rodes, Dânao erigiu uma estátua de Atena Líndia[18] e dali foi para Argo, onde reinava, então, Gelanor, que lhe entregou o seu reino, e uma vez que havia subjugado o país, denominou seus habitantes dânaos, a partir do próprio nome. Quando, porém, o país ficou desprovido de água, uma vez que Posêidon havia secado até mesmo as fontes na ocasião em que se encolerizou com Ínaco, por este haver testemunhado que a terra pertencia a Hera[19], Dânao enviou suas filhas à procura de água. Uma delas, Amimone, enquanto procurava água, desferiu uma seta num cervo e atingiu um Sátiro que estava dormindo, e ele, ao despertar, desejou possuí-la. Mas no instante em que Posêidon apareceu, o Sátiro fugiu; e então Amimone se uniu a Posêidon e ele lhe revelou as fontes de Lerna[20].

As Danaides

[2.1.5] Os filhos de Egito, no entanto, foram para Argo e exortaram Dânao a pôr fim à inimizade e lhe pediram as filhas em casamento. E Dânao, em parte por desconfiar de suas declarações, em parte por haver guardado ressentimento do seu exílio, concordou com os casamentos e designou-lhes suas filhas por meio de um sorteio.

Não obstante, escolheu Hipermnestra, sua filha primogênita, para Linceu, e Gorgófona, para Proteu, pois esses jovens haviam nascido no Egito e eram filhos de uma rainha, Argífia. Dentre as restantes, para Busíris, Encélado, Lico e Dáifron, foram sorteadas as filhas que Dânao tivera com Europa, a saber, Autômata, Amimone, Agave e Esceia. Essas haviam nascido de Dânao e daquela rainha, enquanto Gorgófona e Hipermnestra haviam nascido de Dânao e de Elefântis. Pelo sorteio, Istro obteve Hipodâmia [21]; Calcodonte obteve Ródia; Agenor obteve Cleópatra; Queto obteve Astéria; Diocoriste obteve Hipodâmia; Alce obteve Glauce; Alcménor

obteve Hipomedusa; Hipótoo obteve Gorge; Euquénor obteve Ifimedusa e Hipólito obteve Rode. Esses dez jovens descendiam de uma mulher árabe, porém as donzelas descendiam das ninfas Hamadríades, umas de Atlântia, outras de Febe. Agaptólemo obteve Pirene; obteve Dorion; Euridamante obteve Fártis; Égio obteve Mnestra; Árgio obteve Evipe; Arquelau obteve Anaxíbia e Mnêmaco obteve Nelo. Esses sete rapazes descendiam de uma mulher fenícia, enquanto as donzelas, de uma etíope. Os filhos de Egito e Tíria obtiveram, sem sorteio, as filhas que Dânao havia tido com Mênfis, em virtude da semelhança de seus nomes; e assim Clito obteve Clite, Estênelo obteve Estênele e Crisipo obteve Crisipa. Os doze filhos de Egito e da ninfa náiade Caliadne obtiveram, através do sorteio, as filhas que Dânao tivera com ninfa náiade Polixo. Os rapazes eram Euríloco, Fantes, Peristenes, Hermo, Drias, Potámon, Cisseu, Lixo, Imbro, Brômio, Políctor, e Ctônio; e as moças eram Autônoe, Teano, Electra, Cleópatra, Eurídice, Glaucipe, Antélia, Cleodora, Evipe, Érato, Estigne e Brice. Os filhos de Egito e Górgona obtiveram, pelo sorteio, as filhas que Dânao havia tido com Piéria; e assim Perifante obteve Acteia; Eneu obteve Podarce; Egito obteve Dioxipa; Menalce obteve Adite; Lampo obteve Ocípete e Ídmon obteve Pilarge... oito eram os mais jovens de todos; Idas obteve Hipódice; Dáifron obteve Adiante (a mãe dessas duas era Herse); Pandíon obteve Calídice; Arbelo obteve Eme; Hipérbio obteve Celeno e Hipocoriste obteve Hipéripe; Esses jovens descendiam de Hefestina e as donzelas, de Crino.

Após haver sorteado os casamentos, Dânao realizou um banquete e entregou punhais para suas filhas; e elas mataram seus noivos enquanto eles dormiam, com exceção de Hipermnestra; com efeito, ela salvou Linceu porque ele havia respeitado sua virgindade[22]; por isso Dânao a prendeu e a manteve sob vigilância. As outras filhas de Dânao, no entanto, enterraram as cabeças de seus noivos em Lerna e prestaram honras fúnebres aos seus corpos diante da cidade[23]; e Atena e Hermes as purificaram, a mando de Zeus. Posteriormente, Dânao permitiu que Hipermnestra vivesse com Linceu e concedeu a mão de todas as outras filhas em casamento aos vencedores de uma competição atlética[24].

Náuplio

Amimone, tendo se unido a Posêidon, gerou Náuplio. Náuplio viveu até idade avançada e, navegando pelo mar, costumava atrair com sinais luminosos os navegantes para a morte[25]. Acabou perecendo pelo mesmo recurso que empregava contra os outros. Antes de morrer, casou-se, segundo os poetas trágicos, com Clímene, filha de Catreu; segundo o autor dos Retornos[26], com Filira; e, de acordo com Cércope, com Hesíone. Dessa união nasceram Palamedes, Éax e Nausimedonte.

CAPÍTULO 2

Preto e as Prétides

Acrísio e Preto. As filhas de Preto curadas de sua loucura por Melampo.

[2.2.1] Linceu sucedeu a Dânao no reinado de Argo e com Hipermnestra teve um filho, Abas. De Abas e Aglaia, filha de Mantineu, nasceram dois filhos gêmeos: Acrísio e Preto. Esses, enquanto ainda estavam no ventre de sua mãe, já brigavam entre si, e depois que cresceram, passaram a guerrear pela posse do reino e, no decurso dessa guerra [27], foram os primeiros a inventar os escudos. Tendo se sagrado vencedor, Acrísio baniu Preto de Argo; Preto foi para Lícia, para a corte de Iobates, ou, conforme alguns afirmam, para a corte de Anfíanax, e esposou a filha desse, a qual, segundo Homero, era Anteia; ou, de acordo com os poetas trágicos, Estenebeia[28]. E então o seu sogro, com o exército dos lícios, o reconduziu ao seu país e ocupou

Tirinto, a qual os Ciclopes cercaram de muralhas [29]. E após terem dividido todo o território argivo entre si, estabeleceram-se nele: Acrísio passou a reinar sobre Argo e Preto, sobre Tirinto[30].

[2.2.2] Com Eurídice, filha de Lacedemônio, Acrísio gerou Dânae, e Preto, com Estenebeia, gerou Lisipa, Ifínoe e Ifianassa. Quando essas donzelas cresceram, passaram a delirar, conforme afirma Hesíodo[31], porque se recusaram a aceitar os rituais dionisíacos; ou, segundo Acusilau, porque haviam menosprezado a estátua de madeira (xóanon) de Hera. Durante o seu transe, elas erravam por todo o território argivo, e mais tarde, após haverem atravessado a Arcádia, passaram a correr desordenadamente pelos ermos. Então Melampo, filho de Amitáon e de Idomene, filha de Abas, que era um adivinho e o primeiro a ter descoberto o tratamento por meio de fármacos e purificações, prometeu curar as donzelas caso recebesse em troca um terço do reino. Quando, porém, Preto recusou o tratamento, ao preço de tão elevada remuneração, as donzelas passaram a delirar ainda mais, e, juntamente com elas, o restante das mulheres; pois elas abandonavam suas casas, matavam os próprios filhos e passavam a vagar pelos ermos. No momento em que a desgraça se aproximava de seu ponto extremo, Preto concedeu a remuneração que lhe havia sido exigida. No entanto, Melampo prometeu curá-las desde que seu irmão Bias recebesse a mesma porção de terra que lhe estava destinada. Preto, receoso de que, se o tratamento demorasse, lhe fosse exigido ainda mais, permitiu que ele as curasse sob essas condições. Então Melampo, tendo tomado consigo os jovens mais fortes, com gritos e uma espécie de dança extática, perseguiram-nas das montanhas até Sícion. Durante a perseguição, Ifínoe, a filha mais velha, morreu; as outras, no entanto, foram submetidas a rituais de purificação e recobraram a sensatez[32]. E Preto as concedeu em casamento a Melampo e Bias, e mais tarde gerou um filho, Megapentes.

CAPÍTULO 3

Belerofonte

Belerofonte e a Quimera

[2.3.1] Belerofonte[33], filho de Glauco, filho de Sísifo, após matar involuntariamente seu irmão Delíades ou, como afirmam uns, Píren, ou, segundo outros, Alcimenes, dirigiu-se à corte de Preto e foi purificado. Estenebeia se apaixonou por ele e lhe enviou uma proposta para um encontro amoroso. Uma vez que ele recusara, ela disse a Preto que Belerofonte havia lhe enviado uma proposta para seduzi-la. Preto acreditou nela e incumbiu Belerofonte de levar uma mensagem para Iobates, na qual estava escrito que ele devia matar Belerofonte[34]. Após haver lido a mensagem, Iobates ordenou a Belerofonte que matasse a Quimera, julgando que ele seria destroçado pela fera, pois ela era difícil de ser capturada não apenas por um, mas por muitos; ela tinha o torso de leão, a cauda de dragão e a terceira cabeça, a do meio, de cabra, pela qual expelia fogo; e assolava o país e consumia os rebanhos, pois era uma criatura dotada da força de três feras. Diz-se que a Quimera havia sido criada por Amisodoro, conforme Homero[35] também já o havia dito, e que ela havia nascido de Tífon e Equidna, como relata Hesíodo[36].

[2.3.2] Então Belerofonte montou sobre o Pégaso, seu cavalo alado, nascido de Medusa e Posêidon, e, tendo sido por ele elevado às alturas, abateu a Quimera [37] a flechadas. Após essa prova, Iobates ordenou-lhe que combatesse os sólimos[38], e assim que ele cumpriu também essa tarefa, ordenou-lhe que lutasse contra as Amazonas e depois que ele também as matou, Iobates escolheu dentre os Lícios aqueles eram considerados os mais notáveis por sua bravura. Mas depois que Belerofonte matou todos eles, Iobates, admirando-lhe a força, mostrou-lhe a mensagem de Preto e pediu que permanecesse em sua companhia; deu-lhe a mão de sua filha Filônoe[39] em casamento e, ao morrer, deixou seu reino para ele.

CAPÍTULO 4

Perseu, os descendentes de Perseu, Anfitrião e o nascimento de Héracles

Dânae e seu filho Perseu

[2.4.1] Quando Acrísio consultou o oráculo a respeito de como gerar filhos do sexo masculino, o deus disse que nasceria um filho de sua filha que o mataria. Temendo isso, Acrísio construiu uma câmara de bronze subterrânea e aí encerrou Dânae. Ela, porém, como dizem uns, havia sido seduzida por Preto e daí teve início a rivalidade entre ambos [40]. Outros, no entanto, afirmam que Zeus metamorfoseou-se em ouro e, insinuando-se através do teto para os seios de Dânae, a ela se uniu em amor. Quando mais tarde Preto percebeu que Dânae havia gerado Perseu, recusou-se a acreditar que ela fora seduzida por Zeus e, tendo colocado sua filha e o filho dela numa arca, lançou-a ao mar. Quando a arca aportou em Sérifo, Díctis recolheu e criou a criança.

Perseu diante das Graias e das Ninfas. Medusa

[2.4.2] No entanto, Polidectes, que era então o rei de Sérifo e irmão de Díctis, se apaixonou por Dânae, e uma vez que não podia se unir a ela porque Perseu havia se tornado homem feito, chamou os amigos dele e inclusive o próprio Perseu, a pretexto de angariar presentes para as núpcias de Hipodâmia, filha de Enomau[41]. Quando Perseu lhe disse que não tinha objeção em lhe dar até mesmo a cabeça da Górgona, Polidectes pediu cavalos aos outros, porém não aceitou os cavalos de Perseu e pediu-lhe que trouxesse a cabeça da Górgona. Ele, guiado por Hermes e Atena, partiu em direção às filhas de Forco: Ênio, Pefredo e Dino; essas eram filhas de Ceto e Forco, irmãs das Górgonas e velhas desde o nascimento[42]. As três possuíam apenas um olho e um dente e os trocavam entre si alternadamente. Perseu apoderou-se deles e quando elas lhos pediram de volta, ele disse que lhos devolveria se elas lhe indicassem o caminho para as Ninfas. Essas Ninfas tinham sandálias aladas e a kíbisis, que elas diziam ser uma sacola [Píndaro e Hesíodo, no Escudo, afirmavam sobre Perseu[43]:

"Ocupava todo o seu dorso a tétrica fronte da monstruosa Medusa E a tiracolo cingia-lhe a kíbisis".

Assim denominada pelo fato de roupas e alimentos serem depositados dentro dela] [44]. E tinham também o elmo de Hades. Logo que as filhas de Forco lhe indicaram o caminho, Perseu lhes restituiu o dente e o olho, e, ao chegar às Ninfas, obteve o que procurava: colocou a kíbisis a tiracolo, ajustou as sandálias aos seus calcanhares e colocou o elmo sobre a cabeça. Ao envergá-lo, ele via quem desejava, porém não era visto pelos outros [45]. E tendo também recebido de Hermes uma foice adamantina, chegou a voar sobre o oceano e surpreendeu as Górgonas a dormir. Essas eram Esteno, Euríale e Medusa. Mas somente Medusa era imortal. Por isso Perseu havia sido enviado: para trazer a cabeça dela. As Górgonas tinham cabeças cingidas por escamas de dragões, dentes grandes como os de javalis, mãos de bronze e asas de ouro, com as quais voavam; e transformavam em pedras aqueles que as olhavam. Então Perseu, pairando sobre as Górgonas adormecidas, enquanto Atena dirigia sua mão e ele desviava seu olhar para o escudo de bronze, por meio do qual ele via a imagem da Górgona, decapitou-a[46]. Assim que a cabeça dela foi cortada, Pégaso, um cavalo alado, saltou para fora da Górgona, e também Crisaor, o pai de Gérion, os quais ela havia gerado com Posêidon [47]. Perseu colocou então a cabeça de Medusa dentro da kíbisis e tomou o caminho de volta. Porém as Górgonas se sobressaltaram de seus leitos e começaram a persegui-lo, sem poder, no entanto, enxergá-lo, por causa do elmo; já que, por meio dele, Perseu não podia ser visto.

Libertação de Andrômeda. Castigo de Polidectes

[2.4.3] Ao chegar à Etiópia, onde reinava Cefeu, encontrou a filha deste, Andrômeda, exposta como repasto para um monstro marinho. Pois Cassiepeia, a mulher de Cefeu, rivalizou em beleza com as Nereidas e vangloriou-se de ser mais bela que todas. Por esse motivo, as Nereidas se agastaram, e Posêidon, compartilhando da cólera delas, enviou ao país uma inundação e um monstro marinho[48]. Quando Amon anunciou o oráculo de que se livrariam da calamidade se a filha de Cassiepeia, Andrômeda, fosse exposta como repasto para o monstro, Cefeu, tendo sido constrangido pelos etíopes, cumpriu o que fora anunciado e agrilhoou sua filha a uma rocha. Assim que Perseu a contemplou, apaixonou-se por ela e prometeu a Cefeu que mataria o monstro se, depois que a salvasse, ele lha desse como esposa. Após os juramentos terem sido prestados nestes termos, Perseu enfrentou o monstro, matou-o e libertou Andrômeda. No entanto, Fineu, que era irmão de Cefeu e ao qual Andrômeda havia sido primeiramente prometida em casamento, armou um plano contra ele. Ao descobrir a trama, Perseu mostrou a cabeça da Górgona a Fineu e aos seus comparsas e no mesmo instante os transformou em pedra[49]. Ao chegar a Sérifo, deparou-se com sua mãe e Díctis buscando refúgio nos altares, devido à violência de Polidectes; então Perseu entrou no palácio, onde Polidectes havia chamado seus amigos, e, desviando o olhar, mostrou-lhes a cabeça da Górgona. Todos os que a olharam ficaram petrificados, cada qual na posição em que se encontrava. Após ter estabelecido Díctis como o rei de Sérifo, Perseu devolveu as sandálias, a kíbisis e o elmo a Hermes, porém deu a cabeça da Górgona a Atena. Então Hermes restituiu os objetos mencionados às Ninfas e Atena engastou a cabeça da Górgona no meio do seu escudo. Alguns dizem, porém, que Medusa foi decapitada por Atena; pois afirmam que a Górgona pretendeu rivalizar-se com deusa em beleza.

Morte de Acrísio. Descendência de Perseu

[2.4.4] Perseu, juntamente com Dânae e Andrômeda, apressou-se a ir para Argo, a fim de ver Acrísio. Mas este, quando soube disso, e por temer o oráculo[50], abandonou Argo e partiu para a terra dos pelasgos. Quando Teutâmida, rei de Larissa, instituiu jogos atléticos em honra de seu falecido pai, Perseu também se apresentou com a intenção de competir. E enquanto disputava a prova do pentatlo, lançou o disco no pé de Acrísio e o matou no mesmo instante[51]. Percebendo que o oráculo havia se cumprido, enterrou Acrísio fora da cidade e, envergonhando-se de retornar a Argo para reivindicar a herança daquele que havia morrido por sua causa, foi para Tirinto e efetuou uma troca com Megapentes, filho de Preto, cedendo-lhe Argo. Portanto Megapentes passou a reinar sobre Argo, e Perseu, sobre Tirinto, após haver cercado de muralhas Mideia e Micenas[52].

[2.4.5] E ele teve filhos com Andrômeda: antes de ir para a Hélade gerou Perses, o qual ele deixou com Cefeu (e do qual se diz que descendem os reis da Pérsia), e em Micenas gerou Alceu, Estênelo, Heleio, Méstor e Electrião, e uma filha, Gorgófona, a qual Perieres [53]esposou.

De Alceu e Astidâmia, filha de Pélope, ou, como dizem alguns, de Laomene, filha de Guneu, ou ainda, segundo outros, de Hipômene, filha de Meneceu, nasceram Anfitrião e uma filha, Anaxo; e de Méstor e Lisídice, filha de Pélope, nasceu Hipótoe. Essa Hipótoe foi arrebatada por Posêidon e levada para as ilhas Equínades, onde o deus se uniu a ela e gerou Táfio, que fundou Tafos e denominou seu povo teléboas, por ele ter ido para longe de sua pátria[54]. De Táfio nasceu um filho, Pterelau; o qual Posêidon tornou imortal, ao colocar em sua cabeça um fio de ouro[55]. E Pterelau teve os seguintes filhos: Crômio, Tirano, Antíoco, Quersidamante, Méstor e Everes.

Electrião, tendo esposado a filha de Alceu, Anaxo, gerou uma filha, Alcmena[56], e os filhos Estratóbates, Gorgófono, Filônomo, Celeneu, Anfímaco, Lisínomo, Quirímaco, Anáctor e

Arquelau; e depois desses, também um filho bastardo, Licímnio, com uma mulher da Frígia, Mideia.

De Estênelo e Nisipe, filha de Pélope, nasceram Alcíone e Medusa e, mais tarde, Euristeu, que se tornou o rei de Micenas. Pois quando Héracles estava prestes a nascer, Zeus afirmou entre os deuses que nasceria um descendente de Perseu que se tornaria rei de Micenas, e Hera, por ciúme, persuadiu Ilitia a reter o parto de Alcmena e fez os preparativos para que nascesse Euristeu, filho de Estênelo, que tinha sete meses[57].

Luta de Electrião contra os teléboas. Morte de Electrião

[2.4.6] No tempo em que Electrião reinava sobre Micenas, os filhos de Pterelau vieram com Táfio e exigiram o reino de Méstor, o pai de sua mãe[58]; e como Electrião não lhes deu atenção, eles roubaram suas vacas; e quando os filhos de Electrião acorreram em sua defesa, houve provocação de ambos os lados e eles mataram uns aos outros. Dos filhos de Electrião, salvou-se apenas Licímnio, que ainda era jovem; e dos filhos de Pterelau, Everes, que vigiava as naus. Os táfios que conseguiram escapar, ao zarparem, levaram consigo as vacas que haviam roubado e confiaram-nas a Polixeno, o rei dos eleios. No entanto, Anfitrião pagou o resgate a Polixeno e conduziu-as para Micenas. Electrião, querendo vingar a morte de seus filhos, planejou uma expedição militar contra os teléboas; antes, porém, entregou seu reino a Anfitrião e à sua filha Alcmena, após tê-lo feito jurar que guardaria a virgindade dela até o seu regresso. Todavia, enquanto recebia suas vacas de volta, uma delas se desgarrou do rebanho e Anfitrião lançou-lhe uma clava que tinha nas mãos. Mas a clava rebateu nos chifres da vaca e, tendo atingido a cabeça de Electrião, o matou[59]. Em consequência disso, Estênelo se serviu desse pretexto para banir Anfitrião de toda a Argo e ele próprio assumiu o poder em Micenas e Tirinto. E após haver mandado chamar os filhos de Pélope, Atreu e Tiestes, entregou Mideia a eles.

Anfitrião e Alcmena em Tebas. A raposa da Cadmeia. Luta contra os táfios: Pterelau

Anfitrião partiu com Alcmena e Licímnio para Tebas, onde foi purificado por Creonte[60], e deu sua irmã, Perimede, a Licímnio. Quando Alcmena disse que o desposaria se ele vingasse a morte de seus irmãos[61], Anfitrião, tendo lhe prometido que assim o faria, empreendeu uma expedição militar contra os teléboas e pediu a Creonte que o ajudasse. Creonte disse que participaria da expedição militar se Anfitrião primeiramente livrasse a Cadmeia de uma raposa; pois um animal feroz, a raposa, estava devastando a Cadmeia[62]. No entanto, estava fixado pelo destino que quem a enfrentasse, jamais poderia pegá-la.

[2.4.7] Enquanto o país era arruinado, os tebanos lhe expunham todo mês um filho de um dos cidadãos, pois ela arrebataria a muitos, caso isso não ocorresse. Então Anfitrião partiu para Atenas e se dirigiu a Céfalo, filho de Deioneu e o persuadiu, prometendo-lhe dar uma parte dos despojos dos teléboas, a levar para a caçada o cão que Prócris havia trazido de Creta, o qual ela recebera de Minos[63]. Estava também determinado pelo destino que esse cão pegaria qualquer coisa que perseguisse. Então, quando a raposa foi perseguida pelo cão, Zeus transformou ambos em pedra. Anfitrião, tendo como aliados Céfalo, de Tórico, na Ática; Panopeu, da Fócida; Heleio, filho de Perses, de Helos, na Argólida, e Creonte, de Tebas, arrasou as ilhas dos táfios. Enquanto, porém, Pterelau vivesse, ele não poderia se apoderar de Tafos. Mas quando a filha de Pterelau, Cometo, apaixonou-se por Anfitrião, arrancou o fio de ouro da cabeça de seu pai[64]; Pterelau morreu e Anfitrião subjugou todas as ilhas. Em seguida, matou Cometo, navegou com os despojos para Tebas e deu as ilhas a Heleio e Céfalo; e eles, tendo fundado cidades e denominadoas a partir de seus próprios nomes, estabeleceram-se nelas.

O nascimento de Héracles

[2.4.8] Antes, porém, que Anfitrião retornasse a Tebas, Zeus chegou à noite e fez com que essa noite durasse por três, e, tendo assumido as feições de Anfitrião, compartilhou o leito com Alcmena e narrou-lhe o que havia acontecido a respeito dos teléboas[65]. Mas quando Anfitrião chegou e viu que sua mulher não o recepcionara afetuosamente, procurou saber a causa; e quando ela disse que ele havia chegado à noite anterior e dormido com ela, ele soube, através de Tirésias, que Zeus havia se unido à sua mulher. E Alcmena gerou dois filhos: Héracles, que tivera com Zeus, e que era uma noite mais velho; e Íficles, que tivera com Anfitrião. Quando Héracles era um bebê de oito meses de idade, Hera enviou ao seu leito duas serpentes colossais com a intenção de matá-lo. Enquanto Alcmena gritava por socorro a Anfitrião, Héracles se levantou e, estrangulando uma serpente em cada uma das mãos, as matou. Ferécides, no entanto, afirma que Anfitrião, desejando saber qual das duas crianças havia gerado, colocou as serpentes no leito[66], e quando Íficles fugiu e Héracles as enfrentou, compreendeu que Íficles era o seu filho.

A educação de Héracles: Lino

[2.4.9] Héracles aprendeu a dirigir o carro com Anfitrião; a lutar, com Autólico[67]; a manejar o arco, com Êurito; a combater com armas, com Cástor, e a tocar a lira, com Lino. Esse Lino era irmão de Orfeu. Quando ele chegou a Tebas, tornou-se um cidadão tebano, e tendo sido golpeado por Héracles com a lira, morreu. Pois certa vez em que Lino o castigava, Héracles se enfureceu e o matou[68]. Quando alguns o processaram por assassinato, Héracles citou uma lei de Radamante que dizia que todo aquele que se defende de alguém que toma a iniciativa de uma agressão injusta é inocente, e assim foi absolvido. Anfitrião, temendo que seu filho voltasse a cometer um ato semelhante, enviou-o para cuidar do rebanho de bois. Lá, tendo sido nutrido, sobrepujou a todos em estatura e força, e a sua aparência também demonstrava que era filho de Zeus, pois seu corpo media quatro cúbitos, de seus olhos irradiava um resplendor de fogo e ele jamais errava o alvo quando desferia uma flecha ou arremessava o dardo.

O leão do Citéron. As filhas de Téspio

Enquanto estava com os rebanhos, aos dezoito anos de idade, ele matou o leão de Citéron, pois essa fera se precipitava do Citéron e dizimava as vacas de Anfitrião e as de Téspio[69].

[2.4.10] Esse Téspio era rei dos téspios, ao qual Héracles se dirigiu com a intenção de capturar o leão. O rei o hospedou por cinquenta dias e, quando Héracles partia para a caçada, ele colocava, a cada noite, uma de suas filhas para dormir com ele (tinha cinquenta filhas, as quais ele havia gerado com Megamede, filha de Árneo); pois ansiava que todas elas gerassem filhos de Héracles. Héracles, julgando que compartilhava o leito sempre com a mesma mulher, se uniu a todas elas[70]. E tendo subjugado o leão, se recobriu com a pele dele e usou a abertura da boca à maneira de um elmo.

Héracles e os mínios. Mégara

[2.4.11] Quando Héracles retornou da caçada, os arautos que haviam sido enviados por Ergino para receber o tributo dos tebanos se encontraram com ele. Os tebanos pagavam tributo a Ergino pelo seguinte motivo: o auriga de Meneceu, cujo nome era Perieres, tendo lançado uma pedra em Clímeno, rei dos mínios, no santuário de Posêidon, em Onquesto, o feriu; e esse, ao ser levado semimorto para Orcômeno pediu a Ergino, pouco antes de falecer, que vingasse a sua morte. Então Ergino empreendeu uma expedição militar contra Tebas e, após matar não poucos tebanos, concluiu um tratado, firmado com juramentos, para que os tebanos lhe enviassem um tributo durante vinte anos, de cem bois a cada ano. Em vista desse tributo, portanto, os arautos

haviam partido para Tebas, quando Héracles os encontrou e os mutilou; pois tendo cortado suas orelhas e narizes e atado com cordas suas mãos aos pescoços, disse-lhes para levar esse tributo a Ergino e aos mínios. Indignado com esses atos, Ergino empreendeu uma expedição militar contra Tebas. Héracles, porém, tendo recebido armas de Atena e assumido o comando da expedição, matou Ergino, pôs os mínios em fuga e os obrigou a pagar o dobro do tributo aos tebanos[71]. Aconteceu, porém, que, durante a batalha, Anfitrião pereceu combatendo valorosamente. Héracles recebeu de Creonte a sua filha mais velha, Mégara, como prêmio por sua bravura, e com ela teve três filhos: Terímaco, Creontíades e Deicoonte[72]. Quanto à sua filha mais nova, Creonte a deu a Íficles, que já tinha um filho de Automedusa, a filha de Alcátoo: Iolau. Após a morte de Anfitrião, Radamante, filho de Zeus, esposou Alcmena e habitou como exilado em Ocaleia, na Beócia[73].

As armas de Héracles

Além de ter aprendido a manejar o arco também com Radamante, Héracles recebeu uma espada de Hermes; um arco e flechas, de Apolo; uma couraça de ouro de Hefesto e uma túnica de Atena[74]; pois ele próprio havia talhado uma clava para si, a partir de uma árvore da Nemeia.

A loucura de Héracles

[2.4.12] Ocorreu, porém, que, logo após a batalha contra os mínios, Hera, por despeito, fez com que Héracles se enlouquecesse e lançasse ao fogo os próprios filhos que tivera com Mégara e os dois filhos de Íficles[75]; por causa disso, ele se condenou ao exílio, foi purificado por Téspio, e, tendo ido a Delfos, perguntou ao deus onde deveria habitar. Então a Pítia, pela primeira vez, o denominou Héracles, pois anteriormente ele era chamado de Alcides[76]; e disse-lhe que habitasse em Tirinto, servindo a Euristeu por doze anos, e executasse os dez trabalhos que lhe seriam impostos, e assim, disse-lhe, quando as tarefas fossem cumpridas, ele se tornaria imortal[77].

CAPÍTULO 5

Os doze trabalhos de Héracles

Os trabalhos de Héracles: o leão de Nemeia

[2.5.1] Ao ouvir isso, Héracles foi para Tirinto e executou o que lhe foi ordenado por Euristeu. Primeiramente, ordenou-lhe que trouxesse a pele do leão de Nemeia. Esse era um animal invulnerável, que havia nascido de Tífon[78]. Tendo partido à procura do leão, Héracles se dirigiu a Cléonas, onde foi hospedado por Molorco, um humilde trabalhador. Quando esse quis lhe oferecer uma vítima em sacrifício, Héracles disse-lhe que aguardasse trinta dias e, se ele retornasse a salvo da caçada, sacrificasse a Zeus Sóter[79]; caso, porém, perecesse, que lhe oferecesse então um sacrifício como a um herói morto[80]. Tendo chegado a Nemeia e saído à procura do leão, Héracles o atingiu com uma flecha; no entanto, ao perceber que ele era invulnerável, brandiu sua clava e se pôs a persegui-lo. Quando o leão se refugiou numa caverna de duas aberturas, ele obstruiu a entrada de uma e avançou pela outra contra a fera; e tendo colocado seu braço em torno do pescoço do animal, continuou a apertá-lo fortemente até asfixiá-lo. Em seguida, após colocá-lo sobre os ombros, levou-o para Cléonas; e tendo encontrado Molorco no último dia, quando ele estava prestes a lhe oferecer um sacrifício como a um herói morto, Héracles ofereceu um sacrifício a Zeus Sóter e levou o leão para Micenas. Mas Euristeu, estarrecido com a coragem de Héracles, proibiu-o, a partir de então, de entrar na cidade e ordenou que passasse a mostrar seus trabalhos diante das portas. Dizem também que, por temor, Euristeu mandou fazer um jarro de

bronze sob a terra para se esconder[81] e passou a enviar suas ordens para os trabalhos por meio de um arauto, Copreu, filho do eleio Pélope. Pois esse Copreu havia matado Ífito e fugido para Micenas, e após ter sido purificado por Euristeu, passou a residir aí.

A Hidra de Lerna

[2.5.2] Como segundo trabalho, lhe ordenou que matasse a Hidra de Lerna[82]. Essa, tendo sido criada num pântano de Lerna, costumava sair para a planície e devastar os rebanhos e a terra. A Hidra tinha um corpo descomunal, com nove cabeças, oito mortais, e a do meio, imortal[83]. Então Héracles subiu ao carro, tendo Iolau como seu auriga, e foi para Lerna; deteve os cavalos quando se deparou com a Hidra numa colina, junto às fontes de Amimone, onde se encontrava o seu covil; e tendo-a atingido com dardos incandescentes, forçou-a a se retirar para fora; e quando ela saiu, ele a agarrou e a segurou fortemente. Mas a Hidra se enrodilhou em torno de um de seus pés, prendendose a ele. Cortando suas cabeças com a clava, Héracles nada podia conseguir, pois assim que cortava uma cabeça, nasciam duas. E um enorme caranguejo vinha socorrer a Hidra, mordendo-lhe o pé[84]. Por isso, Héracles, após matá-lo, chamou Iolau como seu ajudante, o qual, tendo ateado fogo em uma parte de uma floresta vizinha, cauterizava com tochas os embriões das cabeças, impedindo-as de brotarem. Desse modo, tendo triunfado sobre as cabeças que nasciam, ele cortou a cabeça imortal, enterrou-a e colocou uma pesada pedra sobre ela, perto do caminho que passa por Lerna e conduz a Eleunte. Após despedaçar o corpo da Hidra, Héracles imergiu seus dardos na bílis da fera[85]. Euristeu disse-lhe que não devia computar esse trabalho entre os dez, pois ele não havia vencido a Hidra sozinho, mas com a ajuda de Iolau.

A corça de Cerineia

[2.5.3] Como terceiro trabalho, Euristeu lhe ordenou que trouxesse a corça de Cerineia[86] viva a Micenas. O animal estava em Énoe; tinha chifres de ouro e era consagrado a Ártemis. Por esse motivo, Héracles, visto que não queria matá-la, nem feri-la, perseguiu-a durante um ano inteiro. Quando a corça, fatigada pela perseguição, refugiou-se num monte, o denominado Artemísio, e daí estava a ponto de atravessar o rio Ládon, Héracles alvejou-a com uma flecha, agarrou-a, colocou-a sobre os ombros e partiu a toda pressa pela Arcádia. Mas Ártemis, juntamente com Apolo, o encontrou e quis lhe tomar a corça, recriminando-o por tentar matar seu animal sagrado[87]. Contudo, quando ele alegou que o fizera por necessidade, e disse que o culpado era Euristeu, aplacou a cólera da deusa e levou o animal vivo para Micenas.

O javali do Erimanto. Luta contra os Centauros e morte de Quíron

[2.5.4] Como quarto trabalho, Euristeu lhe ordenou que trouxesse o javali do Erimanto vivo. Essa fera devastava a Psófida, precipitando-se do monte denominado Erimanto[88]. Quando passava por Fóloe, Héracles foi hospedado pelo Centauro Folo, filho de Sileno e da Ninfa Mélia[89]. Folo lhe ofereceu carne assada, porém ele próprio a comeu crua. Quando Héracles lhe pediu vinho, ele disse que receava abrir o tonel que os Centauros tinham em comum. Mas visto que Héracles o exortava a tomar coragem, ele o abriu; pouco tempo depois, ao sentirem o aroma, os Centauros chegaram à caverna de Folo, armados de pedras e abetos. Os primeiros que ousaram entrar, Ânquio e Ágrio, Héracles os pôs em fuga, atirando-lhes tochas; quanto aos demais, ele os perseguiu a flechadas até Maleia. Daí eles se refugiaram com Quíron, o qual, após ter sido expulso do monte Pélion pelos lápitas, havia se estabelecido em Maleia. Quando os Centauros se precipitaram em torno de Quíron, Héracles atirou-lhes uma seta, que, tendo trespassado o braço de Élato, cravou-se no joelho de Quíron. Angustiado, Héracles correu até ele, arrancou a seta e aplicou sobre a ferida um remédio que o próprio Quíron havia lhe dado. Como o ferimento era

incurável, Quíron retornou à caverna e aí desejou morrer. No entanto, uma vez que era imortal, Prometeu se ofereceu a Zeus para se tornar imortal no lugar dele e desse modo Quíron morreu. O restante dos Centauros fugiu por diferentes direções; alguns foram para o monte Maleia; Eurítion foi para Fóloe, e Nesso, para o rio Eveno. Os outros Posêidon os acolheu em Elêusis e os ocultou numa montanha. Mas Folo, tendo extraído a seta do cadáver, admirou-se de que algo tão pequeno pudesse matar seres tão grandes; e então a seta escorregou de sua mão, caiu sobre seu pé e o matou no mesmo instante. Quando Héracles retornou a Fóloe, deparou-se com Folo morto, e, após tê-lo enterrado, partiu à caça do javali; por meio de gritos, obrigou-o a sair de uma mata fechada, impeliu o animal exausto para a neve espessa, e, depois de laçá-lo, levou-o para Micenas.

O estábulo de Augias

[2.5.5] Como quinto trabalho, Euristeu lhe ordenou que removesse o esterco dos bois de Augias[90] em um único dia. Augias era rei de Élis, e conforme disseram uns, era filho de Hélio; segundo outros, de Posêidon, de acordo com outros ainda, de Forbas; e possuía muitos rebanhos de gado. Héracles foi até ele e, sem lhe revelar a ordem de Euristeu, disse-lhe que removeria os excrementos em um único dia, se ele lhe desse a décima parte de seu rebanho. Augias não acreditou, porém lho prometeu. Após tomar o filho de Augias, Fileu, como sua testemunha, Héracles abriu uma fenda nas fundações do estábulo e, tendo desviado por meio de um canal o Alfeu e o Peneu, que fluíam próximos um do outro, conduziu-os para lá e efetuou o escoamento das águas através de outra saída. Mas quando Augias soube que ele havia executado essa tarefa a mando de Euristeu, não lhe concedeu a recompensa e, além disso, negou que havia lhe prometido dar-lhe uma recompensa e disse-lhe que também estava pronto a ser submetido a julgamento a respeito dessa questão. Quando os juizes tomaram seus assentos, Fileu foi chamado por Héracles e testemunhou contra seu pai, dizendo que ele havia concordado em conceder uma recompensa a Héracles. Augias ficou furioso e, antes que a sentença fosse pronunciada, ordenou a Héracles e a Fileu que fossem embora de Élis. Então Fileu foi para Dulíquio e passou a residir aí[91], e Héracles foi para Óleno, para a corte de Dexâmeno, e o encontrou prestes a dar em casamento, contra sua vontade, a sua filha Mnesímaque ao centauro Eurítion. Tendo sido chamado a lhe socorrer, Héracles matou Eurítion quando esse foi buscar a noiva[92]. Euristeu, no entanto, não admitiu esse trabalho entre os dez, alegando que ele havia sido executado em troca de uma recompensa.

Os pássaros do Estínfalo

[2.5.6] Como sexto trabalho, Euristeu lhe ordenou que expulsasse os pássaros do Estínfalo[93]. Na cidade de Estínfalo, na Arcádia, havia um lago denominado Estínfalo, recoberto por uma densa floresta. Nela incontáveis pássaros haviam se refugiado por temerem a rapacidade dos lobos. Então, uma vez que Héracles não sabia como repelir os pássaros da floresta, Atena lhe deu as castanholas de bronze que havia recebido de Hefesto. Ao entrechocá-las sobre uma montanha que se situava perto do lago, ele assustou os pássaros, e eles, não suportando o clangor, alçaram vôo amedrontados e, desse modo, Héracles os abateu a flechadas.

O touro de Creta

[2.5.7] Como sétimo trabalho, ordenou-lhe trazer o touro de Creta[94]; Acusilau afirma que este touro havia transportado Europa através do estreito até Zeus; outros, porém, que Posêidon o fizera irromper do mar quando Minos disse que sacrificaria a Posêidon o que quer que surgisse do mar; e eles dizem que após ter contemplado a beleza do touro, Minos o enviou aos seus rebanhos e sacrificou outro a Posêidon. Em vista disso, o deus se irritou e enfureceu o touro. Em busca desse touro, Héracles foi para Creta, e uma vez que manifestou sua intenção de capturá-lo, Minos disse-

lhe para pegá-lo por meio de luta; após capturá-lo, Héracles levou-o a Euristeu, mostrou-o e em seguida soltou-o. Mas o touro vagueou por Esparta e por toda a Arcádia, e tendo atravessado o Istmo, chegou a Maratona, na Ática, e causou graves prejuízos aos habitantes[95].

As éguas de Diomedes

[2.5.8] Como oitavo trabalho, ordenou-lhe que trouxesse a Micenas as éguas de Diomedes, o trácio. Esse Diomedes era filho de Ares e de Cirene, rei dos bistones, um povo da Trácia extremamente belicoso, e possuía éguas antropofágicas. Tendo então navegado com os que o acompanharam voluntariamente e submetido pela força as éguas que se encontravam junto às manjedouras, Héracles as conduziu pelo mar. Quando os bistones, armados, vieram em socorro dos seus, ele confiou as éguas à guarda de Abdero. Esse era filho de Hermes, lócrio de Opunte e amante de Héracles, e as éguas o mataram e o arrastaram. E tendo lutado contra os bistones e matado Diomedes, Héracles obrigou o restante a fugir[96]; e após fundar a cidade de Abdera junto ao túmulo do falecido Abdero, levou as éguas e entregou-as a Euristeu. Mas Euristeu as soltou e elas se dirigiram para o monte denominado Olimpo, onde foram aniquiladas pelas feras.

O cinturão de Hipólita. Os filhos de Androgeu. Resgate de Hesíone. Sarpédon. Filhos de Proteu

[2.5.9] Como nono trabalho, Euristeu ordenou a Héracles que trouxesse o cinturão de Hipólita[97]. Essa era a rainha das Amazonas, que habitavam nas proximidades do rio Termodonte; um povo possante na guerra, pois cultivavam as qualidades viris; e se alguma vez, unindo-se a homens, procriassem, criavam apenas as meninas, e suprimiam o seio esquerdo para que não fossem impedidas de lançar flechas, porém deixavam o seio direito, a fim de amamentarem. Hipólita possuía o cinturão de Ares, símbolo de que era a primeira entre todas. Héracles havia sido enviado em busca do cinturão porque Admete, filha de Euristeu, desejava possuí-lo. Levando consigo aliados voluntários em uma nau, zarpou e atracou na ilha de Paros, onde habitavam os filhos de Minos, a saber, Eurimedonte, Crises, Nefálion e Filolau. Quando dois dos que estavam na sua nau desembarcaram, sucedeu que foram mortos pelos filhos de Minos. Indignado com esse ato, Héracles matou os filhos de Minos no mesmo instante e, obrigando os restantes a se encerrarem dentro das muralhas, passou a sitiá-los, até que eles lhe enviaram uma embaixada e lhe pediram que, no lugar dos dois que haviam sido mortos, ele escolhesse dois outros que desejasse. Então Héracles dissolveu o cerco e, tendo levado consigo os filhos de Androgeu, filho de Minos, a saber, Alceu e Estênelo, partiu para Mísia, para a corte de Lico, filho de Dásquilo, que o recebeu como seu hóspede. Quando eclodiu uma batalha entre Lico e o rei dos bébrices, Héracles acorreu em socorro de Lico e matou muitos, entre os quais o rei Mígdon, irmão de Âmico. E tendo conquistado muitas terras dos bébrices, deu-as a Lico, que denominou toda aquela região Heracleia.

Ao atracar no porto de Temiscira, Hipólita foi à sua presença, e tendo lhe perguntado qual era o motivo de sua vinda, prometeu que lhe daria o cinturão. Contudo, Hera, após ter assumido as feições de uma das Amazonas, percorria a multidão dizendo que os estrangeiros recém-chegados estavam raptando a rainha. Então as Amazonas, armadas, montadas em seus cavalos, investiram contra a nau. Porém, quando Héracles viu que estavam armadas, julgando que havia caído numa cilada, matou Hipólita e tomou-lhe o cinturão [98]. E após ter lutado contra as restantes, zarpou e aportou em Troia.

Ocorria, porém, que a cidade se encontrava em estado de calamidade devido à cólera de Apolo e Posêidon. Pois Apolo e Posêidon, desejando pôr à prova a insolência de

Laomedonte, assumiram feições humanas e lhe prometeram construir uma muralha em torno de Pérgamo em troca de uma recompensa. Mas depois que construíram a muralha, Laomedonte não lhes deu a recompensa[99]. Por isso, Apolo enviou uma peste, e Posêidon, um monstro do mar, o qual, trazido à tona pela inundação, arrebatava as pessoas na planície. Uma vez que os oráculos predisseram que eles se livrariam dos infortúnios caso Laomedonte expusesse sua filha Hesíone como repasto para o monstro, ele a expôs, amarrando-a nas pedras próximas ao mar[100]. Ao vê-la exposta, Héracles prometeu salvá-la com a condição de que recebesse de Laomedonte as éguas que Zeus havia lhe dado em compensação pelo rapto de Ganimedes[101]. Quando Laomedonte disse que lhas daria, Héracles matou o monstro e salvou Hesíone, mas como depois Laomedonte se recusara a entregarlhe a recompensa, Héracles ameaçou guerrear contra Troia e ganhou o alto-mar[102]. E atracou em Eno, onde foi hospedado por Póltis. Porém, ao zarpar da praia de Ênia, disparou uma flecha de seu arco e matou Sarpédon, filho de Posêidon e irmão de Póltis, que era arrogante; e tendo ido para Tasos e subjugado os trácios que habitavam a ilha, deu-a aos filhos de Androgeu para que aí residissem. De Tasos, Héracles se apressou a ir a Torone e tendo sido desafiado a lutar contra Polígono e Telégono, filhos de Proteu, filho de Posêidon, ele os matou durante a luta.

[2.5.10] Como décimo trabalho, Euristeu ordenou que lhe trouxesse as vacas de Gérion[103], da Erítia. A Erítia era uma ilha situada perto do Oceano, a qual é atualmente denominada Gadira. Nela habitava Gérion, filho de Crísaor e Calírroe, filha de Oceano, que tinha três corpos de homens que se uniam em um na cintura e fendiam-se em três pelos flancos e pelas coxas. Possuía vacas vermelhas das quais Eurítion era o pastor e cujo guardião era Ortro, o cão de duas cabeças, nascido de Equidna e Tífon[104].

Após viajar através da Europa em busca das vacas de Gérion e exterminar numerosos animais selvagens, Héracles chegou à Líbia[105], e ao passar por Tartesso, erigiu, como sinal de sua passagem, duas colunas, uma diante da outra, nos confins da Europa e da Líbia. Mas visto que o Sol lhe queimava enquanto viajava, entesou seu arco contra o deus, e este, admirando a sua coragem, deu-lhe uma taça de ouro na qual ele atravessou o Oceano[106]. Ao chegar a Erítia, alojou-se no Monte Abas. Porém, assim que o cão o percebeu, lançou-se contra ele; então Héracles o golpeou com a clava, e quando o pastor Eurítion veio socorrer o cão, Héracles também o matou. Mas Menetes, que estava por ali apascentando o rebanho de Hades, contou a Gérion o que havia ocorrido, e este, ao surpreender Héracles roubando seu gado perto do rio Antemunte, travou-lhe combate, foi atingido por uma flecha e morreu. Héracles colocou as vacas na taça, navegou para Tartesso e devolveu a taça ao Sol. Após passar pela Abdéria [107], chegou a Ligúria, onde Ialébion e Dércino, filhos de Posêidon, tentaram lhe roubar as vacas, porém ele os matou[108] e prosseguiu seu caminho através da Tirrênia[109]. Em Régio, um touro se desgarrou do rebanho, caiu rapidamente no mar e, tendo nadado até a Sicília e atravessado o país vizinho, chamado de Itália por sua causa, pois os tirrênios denominam o touro italus, chegou à planície de Érix, que reinava sobre os élimos. Érix era filho de Posêidon e imiscuiu o touro à sua própria manada. Após confiar suas vacas a Hefesto, Héracles partiu apressadamente à procura do touro. Encontrou-o então entre as vacas de Érix; e quando este se recusou a devolvê-lo, a menos que ele o vencesse na luta, Héracles, após derrotá-lo três vezes, matou-o durante a luta, e após pegar o touro e o restante da manada, tangeu-os para o Mar Jônio[110]. Mas quando chegou às partes mais rasas do mar, Hera enviou um moscardo contra os bois e eles se dispersaram pelas encostas das montanhas da Trácia. Héracles saiu então ao seu encalço e os que conseguiu recapturar, conduziu-os pelo Helesponto; os que restaram, porém, a partir de então se tornaram selvagens. Reunindo os bois com dificuldade, Héracles

repreendeu o rio Estrímon, por não ser, como outrora, navegável, e, enchendo-o de pedras, tornou-o impraticável; e tendo conduzido os bois, entregou-os a Euristeu, que os sacrificou a Hera.

As maçãs das Hespérides

[2.5.11] Quando os trabalhos foram executados em oito anos e um mês, Euristeu, uma vez que não aceitava o trabalho dos rebanhos de Augias nem o da Hidra, ordenou-lhe, como décimo primeiro trabalho, trazer as maçãs de ouro das Hespérides [111]. Essas maçãs não estavam, como dizem alguns, na Líbia, mas junto de Atlas, entre os Hiperbóreos, as quais a Terra dera de presente a Zeus quando ele havia esposado Hera. Guardava-as um dragão imortal, de cem cabeças, filho de Tífon e Equidna, e empregava as mais variadas vozes, de todos os tipos. As maçãs eram guardadas por ele e as Hespérides, a saber, Egle, Erítia, Hespéria e Aretusa. Então, prosseguindo sua viagem, Héracles chegou ao rio Equedoro. E Cicno, filho de Ares, o desafiou para um combate singular. Mas visto que Ares tomou o partido do filho e se imiscuiu ao combate, um raio foi lançado entre ambos e pôs fim ao combate[112]. Caminhando através da Ilíria, Héracles dirigiu-se apressadamente ao rio Erídano, e chegou às Ninfas, filhas de Zeus e de Têmis[113]. Elas o encaminharam a Nereu, e Héracles, tendo-o agarrado enquanto dormia e assumia todos os tipos de formas, prendeu-o e não o soltou antes de saber onde se encontravam as maçãs e as Hespérides. Após ter obtido a informação, atravessou a Líbia, cujo rei era um filho de Posêidon, Anteu, que obrigava os estrangeiros a lutar e os matava. Sendo forçado a lutar contra ele, Héracles o ergueu com cordas acima do solo, quebrou-lhe os ossos e o matou, pois toda vez que tocava a terra, Anteu tornava-se mais forte; por esse motivo, alguns também diziam que ele era filho da Terra[114].

Depois da Líbia, Héracles atravessou o Egito. Nesse país reinava Busíris, filho de Posêidon e Lisianassa, filha de Épafo. Esse rei sacrificava estrangeiros sobre o altar de Zeus pelo seguinte motivo: com efeito, quando uma seca de nove anos se apoderou do Egito, veio de Chipre um conhecedor da arte divinatória, Frásio, e disse que a seca terminaria se imolassem um estrangeiro a Zeus. Busíris, tendo imolado primeiramente o adivinho, passou a imolar os estrangeiros que chegavam ao seu reino. Então Héracles também foi agarrado e levado aos altares, mas ele rompeu as cadeias e matou Busíris e o filho deste, Anfidamas[115].

Depois de atravessar a Ásia, ele aportou em Termidras, o porto dos líndios. E tendo soltado um dos touros do carro de um boieiro, Héracles o sacrificou e o comeu. Mas o boieiro, incapaz de reagir, postou-se sobre uma montanha e começou a amaldiçoá-lo. Por esse motivo, até hoje, quando fazem um sacrifício em honra a Héracles, fazem-no com imprecações. Ao passar pela Arábia, matou Emátion, filho de Titono[116], e tendo viajado através da Líbia para o mar exterior, pegou a taça do Sol. Após atravessar para o continente à sua frente, abateu a flechadas, sobre o Cáucaso, a águia que devorava o fígado de Prometeu, filha de Tífon e Equidna, e o libertou[117], escolhendo para ele um liame de oliveira, e apresentou Quíron a Zeus, que apesar de ser imortal, consentiu morrer no lugar de Prometeu[118].

Prometeu havia lhe dito que não partisse pessoalmente à procura das maçãs, mas que enviasse Atlas no seu lugar, livrando-o, primeiro, da esfera celeste; portanto, quando foi até Atlas, na terra dos Hiperbóreos, Héracles acatou seu conselho e o livrou da esfera. Após ter colhido três maçãs das Hespérides, Atlas dirigiu-se a Héracles, e uma vez que não queria receber de volta a esfera celeste, (disse-lhe que ele mesmo enviaria as maçãs a Euristeu e pediu a Héracles que sustentasse a esfera em seu lugar. Héracles lho prometeu, porém lhe devolveu a esfera por meio de um ardil, pois, a conselho de Prometeu, pediu-lhe que a sustentasse até que colocasse uma almofada sobre a cabeça)[119]. Ao ouvir isso, Atlas depôs as maçãs no chão e recebeu a esfera. E então Héracles pegou as maçãs e partiu. No entanto, alguns dizem que ele não recebeu as maçãs

de Atlas, mas que ele próprio as colheu, após ter matado a serpente que as guardava. Tendo levado consigo as maçãs, deu-as a Euristeu, que as recebeu e as devolveu de presente a Héracles; Atena recebeu-as de Héracles, porém as levou de volta, pois não era permitido que elas ficassem em qualquer lugar.

Héracles traz Cérbero do Hades

[2.5.12] Como décimo segundo trabalho, Euristeu ordenou a Héracles que trouxesse o cão Cérbero[120] do Hades. Este tinha três cabeças de cão, cauda de dragão e, na extensão do dorso, todos os tipos de cabeça de serpente. Quando então estava prestes a partir, foi até Eumolpo, em Elêusis, desejando iniciar-se nos mistérios e como os estrangeiros estavam interditos de se iniciar nos mistérios, tornou-se filho adotivo de Pílio e iniciou-se. Impossibilitado de ver os mistérios, porque não havia sido purificado da morte do Centauro, Héracles foi purificado por Eumolpo e então foi iniciado[121]. Em seguida, tendo chegado a Tênaro, na Lacônia, onde se encontra a entrada da descida para o Hades, ele a atravessou. Assim que o avistavam, as almas fugiam, com exceção de Meleagro e Medusa[122]. Então, ele sacou da espada contra Medusa, como se tivesse viva, mas ficou sabendo, por intermédio de Hermes, que era uma imagem vazia. No entanto, quando estava perto das portas do Hades, encontrou Teseu e Pirítoo, que pretendia esposar Perséfone e, por esse motivo, foi aprisionado[123]. Assim que viram Héracles, ambos lhe estenderam as mãos para que ele os erguesse por meio de sua força. Héracles agarrou Teseu pela mão e o ergueu. Mas quando quis erguer Pirítoo, a terra tremeu, e Héracles o deixou. Ele rolou, também, a pedra de Ascálafo[124]. Ao querer oferecer sangue para as almas, imolou uma das vacas de Hades. O pastor delas, no entanto, Menécio, filho de Ceutônimo, desafiou Héracles para uma luta, e tendo sido agarrado pelo meio, teve suas costelas quebradas, porém Perséfone intercedeu a seu favor. Quando Héracles pediu o cão Cérbero a Plutão, Plutão ordenou que ele o levasse, dominando-o sem recorrer às armas que tinha. Héracles o encontrou junto às portas do Aqueronte, e protegido pela armadura e revestido com a pele de leão, lançou as mãos em torno da cabeça e não o soltou, e embora fosse mordido pelo dragão que estava na cauda, Héracles o dominou e o sufocou, até que Cérbero fosse persuadido. Então ele o pegou e tendo empreendido a subida através de Trezena[125], retornou. Mas Deméter transformou Ascálafo em coruja[126], e Héracles, após mostrar Cérbero para Euristeu, levou-o de volta para o Hades.

CAPÍTULO 6

Guerras de Héracles

Íole

[2.6.1] Depois dos trabalhos, Héracles foi para Tebas e entregou Mégara a Iolau; quanto a ele próprio, querendo se casar, ficou sabendo que Êurito, soberano da Ecália, havia proposto a mão de sua filha Íole como prêmio àquele que o vencesse, a ele e a seus filhos, na competição de arco e flecha. Então, ele foi à Ecália e apesar de tê-los superado na arte do arco e flecha, não obteve o casamento[127]; pois enquanto Ífito, o filho mais velho de Êurito, dizia que Íole devia ser dada a Héracles, Êurito e os demais se recusavam, afirmando que temiam que, se engendrasse filhos, ele também os mataria[128].

Morte de Ífito. Luta de Héracles contra Apolo pela trípode de Delfos

[2.6.2] Não muito tempo depois, umas vacas foram roubadas na Eubeia por Autólico, e Êurito presumiu que Héracles havia perpetrado o roubo; mas Ífito não acreditava e saiu à procura de Héracles, e o encontrou quando ele voltava de Feras, após ter salvado Alceste da morte para

Admeto[129], e o convidou a procurar as vacas com ele. Então Héracles lho prometeu e o hospedou em sua casa, porém, tendo sido tomado por outro acesso de loucura, lançou-o das muralhas de Tirinto[130]. Desejando se purificar do assassinato, dirigiu-se a Neleu, o soberano dos pílios. Este, porém, rejeitou seu pedido devido à sua amizade com Êurito, então Héracles partiu para Amiclas e foi purificado por Deífobo, o filho de Hipólito [131]. Porém, tendo sido vítima de uma doença terrível devido ao assassinato de Ífito, foi para Delfos e perguntou de que modo poderia se livrar da doença. Como a Pítia não lhe pronunciava oráculo, desejou pilhar o templo e, carregando consigo uma trípode, instituir seu próprio oráculo. No entanto, Apolo lutou contra Héracles[132] e Zeus lançou um raio entre ambos. Após terem sido separados dessa maneira, Héracles recebeu o oráculo, que afirmava que ele se livraria da doença se fosse vendido e servisse como escravo por três anos e pagasse a Êurito uma compensação pelo assassinato.

Héracles e Ônfale

[2.6.3] Depois que o oráculo foi pronunciado, Hermes pôs Héracles à venda, e Ônfale, filha de Járdano e rainha dos lídios, à qual seu marido Tmolo deixou a soberania do reino ao morrer[133], o comprou. Então, quando o pagamento foi trazido, Êurito o recusou, mas Héracles se sujeitou como escravo de Ônfale e capturou e encadeou os Cércopes que estavam nas cercanias de Éfeso[134]; e matou Sileu, que em Áulis forçava os estrangeiros de passagem a escavar, e também a filha de Sileu, Xenódoce, após ter queimado as videiras dele, juntamente com as raízes[135]. Ao atracar na ilha de Dólique, viu o corpo de Ícaro, levou-o para praia e o sepultou, e denominou a ilha Icária em vez de Dólique. Em retribuição, Dédalo fez uma estátua de Héracles em Pisa[136], que Héracles, por engano, à noite, atingiu-a com uma pedra, como se estivesse viva. E durante o tempo em que serviu a Ônfale, diz-se que ocorreu a viagem para Cólquida[137], a caçada ao javali de Cálidon[138], e que Teseu veio de Trezena e limpou o Istmo[139].

A conquista de Troia por Héracles. Hesíone e Príamo

[2.6.4] Após ter cumprido o período de servidão e se livrado da doença, reuniu um exército dos mais valorosos guerreiros que queriam participar, de bom grado, da expedição militar, e navegou contra Troia com dezoito naus, de cinquenta remeiros cada [140]. Ao desembarcar em Troia, confiou a Ecles a guarda das naus, enquanto ele próprio e os outros heróis se lançaram contra a cidade. No entanto, Laomedonte investiu com a multidão contra as naus, e matou Ecles em combate, mas tendo sido repelido pelos guerreiros de Héracles, encerrou-se nas muralhas sitiadas. Uma vez estabelecido o assédio a Troia, Télamon foi o primeiro a romper a muralha e a entrar na cidade, e, depois dele, Héracles. Ao ver que Télamon fora o primeiro a entrar, Héracles sacou da espada e brandiu-a contra ele, pois não admitia que qualquer outro guerreiro fosse reputado superior a si próprio. Compreendendo isso, Télamon começou a reunir pedras que estavam por perto, e quando Héracles lhe perguntou o que fazia, disse que estava erigindo o altar de Héracles Calínico [141]. Héracles o elogiou, e quando tomou a cidade, matou Laomedonte e seus filhos a flechadas, com a exceção de Podarces, e deu a Télamon a filha de Laomedonte, Hesíone [142], como prêmio por sua bravura, e concedeu a ela que levasse consigo, dentre os escravos, aquele que desejasse. Quando ela escolheu seu irmão Podarces, Héracles disse que, primeiro, ele deveria tornar-se escravo e, em seguida, ser resgatado por ela. Então, quando ele foi posto à venda, Hesíone retirou o véu da cabeça e o entregou como resgate. A partir deste dia, Podarces foi chamado de Príamo[143].

CAPÍTULO 7

Últimas façanhas e morte de Héracles

Héracles na ilha de Cós

[2.7.1] Quando Héracles estava zarpando de Troia, Hera enviou terríveis tempestades, e isso irritou Zeus de tal maneira, que ele a manteve pendurada no Olimpo[144]. Héracles navegava em direção a Cós, e os habitantes de Cós, julgando que ele estava conduzindo uma frota de piratas, tentavam lhe impedir que atracasse, atirando-lhe pedras. Mas Héracles, com o uso da força, tomou a cidade à noite e matou o rei Eurípilo, filho de Astipaleia e Posêidon. E foi ferido durante o combate por Calcodonte, mas nada sofreu, pois Zeus o arrebatou do combate. Após ter saqueado Cós, chegou a Flegra graças a Atena, e ao lutar ao lado dos deuses, venceu a guerra contra os Gigantes[145].

Héracles contra Augias

[2.7.2] Não muito tempo depois, após ter reunido um exército de árcades e tomado como voluntários os homens mais destemidos da Hélade, empreendeu uma expedição militar contra Augias[146]. Mas Augias, ao ouvir que Héracles trazia a guerra, estabeleceu Êurito e Ctéato como generais dos eleios. Estes eram dois homens unidos em um, que superavam em força todos os homens de seu tempo, filhos de Molíone e de Áctor ou, segundo outros, de Posêidon. Áctor era irmão de Augias. Ocorreu que, durante a expedição, Héracles adoeceu; e por esse motivo, concluiu um armistício com os Moliônidas[147]. Mas depois, quando ficaram sabendo que ele havia adoecido, atacaram o exército e mataram muitos. Nessa ocasião, portanto, Héracles bateu em retirada. Mas, de novo, quando era celebrado o terceiro festival do Istmo, e os eleios enviaram os Moliônidas para tomar parte nos sacrifícios, Héracles lhes armou uma emboscada e os matou em Cléona, em seguida, fez uma expedição militar contra Élis e tomou a cidade. E tendo matado Augias e seus filhos, reconduziu Fileu ao trono e restituiu-lhe o reino[148]. Héracles também instituiu os Jogos Olímpicos, fundou o altar de Pélope, e construiu seis altares dos doze deuses[149].

Conquista de Pilos

[2.7.3] Após a tomada de Élis, Héracles marchou contra Pilos, e tendo tomado a cidade, matou Periclímeno, o mais valoroso dos filhos de Neleu, que combatia mudando de forma, e matou Neleu e seus filhos, com exceção de Nestor, pois esse, por ser ainda jovem, era criado pelos gerênios. Durante o combate, ele também feriu Hades, que acorrera para ajudar os pílios[150].

Tendo tomado Pilos, Héracles empreendeu uma expedição militar contra Lacedêmon, com a intenção de punir os filhos de Hipocoonte[151], já que estava furioso com eles porque ambos haviam se aliado a Neleu, e ficou mais furioso ainda porque eles haviam matado o filho de Licímnio. Pois quando o filho de Licímnio estava olhando o palácio de Hipocoonte, um cão da raça dos molossos correu para fora e o atacou, ele atirou uma pedra e atingiu o cão, porém os filhos de Hipocoonte saíram subitamente e o mataram a golpes de clava. Para vingar sua morte, Héracles começou a reunir um exército contra os lacedemônios. Ao chegar a Arcádia, pediu a Cefeu que se tornasse seu aliado, juntamente com seus vinte filhos. No entanto, temendo que se Héracles abandonasse Tégea, os argivos marchariam contra ela, Cefeu se recusou a participar da expedição militar. Mas Héracles havia recebido de Atena um cacho de cabelo da Górgona em uma hídria de bronze e o deu a Estérope, filha de Cefeu, dizendo que se o exército atacasse e ela erguesse o cacho três vezes de cima das muralhas, sem olhar para ele, o inimigo bateria em retirada[152]. Tendo acontecido isso, Cefeu e seus filhos se engajaram na expedição e, durante o combate, ele próprio e seus filhos

pereceram, e, além deles, Íficles, o irmão de Héracles. E após matar Hipocoonte e seus filhos, e devastar a cidade, Héracles reconduziu Tíndaro ao trono e restituiu-lhe o reino.

Auge

[2.7.4] Ao passar por Tégea, Héracles seduziu Auge, sem saber que ela era filha de Áleo[153]. E ela, tendo gerado o bebê às ocultas, colocou-o no santuário de Atena. Mas Áleo, visto que naquela época a cidade era consumida por uma peste, entrou no recinto sagrado e, investigando os gritos da filha, que estava em trabalho de parto, descobriu o que ocorrera. Então, ele expôs o bebê sobre o monte Partênio e este foi salvo pela providência dos Deuses, pois, por um lado, foi amamentado por uma cerva que havia parido recentemente e, por outro, foi recolhido por pastores que lhe nomearam Télefo[154]. Quanto a Auge, Áleo a entregou a Náuplio, filho de Posêidon, para que a vendesse bem longe, num país estrangeiro; e Náuplio a entregou a Teutras, soberano da Teutrânia, que a tomou como sua esposa.

Dejanira

[2.7.5] Ao chegar a Cálidon, Héracles cortejou Dejanira, filha de Cefeu, e tendo lutado para obter sua mão em casamento contra Aqueloo, que havia assumido a forma de um touro [155], quebrou um dos seus chifres e então desposou Dejanira; Aqueloo recebeu seu chifre de volta, ao dar a Héracles o chifre de Amalteia, em vez do seu. Amalteia era filha de Hemônio e tinha um chifre de touro. Este, como disse Ferécides, tinha a faculdade de proporcionar em abundância qualquer alimento ou bebida que se desejasse[156].

Expedição contra os tesprotos. Morte do Centauro Nesso

[2.7.6] Juntamente com os calidônios, Héracles marchou contra os tesprotos, e após tomar a cidade de Éfira, na qual reinava Filas, uniu-se à filha deste, Astíoque, e tornou-se pai de Tlepólemo. Enquanto permanecia com eles, ordenou a Téspio que retivesse sete de seus filhos, enviasse três outros para Tebas, e os quarenta restantes à ilha de Sardenha [157], para colonizá-la. Após estes acontecimentos, enquanto participava de um banquete com Eneu, matou, golpeando com o punho, Eunomo, filho de Arquiteles, quando vertia água em suas mãos[158]; ele era parente de Eneu. Porém o pai do rapaz, uma vez que havia sido um ato involuntário, o perdoou. Não obstante, Héracles quis sofrer a pena de exílio estabelecida pela lei e decidiu partir para Tráquis, junto a Céix. Levando consigo Dejanira, chegou ao rio Eveno, no qual o Centauro Nesso havia se estabelecido e atravessava os transeuntes mediante um pagamento[159], afirmando que havia recebido tal privilégio dos deuses por sua retidão. Então Héracles atravessou o rio por si mesmo, mas quando Nesso lhe exigiu o pagamento, ele lhe confiou Dejanira para que a levasse à outra margem. Porém este, enquanto a levava para a outra margem, tentou violentá-la. Quando Dejanira se pôs a gritar, Héracles a ouviu e desferiu uma flecha no coração de Nesso, no instante em que ele saía do rio. Uma vez que estava prestes a morrer, Nesso chamou Dejanira e disse-lhe que, se desejava obter um filtro amoroso para Héracles, devia mesclar o sêmen vertido por terra com o sangue que lhe manava da ferida causada pela farpa. Ela assim o fez e o guardou.

Luta contra os dríopes e os lápitas. Cicno

[2.7.7] Quando atravessava o território dos dríopes desprovido de alimento, Héracles se encontrou com Tiódamas, que conduzia uma junta de bois, e soltando um deles, degolou-o e se banqueteou com ele[160]. Quando chegou junto de Céix, em Tráquis, foi recebido por ele e derrotou os dríopes.

Partindo dali mais tarde, aliou-se a Egímio, rei dos dórios; pois os lápitas, comandados por Corono, estavam em guerra contra ele pelos limites do território, e ele, estando sitiado, chamou Héracles para ajudá-lo em troca de uma parte da terra. Héracles acorreu em seu auxílio, matou Corono e outros e entregou todo o território livre a Egímio. Matou também Laógoras, rei dos dríopes, e seus filhos, enquanto este celebrava um banquete no santuário de Apolo, por ser violento e aliado dos lápitas. Ao passar por Itono, Cicno, filho de Ares e Pelópia, o desafiou para um combate singular, e tendo o enfrentado, também o matou[161]. Quando chegou a Ormênio, o rei Amíntor, armado, não lhe permitiu seguir adiante, e ao tentar impedir sua passagem, Héracles o matou[162].

Ao chegar a Tráquis, sequioso de se vingar de Êurito[163], reuniu um exército para atacar a Ecália. Aliaram-se a ele os arcádios, os mélios de Tráquis e os lócrios epicmenídios, e, tendo matado Êurito e seus filhos, apoderou-se da cidade[164]. Após ter sepultado os mortos que participaram com ele nesta expedição militar, Hípaso, filho de Céix, Árgio e Melas, filhos de Licímnio, saqueou a cidade e levou Íole cativa. Ao chegar a Ceneu, promontório da Eubeia, erigiu um altar a Zeus Ceneu. Uma vez que tinha a intenção de atuar como sacerdote, enviou o arauto Licas para que lhe trouxesse uma veste deslumbrante. Por meio deste, Dejanira ficou sabendo de Íole e, temerosa de que Héracles amasse mais esta última, julgou que o sangue vertido de Nesso era, na verdade, um filtro amoroso, e ungiu a túnica com ele [165]. Após vesti-la, Héracles começou a fazer o sacrifício; mas quando a túnica ficou aquecida, o veneno da Hidra começou a corroer sua pele. Erguendo Licas pelos pés, Héracles o arrojou para fora da Beócia, e ao tentar arrancar a túnica que se aderia ao seu corpo, arrancava, juntamente com ela, também as suas carnes. Afligido por tal infortúnio, foi conduzido em uma nau a Tráquis; e Dejanira, assim que soube do acontecido, se enforcou[166]. Héracles, após ter recomendado a Hilas, seu filho mais velho com Dejanira, que tomasse Íole como esposa quando se tornasse adulto, dirigiu-se ao monte Eta, no território de Tráquis, e depois de erguer uma pira e subir sobre ela, ordenou que ateassem fogo. Como ninguém queria fazer isso, Peante, que passava por ali em busca de seus rebanhos[167], acendeu-a; por isso, Héracles lhe deu seu arco de presente. Dizem que enquanto a pira estava queimando, uma nuvem situou-se debaixo de Héracles, e com o estrondo de um trovão, elevou-o ao céu[168]. Desde então, ele obteve a imortalidade e, reconciliando-se com Hera, desposou sua filha, Hebe, com quem teve os filhos Alexíares e Aniceto[169].

Das filhas de Téspio teve os seguintes filhos: de Prócris, Antiléon e Hipeu (pois a mais velha gerou gêmeos); de Pânope, Trepsipes; de Lise, Eumedes;... Creonte; de Epilaíde, Astíanax; de Certe, Iobes; de Euríbia, Polilau; de Patro, Arquêmarco; de Meline, Laomedonte; de Clitipe, Eurícapis; de Eubote, Eurípilo; de Aglaia, Antíades; de Criseida, Onesipo; de Oria, Laómenes; de Lisídice, Teles; de Menípide, Entélides; de Antipe, Hipódromo; de Euri..., Teleutágoras; de Hipo, Cápilo; de Eubeia, Olimpo; de Nice, Nicódromo; de Árgele, Cleolau; de Êxole, Eritras; de Xantide, Homolipo; de Estratonice, Átromo; de Ífis, Celeostánor; de Laótoe, Ântifo; de Antíope, Alópio; de Calamétis, Astibíades; de Filide, Tígasis; de Escride, Leucones; de Anteia,..., de Eurípile, Arquédico; de Érato, Dinastes; de Asópide, Méntor; de Eone, Améstrio; de Tífise, Linceu; de Olimpusa, Halócrates; de Helicônide, Fálias; de Hesíquia, Estrobles; de Terpsícrates, Euríope; de Elaquia, Buleu; de Nicipe, Antímaco; de Piripe, Pátroclo; de Praxiteia, Nefo; de Lisipe, Erasipo; de Toxícrate, Licurgo; de Marse, Búcolo; de Eurítele, Leucipo; de Hipócrate, Hipócigo. Estes eram os nascidos das filhas de Téspio. Quanto aos demais, de Dejanira, filha de Eneu, teve Hilo, Ctesipo, Gleno e Onites; de Mégara, filha de Creonte, teve Terímaco, Deicoonte e Creontíades; de Ônfale teve Agelau, de quem descende a estirpe de Creso; de Calcíope, filha de Eurípilo, teve Tétalo; de Epicasta, filha de Augias, teve Téstalo; de Partênope, filha de Estínfalo,

teve Everes; de Auge, filha de Áleo, teve Télefo; de Astíoque, filha de Filante, teve Tlepólemo; de Astidâmia, filha de Amíntor, teve Ctesipo, de Autônoe, filha de Pireu, teve Palémon.

CAPÍTULO 8

Os Heráclidas

Os Heraclidas contra Euristeu

[2.8.1] Depois que Héracles passou a viver com os deuses, seus filhos fugiram de Euristeu e foram para junto de Céix. Mas quando Euristeu exigiu que eles se entregassem, ameaçando-lhes com a guerra, atemorizaram-se, e deixando Tráquis, fugiram pela Hélade. Ao serem perseguidos, chegaram a Atenas, e tomando assento junto ao altar da Piedade, pediram amparo. Os atenienses, recusando-se a entregá-los, sustentaram uma guerra contra Euristeu e mataram seus filhos, Alexandre, Ifimedonte, Euríbio, Mentor e Perimedes[169]. O próprio Euristeu fugiu em seu carro, e quando já estava passando pelas rochas Cirônias, Hilo, que estava em seu encalço, o matou e, cortando-lhe a cabeça, deu-a a Alcmena, que lhe arrancou os olhos com uma lançadeira[170].

O retorno dos Heraclidas

[2.8.2] Após a morte de Euristeu, os Heraclidas invadiram o Peloponeso e conquistaram todas as cidades[171]. Transcorrido um ano após o seu retorno, uma praga apoderou-se de todo o Peloponeso, e um oráculo revelou que isso havia sido causado pelos Heraclidas, por terem regressado antes do tempo devido. Por isso, eles abandonaram o Peloponeso e partiram para Maratona, onde passaram a habitar. Antes de saírem do Peloponeso, Tlepólemo matou Licímnio involuntariamente, pois enquanto ele golpeava um servo com um bastão, Licímnio se interpôs entre ambos, e, fugindo com não poucos, chegou a Rodes e aí passou a habitar[172]. Hilo, cumprindo a recomendação de seu pai, esposou Íole, e tentava conseguir o retorno dos Heraclidas. Por esse motivo, foi a Delfos e perguntou como poderiam retornar; o deus respondeu que retornassem depois de aguardar pela terceira colheita. Mas Hilo supôs que a terceira colheita significasse três anos e, depois de esperar esse tempo, retornou com seu exército para invadir o Peloponeso[173], quando Tisâmeno, filho de Orestes, reinava sobre os peloponésios. E ocorrendo outro combate, os peloponésios os derrotaram e Aristômaco morreu[174]. Quando os filhos de Cleodeu atingiram a idade adulta, consultaram o oráculo a respeito de seu retorno. Como o deus dera a mesma resposta de antes, Têmeno o repreendeu, dizendo que, por ter obedecido ao oráculo, eles haviam fracassado. Mas o deus lhes respondeu que eles próprios eram culpados pelo seu fracasso, pois não haviam compreendido o oráculo, já que não havia se referido à terceira colheita da terra, mas à terceira geração, e que “estreito” significava amplo ventre, isto é, o mar que está à direita do Istmo[175]. Ao ouvir isso, Têmeno pôs o exército em prontidão e construiu naus num lugar da Lócrida, que agora se chama Náupacto[176] por esse motivo. Enquanto o exército estava ali, Aristodemo foi fulminado por um raio, deixando os gêmeos Eurístenes e Procles, que tivera com Árgia, filha de Autésio.

[2.8.3] Sucedeu que em Náupacto também o exército caiu em desgraça. Com efeito, apareceu-lhes um adivinho inspirado por um deus a recitar oráculos, que eles o tomaram por um mago enviado pelos peloponésios para causar a ruína do exército. Então Hipotes, filho de Filas, filho de Antíoco, filho de Héracles, arremessou sua lança contra ele e o matou [177]. Deste modo, com a destruição das naus, a frota arruinou-se por completo, a infantaria sofreu com a fome e o exército se dispersou. Quando Têmeno consultou o oráculo sobre o motivo da desgraça, o deus lhe respondeu que isto havia ocorrido por causa do adivinho, e ordenou que o assassino fosse banido por dez anos e que ele tomasse por guia um ser de três olhos. Assim eles baniram Hipotes

e começaram a procurar alguém com três olhos. Então se depararam com Óxilo, filho de Andrémon, que estava montado em um cavalo de um só olho, uma vez que o outro havia sido cortado por uma flecha; Óxilo havia fugido para a Élide por causa de um assassinato[178], e, tendo transcorrido um ano, estava regressando dali para a Etólia. Interpretando o oráculo neste sentido, eles o tornaram seu guia, e tendo travado combate com os inimigos, superaram-nos tanto por terra quanto por mar, e mataram Tisâmeno, filho de Orestes. No entanto, seus aliados Pânfilo e Dimas, filhos de Egímio, também pereceram.

A partilha do Peloponeso. Morte de Têmeno e Cresfonte.

[2.8.4] Logo que passaram a dominar o Peloponeso, erigiram três altares a Zeus Pátrio, oferecendo-lhe sacrifícios sobre eles, e dividiram as cidades através de um sorteio. O primeiro lote foi Argo, o segundo, Lacedemônia, e o terceiro, Messênia. Então eles trouxeram um vaso com água e decidiram que cada um lançasse uma marca característica. Têmeno e os filhos de Aristodemo, Procles e Eurístenes, lançaram pedras, mas Cresfonte, que queria obter a Messênia, lançou dentro um torrão de terra. Uma vez que este se dissolveu na água, era forçoso que aparecessem os outros dois lotes. O lote de Têmeno foi o primeiro a sair, e em segundo, o dos filhos de Aristodemo, e assim Cresfonte obteve a Messênia.

[2.8.5] Sobre os altares em que haviam oferecido os sacrifícios, eles encontraram uns sinais: os que haviam obtido Argo, um sapo, os que haviam obtido a Lacedemônia, uma serpente, e os que haviam obtido a Messênia, uma raposa[179]. Sobre estes sinais, os adivinhos disseram que, aos que haviam encontrado o sapo, ser-lhes-ia preferível que permanecessem na cidade, pois este animal não tem força para caminhar; aos que encontraram a serpente, que seriam terríveis no ataque, e aos que encontraram a raposa, que seriam ardilosos. Têmeno, relegando seus filhos Agelau, Eurípilo e Cálias, favoreceu sua filha Hirneto e seu marido, Deifonte[180]. Por isso, os filhos persuadiram uns indivíduos, mediante certo pagamento, a matar o pai deles. Mas depois que o crime havia ocorrido, o exército decidiu que o reino pertencia a Hirneto e Deifonte. Cresfonte, após reinar pouco tempo sobre a Messênia, morreu assassinado com dois de seus filhos; e Polifonte, que era um dos autênticos heraclidas, passou a reinar, e obrigou Mérope, a esposa do morto, a se casar com ele. Mas ele também foi assassinado, pois Mérope tinha um terceiro filho, chamado Épito, o qual ela havia confiado ao pai dela para que o criasse[181]. Quando ele chegou à idade adulta, retornando em segredo, matou Polifonte e recuperou o reino paterno.

NOTAS AO LIVRO II

1. Cf. PAUSÂNIAS, II 15, 5; escólio a EURÍPIDES, Orestes 932. Na realidade, Ínaco é o próprio rio, quer dizer, um dos tantos deuses-rio, filhos de Oceano e Tétis, e irmão, portanto de sua esposa Mélia (ou Árgia, em HIGINO), cujo nome evoca o dos freixos (v. Melíades).

2. A Argólida ou o Peloponeso.

3. Atribui-se a Foroneu a organização dos homens em comunidade (PAUSÂNIAS, II 15, 5), e o ter sido o primeiro a erguer um altar em honra de Hera (HIGINO, Fáb. 143). ACUSILAU o considera o primeiro homem, dado que concorda com o que é dito aqui sobre sua filha Níobe: "a primeira mulher mortal com a qual Zeus se uniu".

4. O Pseudo Apolodoro o identifica com o touro Ápis egípcio, que por sua vez se identificava com o deus egípcio Serápis ou Sarápis. Ápia, como nome do Peloponeso ou de Argo, é atestado em ÉSQUILO, Supl. 60 ss. e PAUSÂNIAS, II 5, 7.

5. Cf. PSEUDO APOLODORO III 8, 1. Pelasgo é o nome de vários heróis, epônimos do povo "mítico" dos pelasgos. O fato de se supor que os pelasgos ocuparam o Peloponeso e a Tessália levou à existência de diversos heróis com esse nome nas referidas regiões. O Pseudo Apolodoro segue a tradição arcádica, enquanto PAUSÂNIAS I 14, 2; II 24, 1, segue a tradição argiva, na qual ele é filho de Tríopas e de Sósis (ou Sóis) e irmão de Íaso e de Agenor; bisneto de Níobe e de Zeus e trineto de Foroneu. Recebeu em sua casa a deusa Deméter, na época em que ela procurava sua filha e erigiu o templo de Deméter Pelásguia em sua homenagem. Teve uma filha chamada Larissa, que deu o seu nome a uma cidade de Argos. O terceiro Pelasgo aparece na tradição tessálica, na qual aparece como filho (e não pai) de Larissa e de Posêidon e irmão de Aqueu e Ftio. Deixou com eles o Peloponeso, sua terra natal, indo colonizar a Tessália, que tinha o nome de Hemônia. Expulsaram os selvagens que aí habitavam e dividiram o território em três partes, tomando cada uma delas o nome de um dos três irmãos. Cada um deles passou a administrar uma parte, formando-se assim a Acaia, a Ftiótida e a Pelasguiótida. Mais tarde, cinco gerações após estes acontecimentos, os descendentes dos conquistadores foram por sua vez expulsos pelos Curetes e pelos Léleges. Foi uma parte destes "Pelasgos" que emigrou para Itália (cf. Grimal p. 360).

6. "Aquele que tudo vê". Cf. ÉSQUILO, Supl. 303 ss.; OVÍDIO, Met., I 625 ss.; VIRGÍLIO, En. VII 790; HIGINO, Fáb. 145.

7. Cf. HESÍODO, Teog. 295 ss.

8. Cf. HERÓDOTO, I 1; PAUSÂNIAS, III 18, 13; ÉSQUILO, Prom. 589 ss.; OVÍDIO, Met. I 583 ss.; HIGINO, Fáb. 145.

9. Cf. OVÍDIO, Met. I 611 ss.; segundo ÉSQUILO, Supl. 291 ss., foi Hera quem, para evitar que Zeus se unisse a Io, transformou-a em uma novilha, mas Zeus, então, adotou a forma de um touro.

10. HESÍODO, Fr. 124. Este é o famoso trecho que confirma que o nosso autor não pode ser Apolodoro de Atenas, uma vez que cita o cronista Cástor, que lhe é póstumo (terminus ante quem).

***** Hiérax é o falcão e dois heróis com esse nome desempenham um papel na lenda. Aqui, trata-se de um charlatão que impediu Hermes de roubar furtivamente Io em Argo, obrigando, assim, o deus a matá-lo. Ainda que o Pseudo Apolodoro não mencione, o castigo de Hermes foi, sem dúvida, transformá-lo no pássaro homônimo, cf. GRIMAL, p. 228.

11. O significado que se atribui ao termo deriva da etimologia popular Árgos, péphnein que é tradicionalmente interpretado como "assassino de Argo", baseado nesse episódio. Mas o termo tem também outros sentidos bem diferentes deste, como o de "matador de cães", ou como o deus que "mata por seu esplendor", por exemplo (cf. ORDEP, 2006, p. 179-81) cit. em CABRAL, L. A. M., 2011, p. 187-8. Hera retirou os múltiplos olhos de Argo e os colocou nas plumas do pavão real (OVÍDIO, Met. I 722-3).

12. Cf. ÉSQUILO, Prom. 589, 681; id. Supl. 308, 541 e 572; VIRGÍLIO, Geórg. III 152-3. Em OVÍDIO, Met. I 725 ss., Hera envia a uma Erínia contra Io.

13. Boos-póron, "passagem da novilha".

14. Cf. ÉSQUILO, Prom. 846 ss.; id. Supl. 313-315; OVÍDIO, Met. I 748 ss.; HIGINO, Fáb. 145.

15. Cf. HERÓDOTO, II 59; LUCIANO, Diálogos dos deuses 3; DIODORO, I 13, 5; 96, 5.

16. Os gregos denominaram o continente africano de Líbia.

17. Cf. PSEUDO APOLODORO, III I, 1.

18. De Lindos, cidade de Rodes; cf. HERÓDOTO, II 182.

19. Cf. PAUSÂNIAS, II 15, 5.

20. Cf. EURÍPIDES, Fen. 187 ss.; PROPÉRCIO, III 18, 47-8; LUCIANO, Diálogos marinhos 6; HIGINO, Fáb. 169. PAUSÂNIAS (II 37, 1 e 5) e ESTRABON (VII 68) afirmam que em Lerna havia um riacho chamado Amimone.

21. Como assinala FRAZER (I, p. 140), este nome, que aparece um pouco antes, deve ser um erro de Filodâmia ou Cleodâmia (conjectura de HEYNE), ou de Hipótoe (WAGNER).

22. PAUSÂNIAS, II 19, 6 afirma que Hipermestra foi julgada absolvida por ter desobedecido seu pai. Segundo SÉRVIO, Escólios a Eneida, X 497, Linceu assassinou Dânao depois, e o escólio a EURÍPIDES, Hécabe 886, e também às demais Danaides; por sua vez, no escólio a Orestes 872, diz-se que Linceu obteve a paz entre Egito e Dânao.

23. Segundo PAUSÂNIAS, II 24, 2, as cabeças foram enterradas em Larissa e os corpos em Lerna. Não me parece inteiramente despropositado perguntar se a Hidra de Lerna, com suas cabeças eternamente renascentes, não seria uma representação derivada deste episódio. No entanto, não encontrei nenhum mitógrafo que levasse a sério essa hipótese.

24. Cf. PÍNDARO, Pít. IX 112 e 196; PAUSÂNIAS, III 12, 2. Ao morrer, as Danaides foram condenadas a encher de água um recipiente furado no Hades. É provável que o casamento das Danaides e a história da sua morte às mãos de Linceu (não mencionada pelo Pseudo Apolodoro) representem dois estratos diferentes da lenda, sendo o segundo o mais antigo (cf. Grimal, p. 110).

25. Cf. PSEUDO APOLODORO, Epítome 6, 7-11.

26. Os Retornos, poema épico sobre a volta dos heróis de Troia (cf. Fragmentos de épica..., ed. cit., p.192-214).

27. PAUSÂNIAS, II 25, 7.

28. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 3, 1 e II 9, 1, Ilíada VI 160.

29. Segundo ESTRABON, VIII I 1, sete eram os ciclopes que construíram as muralhas das cidades argivas e provinham da Lícia.

30. De acordo com BAQUÍLIDES, X 60-81, a divisão do território e a fundação de Tirinto foram as condições para a paz que encerrou a guerra entre os irmãos. Cf. também PAUSÂNIAS, II 16, 2; ESTRABON, VIII 10.

31. HESÍODO, Fr. 131. Não obstante, a causa de tal maldição varia de acordo com os autores: alguns escoliastas afirmam que elas despertaram a cólera de Hera por terem ousado julgar-se mais belas que a deusa; segundo outros, porque troçavam do templo de Hera, dizendo que o palácio de seu pai encerrava maiores riquezas, e segundo outros ainda, porque as jovens teriam roubado o ouro das vestes da deusa para o utilizarem em próprio benefício. De sua conduta semelhante à das Bacantes, nasceu a lenda segundo a qual teria sido Dioniso que as teria acometido de loucura, em virtude de elas terem recusado prestar-lhe culto.

32. Sobre a loucura e cura das Prétidas, cf. BAQUÍLIDES, X 40-112; HERÓDOTO, IX 34; ESTRABON, VIII 3, 19; DIODORO, IV 68; PAUSÂNIAS, II 7, 8; 18, 4; OVÍDIO, Met. XV 525 ss. Segundo Diodoro e Baquílides, a loucura afetou todas as mulheres argivas. CALÍMACO, Hino a Ártemis 234 ss., afirma que a cura foi realizada pela deusa Ártemis.

33. "Matador de Bélero", pois, segundo o escólio à Ilíada VI 155, recebeu este nome por ter matado Bélero, um tirano de Corinto.

34. Cf. Ilíada VI 155 ss.; HIGINO, Fáb. 57; id. Astr. II 18. Segundo TZETZES, Escólios a Licofron 17, Preto absteve-se de matar Belerofonte, porque um antigo costume proibia matar àqueles que, juntos, tivessem feito uma refeição.

35. Ilíada XVI 328-9.

36. Segundo HESÍODO, Teog. 319-320, a Quimera era filha da Hidra de Lerna.

37. Sobre o combate de Belerofonte com a Quimera, cf. Ilíada VI 179 ss.; HESÍODO, Teog. 325; id. Fr. 42a e 87; PÍNDARO, Olimp. XIII 90; PAUSÂNIAS, II 4, 1; HIGINO, Fáb. 57.

38. Povo das montanhas das fronteiras da Lícia.

39. Segundo o escólio a PÍNDARO, Olimp. XIII 84, Anticleia, e, segundo o escólio à Ilíada VI 155, Cassandra.

40. Os irmãos são Acrísio e Preto, cf. PSEUDO APOLODORO, II 2, 1.

41. Isto é, presentes para obter a mão de Hipodâmia, aquela a quem Polidectes também aspirava. Cf. PSEUDO APOLODORO, Epítome 2, 4 ss.

42. Cf. HESÍODO, Teog. 270 ss., que omite Dino; ÉSQUILO, Prom. 794 ss.; ERATÓSTENES, Catast. 22; OVÍDIO, Met. IV 774 ss.; HIGINO, Astr. II 12.

43. HESÍODO, Escudo 223-4.

44. Sobre a palavra kíbisis, "alforje", "sacola", derivado de keîsthai, "estar depositado" e esthês, "vestido", cf. as notas de FRAZER, I. p. 156-7.

45. Cf. PSEUDO APOLODORO I 6, 2.

46. Cf. OVÍDIO, Met. IV 782-3.

47. Pégaso, do grego pegé, "fonte", "manancial", pois, segundo HESÍODO, Teog. 283, havia nascido junto aos mananciais do oceano; Crisaor, de khrysós, "ouro", e áor, "espada". Cf. HIGINO, Fáb. 151; OVÍDIO, Met. IV 784 ss.; VI 119-20.

48. O Pseudo Apolodoro omite a viagem de Perseu ao país de Atlas relatado por Ovídio, Met. IV 627-662. Para o episódio de Perseu e Andrômeda, cf. o próprio OVÍDIO, Met. IV 669-789; HIGINO, Fáb. 64; id. Astr. II 11; ERATÓSTENES, Catast. 16, 17 e 36. De acordo com PAUSÂNIAS, IV 35, 9, e o escólio a LICOFRON 836, o lugar onde se encontrava Andrômeda, quando foi salva por Perseu, foi Ioppa ou Jaffa, na Palestina. PAUSÂNIAS menciona também uma fonte próxima ao mar, cujas águas têm a cor púrpura, porque com ela Perseu foi limpo do sangue do monstro.

49. Cf. OVÍDIO, Met. V 1-249.

50. Refere-se ao oráculo que o havia advertido de que morreria pelas mãos de um filho de Dânae. Cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 1.

51. Cf. PAUSÂNIAS, II 16, 2.

52. Cf. PAUSÂNIAS, II 15, 4 e 16, 3.

53. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 3.

54. Apolodoro deriva teléboas de télou, "longe", e ébe, "andou".

55. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 4, 7.

56. EURÍPIDES, Heraclidas 210-11, afirma que a mãe de Alcmena era uma das filhas de Penélope, chamada por outras fontes de Lisídice ou Eurídice.

57. Ilitia (também no plural, Ilitias), filha de Zeus e Hera, é a deusa dos partos. Zeus concordou, com prazer, em fazer o juramento, acreditando que aquele que haveria de nascer seria seu próprio filho Héracles. Segundo OVÍDIO, Met. IX 292-323, Lucina (Ilitia) retardou o parto de Alcmena, ao sentar-se no umbral do palácio com os braços cruzados à frente dos joelhos. Dias depois, uma criada apresentou-se a ela, dizendo que Alcmena havia dado à luz; Ilitia, surpresa, descruzou os braços e, nesse momento, deu-se o parto. Em PAUSÂNIAS, IX 11, 3, são as Farmácides que impedem o parto até serem enganadas por uma filha de Tirésias chamada Históride. Cf. ANTONINO LIBERAL, 29.

58. Segundo a genealogia dada anteriormente (PSEUDO APOLODORO, II 4, 5), Méstor não era o avô materno dos filhos de Pterelau. As palavras "seu avô materno" são, certamente, uma interpolação. Cf. nota crítica de FRAZER I, p. 166.

59. De acordo com HESÍODO, Escudo 11-12 e 82, Anfitrião não matou Electrião involuntariamente, apenas ambos brigaram por causa de umas vacas.

60. Cf. HESÍODO, Escudo 79 ss.; EURÍPIDES, Héracles 16-17.

61. Cf. HESÍODO, Escudo 14 ss.

62. Este animal era a raposa de Teumesso, que fica ao noroeste de Tebas. Cf. PAUSÂNIAS, IX 19, 1; ANTONINO LIBERAL, 41; OVÍDIO, Met. VII 762 ss.

63. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 15, 1.

64. Esse fio de cabelo o tornava imortal. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 6, 5.

65. Cf. HESÍODO, Escudo 27-56, sem mencionar a longa duração dessa noite. DIODORO, IV 9, 2, explica o prolongamento do tempo que Zeus utilizou para engendrar Héracles na proporção da grandeza e força que ele haveria de ter. Há outras versões sobre a duração dessa noite; segundo OVÍDIO, Am. I 13, 46 e Trist. II 402, a noite durou como duas; LUCIANO, Diálogos dos deuses, 10, 1-2, afirma que era equivalente a três dias completos. Pelo lado de seu pai "mortal", Anfitrião, e de sua mãe, Alcmena, Héracles pertence à raça dos Perseidas. Os seus dois avós, paterno e materno, Alceu e Electrião, eram ambos filhos de Perseu e Andrômeda. Portanto, Héracles é de raça argiva, e foi apenas acidentalmente que nasceu em Tebas. Considerará sempre o Peloponeso, e mais particularmente a Argólida como sua verdadeira pátria.

66. PÍNDARO, Nem. I 35, afirma que Héracles acabara de nascer quando as serpentes foram enviadas; TEÓCRITO, XXIV 1, que tinha dez meses. Cf. PAUSÂNIAS, I 24, 2; HIGINO, Fáb. 30; VIRGÍLIO, En. VIII 288-9.

67. Harpálico, filho de Hermes, segundo TEÓCRITO, XXIV 104.

68. Cf. PAUSÂNIAS, IX 29, 9; DIODORO, III 62, 2.

69. Alguns autores situam esta primeira caça ao leão (prefiguração da do leão de Nemeia), não sobre as encostas do Citéron, mas sobre o Hélicon ou, ainda, perto de Teumesso. PAUSÂNIAS, I 41, 3-4, recolheu mesmo uma lenda segundo a qual o leão do Citéron não foi morto por Héracles, mas por Alcátoo (a quem, geralmente, se atribui a morte do leão de Mégara). Uma lenda local de Lesbos dizia que Héracles também aí tinha matado um leão. Cf. Grimal, p. 207.

70. PAUSÂNIAS, em IX 27, 6, afirma que Héracles deitou-se com as cinquenta filhas de Téspio em uma só noite, mas em IX 27, 6, com quarenta e nove, pois uma delas negou-se a isso, e Héracles tornou-a sua sacerdotisa. Cf. DIODORO, IV 29, 3; HIGINO, Fáb. 162.

71. Cf. PAUSÂNIAS, IX 37, 2-3; DIODORO, IV 10, 3-5.

72. Para PÍNDARO, Ístmicas. IV 104-107, são oito os filhos de Héracles e Mégara; para HIGINO, Fáb. 31 e 32, são dois; e três para EURÍPIDES, Héracles 995 ss.

73. Ao morrer Alcmena, quando os Heraclidas se dispunham a enterrá-la, Hermes, a mando de Zeus, substituiu o corpo por uma pedra e o levou às ilhas dos Bem-aventurados para que ali ela se casasse com Radamante. Cf. ANTONINO LIBERAL, 33. PAUSÂNIAS, IX 16, 7, menciona que em Tebas não há um sepulcro para Alcmena, porque, segundo os tebanos, ela foi transformada em pedra ao morrer; mas, em I 41, 1, afirma que, segundo os megarenses, Alcmena morreu no caminho de Argo a Tebas e, em cumprimento a um oráculo, sepultaram-na em Mégara.

74. Ora se admite que ele talhou sua clava mesmo em Nemeia, ora que a fez no cimo do Hélicon, ou ainda na margem do golfo Sarônico, do tronco de uma oliveira selvagem. As suas outras armas têm uma origem divina. Mas é digno de nota que, segundo outras tradições, é Palas Atena quem lhe fornece todas as armas, com exceção da clava. DIODORO, IV 14, 3, acrescenta, como presente dos deuses, cavalos de Posêidon.

75. Cf. DIODORO, IV 11, 1-3. EURÍPIDES, Héracles 987 ss.; este último situa a morte dos filhos depois dos trabalhos e inclui a Mégara entre as vítimas. Este assassínio é contado de forma diversa pelos autores e foi tema de uma tragédia de Eurípides e outra de Sêneca.

76. Várias fontes mitográficas afirmam que o nome "Héracles" foi-lhe imposto por Apolo, seja diretamente ou por intermédio da Pítia, a partir do momento em que ele ser tornou o servidor de Hera, sujeito aos trabalhos que ela lhe impunha. Inicialmente, ele se chamava Alcides (nome derivado do nome de seu avô, Alceu), nome que, em grego, evoca a ideia de força física (alké). Porém, quando, após o assassinato dos filhos que tivera com Mégara, o herói foi pedir sua purificação à Pítia, ela lhe ordenou que a partir daquele instante passasse a usar exclusivamente o nome de Héracles, que significava "a glória de Hera", certamente porque os trabalhos que ele iria realizar propiciariam a glorificação da deusa.

77. Segundo GRIMAL, p. 208, essa prefiguração da imortalidade não é primitiva no mito: trata-se de uma variante que provém da reflexão do pensamento grego sobre o mito e corresponde à necessidade de justificar moralmente os sofrimentos de um herói que era representado como o justo por excelência. Cf. SÓFOCLES, Traquínias 1091-1102; EURÍPIDES, Héracles 359-435; DIODORO; IV 11, 3; IV 28, 4; HIGINO, Fáb. 30; OVÍDIO, Met. IX 182-199; VIRGÍLIO, Eneida VIII 287-300. Os autores apresentam algumas diferenças quanto à ordem em que Héracles concluiu seus trabalhos.

78. Segundo HESÍODO, Teog. 326 ss. o leão de Nemeia nasceu de Ortro (filho de Tífon) e Equidna e foi criado por Hera (ou então a deusa Lua, Selene, que o teria emprestado a Hera), que o colocou na região de Nemeia, onde devastava a região, devorando os rebanhos. Cf. também SÓFLOCLES, Traquínias 1091 ss.; DIODORO, IV 11, 3-4. TEÓCRITO, XXV, 162 ss. narra que, após ter esfolado a pele do animal, Héracles ficou perplexo diante dessa pele que nem o ferro nem o fogo conseguiam cortar. Por fim teve a ideia de rasgá-la com as próprias garras do leão e conseguiu-o.

79. "Salvador".

80. Em grego, há dois verbos distintos: um para expressar o sacrifício que se faz em honra de um deus (thyein), outro para aquele que se faz em honra de um herói (enagídsein).

81. Cf. DIODORO, IV 12, 1. Quanto ao leão, diz-se que Zeus o incluiu entre as constelações, para perpetuar o feito de Héracles, cf. ERATÓSTENES, Catast. 12.

82. Filha de Tífon e Equidna, segundo HESÍODO, Teog. 313 ss., também nutrida por Hera.

83. Segundo OVÍDIO, Met. IX 71, a Hidra tem cem cabeças; por sua vez, PAUSÂNIAS II 37, 4, afirma que apenas uma.

84. Em troca da ajuda que deu à Hidra, o caranguejo (Cárcino) foi metamorfoseado por Hera na constelação de Câncer. Cf. ERATÓSTENES, Catast. 11; HIGINO, Astr. II, 23.

85. Em seguida, as flechas de Héracles, envenenadas pela bílis da Hidra, produzirão feridas mortais nos homens, incuráveis para os deuses. Os mitógrafos apresentaram uma interpretação evemerista do mito da Hidra de Lerna. Dizem eles que a hidra de cabeças renascentes é, na verdade, o pântano de Lerna secado por Héracles. As cabeças são as nascentes que conseguiam sempre irromper, tornando inúteis os esforços do herói. Outra interpretação pretende que Lerno era, na realidade, um rei do país, cuja cidade chamava-se Hidra. Lerno estava rodeado de cinquenta arqueiros. Quando um deste tombava, imediatamente outro o substituía. E teria sido isto que deu origem à lenda das cabeças renascentes (cf. Grimal, p. 209).

86. Cf. PÍNDARO, Olímp. III 28 ss.; EURÍPIDES, Héracles 375 ss.; DIODORO, IV 13, 1; HIGINO, Fáb. 30. Sir W. Ridgeway, citado por Frazer (I, p. 190), sugere que deviria ser uma rena, pelo fato de possuir cornos. Seu nome deriva do rio Cerinites, na Acaia. Píndaro (op. cit.) apresenta uma versão mística da perseguição, em que Héracles persegue a corça rumo ao norte, através da Ístria, para o país dos Hiperbóreos e até o país dos Bem Aventurados, onde Ártemis o acolhe favoravelmente.

87. Esta corça havia sido consagrada a Ártemis por Taígete, filha de Atlante; cf. PÍNDARO, Olímp. III 29-30.

88. Cf. SÓFOCLES, Traquínias, 1097; HIGINO, Fáb. 30; DIODORO, IV 12. PAUSÂNIAS, VIII 24, 5, menciona que os habitantes de Cumas possuíam as presas do javali guardados em um templo de Apolo como ex-votos. Diz-se também que ao ver Héracles conduzindo o javali nos ombros, Euristeu ficou tomado de terror e escondeu-se dentro de uma ânfora que havia arranjado para se esconder em caso de perigo.

89. Ninfa dos freixos. As ninfas mélias nasceram das gotas de sangue de Urano, quando este foi mutilado por Crono. Cf. HESÍODO, Teog. 187.

90. PAUSÂNIAS, V 1, 9-10.

91. Cf. Ilíada, II 625 ss.

92. Cf. PAUSÂNIAS, VII 18, 1; HIGINO, Fáb. 33; DIODORO, IV 33, 1.

93. Cf. APOLONIO DE RODES, II 1052 ss.; DIODORO, IV 13, 2; PAUSÂNIAS VIII 22, 4. Outras tradições apresentam estes pássaros como aves de rapina que devoravam até mesmo os homens. Ou então se dizia que suas plumas eram de aço, muito pontiagudas e que eles lançavam sobre seus inimigos como se fossem flechas. Uma interpretação evemerista do mito considera que estes pássaros são as filhas de um herói Estínfalo, que Héracles matou por terem se recusado a acolhê-lo, enquanto acolhiam hospitaleiramente os inimigos dele, os Moliônidas. Cf. Grimal, p. 210.

94. Cf. PAUSÂNIAS, I 27, 9-10; V 10, 9; DIODORO, IV 13,4; HIGINO, Fáb. 30. Algumas versões, como a de Acusilau, não admitem a metamorfose de Zeus em touro, e julgam que o animal fora simplesmente enviado por Zeus para raptar Europa. Outras versões consideram que este touro fora o amante de Pasífae. Apolodoro segue a versão de que se trata do touro que Posêidon enviou a Minos, do qual alguns autores afirmam que lançava fogo pelas narinas, que Euristeu pediu a Héracles, encarregando-o de lho apresentar vivo.

95. Alguns relatos mencionam que Héracles dirigiu-se a Creta e solicitou a ajuda de Minos, que se recusou a ajudá-lo, embora tivesse lhe permitido que apanhasse o touro sozinho, se fosse capaz. Héracles o capturou e regressou com ele à Hélade (talvez mesmo a nado, montado no dorso do animal, tal como na ocasião do rapto de Europa). Apresentou-o a Euristeu, que o quis consagrar a Hera. Mas a deusa não consentiu aceitar um presente da parte de Héracles e o pôs o em liberdade, o qual percorreu a Argólida, atravessou o istmo de Corinto e alcançou a Ática, onde, posteriormente seria morto por Teseu (v. Touro de Maratona); cf. APOLODORO, Epítome I, 5-6.

96. DIODORO, IV 15, 3-4, apresenta a versão mais antiga da lenda, segundo a qual Héracles parte sozinho à pé para a Trácia, por terra, e dá Diomedes para que as suas próprias éguas o devorassem. Após isto, os animais, acalmados, deixaram-se conduzir docilmente. Apolodoro segue a versão mais recente, que se relaciona com a fundação da cidade de Abdera. HIGINO, Fáb. 30, menciona cavalos, não de éguas.

97. Cf. APOLONIO DE RODES, II 777 ss.; e 966 ss.; DIODORO, IV 16; PAUSÂNIAS, V 10, 9; HIGINO, Fáb. 30; EURÍPIDES, Héracles 408 ss.

98. Segundo APOLONIO DE RODES, II 968, as hostilidades se iniciaram logo com o desembarque de Héracles e seus companheiros. Uma das amigas (ou a irmã) de Hipólita, Melanipe, foi feita prisioneira durante o combate e, para libertá-la, Hipólita concluiu um pacto mediante o qual ela cedia o cinto em troca da liberdade de Melanipe. É no retorno deste trabalho que os mitógrafos situam as aventuras de Héracles na costa troiana, cf. Grimal, p. 213.

99. O serviço desses deuses a Laomedonte, que durou um ano, está relatado na Ilíada VII 452-3 e XXI 441-457, ainda que não se explique o motivo pelo qual, segundo os escólios à Ilíada XXI 444 e a LICOFRON 34, houve a conspiração contra Zeus. Posêidon construiu as muralhas da cidade, enquanto Apolo se ocupou dos rebanhos. Laomedonte, além de negar-se a pagar o estipulado, ameaçou vender Apolo como escravo e cortar as orelhas de ambos. Esta defraudação de Laomedonte aos deuses também está narrada em VIRGÍLIO, Geórg. I 502; HORÁCIO, Odes III 21-2; OVÍDIO, Met. XI 205 ss. PÍNDARO, Olimp. VIII 30-47, afirma que Éaco ajudou os deuses para que o destino de Troia se cumprisse, uma vez que, segundo um oráculo ela seria conquistada se os deuses recebessem a ajuda de um mortal na construção das muralhas.

100. Cf. OVÍDIO, Met. XI 211-215; HIGINO, Fáb. 89; DIODORO, IV 42, 1-6.

101. Cf. Ilíada V 265-267. Segundo o Hino homérico a Afrodite (V) 210-212, Zeus entregou as éguas a Trós, pai de Laomedonte.

102. Cf. PSEUDO APOLODORO II 6, 4. O escólio de Tzetzes a LICOFRON 34, e o da Il. XX 146, baseado em Helânico, contam que Héracles se lançou armado às faces do cetáceo e, após permanecer três dias em seu ventre destroçando-o, dele saiu completamente calvo.

103. Cf. HESÍODO, Teog. 287-294 e 980-983; PAUSÂNIAS, III 18, 13 e IV 36, 3; DIODORO, IV 17-18; ÉSQUILO, Agamêmnon, 870; EURÍPIDES, Héracles 423; VIRGÍLIO, En.VI 289; HIGINO, Fáb.30 e 51. Gadira é Cádiz; cf. ESTRABON, III, 2, 2 2 e 5, 4.

104. HESÍODO, Teog. 312, afirma que o cão Ortro tinha cinquenta cabeças.

105. DIODORO, IV 18, 5 e PLINIO, Hist. Nat. III 4, atribuem-lhe a formação do Estreito de Gibraltar. As colunas são consideradas as rochas de Calpe (Gibraltar) e Abila (Ceuta), ou dois pilares de bronze conservados no templo de Héracles em Cádiz.

106. PANÍASIS, em sua obra Héracles, afirma que a taça em que Héracles atravessou o Oceano era a do Sol, mas que a recebeu de Oceano; nela navegou até Erítia. Cf. ATENEU 469d; MACRÓBIO, Saturnais V 21, 16 e 19.

107. Cidade do sul da Espanha; cf. ESTRABON, III 4, 3.

108. Na Ligúria, Héracles também foi atacado por um grande número de nativos com os quais manteve um combate tão encarniçado que suas flechas acabaram. Como não encontrou pedras à mão, suplicou a Zeus, o qual fez cair uma chuva de pedras do céu. Com elas, Héracles fez fugir seus inimigos. Cf. ESTRABON, IV 1, 7; HIGINO, Astro. II 6.

109. Apolodoro omite o célebre episódio de Caco, ocorrido no monte Aventino, em Roma. Caco, um ser monstruoso que respirava fumaça e chamas, roubou as vacas de Héracles, fazendo com que caminhassem para trás para confundir seus rastros, e as escondeu em uma caverna. Quando Héracles descobriu o furto, atacou Caco com as rochas que formavam a caverna e recuperou o gado. Cf. PROPÉRCIO, IV 9, 1-20; VIRGÍLIO, En. VIII 190-267; OVÍDIO, Fastos I 543-578; DIODORO, IV 21.

110. Cf. PAUSÂNIAS, III 16, 4-5; DIODORO, IV 23, 2-3; VIRGÍLIO, En. V 410-414; HIGINO, Fáb. 260. Em Diodoro e Pausânias, a luta ocorreu em razão das vacas, e as condições foram que, se Érix ganhasse, ficaria com elas; enquanto que, se Héracles ganhasse, ficaria com o reino de Érix. Acrescenta Diodoro que Érix não estava de acordo com os termos do pacto, mas Héracles o convenceu, dizendo-lhe que, se ele perdesse as vacas, também perderia a imortalidade. Érix foi vencido e depois exilado. Alguns episódios aberrantes desta lenda do regresso de Héracles foram mencionados pelos autores: Héracles teria seguido um caminho ais setentrional, e teria atravessado os países celtas, isto é, a Grã-Bretanha (v. Pirene, Celto, que ele gerou com Celtine, Gálatas, Equidna, o monstro da Cítia). Essas lendas desenvolveram-se à medida que, em um mundo cada vez mais conhecido, os viajantes e mercadores helenos encontravam heróis e deuses locais que eles assimilavam mais ou menos a Héracles. Cf. Grimal, p. 212

111. Para o episódio das maçãs das Hespérides, cf. APOLONIO DE RODES, IV 1396 ss.; DIODORO, IV 26; EURÍPIDES, Héracles 394 ss.; ERATÓSTENES, Catast. 3; OVÍDIO, Met. IV 637 ss. e IX 190; HIGINO, Astr. II 3; id. Fáb. 30. Quanto ao número de Hespérides, há discrepância: Hespéria e Aretusa podem ser uma só, também chamada de Héstia Eretusa ou Hesperaretusa, nos códices. Os nomes Egle, Erítia e Hesperaretusa, isto é, a "Brilhante", a "Vermelha" e a "Aretusa do poente", lembram as cores do céu quando o Sol desaparece no Ocidente. São estas as maçãs de ouro que Euristeu incumbiu Héracles de lhe levar.

112. Cf. HIGINO, Fáb. 31. Geralmente, este combate é situado em Págasa, na Tessália. O Pseudo Apolodoro, pelo contrário, situa-o na Macedônia, nas margens do rio Equedoro. Segundo ele, Cicno era filho de Ares e de Pirene, e tal como na versão tradicional, Cicno é morto, mas quando Ares intervém, Zeus separa os combatentes com um raio. O Pseudo Apolodoro conhece igualmente outro Cicno, filho de Ares e Pelópia, a quem Héracles matará depois em Itono (cf. PSEUDO APOLODORO II, 7, 7), porém ele não menciona a intervenção divina no duelo.

113. Filhas da Noite, segundo HESÍODO, Teog. 215-6; de Atlas e de uma filha de Héspero (irmão de Atlas), em DIODORO, IV 27.

114. Cf. PINDARO, Ist. IV 87-97; PAUSÂNIAS, IX 11, 6; DIODORO, IV 17, 4; HIGINO, Fáb. 31.

115. C. DIODORO, IV 18, 1; IV 27, 2-3; OVÍDIO, Met. IX 182-3; id. Arte de amar I 647-653; HIGINO, Fáb. 31 e 56. ISÓCRATES, Busíris 15, nega que Héracles e Busíris foram contemporâneos. FRAZER (I, p. 224-5 menciona vários testemunhos que provam, ao contrário da opinião de Heródoto, a prática de sacrifícios humanos no Egito.

116. Cf. DIODORO, IV 27, 3.

117. Cf. DIODORO, IV 15, 2; HIGINO, Fáb. 35, 54 e 144, id. Astr. II 15. Em uma passagem, Higino faz o castigo de Prometeu durar trinta anos e, em outra, trinta mil.

118. Provavelmente se refere à coroa de oliveira que Héracles trouxe do país dos Hiperbóreos e consagrou como símbolo da vitória nos Jogos Olímpicos; cf. PÍNDARO, Olímp. III 11, 20 ss., e PAUSÂNIAS, V 7, 7, talvez consignada a Héracles

como uma espécie de penhor simbólico pela liberação de Prometeu, já que este, por sua vez, passou a portar um anel em seu dedo, com um fragmento da montanha em que estivera aprisionado engastado nele, para não invalidar a promessa de Zeus de não soltá-lo nunca do local em que estava preso.

119. O texto entre parênteses aparece nos manuscritos de Apolodoro como restaurado a partir do Escólio a Argonáutica de Apolônio de Rodes, IV 1396, baseado em Ferécides, a quem provavelmente Apolodoro seguiu. Este episódio também é atestado em PAUSÂNIAS, V 10, 9. Conta-se também que, desesperadas por terem perdido os frutos que estavam sob sua guarda, as Hespérides foram transformadas em árvores: um ulmeiro, um choupo e um salgueiro, a cuja sombra, mais tarde, os Argonautas descansaram. O dragão foi transferido para o céu, onde se tornou a constelação da Serpente.

120. Na Ilíada, VIII 366-369, diz-se que Atena ajudou Héracles a tirar Cérbero do Hades; na Odisseia XI 623-626, que foi Hades. O número de cabeças que se atribuía a Cérbero varia entre três, cinquenta ou cem, dependendo da fonte consultada.

121. Em DIODORO, IV 25, 1, aparece Museu, filho de Orfeu, dirigindo os rituais de iniciação. Em outra passagem (cf. IV, 14, 3), menciona que Deméter instituiu estes mistérios para purificar Héracles da morte dos Centauros. A adoção de Héracles por Pílio também está atestada em PLUTARCO, Teseu 33.

122. Cf. BAQUÍLIDES, V 56-175. Héracles estendia o arco contra Meleagro, quando este se aproximou e lhe contou o seu fim em termos tão emocionantes que Héracles se comoveu até às lágrimas. E perguntou-lhe então se lhe restava uma irmã. Meleagro respondeu que Dejanira ainda vivia. Héracles prometeu então desposá-la.

123. O Pseudo Apolodoro nos proporciona a versão mais conhecida da lenda, na qual apenas Teseu é resgatado. Contudo, HIGINO, Fáb. 79, afirma que Héracles conseguiu resgatar os dois, enquanto DIODORO, IV 26, 1, nega que ambos tenham se salvado. Cf. Epítome 1, 23-24; Odisseia XI 631, APOLONIO DE RODES, I 101 ss.; IV 63, 4-5; EURÍPIDES, Héracles 619; PAUSÂNIAS, I 17, 4; IX 31, 5; X 29, 9; VIRGÍLIO, Eneida VI 392 ss. e 617 ss.; HORÁCIO, Odes II 4, 79 ss. e IV 392 ss.

124. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 5, 3.

125. PAUSÂNIAS, em II 31, 2, coincide com o Pseudo Apolodoro em que a subida do Hades foi através de Trezena, mas em II 35, 10, afirma que foi por Hermíone, e em IX 34, 5, que foi pelo monte Lafístio, na Beócia.

126. Cf. OVÍDIO, Met. V 538 ss.

127. Cf. SÓFOCLES, Traq. 260 ss.

128. Cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 12.

129. Cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 15. Eurípides, na sua tragédia Alceste vincula esta lenda à passagem de Héracles pela Tessália por ocasião do seu trabalho de buscar as éguas de Diomedes, da Trácia. Porém o Pseudo Apolodoro faz deste episódio um dos que marcaram as aventuras de Héracles e Ífito. Por outro lado, como observou Grimal (p. 216), é provável que a intervenção de Héracles nesse mito seja um desenvolvimento tardio. No tema primitivo é a própria Perséfone quem, sensibilizada pela dedicação da jovem esposa, fá-la regressar à vida, e não o herói que obriga Tânato (a Morte) a entregar sua presa.

130. HOMERO, Odisseia XXI 22-30, afirma que Ífito foi procurar doze éguas que haviam desaparecido, e Héracles, depois de tê-lo alojado, matou-o e ficou com as éguas para si; mas, segundo o escólio à Odisseia XXI 22, as éguas haviam sido roubadas por Autólico e vendidas a Héracles. A versão de SÓFOCLES, Traq. 262-279, é um pouco diferente: Héracles se vinga dos insultos de Êurito, lançando Ífito do alto de uma rocha de Tirinto. Cf. também DIODORO, IV 31, 2-3. Êurito, porém, recusou-se a aceitar o preço que Héracles estava disposto a pagar-lhe pela morte do filho, ou seja, o dinheiro da sua venda como escravo, comprado por Ônfale por três talentos, que constituiria o "preço de sangue" para ressarci-lo do assassinato de seu filho.

131. Cf. DIODORO, IV 31, 4-5.

132. Cf. HIGINO, Fáb. 32; SÉRVIO, a En. VIII 300.

133. Cf. SÓFOCLES, Traq. 247 ss.; DIODORO; IV 31, 5-8; LUCIANO, Diálogo dos deuses 13, 2. Os autores são pródigos em pormenores a respeito de Héracles e Ônfale. Compraziam-se em representarem Héracles vestido à maneira da Lídia, com longos vestidos femininos, enquanto a rainha ostentava os seus atributos: a clava e a pele de leão. Héracles, sentado a seus pés, aprendia a fiar. Essa "troca do vestuário" é característica de um tema folclórico e foi amplamente explorada como "exemplo" pelos moralistas e filósofos. Foi durante essa servidão a Ônfale que os mitógrafos colocaram a caça do javali de Cálidon (v. Meleagro) e os feitos de Teseu contra os bandidos que infestavam o istmo de Corinto, explicando assim a ausência de Héracles durante estes acontecimentos.

134. Os Cércopes (de kérkos, "cauda") eram dois estranhos personagens, dotados de caudas, ladrões e malfeitores que passavam o tempo espoliando e enganando os viajantes com todo tipo de embuste. Este episódio, colocado primeiramente na Tessália, foi definitivamente situado Ásia Menor, ao ligar-se ao "ciclo de Ônfale". A aventura dos Cércopes forneceu os temas das comédias burlescas, tal como grande número de outras façanhas "populares" de Héracles, cf. DIODORO IV 31, 7. Segundo OVÍDIO, Met. XIV 90-100, Zeus os transformou em macacos, mas, segundo FERÉCIDES, 3 F 77, foram transformados em pedras.

135. Cf. CÓNON, Narrativas 17; DIODORO, IV 31, 7. Sileu é o vinhateiro que forçava os transeuntes a trabalhar na sua vinha. Trata-se de um conto folclórico utilizado por Eurípides como tema de um drama satírico perdido em que Héracles intervém com sua glutonaria habitual. Em outra tradição, Héracles apaixona-se pela filha de Sileu e a torna sua esposa, porém, como se ausentou por certo tempo, a jovem não pôde suportar sua ausência e morreu. Quando voltou, como prometera, Héracles, desesperado, quis lançar-se na pira fúnebre da esposa e foi com grande dificuldade que o impediram de fazer. Existia também outra tradição segundo a qual Héracles foi vendido como escravo a Sileu, e não a Ônfale. Quanto à região em que Sileu habitava uns situam-no na Lídia, outros, na região de Áulis ou na região das Termópilas ou ainda na do Pélion, na Tessália.

136. PAUSÂNIAS, IX 11, 4-5, menciona uma estátua de Héracles, obra de Dédalo, que ainda existia em sua época. Grimal (p. 218) comenta a respeito, dizendo que, deste modo, achavam-se unidos os dois ciclos, o de Dédalo e o de Héracles.

137. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 16 ss.

138. Cf. PSEUDO APOLODORO I 8, 2 ss.

139. Cf. PSEUDO APOLODORO III 16 e Epítome 1 ss.

140. Cf. Ilíada V 640-643; DIODORO, IV 32; OVÍDIO, Met. XI 213-217; HIGINO, Fáb. 89.

141. Isto é, "Vencedor glorioso"

142. Cf. OVÍDIO, Met. XI 215-217; EURÍPIDES, Andrômeda, 796 ss.; SÓFOCLES, Ájax, 1299-1303.

143. O Pseudo Apolodoro deriva o nome de Príamo, de príamai, "comprar".

144. Cf. PSEUDO APOLODORO I 3, 5. Por instigação de Hera, Hipno, o deus do sono, fez com que Zeus adormecesse profundamente, para suscitar uma tempestade que lançou o navio de Héracles de encontro às costas de Cós.

145. Cf. PSEUDO APOLODORO I 6, 1-2.

146. Cf. DIODORO, IV 33, 1; PAUSÂNIAS, V 1, 10-11; V 2, 1; VI 20, 16.

147. Êurito e Ctéato, chamados Moliônidas por sua mãe, ou Actóridas por seu pai, são descritos, algumas vezes, simplesmente como siameses (escólio à Ilíada XXIII 638); outras, com dois corpos diferentes, mas cada um com duas cabeças, quatro mãos e quatro pés (FERÉCIDES, 3 F 79, em escólio à Ilíada XI 709). Cf. Ilíada II 621; XI 709-10 e 750 ss.; XXII 638. Segundo outras versões, tinham um só corpo com duas cabeças e haviam nascido de um ovo de prata, cf. Íbico em ATENEU II 57f-58a. Assim os mitógrafos explicavam essa derrota de Héracles: dizendo que os Moliônidas se aproveitaram covardemente do fato de que estava doente.

148. Cf. DIODORO, IV 33, 3-4; PAUSÂNIAS, V 3, 1-3.

149. Cf. PÍNDARO, Olímp. VI 67 ss.; X 24 ss.; DIODORO, IV 14, I; V 64, 6; PAUSÂNIAS, V 7, 9; 8, 1 e 3-4; HIGINO, Fáb. 273.

150. Também feriu Ares na coxa com uma lança e Hera no seio, com uma flecha, que lutaram a favor dos pílios. Cf. HESÍODO, Escudo 359; Ilíada V 392-400; XI 690-693; PAUSÂNIAS, II 18, 7; VI 25, 2-3; OVÍDIO, Met. XII 549-572. Posêidon e Apolo também participam da luta, na versão apresentada por Píndaro.

151. Cf. DIODORO, IV 33, 5-6; PAUSÂNIAS, II 18, 7; III 10, 7; VIII 53, 9. Os Hipocoôntidas tinham afastado do trono os seus legítimos herdeiros, Icário e Tíndaro, e a sua restituição era um dos motivos alegados pelo qual Héracles teria empreendido essa expedição militar; o motivo, porém, é outro, a saber, a vingança da morte de Eono, o filho de Licímnio e sobrinho de Héracles, que Apolodoro menciona como causa da expedição.

152. Cf. PAUSÂNIAS, VIII 47, 5.

153. A versão mais corrente do mito é fornecida pela Auge de Eurípides, bem como pelos Mísios e pelos Aleadas de Sófocles: um oráculo advertira Áleo que a sua filha geraria um filho que mataria seus tios (os Aleadas) e reinaria em seu lugar. O rei devotou então sua filha à deusa Atena e a proibiu de casar, sob pena de morte. Mas Héracles, passando por Tégea a caminho de Élis, onde ia lutar contra Augias, foi recebido como hóspede por Áleo e após um banquete, já ébrio, violentou Auge, sem saber que ela era a filha do rei. A violação teria ocorrido no santuário de Atena ou perto de uma fonte. Ao saber que a filha estava grávida, o rei quis matá-la (e aí as fontes se dividem: ou Áleo pôs Auge e seu filho em um cofre e o lançou ao mar ou, então, entregou-os ao navegador Náuplio para que ele próprio o lançasse, ou ainda, para que os vendesse num país distante). Náuplio vendeu-os a uns mercadores de escravos que os levaram para Mísia. O rei dessa região, Teutras, que não tinha filhos, desposou Auge e adotou-lhe o filho, Télefo. HIGINO, Fáb. 99 e 100, dá outra versão: Teutras acolhe Auge como a uma filha, e Télefo, que chegou depois a Mísia, ajudou-o a defender o reino que se encontrava ameaçado por Idas, o filho de Afareu. Teutras o recompensou com a mão de Auge, que não queria, porém, casar-se com ele e estava disposta a matá-lo; os deuses enviaram um enorme dragão e, então, Auge revelou seus propósitos a Télefo. Este se dispunha a matá-la, mas ela invocou a Héracles, e mãe e filho se reconheceram e regressaram à sua pátria. Segundo DIODORO, IV 33, 11-12, Télefo casou-se com uma filha de Teutras.

154. De thelé, "ubre" e élaphos, cerva.

155. Cf. SÓFOCLES, Traq. 9-21; DIODORO, IV 35, 3-4; OVÍDIO, Met. IX 1-88; HIGINO, Fáb. 31. Segundo Ovídio, o rio se transformou primeiro em serpente e depois em touro.

156. Há diferentes versões sobre o cifre de Amalteia, chamado pelos latinos de Cornucópia (ou Chifre da Abundância). Para alguns, é um dos chifres da cabra Amalteia, ou da cabra com que a ninfa Amalteia havia criado Zeus (que o teria arrancado da cabra, fazendo com que dele manasse néctar e ambrosia, segundo o Hino a Zeus 48 ss., de CALÍMACO, e, posteriormente, segundo ZENÓBIO II 48, dado a Amalteia prometendo-lhe de que o corno se encheria prodigiosamente de todos os frutos que desejasse,); para outros, é o chifre de Aqueloo, que Héracles havia arrancado e dado às ninfas, que o rechearam de frutas. Cf. OVÍDIO, Met. IX 85-88; id. Fastos V 115-128. HIGINO, Astr. II 13, e ERATÓSTENES, Catast. 13, mencionam a metamorfose da cabra em constelação.

157. Trata-se dos filhos que teve com as cinquentas tespíades, cf. PSEUDO APOLODORO II 4, 10. DIODORO, IV 29, 3-6, menciona que foram apenas dois os enviados a Tebas.

158. Cf. DIODORO, IV 36, 2; PAUSÂNIAS, II 13, 8. Este último o denomina Cíato.

159. Cf. SÓFOCLES, Traq. 555 ss.; DIODORO, IV 36, 3-5; OVÍDIO, Met. IX 101-133; HIGINO, Fáb. 34; ESTRABON, X 2, 5.

160. Cf. CALÍMACO, Hino a Ártemis 160-1. Juntamente com Dejanira e Hilo. No entanto, Tiódamas fugiu em direção à cidade e regressou com um bando armado. Após ocorrer o combate, a princípio desfavorável a Héracles, a ponto de Dejanira ter de se armar, chegando a ser atingida no peito. Não obstante, Héracles venceu e matou Tiódamas.

161. Cicno tinha o hábito de cortar as cabeças dos viajantes para construir um templo com elas em homenagem a seu pai, Ares; cf. Escólio a Píndaro, Olímp. II 147 e X 19. Quanto ao local do combate PAUSÂNIAS, I 27, 6, o situa nas proximidades do rio Peneu, enquanto HESÍODO, Escudo 57-423, afirma que ele ocorreu em Págasas; Cf. supra, nota 113.

162. DIODORO, IV 37, 4 afirma que Amíntor lhe negou a mão de sua filha Astidâmia em casamento, a qual, logo depois de ser violentada por Héracles gerou Ctesipo.

163. Pelo fato de ter negado a mão de sua filha Íole, cf. II 6, 1.

164. Cf. SÓFOCLES, Traq. 351-362; 476-478; HIGINO, Fáb. 35; DIODORO, IV 37, 5.

165. Cf. SÓFOCLES, Traq. 756-806; DIODORO, IV 38, 1-2; OVÍDIO, Met. IX 136-272; HIGINO, Fáb. 36.

166. Esta era a forma de suicídio "heroico" preferida pelas mulheres e a ela recorreram muitas heroínas como Jocasta, Erígone, Fedra, Enone, etc. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 3; I 9, 27; III 12, 6; III 13, 3, e Epítome I 19.

167. Segundo a versão mais extensa do mito, foi Filoctetes quem ateou fogo à pira; cf. DIODORO, IV 38, 3-8; OVÍDIO, Met. IX 229 ss. Filoctetes herdará de seu pai, Peante, o arco e as flechas de Héracles, os quais desempenharão um papel importante na guerra de Troia. Cf. SÓFOCLES, Traq. 1191 ss. e PSEUDO APOLODORO Epítome 5, 8.

168. Cf. Odisseia XI 602-604; HESÍODO, Teog. 950-955; id. Fr. 229; EURÍPIDES, Heraclidas 915-6; OVÍDIO, Met. IX 400-1.

169. Segundo outra variante sobre os derradeiros momentos de Héracles, ele não teria morrido voluntariamente sobre uma pira acesa. Torturado pela túnica embebida no sangue do Centauro Nesso, ter-se-ia inflamado ao sol e depois se lançado a um rio próximo a Tráquis, tentando apagar o fogo que o devorava. O rio no qual se lançara teria ficado quente por este motivo, e estaria aqui a origem das Termópilas, entre a Tessália e a Fócida, onde há sempre uma fonte quente. Tanto nesta quanto na versão de sua apoteose, os comentadores e estudiosos ressaltam a presença do fogo: é por ele que o herói se despoja dos elementos mortais oriundos de sua mãe mortal, Alcmena. Do mesmo modo como Tétis tentou purificar Aquiles, expondo-o às chamas da lareira, para torná-lo imortal. O Pseudo Apolodoro não menciona um famoso episódio ocorrido durante a guerra entre os atenienses e Euristeu por causa dos filhos de Héracles. Um oráculo havia declarado que os atenienses venceriam, se um dos filhos de Héracles se oferecesse voluntariamente para morrer. Assim o fez Macária, filha de Héracles e Dejanira, e os atenienses foram vitoriosos. Cf. PAUSÂNIAS, I 32, 6; EURÍPIDES, Heraclidas 406 ss., 474-601, 819-922. Segundo Pausânias (op. cit.), em Atenas reinava Teseu, pai de Demofonte.

170. Segundo EURÍPIDES, Heraclidas 843-866, 928-980 e 1030-1055, Iolau fez Euristeu prisioneiro junto às rochas Cironianas e o levou ante Alcmena para ser executado. De acordo com PÍNDARO, Pít. IX 79 ss., quem o matou foi Iolau e não Hilo.

171. Cf. DIODORO, IV 58, 1-4.

172. HOMERO (Ilíada II 653-670) afirma que Tlepólemo fugiu para Rodes devido às ameaças dos demais Heraclidas. Cf. também PÍNDARO, Olímp. VII 27; DIODORO, IV 58, 7-8.

173. A lacuna poderia se referir aos sucessos relatados por DIODORO, IV 58, 1-2 e PAUSÂNIAS, VIII 5, 1: Hilo adentra o Peloponeso através do Istmo e morre em um combate singular às mãos de Équemo, rei de Tégea. O seu neto, Aristômaco, foi quem interrogou novamente o oráculo, que lhe respondeu: "Os deuses conceder-te-ão a vitória se atacares pelos estreitos"; ou ainda, "pela via estreita", uma vez que a expressão do oráculo era ambígua. Aristômaco pensou que se tratava de atacar pelo istmo ("a via estreita"), e foi morto. Tendo sido vencidos mais uma vez, os Heraclidas retiram-se da Ática e por cinquenta anos não voltarão a entrar no Peloponeso.

174. Aristômaco era filho de Cleodeu, que por sua vez era filho de Hilo, cujo pai era Héracles, Foi pai de Têmeno, Cresfonte e Aristodemo; estes dois primeiros lideraram os Heraclidas e os dórios durante a conquista do Peloponeso, cf. PAUSÂNIAS, II 18, 7; V 4, 1; VIII 5, 6; X 28, 10.

175. Aparentemente, havia uma segunda parte do oráculo que os aconselhava a passarem pelo estreito para chegar ao Peloponeso, mas o "estreito" não se referia ao Istmo, mas à entrada do golfo de Corinto (v. nota anterior).

176. Náupacto significa literalmente "local em que se constrói a nau", daí a ideia de "estaleiro".

177. Segundo PAUSÂNIAS, III 13, 4, esse adivinho era um acarnense chamado Carno.

178. Provavelmente se trata de um homicídio acidental, pois parece que sua vítima era seu próprio irmão, cf. PAUSÂNIAS, V 3, 7.

179. Cf. PAUSÂNIAS; IV 18, 6.

180. PAUSÂNIAS; II 19, 1 e II 28, 2, difere quantos aos nomes dos filhos de Têmeno, aos quais denomina Ciso, Cerines, Falces e Agreu.

181. HIGINO, Fáb. 184, menciona Telefonte como sendo o filho sobrevivente. Cf. Também PAUSÂNIAS, IV 3, 7 ss.

LIVRO III

Descendências de Agenor, Pelasgo, Atlas e os reis da Ática

CAPÍTULO 1

Europa, Minos e Pasífae

Filhos de Agenor. Rapto de Europa.

[3.1.1] Após termos descrito a estirpe de Ínaco e mostrado as gerações desde Belo até os heraclidas, falemos, na sequência, também sobre a estirpe de Agenor. Como havíamos dito[1], Líbia gerou de Posídon dois filhos, Belo e Agenor. Belo foi rei dos egípcios e gerou os filhos que já mencionamos. Quanto a Agenor, dirigiu-se a Fenícia, casou-se com Teléfassa e gerou uma filha, Europa, e os filhos Cadmo, Fênix e Cílix. Embora alguns digam que Europa não era filha de Agenor, mas de Fênix[2]. Zeus, tendo se apaixonado por ela, transformou-se num touro manso, e carregando-a sobre seu dorso, levou-a pelo mar para Creta[3]. Aí, após se unir a Zeus, ela gerou Minos, Sarpédon e Radamante; mas, segundo Homero, Sarpédon era filho de Zeus e Laodâmia, a filha de Belerofonte. Quando Europa desapareceu, seu pai Agenor enviou seus filhos à sua procura, dizendo-lhes que não retornassem antes de encontrá-la. Com eles, também partiram à sua procura sua mãe, Teléfassa, e Tasos, o filho de Posídon ou, como afirma Ferécides, de Cílix[4]. Mas quando, após terem feito uma busca completa, foram incapazes de encontrar Europa, desistiram de retornar às suas casas e cada qual se estabeleceu em lugar: Fênix, na Fenícia[5], Cílix, perto da Fenícia, e denominou Cilícia toda a região sob seu poderio, próxima ao rio Píramo, e do mesmo modo, Tasos se estabeleceu na Trácia, fundando aí a cidade de Tasos.

Filhos de Europa.

[3.1.2] Astérion, soberano dos cretenses, esposou Europa e criou os filhos que teve com ela[6]. Quando, porém, eles se tornaram adultos, desentenderam-se entre si, pois se apaixonaram por um rapaz que se chamava Mileto, filho de Apolo e de Aria, filha de Cléoco. Como o rapaz sentia maior afinidade por Sarpédon, Minos armou uma guerra e sagrou-se vencedor; os outros fugiram. Mileto chegou à Cária e fundou a cidade de Mileto, a partir do próprio nome[7]. Sarpédon aliou-se a Cílix, que estava em guerra contra os lícios, em troca de uma porção do território, e tornou-se rei da Cilícia[8]. Zeus lhe concedeu viver por três gerações. Contudo, alguns dizem que eles se apaixonaram por Atímnio, filho de Zeus e Cassiepeia, e que foi por isso que eles se desentenderam. Radamante atuou como legislador dos habitantes das ilhas e, depois de se exilar novamente na Beócia, esposou Alcmena [9]; desde sua passagem para o outro mundo, ele ministra justiça no Hades, juntamente com Minos. Minos se estabeleceu em Creta, redigiu leis e esposou Pasífae[10], filha de Hélio e Perseide; não obstante, Asclepíades afirma que sua esposa era Creta, filha de Astérion; e gerou filhos: Catreu, Deucalião, Glauco e Androgeu, e filhas: Acale, Xenódice, Ariadna e Fedra, e de uma Ninfa pária teve Eurimedonte, Nefálion, Crises e Filolau; e de Dexítea, teve Euxântio.

Minos e Pasífae. O Minotauro.

[3.1.3] Depois que Astérion morreu sem descendência, Minos pretendeu reinar em Creta, porém foi impedido. Ele alegava que o reino lhe fora dado pelos deuses, e para que se acreditasse nele, afirmava que o que quer que ele pedisse, os deuses o realizariam. E no instante em que sacrificava a Posídon, Minos suplicou que um touro surgisse das profundezas do mar, prometendo-lhe sacrificá-lo quando ele aparecesse. Posídon fez surgir um touro magnífico, e

Minos obteve o reino, porém enviou o touro para seus rebanhos e sacrificou outro[11]. Ele foi o primeiro a assegurar o domínio sobre o mar e estendeu seu poder sobre quase todas as ilhas[12].

[3.1.4] Irritado com Minos, por não ter lhe sacrificado o touro, Posídon tornou-o selvagem e fez com que Pasífae fosse tomada de desejo por ele. Em sua paixão pelo touro, ela encontrou um cúmplice em Dédalo, que era arquiteto e havia sido banido de Atenas devido a um assassinato[13]. Dédalo construiu uma vaca de madeira sobre rodas e, tornando oco o seu interior, recobriu-a com a pele de uma vaca que havia esfolado e, após colocá-la num prado em que o touro costumava pastar, introduziu Pasífae dentro dela. Logo que o touro chegou, uniu-se a ela, tomando-a por uma vaca de verdade. Pasífae gerou Astérion, o chamado Minotauro, que tinha o rosto de touro e o restante de homem. Minos, em atenção a certos oráculos, encerrou-o no labirinto e o mantinha sob custódia.[14] O labirinto que Dédalo construiu era um edifício que induzia a errar a saída por meio de complicadas sinuosidades. Porém, quanto aos assuntos relacionados com Minotauro, Androgeu, Fedra e Ariadna, falaremos mais tarde nos relatos referentes a Teseu[15].

CAPÍTULO 2

Catreu

Catreu e seus filhos: Altêmenes e Apemósine.

[3.2.1] De Catreu, filho de Minos, nasceram Aérope, Clímene e Apemósine, e um filho, Altêmenes[16]. Quando Catreu consultou o oráculo a respeito do término de sua vida, o deus lhe respondeu que morreria pelas mãos de um de seus filhos[17]. Catreu ocultou o oráculo, mas Altêmenes o ouviu e, receoso de se tornar o assassino de seu pai, partiu de Creta em companhia de sua irmã Apemósine e aportou em um lugar de Rodes, e após tomar posse desse lugar, denominou-o Cretênia. Tendo subido o monte chamado Atabírio[18], contemplou as ilhas circundantes e, ao distinguir Creta e lembrar-se dos deuses pátrios[19], ergueu um altar em honra de Zeus Atabírio. Não muito tempo depois, tornou-se o assassino de sua irmã. Pois Hermes se apaixonou por ela, e uma vez que não conseguia alcançá-la em sua fuga, porque ela o superava na rapidez dos pés, estendeu-lhe peles recém-esfoladas no caminho, e ao escorregar nelas quando retornava da fonte, Apemósine foi seduzida. Ela revelou ao seu irmão o que havia ocorrido, mas este, julgando que o deus era um pretexto, desferiu-lhe pontapés até a morte.

[3.2.2] E Catreu entregou Aérope e Clímene a Náuplio para que as vendesse em terras estrangeiras; destas duas, Aérope tornou-se esposa de Plístenes e gerou Agamêmnon e Menelau; e Clímene tornou-se esposa de Náuplio, que veio a ser o pai de Éax e Palamedes. Mas quando, mais tarde, a velhice se apoderou de Catreu, ele teve o desejo de transmitir o reino ao seu filho Altêmenes, e por esse motivo se dirigiu para Rodes. Quando desembarcou do navio, em companhia de seus heróis, num lugar deserto da ilha, ele foi perseguido por uns boieiros que imaginavam que estavam sendo atacados por piratas, e devido aos latidos dos cães, não podiam ouvir Catreu, que lhes dizia a verdade. Enquanto eles o atacavam, Altêmenes chegou, e sem ter reconhecido seu pai, o matou, atingindo-o com a lança. Quando mais tarde inteirou-se do que havia acontecido, Altêmenes fez uma prece e foi engolido pela terra.

CAPÍTULO 3

Glauco

Morte e ressurreição de Glauco, filho de Minos. Políido.

[3.3.1] Deucalião gerou Idomeneu, Creta e um bastardo, Molo. Mas Glauco, que ainda era uma criança, ao perseguir um rato, caiu num tonel de mel e morreu [20]. Diante de seu desaparecimento, Minos efetuou uma busca intensa e consultou os adivinhos sobre o modo de o encontrar. Os Curetes lhe disseram que possuíam em seus rebanhos uma vaca de três cores e que aquele que fosse capaz de melhor descrever o colorido da vaca, também conseguiria lhe restituir o filho vivo. Dentre todos os adivinhos convocados, Políido, filho de Cérano, comparou a cor da vaca com a do fruto da amoreira[21]. Forçado a procurar o menino, ele o encontrou por meio de adivinhação. Porém Minos havia dito que ele devia recuperá-lo vivo, e ele foi trancafiado juntamente com o cadáver. Quando se encontrava em grande perplexidade, Políido viu uma serpente se aproximar do cadáver, e atirando-lhe uma pedra, a matou, temendo que ele próprio viesse a perecer, se algo acontecesse ao cadáver. Veio então outra serpente, e ao ver o cadáver da anterior, se afastou e, em seguida, retornou trazendo erva e a colocou sobre todo o corpo da outra; e quando a erva foi depositada, a serpente morta ressuscitou. Admirado com o que vira, Políido colocou a mesma erva sobre o corpo de Glauco e o ressuscitou[22].

[3.3.2] Porém, mesmo depois que Minos teve seu filho de volta, não permitiu que Políido partisse de Argo, sem que antes ensinasse a arte da adivinhação a Glauco, e Políido, constrangido a isso, lha ensinou. Contudo, quando estava a ponto de zarpar, ordenou a Glauco que cuspisse em sua boca, e ao fazê-lo, Glauco esqueceu a arte da adivinhação. Até esse ponto são as coisas que tenho a dizer com referência à descendência de Europa.

CAPÍTULO 4

Cadmo, Sêmele e Actéon

Cadmo funda Tebas. Os espartos.

[3.4.1] Quando Teléfassa morreu, Cadmo a enterrou e, tendo sido acolhido hospitaleiramente pelos trácios, partiu para Delfos para obter informações sobre Europa. O deus disse-lhe que não se preocupasse com Europa, mas que se deixasse guiar por uma vaca e fundasse uma cidade no local em que ela caísse esgotada. Após receber este oráculo, viajou pela Fócida e, encontrando a vaca entre os rebanhos de Pelagonte, pôs-se a segui-la. Esta, após atravessar a Beócia, baixou ao solo no local em que agora se encontra Tebas[23]. Desejando sacrificar a vaca a Atena, enviou alguns de seus companheiros para pegar água da fonte de Ares. No entanto, um dragão, que guardava a fonte, o qual alguns afirmam que era filho de Ares, exterminava a maior parte dos enviados. Tomado de indignação, Cadmo matou o dragão e, por conselho de Atena, semeou seus dentes[24]. Após eles terem sido semeados, emergiram da terra homens armados, denominados espartos[25]. Eles se mataram uns aos outros, uns por entrarem na disputa involuntariamente, outros por ignorância. No entanto, Ferécides afirma que, ao ver homens armados surgindo da terra, Cadmo lançou pedras contra eles, e eles, supondo que uns as haviam lançado contra os outros, travaram combate entre si. Cinco deles sobreviveram: Equíon, Udeu, Ctônio, Hiperénor e Peloro[26].

[3.4.2] Cadmo, para compensar seu crime, serviu a Ares durante um ano perpétuo, pois, naquela época, um ano equivalia a oito dos nossos.

Progênie de Cadmo. Sêmele. Nascimento de Dioniso. Ino e Átamas.

Após sua servidão, Atena lhe ofereceu o reino e Zeus lhe concedeu como esposa Harmonia, filha de Afrodite e Ares. Todos os deuses abandonaram o céu e celebraram as núpcias na Cadmeia, com banquetes e hinos[27]. Cadmo deu-lhe um peplo de presente e um colar lavrado por Hefesto, que alguns dizem que fora dado a Cadmo por Hefesto, porém Ferécides afirma que o colar lhe foi dado por Europa, e que ela o havia recebido de Zeus [28]. Cadmo teve filhas, Autônoe, Ino, Sêmele e Agave, e um filho, Polidoro[29]. Ino se casou com Átamas, Autônoe com Aristeu, e Agave com Equíon.

[3.4.3] Zeus se apaixonou por Sêmele e se uniu a ela, às ocultas de Hera [30]. Zeus prometeu a Sêmele conceder-lhe o que ela lhe pedisse, e ela, enganada por Hera, pediu que ele se lhe apresentasse tal como quando havia cortejado Hera[31]. Sem poder recusar, Zeus se apresentou na câmara nupcial em um carro, entre relâmpagos e trovões, e lançou um raio. Como Sêmele havia perecido de pavor, Zeus arrebatou do fogo o feto de seis meses e costurou-o em sua coxa. Após a morte de Sêmele, as outras filhas de Cadmo divulgaram a notícia de que Sêmele tivera uma relação amorosa com um mortal e acusara Zeus em falso, e que, por esse motivo, havia sido fulminada. Chegado o tempo apropriado, Zeus desfez a costura, deu à luz a Dioniso e o confiou a Hermes, que o levou para junto de Ino e Átamas e os persuadiu a criarem-no como uma menina[32]. Mas Hera, indignada, enlouqueceu-os, Átamas caçou Learco, seu filho mais velho, como se fosse um cervo[33] e o matou, e Ino lançou Melicertes num caldeirão fervente e, em seguida, carregou-o com o cadáver de seu filho, e lançou-se às profundezas do mar. Ela também é chamada Leucótea, e o menino, Palémon; assim lhes chamam os navegantes, pois que lhes prestam auxílio nas tormentas [34]. Em honra de Melicertes foram instituídos por Sísifo os jogos ístmicos. Zeus conseguiu desviar a cólera de Hera, ao transformar Dioniso num cabrito[35], e Hermes o pegou e o levou para junto das Ninfas que viviam no Nisa, na Ásia, às quais Zeus, após sua transformação em estrelas, denominou Híades.

Actéon

[3.4.4] Autônoe e Aristeu tiveram um filho, Actéon, que foi criado por Quíron e adestrado na caça, e acabou devorado pelos próprios cães no Citéron[36]. Morreu deste modo, conforme diz Acusilau, porque Zeus estava encolerizado contra ele por ter cortejado Sêmele, mas segundo a maioria, por ter visto Ártemis se banhar. Afirmam que a deusa o transformou subitamente num cervo e enfureceu os cinquenta cães que o seguiam, pelos quais foi devorado sem que o reconhecessem. Após a morte de Actéon, seus cães emitiam intensos latidos à procura de seu dono, e em sua busca chegaram à gruta de Quíron, que elaborou uma imagem de Actéon e fez cessar a tristeza deles.

Os nomes dos cães de Actéon, dos quais....

Assim

Agora, em torno de seu formoso corpo, como o de um animal,

vigorosos cães o despedaçaram. Perto, Árcena, a primeira.

... depois dela, suas crias robustas,

Linceu e Bálio, famoso por suas patas, e Amarinto.

E citou estes claramente por seus nomes. E então Actéon pereceu por desígnio de Zeus.

Os primeiros a beber o sangue negro de seu dono

foram Esparto, Omargo e Bores, veloz nas trilhas.

Estes foram os primeiros a devorar Actéon e a lamber o seu sangue.

Depois deles todos os demais se precipitaram ávidos...

Que sirva de consolo para os homens nas dores atrozes[37].

CAPÍTULO 5

Dioniso, Antíope, Anfíon, Zeto e Édipo

Viagens de Dioniso. Licurgo

[3.5.1] Dioniso foi o descobridor da vinha[38]e, enlouquecido por Hera, perambulou pelo Egito e Síria[39]. A princípio, Proteu, rei do Egito, o acolheu, e mais tarde chegou a Cibela, na Frígia. Aí, após ter sido purificado por Reia e ter aprendido os ritos de iniciação[40], recebeu dela uma túnica e, dirigiu-se a toda pressa contras os hindus, pela Trácia. Licurgo, filho de Drias, era o rei dos edones, que habitavam as margens do rio Estrímon, e foi o primeiro a insultá-lo e a expulsá-lo. Dioniso refugiou-se no mar, junto a Tétis, a filha de Nereu, mas as Bacantes e a multidão de Sátiros que o seguiam foram feitos prisioneiros. No entanto, logo depois, as Bacantes subitamente tornaram-se livres e Dioniso enlouqueceu Licurgo. Este, em sua loucura, julgando cortar um ramo de videira, matou seu filho Drias com um golpe de machado, e após lhe cortar as extremidades, recuperou a razão. Como a terra permanecia estéril, o deus vaticinou que ela voltaria a dar frutos se Licurgo morresse. Ao ouvir isto, os edones o levaram ao monte Pangeu e o amarraram, e aí ele veio a perecer, por desígnio de Dioniso, destroçado por cavalos[41].

Penteu. Dioniso e os piratas

[3.5.2] Tendo atravessado a Trácia e toda a Índia, onde ergueu colunas, Dioniso chegou a Tebas e obrigou as mulheres a se entregarem ao delírio báquico no Citéron, abandonando seus lares. Penteu, que era filho de Agave e Equíon e havia recebido o reino de Cadmo, tentou impedir que isso acontecesse e, dirigindo-se ao Citéron para espionar as Bacantes, foi destroçado por sua mãe Agave, em um acesso de loucura, pois ela presumiu que seu filho fosse um animal selvagem[42]. Após ter demonstrado aos tebanos que era um deus, Dioniso chegou a Argo e aí novamente enlouqueceu as mulheres por não terem prestado culto a ele; elas, nos montes, devoravam as carnes das crianças que traziam ao peito.

[3.5.3] Desejando atravessar de Icária para Naxos, ele alugou uma trirreme de piratas tirrenos. Mas estes, logo que o embarcaram, passaram ao largo de Naxos e se dirigiram a toda pressa para Ásia com a intenção de vendê-lo. Então Dioniso converteu o mastro e os remos em serpentes e encheu a nau de hera e de sons de aulo; os piratas, enlouquecidos, fugiram pelo mar e se transformaram em golfinhos[43]. Deste modo, os homens compreenderam que ele era um deus e o honraram; e ele fez sua mãe retornar do Hades e, depois de lhe atribuir o nome de Tione, ascendeu ao céu em sua companhia[44].

Cadmo e Harmonia entre os ilírios

[3.5.4] Cadmo e Harmonia partiram de Tebas e chegaram ao enquéleos, aos quais, quando estavam sendo atacados pelos ilírios, o deus havia vaticinado que venceriam se tivessem como chefes Cadmo e Harmonia; eles, persuadidos, tornaram-nos seus chefes contra os ilírios e os venceram.

Cadmo reinou sobre os ilírios e teve um filho, Ilírio[45]. Mais tarde, ele e Harmonia se transformaram em serpentes, e ambos foram enviados por Zeus para os Campos Elíseos[46].

Os descendentes de Polidoro: Lábdaco, Laio, Anfíon e Zeto

[3.5.5] Polidoro, que se tornou rei de Tebas[47], casou-se com Nicteide, filha de Nicteu, filho de Ctônio e gerou Lábdaco[48]; este morreu pouco depois de Penteu por pensar de forma semelhante a ele[49]. Como Lábdaco havia deixado um filho de um ano, Laio, o poder foi usurpado por Lico, irmão de Nicteu, enquanto Laio era criança. Ambos os irmãos haviam fugido da Eubeia por terem matado Flégias, o filho de Ares e da beócia Dótis, e habitavam na Hiría e [daí, dirigindo-se para Tebas][50], tornaram-se cidadãos devido à sua amizade com Penteu. Eleito chefe do exército pelos tebanos, Lico assumiu a soberania e reinou por vinte anos. Morreu assassinado por Zeto e Anfíon pelo seguinte motivo: Antíope era filha de Nicteu e Zeus havia tido relações sexuais com ela[51]. Quando ela ficou grávida e seu pai passou a ameaçá-la, fugiu para junto de Epopeu e se casou com ele. Nicteu, abatido, se suicidou, após encarregar Lico de punir Epopeu e Antíope. Então Lico empreendeu uma expedição militar contra Sícion, e tendo-a conquistada, matou Epopeu e levou Antíope como cativa[52]. Enquanto era conduzida, Antíope deu à luz dois filhos, em Eleuteras, na Beócia, que foram abandonados; um boieiro os encontrou e os criou, chamando um de Zeto e o outro, de Anfíon. Zeto se dedicava a apascentar os rebanhos, enquanto Anfíon se exercitava no canto ao som da cítara, uma vez que Hermes lhe havia dado uma cítara de presente[53]. Lico e sua esposa, Dirce, aprisionaram Antíope e a maltrataram; no entanto, certo dia, seus liames desataram-se por si próprios e, sem ser vista, chegou à estância de seus filhos, desejosa de que a acolhessem. Eles reconheceram sua mãe e mataram Lico; quanto a Dirce, eles a amarraram a um touro e, depois de morta, atiraram-na a uma fonte chamada Dirce, por sua causa. E tendo assumido a soberania, fortificaram a cidade com pedras que acompanhavam o som da lira de Anfíon e expulsaram Laio[54]. Este vivia no Peloponeso e foi recebido hospitaleiramente por Pélope, e quando ensinava Crisipo, o filho de Pélope, a conduzir o carro, apaixonou-se por ele e o raptou[55].

Níobe e seus filhos

[3.5.6] Zeto casou-se com Tebe, da qual a cidade de Tebas recebeu o nome, e Anfíon com Níobe, a filha de Tântalo, que deu à luz sete filhos: Sípilo, Eupínito, Ismeno, Damasícton, Agenor, Fédimo e Tântalo, e o mesmo número de filhas: Etódia (ou, segundo alguns, Neera), Cleodoxa, Astíoque, Ftia, Pelópia, Asticrácia e Ogígia. Hesíodo diz que eram dez filhos e dez filhas; Herodoro, que eram dois homens e três mulheres, e Homero, que eram seis filhos e seis filhas. Por ter uma prole numerosa, Níobe disse que superava Leto em fecundidade; tomada de indignação, Leto incitou Apolo e Ártemis contra eles. Ártemis abateu a flechadas as mulheres dentro de casa, e Apolo matou todos os varões juntos, quando estavam caçando no Citéron[56]. Dos homens salvou-se Anfíon e, das mulheres, Clóris, a mais velha, com a qual Neleu se casou. Porém, segundo Telesila, salvaram-se Amiclas e Melibeia [57], pois Anfíon também havia sido asseteado por eles. A própria Níobe abandonou Tebas e foi para junto de seu pai, Tântalo, em Sípilo, e aí, após ter suplicado a Zeus, foi transformada em uma rocha que verte lágrimas noite e dia[58].

Os labdácidas: Édipo

[3.5.7] Após a morte de Anfíon, Laio obteve o reino e se casou com a filha de Meneceu, que alguns chamam de Jocasta e outros, de Epicasta[59]; apesar de o deus ter-lhe advertido por um oráculo para que não tivesse filhos, pois o ser que gerasse haveria de ser o assassino de seu pai, Laio se embriagou de vinho e teve relações sexuais com sua mulher. E após perfurar os tornozelos do recém-nascido com fíbulas, entregou-o ao pastor para que o abandonasse. Este deixou o bebê no Citéron, mas uns pastores de Pólibo, rei de Corinto, o encontraram e o levaram para junto de sua esposa, Peribeia[60]. Ela o adotou e o fez passar por seu filho, e após ter curado seus tornozelos,

chamou-o de Édipo, dando-lhe este nome por ele ter os pés inchados[61]. Quando o menino se tornou adulto, uma vez que superava os da sua idade em vigor, passaram, por inveja, a acoimá-lo de ilegítimo. Mesmo após ter interrogado Peribeia, Édipo não conseguiu ficar sabendo de nada; por isso, foi a Delfos para se informar acerca de seus verdadeiros pais. O deus lhe disse que não retornasse à pátria, pois assassinaria seu pai e unir-se-ia à sua mãe. Ao ouvir isso, julgando ser filho de quem diziam ser, abandonou Corinto, mas quando viajava em um carro através da Fócida, deparou-se com Laio em um caminho estreito, que também ia num carro[62]. Quando Polifonte, o arauto de Laio, ordenou a Édipo que desse passagem e matou um de seus cavalos, por causa de sua desobediência e demora, Édipo se indignou, matou Polifonte e Laio, e retornou a Tebas.

[3.5.8] Damasístrato, o rei de Plateias, sepultou Laio, e Creonte, o filho de Meneceu, passou a ocupar o trono. Durante seu reinado, uma grande calamidade se abateu sobre Tebas, pois Hera enviou a Esfinge, filha de Equidna e Tífon, que tinha rosto de mulher, peito, patas e cauda de leão, e asas de pássaro[63]. Ela havia aprendido com as Musas um enigma, e assentada sobre o monte Fício, propunha-o aos tebanos. O enigma era este: "o que é que é dotado de voz e vem a ter quatro patas, duas patas e três patas?". Como os tebanos possuíam um oráculo, segundo o qual se livrariam da Esfinge quando solucionassem o enigma, reuniam-se frequentemente e tratavam de averiguar o que era o que ela dizia, e quando não conseguiam descobri-lo, a Esfinge arrebatava um deles e o devorava. Por haver perecido muitos, e por último, Hémon, filho de Creonte[64], este proclamou que concederia o reino e a esposa de Laio a quem solucionasse o enigma. Após ouvi-lo, Édipo solucionou-o, dizendo que o enigma proposto pela Esfinge era o homem; pois quando é um bebê é quadrúpede, já que se movimenta com os quatro membros, em sua maturidade é um bípede, e, quando velho, vale-se de um terceiro apoio, o bastão. Então a Esfinge se precipitou do alto da acrópole, e Édipo, por sua vez, obteve o reino, casou-se com sua mãe sem reconhecê-la, e com ela teve filhos, Etéocles e Polinice, e filhas, Ismene e Antígona[65]. Mas alguns afirmam que ele tivera os filhos com Eurigânia, filha de Hiperfante[66].

[3.5.9] Mais tarde, tendo sido revelado o que estava oculto, Jocasta se enforcou [67]. Após ter arrancado seus olhos, Édipo se exilou de Tebas e amaldiçoou seus filhos, que assistiram à sua expulsão da cidade sem lhe prestar auxílio[68]. Tendo ido com Antígona para Colono, na Ática, onde se encontra o santuário das Eumênides, sentou-se aí como suplicante, e após ter sido acolhido por Teseu, morreu pouco tempo depois[69].

CAPÍTULO 6

Os Sete contra Tebas

Polinice em Argo. Tideu

[3.6.1] Com relação ao trono, Etéocles e Polinice chegaram a um acordo mútuo e decidiram governar alternativamente um ano cada um. Alguns dizem que Polinice governou em primeiro lugar e que, depois de um ano, entregou o poder a Etéocles, mas outros afirmam que Etéocles governou primeiro e que depois se recusou a lhe transmitir o reino [70]. Então, banido de Tebas, Polinice chegou a Argo levando consigo o colar e o peplo [71]. O rei de Argo era Adrasto, o filho de Tálao. Polinice se aproximou do palácio à noite e travou combate com Tideu, o filho de Eneu, que havia fugido de Cálidon[72]. Ao ocorrer um tumulto repentino, apareceu Adrasto e os separou, e lembrando-se de que um adivinho lhe havia dito que unisse suas filhas a um javali e a um leão, escolheu ambos como seus genros, uma vez que ostentavam em seus escudos, um, a cabeça de um javali, outro, a cabeça de um leão [73]. Tideu esposou Deípile, e Polinice, Árgia, e Adrasto prometeu

a ambos restabelecê-los em suas respectivas pátrias. Antes, porém, apressou-se em organizar a expedição contra Tebas e convocou os chefes.

Anfiarau e Erifile

[3.6.2] Mas Anfiarau, filho de Ecles, que era adivinho e previu que todos os que participassem da expedição morreriam, com exceção de Adrasto, recusava-se a ir e desestimulava os outros. Então Polinice dirigiu-se a Ífis, o filho de Aléctor, com a intenção de saber como poderia obrigar Anfiarau a participar da expedição, e Ífis respondeu-lhe que com a condição de que Erifile recebesse o colar[74]. Anfiarau havia proibido Erifile de receber presentes de Polinice, mas Polinice deu-lhe o colar e pediu-lhe que persuadisse Anfiarau a participar da expedição. Pois dependia dela, já que uma vez em que tivera uma disputa com Adrasto, Anfiarau, após resolvê-la, jurou que Erifile seria árbitra das divergências que tivesse com Adrasto no futuro[75]. Quando surgiu, portanto, a necessidade de marchar contra Tebas, e Adrasto exortava a isso, enquanto Anfiarau se opunha, Erifile, após receber o colar, conseguiu persuadi-lo a marchar com Adrasto. Tendo sido constrangido a participar da expedição, recomendou a seus filhos que, quando crescessem, matassem sua mãe e marchassem contra Tebas.

Os sete contra Tebas

[3.6.3] Adrasto, tendo formado um exército com sete chefes, apressou-se a declarar guerra contra Tebas. Os chefes eram estes[76]: Adrasto, filho de Tálao; Anfiarau, filho de Ecles; Capaneu, filho de Hipônoo; Hipomedonte, filho de Aristômaco, embora outros digam que era filho de Tálao; estes eram de Argo; Polinice, filho de Édipo, de Tebas; Tideu, filho de Eneu, da Etólia; Partenopeu, filho de Melaníon, da Arcádia. Alguns, porém, não enumeram Tideu e Polinice, mas incluem Etéoclo, filho de Ífis, e Mecisteu[77] entre os sete.

Morte de Ofeltes. Estabelecimento dos jogos nemeanos

[3.6.4] Tendo chegado a Nemeia, onde reinava Licurgo, foram buscar água e serviu-lhes de guia no caminho para a fonte Hipsípile, que abandonou Ofeltes, uma criança de colo da qual cuidava, filho de Eurídice e Licurgo. Pois as mulheres lêmnias, quando ficaram sabendo que Toas havia se salvado, mataram-no e venderam Hipsípile como escrava, por isso ela servia na casa de Licurgo[78], que a havia comprado. Enquanto ela lhes mostrava a fonte, a criança, que havia sido abandonada, foi morta por uma serpente. Quando os companheiros de Adrasto retornaram, mataram a serpente e enterraram o menino. Anfiarau lhes disse então que este sinal prefigurava o futuro e eles chamaram o menino de Arquêmoro [79]. Em sua honra, instituíram os jogos nemeanos: Adrasto venceu a corrida de cavalos; Etéoclo, a corrida do estádio; Tideu, no pugilismo; Anfiarau, no salto e no disco; Laódoco, no arremesso de lança; Polinice, na luta; Partenopeu, no arco[80].

[3.6.5] Ao chegar ao Citéron, enviaram Tideu para que dissesse a Etéocles que devia ceder o trono a Polinice.

Ataque a Tebas. Tirésias

[3.6.6] Tendo se armado, os argivos se aproximaram das muralhas; como havia sete portas, Adrasto postou-se na Homoloida, Capaneu, na Ogígia; Anfiarau, na Prétida; Hipomedonte, na Oncaida, Polinice, na Hipsista; Partenopeu, na Electra, e Tideu, na Crênida[81]. Por sua vez, Etéocles também armou os tebanos e, após designar o mesmo número de chefes que seus adversários, posicionou-os em ordem de batalha e consultou o oráculo sobre o modo como poderiam vencer seus inimigos.

[3.6.7] Havia entre os tebanos um adivinho, Tirésias, filho de Everes e da Ninfa Cariclo, da linhagem do esparto Udeu, que havia sido privado da visão. Sobre sua cegueira e sua arte divinatória são contadas diferentes histórias[82]. Uns dizem que foi cegado pelos deuses por revelar aos homens as coisas que eles queriam lhes ocultar; mas segundo Ferécides, Tirésias foi cegado por Atena, pois Cariclo contava com a afeição de Atena...[83] e (ele) viu a deusa toda nua, mas ela, tapando-lhe os olhos com suas mãos, o tornou cego. Cariclo pediu a Atena que restabelecesse a visão de seu filho, mas como a deusa não podia fazer isso, purificou-lhe os ouvidos, fê-lo compreender a linguagem de todos os pássaros, e deu-lhe um bastão de cereja silvestre, com o qual ele caminhava como os que podem ver. Hesíodo afirma que Tirésias, por ter visto e ferido duas serpentes que copulavam perto de Cilene, transformou-se em mulher, e que ao ver novamente as mesmas serpentes copulando, voltou a ser homem. Precisamente por isso, como Zeus e Hera disputavam sobre quem desfrutava de maior prazer no ato amoroso, os homens ou as mulheres, eles o elegeram como árbitro. Tirésias disse que se os prazeres do ato amoroso tivessem dez partes, os homens desfrutariam de apenas uma, enquanto as mulheres, de nove. E por isso Hera o tornou cego, porém Zeus lhe concedeu a arte divinatória.

Isto é o que Tirésias disse a Zeus e Hera:

Se com uma só parte dentre dez o homem se deleita,

a mulher com dez sacia-se e de todas se aproveita[84]

Tirésias também teve uma vida longa.

Quando os tebanos o consultaram, ele disse que venceriam se Meneceu, o filho de Creonte, se imolasse voluntariamente a Ares. Após ouvir isso, Meneceu, o filho de Creonte, se degolou diante das portas[85]. Tendo sido travado o combate, os cadmeios foram perseguidos até as muralhas e, quando Capaneu as escalava por meio de uma escada que havia arrebatado, Zeus o fulminou[86].

[3.6.8] Este acontecimento deu origem à fuga dos argivos. Como muitos haviam morrido, por resolução de ambos os exércitos, Etéocles e Polinice tiveram de se enfrentar em um combate singular pelo reino e se mataram um ao outro [87]. Em outro árduo combate, destacaram-se os filhos de Ástaco, pois Ísmaro matou Hipomedonte; Leades, Etéoclo; e Anfídico, Partenopeu; no entanto, segundo a versão de Eurípides, foi um filho de Posídon, Periclímeno, quem matou Partenopeu. Melanipo, o filho de Ástaco que ainda restava, feriu Tideu no ventre. Quando este jazia desfalecido, Atena lhe trouxe uma poção que ela havia pedido a Zeus, com a qual tinha a intenção de torná-lo imortal. Mas, ao perceber isto, Anfiarau, que odiava Tideu por ter persuadido, contra seu desejo, os argivos a marchar contra Tebas, cortou a cabeça de Melanipo e a entregou a Tideu, que apesar de estar ferido, já o havia matado. Este abriu a cabeça e sorveu-lhe o cérebro. Ao ver isto, Atena, tomada de asco, desistiu de sua boa ação e ficou ressentida com ele[88]. Anfiarau fugiu pelo rio Ismeno, mas antes que fosse ferido nas costas por Periclímeno, Zeus lançou um raio e fendeu a terra, e Anfiarau desapareceu com seu carro e o auriga Báton, ou segundo alguns, Élato, e Zeus o tornou imortal[89]. Somente Adrasto se salvou, graças ao seu cavalo Aríon; este Deméter o gerou a partir de Posídon, tendo assumido a forma de uma Erínia ao se unir ao deus[90].

CAPÍTULO 7

Os Epígonos

Antígona. Conquista de Tebas pelos atenienses

[3.7.1] Ao assumir o reinado de Tebas, Creonte deixou os cadáveres dos argivos insepultos e, tendo proclamado que ninguém os enterrasse, estabeleceu vigilantes. Antígona, uma das filhas

de Édipo, roubou às ocultas o corpo de Polinice e o sepultou, mas, tendo sido descoberta pelo próprio Creonte, foi encerrada viva dentro de uma tumba[91]. Chegando a Atenas, Adrasto se refugiou no altar da Piedade e, após depositar nele o ramo de oliveira dos suplicantes, implorou para que se enterrassem os cadáveres[92]. Os atenienses, juntamente com Teseu, marcharam contra Tebas, e após conquistá-la, entregaram os cadáveres aos seus familiares para que os enterrassem. Quando estava ardendo a pira de Capaneu, Evadne, a mulher de Capaneu e filha de Ífis, se lançou na pira e foi consumida pelas chamas com seu esposo[93].

Os Epígonos. Conquista de Tebas. Morte de Tirésias

[3.7.2] Dez anos mais tarde, os filhos dos falecidos, denominados Epígonos, decidiram empreender uma expedição contra Tebas, sequiosos para vingar a morte de seus pais[94]. E quando eles consultaram o oráculo, o deus lhes predisse a vitória se tivessem como líder Alcméon. Portanto, ainda que Alcméon não quisesse participar da expedição sem antes castigar sua mãe, no entanto ele participou dela, pois Erifile, que havia recebido o peplo de Tersandro, filho de Polinice, convenceu também seus filhos a tomarem parte na expedição[95]. Após terem escolhido Alcméon como seu líder, empreenderam guerra contra Tebas. Os participantes da expedição eram os seguintes: Alcméon e Anfíloco, filhos de Anfiarau; Egialeu, filho de Adrasto; Diomedes, filho de Tideu; Prômaco, filho de Partenopeu; Estênelo, filho de Capaneu; Tersandro, filho de Polinice; e Eurílalo, filho de Mecisteu[96].

[3.7.3] Estes primeiro devastaram as aldeias circunvizinhas, e depois, quando os tebanos avançaram contra eles liderados por Laodamas, filho de Etéocles, eles combateram valorosamente; Laodamas matou Egialeu, porém Alcméon matou Laodamas[97]. Após a morte deste, os tebanos refugiaram-se dentro das muralhas. Como Tirésias lhes havia dito que enviassem um arauto aos argivos para tratar do fim das hostilidades e que eles próprios fugissem, eles enviaram um arauto aos inimigos, e embarcando seus filhos e mulheres nos carros, fugiram da cidade. Mas quando eles chegaram à noite a uma fonte chamada Tilfusa, Tirésias bebeu dela e morreu[98]. Os tebanos, após terem percorrido um longo caminho, fundaram a cidade de Hestieia e aí passaram a residir.

[3.7.4] Os argivos, por sua vez, ao ficarem sabendo mais tarde da fuga dos tebanos, entraram na cidade, reuniram o butim e demoliram as muralhas. Parte do butim enviaram a Delfos para Apolo, juntamente com Manto, a filha de Tirésias, pois haviam prometido ao deus que se tomassem Tebas consagrar-lhe-iam o mais belo dos espólios[99].

Alcméon. Calírroe. Anfíloco

[3.7.5] Após a tomada de Tebas, ao ficar sabendo que sua mãe, Erifile, havia recebido subornos para causar também sua ruína, Alcméon se irritou ainda mais e, conforme Apolo lhe havia profetizado, matou sua mãe[100]. Uns dizem que ele a matou tendo como cúmplice seu irmão Anfíloco, outros dizem que sozinho. A Erínia do matricídio perseguiu Alcméon e, ao ficar ensandecido, primeiramente se dirigiu a Arcádia, junto de Ecles [101], e daí a Psófide, junto de Fegeu. Purificado por Fegeu, desposou sua filha Arsínoe e lhe deu de presente o colar e o peplo[102]. Mais tarde, quando a terra se tornou estéril por sua causa, o deus indicou que fosse até Aqueloo para que obtivesse dele a revisão de seu processo. Primeiramente se dirigiu a Eneu, em Cálidon, que o recebeu hospitaleiramente, em seguida, chegou à região dos tesprotos, de onde foi expulso. Por fim, chegou às fontes do Aqueloo, foi purificado por ele e desposou sua filha, Calírroe, e após colonizar o terreno aluvial de Aqueloo, passou a habitá-lo[103]. Porém, mais tarde, ansiosa para possuir o colar e o peplo, Calírroe disse-lhe que não conviveria com ele se não lhos entregasse. Alcméon chegou à Psófide e disse a Fegeu que, segundo um vaticínio, este se livraria de sua

loucura se ele levasse a Delfos o colar e o peplo e os consagrasse. Fegeu acreditou nele e lhos entregou. Mas quando um servo denunciou que Alcméon os havia tomado para levar a Calírroe, por mandato de Fegeu, os filhos deste lhe armaram uma emboscada e o mataram. Por Arsínoe ter-lhes censurado, os filhos de Fegeu encerraram-na em uma arca, levaram-na para Tégea e deram-na como escrava a Agenor, culpando-a falsamente pelo assassinato de Alcméon.

[3.7.6] Logo que Calírroe ficou sabendo da morte de Alcméon, pediu a Zeus, com quem mantinha relações amorosas, que tornasse adultos os filhos que tivera de Alcméon para que vingassem o assassinato de seu pai. E estes, tendo sido transformados repentinamente em adultos, partiram para vingar seu pai[104]. Nessa mesma época, os filhos de Fegeu, Prônoo e Agenor[105] levaram a Delfos o colar e o peplo para consagrá-los e alojaram-se na casa de Agapénor ao mesmo tempo em que Anfótero e Acárnan, os filhos de Alcméon. Estes mataram os assassinos de seu pai e, tendo se dirigido a Psófide, entraram no palácio e mataram Fegeu e sua esposa. Perseguidos até Tégea, conseguiram se salvar graças à ajuda dos tegeanos e de alguns argivos, e os psofídios puseram-se em fuga.

[3.7.7] Após informar sua mãe sobre esses acontecimentos, retornaram a Delfos e consagraram o colar e a túnica em cumprimento à recomendação de Aqueloo [106]. E tendo viajado ao Epiro, reuniram colonos e colonizaram a Acarnânia[107].

Eurípides afirma que Alcméon, por ocasião de seu acesso de loucura, teve dois filhos com Manto, a filha de Tirésias, Anfíloco, e uma filha, Tisífone, e que, tendo levado as crianças para Corinto, entregou-as ao rei dos coríntios, Creonte, para que as criasse; Tisífone, que se destacava por sua beleza, foi vendida como escrava pela mulher de Creonte, que temia que este a esposasse. Mas Alcméon a comprou e a mantinha como sua serva, sem saber que era sua própria filha, e quando chegou a Corinto para reclamar seus filhos, levou também Anfíloco. Este, em obediência a um oráculo de Apolo, fundou Argo Anfilóquico[108].

CAPÍTULO 8

Licáon e Calisto

Licáon e seus filhos

[3.8.1] Voltemos agora a Pelasgo, que, segundo Acusilau, era filho de Zeus e Níobe, como havíamos suposto[109], enquanto Hesíodo diz que era autóctone. Deste e de Melibeia, filha de Oceano, ou da Ninfa Cilene, segundo dizem outros, nasceu um filho, Licáon, que foi rei dos arcádios e teve cinquenta filhos de numerosas mulheres[110]: Meleneu, Tesproto, Hélice, Níctimo, Peucétio, Cáucon, Mecisteu, Hopleu, Macareu, Macedno, Horo, Pólico, Acontes, Evémon, Ancíor, Arquébates, Cartéron, Egéon, Palante, Êumon, Caneto, Prótoo, Lino, Coretonte, Mênalo, Teléboas, Fisio, Faso, Ftio, Lício, Halífero, Genétor, Bucolíon, Socleu, Fineu, Eumetes, Harpaleu, Porteu, Platão, Hémon, Cineto, Leonte, Harpálico, Hereeu, Titanas, Mantineu, Clítor, Estínfalo e Orcômeno. Estes superavam todos os homens em arrogância e impiedade. Zeus, desejando comprovar sua impiedade, apresentou-se-lhes como trabalhador diarista. Eles lhe ofereceram hospitalidade e, tendo degolado uma criança dos nativos, misturaram suas entranhas com as das vítimas dos sacrifícios e lhas ofereceram, seguindo o conselho do irmão mais velho, Mênalo. Zeus, enojado, derrubou a mesa no lugar atualmente chamado Trapezunte[111] e fulminou Licáon e seus filhos, com exceção de Níctimo, o mais jovem, pois Terra se antecipou, agarrou a mão de Zeus e fez cessar sua cólera [112]. Quando Níctimo subiu ao trono, ocorreu o dilúvio de Deucalião[113]. Alguns disseram que o dilúvio foi ocasionado pela impiedade dos filhos de Licáon.

Calisto

[3.8.2] Eumelo e alguns outros dizem que Licáon teve também uma filha, Calisto; Hesíodo diz que ela era uma das Ninfas; Ásio, que era filha de Nicteu; e Ferécides, de Ceteu. Era companheira de caça de Ártemis, portava o mesmo tipo de roupa que ela e havia jurado permanecer virgem. Mas Zeus, apaixonado por Calisto, uniu-se a ela à força, assumindo, segundo uns, a aparência de Ártemis, segundo outros, a de Apolo; desejando ocultá-la de Hera, metamorfoseou-a em ursa, mas Hera persuadiu Ártemis a abatê-la a flechadas como animal selvagem. Alguns dizem, porém, que Ártemis disparou contra ela por não haver conservado sua virgindade. Quando Calisto morreu, Zeus tomou o bebê, deu-lhe o nome de Árcade e confiou-o a Maia, na Arcádia, para que o criasse; quanto a Calisto, transformou-a numa constelação e chamou-a de Ursa[114].

CAPÍTULO 9

Auge e Atalanta

Os descendentes de Árcade. Auge, mãe de Télefo

[3.9.1] Árcade teve dois filhos, Élato e Afidas, de Leanira, filha de Amiclas, ou de Meganira, filha de Crócon, ou ainda, segundo Eumelo, da Ninfa Crisopélia[115]. Estes repartiram a terra, mas todo o poder ficou nas mãos Élato, que de Laódice, filha de Cíniras, gerou Estínfalo e Pereu; Afidas gerou Áleo e Estenebeia, que se casou com Preto. De Áleo e Neera, filha de Nereu, nasceram uma filha, Auge, e dois filhos, Cefeu e Licurgo. Auge, que havia sido seduzida por Héracles[116], ocultou o bebê no recinto sagrado de Atena, de quem era sacerdotisa. Mas como a terra permanecia estéril e os oráculos revelaram que havia uma impiedade no recinto de Atena, Auge foi descoberta por seu pai e entregue a Náuplio, para que lhe desse morte. Mas este a entregou a Teutras, príncipe dos mísios, que a esposou. O bebê que havia sido abandonado no monte Partênio foi amamentado por uma cerva e por isso foi chamado de Télefo. Criado por uns pastores de Corinto, Télefo chegou a Delfos à procura de seus pais e, tendo sido informado pelo deus, partiu para Mísia e tornou-se filho adotivo de Teutras; após a morte deste, tornou-se seu sucessor ao trono.

Atalanta e Melaníon

[3.9.2] De Licurgo e Cleofile ou Eurínome, nasceram Anceu, Épocо, Anfidamas e Íaso[117]. De Anfidamas nasceram Melaníon e uma filha, Antímaca, que Euristeu desposou. De Íaso e Climene, filha de Mínias, nasceu Atalanta[118]. Seu pai, que desejava filhos varões, a abandonou, mas uma ursa costumava se aproximar dela e amamentá-la, até que uns caçadores a encontraram e a criaram entre eles. Tendo se tornado adulta, Atalanta preservava sua virgindade e passava os dias sempre armada, caçando em lugares desertos. Os Centauros Reco e Hileu tentaram violentá-la, porém, foram mortos por ela, trespassados por suas flechas [119]. Atalanta esteve presente com os nobres na caçada do javali de Cálidon, e nos jogos instituídos em honra de Pélias, lutou com Peleu e o derrotou [120]. Mais tarde, ela reencontrou seus pais, mas quando seu pai tentou persuadi-la a se casar, ela se dirigiu a um lugar propício para servir de estádio e, tendo cravado no meio uma estaca de três côvados de altura, obrigava seus pretendentes a correr a partir daí e os perseguia armada: se o pretendente era alcançado devia morrer, e se não era alcançado, devia se casar. Quando muitos já haviam morrido, Melaníon, que estava apaixonado por Atalanta, chegou para participar da prova trazendo as maçãs de ouro que recebera de Afrodite[121] e, enquanto Atalanta o perseguia, Melaníon as lançava; e ela, por pegar as que haviam sido lançadas, foi vencida na corrida. Conta-se que, certa vez em que caçavam, penetraram no santuário de Zeus, e que por

terem feito amor aí, foram transformados em leões. No entanto, Hesíodo e alguns outros disseram que Atalanta não era filha de Íaso, mas de Esqueneu[122], enquanto Eurípides disse que era filha de Mênalo e que seu marido não era Melaníon, mas Hipômenes. Atalanta teve de Melaníon, ou de Ares, Partenopeu, que participou da expedição contra Tebas. que lhe entregou o aulo, passou a ser instruído na arte de adivinhar por meio de seixos[131]. Zeus o designou como seu arauto e dos deuses subterrâneos.

CAPÍTULO 10

Plêiades, Hermes, Asclépio, Leda e os pretendentes de Helena

As Plêiades

[3.10.1] De Atlas e Pleione, filha de Oceano, nasceram em Cilene, na Arcádia, sete filhas, chamadas Plêiades: Alcíone, Mérope, Celeno, Electra, Estérope, Taígete e Maia[123]. Destas, Enomau desposou Estérope, e Sísifo, Mérope. Posídon uniu-se a duas: primeiro, a Celeno, da qual nasceu Lico, que Posídon instalou nas Ilhas dos Bem-aventurados; em seguida, a Alcíone, que gerou uma filha, Etusa, a qual gerou de Apolo Eleuter, e dois filhos, Hirieu e Hiperénor. De Hirieu e da Ninfa Clônia nasceram Nicteu e Lico; de Nicteu e Polixo, Antíope; e de Antíope e Zeus, Zeto e Anfíon. Zeus uniu-se amorosamente às restantes filhas de Atlas.

Hermes

[3.10.2] Maia, a primogênita, uniu-se a Zeus numa gruta de Cilene e gerou Hermes. Quando este ainda se encontrava em fraldas, escapou do berço e, ao chegar a Piéria, roubou as vacas que Apolo apascentava[124]. Para que não fosse descoberto pelas pegadas, atou calçados às patas das vacas[125] e levou-as a Pilos; ocultou o restante numa gruta, sacrificou duas, estirou suas peles por meio de pedras e, quanto às carnes, comeu uma parte depois de cozê-la e queimou a outra[126]. Em seguida, partiu rapidamente para Cilene e encontrou diante de sua gruta uma tartaruga que se alimentava. Após limpá-la, estendeu sobre o casco cordas feitas das tripas das vacas sacrificadas e, tendo confeccionado a lira, inventou também o plectro [127]. Apolo chegou a Pilos à procura das vacas e interrogou os habitantes[128]; estes disseram que haviam visto um menino tangê-las, mas não sabiam para onde tinham sido conduzidas, pois não conseguiam encontrar o rastro. Após descobrir pela adivinhação quem as roubara, Apolo apresentou-se em Cilene diante de Maia e acusou Hermes. Ela mostrou-lhe o menino envolto em fraldas, mas Apolo o conduziu à presença de Zeus e exigiu as vacas de volta. Quando Zeus lhe ordenou que as devolvesse, Hermes disse que já não as possuía; como não conseguiu persuadi-los, levou Apolo a Pilos[129] e devolveu-lhe as vacas. Quando, porém, Apolo ouviu a lira, decidiu trocá-la pelas vacas. Enquanto as apascentava, Hermes confeccionou também um aulo e o tocava. Desejando obtê-lo, Apolo ofereceu em troca o caduceu de ouro que adquirira quando se dedicava ao pastoreio; Hermes, contudo, desejava, além do caduceu, aprender a arte da adivinhação[130]. Assim, depois de entregar o aulo, foi instruído na adivinhação por meio de seixos[131]. Zeus o designou como seu arauto e também como arauto dos deuses subterrâneos.

Os descendentes de Taígete: Lacedêmon, Hiacinto, Linceu e Idas. Asclépio

[3.10.3] Taígete gerou de Zeus Lacedêmon, por quem a região se chama Lacedemônia[132]. De Lacedêmon e de Esparta, filha de Eurotas, que por sua vez era filho do autóctone Lélege e da ninfa Náiade Cleocária, nasceram Amiclas e Eurídice, que foi desposada por Acrísio. De Amiclas e Diomede, filha de Lápites, nasceram Cinorta e Hiacinto. Dizem que este era amado por Apolo, que o matou involuntariamente ao lançar o disco [133]. Cinorta

teve um filho, Perieres[134], que esposou Gorgófona, filha de Perseu, como afirma Estesícoro, e deu à luz a Tíndaro, Icário, Afareu e Leucipo. De Afareu e Arene, filha de Ébalo, nasceram Linceu, Idas e Piso; contudo, muitos dizem que Idas era filho de Posídon. Linceu se distinguia por sua acuidade visual, pois podia ver inclusive o que havia embaixo da terra[135]. Leucipo teve duas filhas, Hilera e Febe; estas, tendo sido raptadas pelos Dióscuros, tornaram-se suas esposas[136]. Além destas, gerou Arsínoe, que se uniu a Apolo e deu à luz a Asclépio[137]; no entanto, alguns dizem que Asclépio não era filho de Arsínoe, a filha de Leucipo, mas de Corônis, a filha de Flégias, da Tessália. Também afirmam que Apolo se apaixonou por ela e prontamente consumou a união amorosa, mas ela, contrária à vontade de seu pai, preferiu Ísquis, o irmão de Cefeu, e foi morar junto com ele. Então Apolo amaldiçoou o corvo que lhe havia dado a notícia, e de branco que era, o tornou negro, e matou Corônis. Quando ela estava sendo incinerada, Apolo arrebatou o bebê da pira e o entregou ao Centauro Quíron, por quem ele foi criado e instruído na arte da medicina e da caça. Tendo se tornado cirurgião e atingido um elevado nível no exercício de sua arte, Asclépio não apenas impedia que alguns morressem, mas também ressuscitava os mortos, pois tendo recebido de Atena o sangue que fluía das veias da Górgona, utilizava o sangue que fluía das veias do lado esquerdo para causar destruição aos homens, e da parte direita, para sua salvação, e deste modo ressuscitava os mortos[138]. Eu encontrei alguns que são mencionados como tendo sido ressuscitados por ele: Capaneu e Licurgo, conforme afirma Estesícoro na Erifile; Hipólito[139], segundo narra o autor das Naupácticas; Tíndaro, segundo afirma Paníasis; Himeneu, conforme relatam os órficos; e Glauco, filho de Minos[140], como diz Meleságoras.

[3.10.4] Mas Zeus, receando que os homens recebessem dele a arte de curar e auxiliassem uns aos outros, fulminou-o com raio[141]; furioso com isso, Apolo matou os Ciclopes que fabricaram o raio para Zeus. Zeus esteve a ponto de lançá-lo ao Tártaro, mas, diante das súplicas de Leto, ordenou-lhe pôr-se a serviço de um homem por um ano[142]. Então Apolo foi para Feras, para junto de Admeto, filho de Feres, e servindo-lhe como pastor, fez com que todas as vacas parissem gêmeos.

Mas há quem diga que Afareu e Leucipo eram filhos de Perieres, o filho de Éolo, e que de Cinorta nasceu Perieres, e que deste nasceu Ébalo, e que de Ébalo e a Ninfa Náiade Batia nasceram Tíndaro, Hipocoonte e Icário[143].

Filhos de Hipocoonte

[3.10.5] De Hipocoonte nasceram os seguintes filhos: Doricleu, Esceu, Enáforo, Eutiques, Búcolo, Liceto, Tebro, Hipótoo, Êurito, Hipocoristes, Alcino, Álcon. Hipocoonte, juntamente com seus filhos, expulsou Icário e Tíndaro da Lacedemônia [144]; estes se refugiaram junto a Téstio e aliaram-se a ele na guerra que mantinha contra seus vizinhos; e Tíndaro desposou Leda, a filha de Téstio. Posteriormente, quando Héracles matou Hipocoonte e seus filhos, eles retornaram, e Tíndaro assumiu o reino.

[3.10.6] De Icário e Peribeia[145], uma ninfa náiade, nasceram Toas, Damasipo, Imeusimo, Aletes e Perileu, e uma filha, Penélope, que se tornou esposa de Odisseu[146]. De Tíndaro e Leda nasceram Timandra, que foi esposada por Equemo; Clitemnestra, que se casou com Agamêmnon, e ainda Filônoe, que Ártemis tornou imortal.

[3.10.7] Zeus, tendo assumido a forma de um cisne, uniu-se em amor com Leda na mesma noite que Tíndaro, e assim, Polideuces e Helena foram gerados por Zeus, e Cástor e Clitemnestra por Tíndaro[147]. No entanto, alguns dizem que Helena era filha de Zeus e Nêmesis, pois esta, para escapar ao assédio de Zeus, havia se metamorfoseado em ganso, mas Zeus se transformou em cisne e se uniu a Nêmesis; como fruto desta união amorosa, Nêmesis pôs um ovo; um pastor o

encontrou no bosque e o levou para entregá-lo a Leda; e ela o pôs numa arca para guardá-lo. No tempo conveniente, nasceu Helena, que Leda criou como sua própria filha[148]. E quando ela se tornou uma mulher de extraordinária beleza, Teseu a raptou e a levou para Afidnas. Enquanto Teseu estava no Hades, Polideuces e Cástor fizeram uma expedição militar contra Afidnas, tomaram a cidade, recuperaram Helena e levaram como cativa a mãe de Teseu, Etra[149].

[3.10.8] Então os reis da Hélade se apresentaram em Esparta para obter a mão de Helena em casamento. Os pretendentes eram os seguintes[150]: Odisseu, filho de Laertes; Diomedes, filho de Tideu; Antíloco, filho de Nestor; Agapénor, filho de Anceu; Estênelo, filho de Capaneu; Anfímaco, filho de Ctéato; Tálpio, filho de Êurito; Meges, filho de Fileu; Anfíloco, filho de Anfiarau; Menesteu, filho de Peteu; Esquédio e Epístrofo, filhos de Ífito; Políxeno, filho de Agástenes; Peneleu, filho de Hipálcimo; Lito, filho de Aléctor; Ájax, filho de Oileu; Ascálafo e Iálmeno, filhos de Ares; Elefénor, filho de Calcodonte; Eumelo, filho de Admeto; Polipetes, filho de Pirítoo; Leonteu, filho de Corono; Podalírio e Macáon, filhos de Asclépio; Filoctetes, filho de Peante; Eurípilo, filho de Evémon; Protesilau, filho de Íficles; Menelau, filho de Atreu; Ájax e Teucro, filhos de Télamon; e Pátroclo, filho de Menécio.

[3.10.9] Ao ver a multidão destes, Tíndaro receou que, se escolhesse um, o restante se revoltaria; mas Odisseu prometeu que, se ele lhe ajudasse a obter a mão de Penélope em casamento, ele sugeriria um modo pelo qual não ocorreria uma sublevação. E quando Tíndaro prometeu ajudá-lo, Odisseu disse-lhe que fizesse todos os pretendentes jurar que prestariam seu auxílio, se o escolhido como noivo fosse ultrajado por algum outro, com referência ao seu casamento. Após ouvir isto, Tíndaro fez com que os pretendentes jurassem [151] e ele mesmo escolheu Menelau como noivo, ao mesmo tempo em que pedia a Icário a mão de Penélope para Odisseu.

CAPÍTULO 11

Os Dióscuros

Filhos de Menelau

[3.11.1] Menelau teve, com Helena, uma filha, Hermíone[152] e, segundo alguns, um filho, Nicóstrato[153]; da escrava Piéride, de origem etólia, ou, conforme afirma Acusilau, de Tereide[154], teve Megapentes, e da ninfa Cnósia, segundo Eumelo, teve Xenódamo.

Cástor e Polideuces

[3.11.2] Dos filhos nascidos de Leda, Cástor se dedicava à arte da guerra e Polideuces ao pugilismo[155], e por sua coragem viril, ambos foram chamados de Dióscuros[156]. Desejando se casar com as filhas de Leucipo, raptaram-nas e tornaram-nas suas esposas[157]. De Polideuces e Febe nasceu Mnesilau, e de Cástor e Hilera, Anógon. Juntamente com os filhos de Afareu, Idas e Linceu, levaram um butim de vacas da Arcádia e permitiram que Idas as repartisse. Este cortou a vaca em quatro partes e disse que a metade do butim seria do primeiro que conseguisse devorar sua parte, e o restante, do segundo. Idas foi o primeiro a devorar sua porção, e também a de seu irmão, e juntamente com ele levou o butim para Messênia. Mas os Dióscuros marcharam contra a Messênia e arrebataram-lhes aquele butim e muito mais, e armaram uma emboscada para Idas e Linceu. Este, porém, viu Cástor e avisou Idas, que o matou. Polideuces os perseguiu e matou Linceu, atirando-lhe a lança, mas enquanto perseguia Idas foi atingido na cabeça por uma pedra lançada por este e caiu desfalecido. Então Zeus fulminou Idas e conduziu Polideuces ao céu. No entanto, como Polideuces recusava-se a aceitar a imortalidade enquanto Cástor permanecesse

morto, Zeus concedeu a ambos viver um dia entre os deuses e outro entre os mortais[158]. E quando os Dióscuros foram trasladados para os deuses, Tíndaro mandou chamar Menelau a Esparta e entregou-lhe o reino.

CAPÍTULO 12

Dárdano, Ilo, Príamo, Éaco e Télamon

Descendentes de Electra

[3.12.1] De Electra, filha de Atlas, e de Zeus nasceram Iásion e Dárdano. Iásion se apaixonou por Deméter e foi fulminado por um raio por ter pretendido violentar a deusa[159]. Dárdano, afligido pela morte de seu irmão, abandonou a Samotrácia e dirigiu-se ao continente em frente. Ali reinava Teucro, filho do rio Escamandro e da Ninfa Ideia, por quem os habitantes do país foram denominados teucros. Tendo sido acolhido pelo rei e obtido uma parte do território e a filha deste, Batia, fundou a cidade de Dárdano, e após a morte de Teucro, denominou toda a região de Dardânia[160].

[3.12.2] Teve dois filhos, Ilo e Erictônio. Ilo morreu sem filhos, e Erictônio herdou o reino e desposou Astíoque, filha de Simoente, que lhe gerou Trós. Quando este ocupou o trono, chamou a região de Troia, a partir do próprio nome, e desposou Calírroe, filha de Escamandro, que lhe gerou uma filha, Cleópatra, e filhos, Ilo, Assáraco e Ganimedes. A este último, por causa de sua beleza, Zeus o raptou por meio de uma águia e o estabeleceu no céu como escansão dos deuses[161]. De Assáraco e de Hieromneme, filha de Simoente, nasceu um filho, Cápis, e deste e de Temiste, filha de Ilo, nasceu Anquises[162], com quem Afrodite, tendo se unido por desejo amoroso, gerou Eneias e Liro, que morreu sem filhos.

Ilo funda Troia e recebe o Paládio

[3.12.3] Ilo foi à Frígia e aí se deparando com uma competição instituída pelo rei, sagrou-se vencedor na luta, recebendo, como prêmio, cinquenta rapazes e igual número de moças, e o rei, de acordo com um oráculo, deu-lhe também uma vaca malhada, e tendo lhe dito que fundasse uma cidade no local em que vaca baixasse ao solo, Ilo se pôs a segui-la. E quando chegou à colina chamada Ate, na Frígia, a vaca baixou ao solo. Aí Ilo fundou uma cidade e a chamou de Ílion[163]; como havia suplicado a Zeus que lhe mostrasse algum sinal, já de dia contemplou o Paládio, que, caído do céu, estava diante de sua tenda; tinha três côvados de comprimento, com os pés juntos, em sua mão direita mantinha uma lança erguida e na outra uma roca e um fuso[164].

Origem do Paládio

A história acerca do Paládio é a seguinte: dizem que quando Atena nasceu, foi criada por Tríton, que tinha uma filha, Palas. Ambas se exercitavam nas artes da guerra e certa vez se envolveram em uma disputa. Quando Palas estava a ponto de golpear Atena, Zeus, temeroso, interpôs a égide, e Palas, assustada, olhou para cima e, deste modo, caiu ferida por Atena. Então, Atena, que sentia uma imensa mágoa por sua causa, confeccionou uma estátua de madeira semelhante a Palas, colocou em torno de seu peito a égide que ela havia temido, e erigindo-a junto de Zeus, venerou-a. Mais tarde, Electra[165], no momento de sua violação, buscou refúgio junto à estátua, e Zeus lançou o Paládio juntamente com Ate à região de Ílion[166]; e Ilo construiu um templo para ele e o venerou. Isto é o que se conta a respeito do Paládio.

Laomedonte e seus filhos. Titono raptado por Éos (Aurora)

[3.12.4] Ilo desposou Eurídice, filha de Adrasto, e gerou Laomedonte, que se casou com Estrimo, filha de Escamandro; no entanto, segundo uns, casou-se com Plácia, filha de Otreu, segundo outros, com Leucipe, e procriou filhos[167], Titono, Lampo, Clítio, Hicetáon e Podarces, e filhas, Hesíone, Cila e Astíoque; e da Ninfa Cálibe teve um filho, Bucolíon.

Éos, tendo raptado Titono por amor, levou-o para Etiópia e aí se uniu a ele e gerou dois filhos, Emátion e Mêmnon[168].

Filhos de Príamo

[3.12.5] Depois que Ílion foi conquistada por Héracles, como havíamos dito um pouco antes[169], Podarces, denominado Príamo, passou a reinar. Este desposou primeiro Arisbe, filha de Mérope, com a qual ele teve um filho, Ésaco, que desposou Astérope, filha de Cébren, e quando ela morreu, Ésaco a pranteou e depois foi transformado em pássaro[170]. Porém Príamo cedeu Arisbe a Hírtaco e tomou, como sua segunda esposa, Hécabe, a filha de Dimante, ou como afirmam alguns, de Cisseu, ou como dizem outros, do rio Sangário e de Métope [171]. Com ela teve primeiro Heitor; e quando o segundo filho estava prestes a nascer, Hécabe pensou em sonhos que estava dando à luz a uma tocha incandescente e que esta se alastrava por toda a cidade e a queimava. Ao ficar sabendo deste sonho por Hécabe, Príamo mandou chamar Ésaco, pois ele era um intérprete de sonhos, tendo sido instruído por seu avô materno, Mérope. Ele disse que a criança seria a ruína de sua pátria e o exortou a expor o bebê [172]. Quando nasceu o bebê, Príamo entregou-o a um servo para que o levasse dali e o expusesse no Ida; o servo chamava-se Agelau. Abandonado por este, o menino foi alimentado durante cinco dias por uma ursa; quando Agelau o encontrou a salvo, recolheu-o e, levando-o a suas terras, criou-o como seu próprio filho e deu-lhe o nome de Páris. Quando chegou, porém, à adolescência, Páris superava muitos em beleza e força, e recebeu o sobrenome de Alexandre[173]por repelir os ladrões e proteger os rebanhos. Não muito tempo depois, reencontrou-se com seus pais.

Depois dele, Hécabe deu à luz filhas, Creúsa, Laódice, Políxena e Cassandra; desejando se unir a esta, Apolo prometeu-lhe ensinar a arte da adivinhação, mas depois que ela aprendeu a arte, recusou-se a se unir a ele, razão pela qual Apolo lhe suprimiu o poder de persuadir de suas profecias[174]. Posteriormente, Hécabe deu à luz filhos, Deífobo, Heleno, Pámon, Polites, Ântifo, Hipônoo, Polidoro e Troilo; diz-se que este foi gerado por Apolo.

Príamo teve também filhos de outras mulheres[175]: Melanipo, Gorgitíon, Filémon, Hipótoo, Glauco, Ágaton, Quersidamante, Evágoras, Hipodamante, Mestor, Atas, Dóriclo, Licáon, Dríope, Bias, Crômio, Astígono, Telestes, Evandro, Cébrion, Mílio, Arquêmaco, Laódoco, Équefron, Idomeneu, Hipérion, Ascânio, Democoonte, Areto, Diopites, Clônio, Equémon, Hipéroco, Egeoneu, Lisítoo, Polimedonte; e filhas: Medusa, Medesicaste, Lisímaca e Aristodeme.

[3.12.6] Heitor desposou Andrômaca, filha de Eécion, e Alexandre desposou Enone[176], filha do rio Cébren, que tendo aprendido de Reia a arte da adivinhação, preveniu Alexandre para que não navegasse em busca de Helena; como não conseguiu persuadi-lo, disse-lhe que, caso fosse ferido, voltasse até ela, pois era a única que poderia curá-lo. Tendo raptado Helena de Esparta durante o assédio de Troia, Alexandre foi alvejado por Filoctetes com o arco de Héracles e retornou ao Ida para junto de Enone, mas esta, tomada de rancor, negou-se a curá-lo. Então Alexandre retornou a Troia e morreu, mas Enone, que havia se arrependido, trouxera o remédio para curá-lo, e quando o encontrou morto, enforcou-se.

Egina e Éaco. Filhos de Éaco

O rio Asopo[177] era filho de Oceano e Tétis, ou de Pero e Posídon, conforme diz Acusilau, ou de Zeus e Eurínome, segundo outros. Com ele se casou Métope, filha do rio Ládon, e gerou dois filhos, Ismeno e Pelagonte, e vinte filhas, uma das quais, Egina, Zeus raptou. Em sua busca, Asopo chegou a Corinto e soube por Sísifo que o raptor fora Zeus [178]. Este lançou seus raios contra Asopo, que o perseguia, e o fez regressar à sua foz; por isso, ainda hoje suas correntezas transportam carvões. Zeus levou Egina para a ilha então chamada Enone e atualmente denominada Egina por sua causa e, tendo-se unido a ela, gerou um filho, Éaco[179]. Como este estava sozinho na ilha, Zeus transformou-lhe as formigas em homens [180]. Éaco casou-se com Endeis[181], filha de Círon, e dela nasceram Peleu e Télamon. Todavia, Ferécides afirma que Télamon era amigo e não irmão de Peleu, mas filho de Actéon e Glauce, filha de Cicreu. Posteriormente, Éaco uniu-se a Psâmate, filha de Nereu, que se transformara em foca para evitar a união, e gerou um filho, Foco[182].

Éaco era o mais piedoso de todos os homens. Por isso quando a esterilidade se apossou da Hélade por causa de Pélope, uma vez que, na guerra contra Estínfalo, rei dos arcádios, como não pudesse conquistar a Arcádia, fingindo ser seu amigo, matou o rei e dispersou seus membros em pedaços -, os oráculos declararam que a Hélade se livraria das calamidades que a afligiam se Éaco orasse por ela. Então Éaco assim o fez e Hélade ficou livre da esterilidade[183]. Após sua morte, Éaco foi honrado também na morada de Plutão e guarda as chaves do Hades[184].

Morte de Foco e banimento de seus irmãos

Como Foco se destacava nas competições atléticas, seus irmãos Peleu e Télamon conspiraram contra ele. Tendo lhe cabido por sorte competir com ele, Télamon o matou com um arremesso de disco na cabeça, e com a ajuda de Peleu levou o corpo a um bosque e o ocultou. Mas quando o crime foi descoberto, ambos foram expulsos de Egina por Éaco[185].

[3.12.7] Télamon chegou a Salamina ao lado de Cicreu, filho de Posídon e de Salamina, filha de Asopo. Cicreu havia conseguido o trono de Salamina por haver matado uma serpente[186] que devastava a ilha e, ao morrer sem descendência, entregou seu reino a Télamon. Este desposou Peribeia[187], filha de Alcato, filho de Pélope. Uma vez que Héracles havia orado para que lhe nascesse um filho varão, e que aparecera uma águia depois das preces, chamou seu filho nascido de Ájax[188]. E tendo participado da expedição militar contra Troia ao lado de Héracles, obteve Hesíone, filha de Laomedonte, como prêmio por sua bravura, e dela lhe nasceu Teucro[189].

CAPÍTULO 13

Peleu e Tétis

Peleu

[3.13.1] Peleu se refugiou na Ftia junto a Eurícion, filho de Áctor, foi purificado por ele e recebeu a mão de sua filha, Antígona, em casamento e uma terça parte de seu reino. Desta lhe nasceu uma filha, Polidora[190], que Boro, filho de Perieres, tomou como esposa.

[3.13.2] Tendo partido daí em companhia de Eurícion para a caçada ao javali de Cálidon, ao arremessar uma lança contra o javali, atingiu Eurícion e o matou involuntariamente. Ao fugir novamente da Ftia, chegou junto de Acasto, em Iolco e foi purificado por ele[191].

[3.13.3] Nos jogos celebrados em honra de Pélias, competiu na luta livre com Atalanta[192]. Astidâmia, a esposa de Acasto[193], apaixonada por Peleu, enviou-lhe uma proposta para um encontro amoroso. Como não conseguiu persuadi-lo, fez chegar à sua mulher a notícia de que

Peleu estava prestes a se casar com Estérope, filha de Acasto; ao ouvir isso, a esposa de Peleu se enforcou. E a mulher de Acasto acusou Peleu em falso diante de seu marido, alegando que ele havia tentado fazer amor com ela. Ao ouvir isso, Acasto não quis matar o homem que ele havia purificado, porém o conduziu a uma caçada no Pélion. Aí surgiu uma disputa a propósito da caçada e Peleu, cortando as línguas dos animais que havia abatido, colocou-as em sua sacola, mas os companheiros de Acasto guardaram suas presas e zombavam de Peleu, supondo que ele não havia caçado nada; no entanto, ele lhes mostrou as línguas e disse que havia caçado tantos animais quanto as línguas que possuía. Enquanto Peleu estava dormindo no Pélion, Acasto o abandonou, e depois de ter ocultado a espada dele no esterco das vacas, retornou[194]. Ao acordar, enquanto procurava sua espada, foi tomado de assalto pelos Centauros e esteve a ponto de morrer, mas foi salvo por Quíron, que, além disso, procurou sua espada e lha restituiu[195].

As núpcias de Peleu e Tétis

[3.13.4] Peleu desposou Polidora, filha de Perieres, da qual lhe nasceu Menéstio, filho putativo, pois na realidade era filho do rio Esperqueio.

[3.13.5] Mais tarde desposou Tétis, filha de Nereu. Zeus e Posídon haviam se rivalizado para desposá-la, mas quando Têmis vaticinou que o filho que nascesse dela seria mais forte que seu pai, desistiram[196]. No entanto, alguns afirmam que, quando Zeus ia se unir a Tétis, Prometeu disse-lhe que o filho que teria com ela reinaria no céu[197]; outros, por sua vez, dizem que Tétis não quis se unir a Zeus por haver sido criada por Hera, e que Zeus, indignado, determinou que ela convivesse com um mortal[198]. Então, a conselho de Quíron, Peleu agarrou-a e segurou-a enquanto ela se metamorfoseava, observando-a, e a manteve presa mesmo quando se transformava ora em fogo, ora em água, ora em fera, e não a soltou até que a viu recuperar sua forma primitiva[199]. Peleu se casou com Tétis no Pélion e aí os deuses celebraram as núpcias com banquetes e cantos. Quíron presenteou Peleu com uma lança de freixo, e Posídon, com os cavalos Bálio e Xanto, que eram imortais[200].

[3.13.6] Quando Tétis deu à luz um filho de Peleu, desejando torná-lo imortal, ocultava-o à noite, às escondidas de Peleu, entre o fogo, para destruir-lhe a parte mortal proveniente de seu pai, e de dia, o ungia com ambrosia[201]. Mas Peleu, que a espreitava, ao ver a criança agitando-se convulsivamente sobre o fogo, gritou; e Tétis, impedida de levar a cabo seu projeto, abandonou seu filho ainda pequeno e partiu para junto das Nereidas[202]. Peleu levou seu filho a Quíron, que o acolheu e o criou com entranhas de leões e javalis e medula de ursos, e lhe deu o nome de Aquiles - antes, seu nome era Lígiron -, porque seus lábios não se aproximaram de seios[203].

[3.13.7] Depois disso, Peleu, juntamente com Jasão e os Dióscuros, arrasou Iolco, matou Astidâmia, a mulher de Acasto, e tendo esquartejado seus membros, fez com que o exército passasse entre eles em direção à cidade[204].

[3.13.8] Quando Aquiles completou nove anos, uma vez que Calcas havia declarado que Troia não poderia ser tomada sem ele, Tétis, prevendo que ele morreria se participasse da expedição, disfarçou-o de mulher e confiou-o a Licomedes como se fosse uma donzela [205]. Criado ali, se uniu a Deidâmia, filha de Licomedes, e dela lhe nasceu um filho, Pirro, chamado posteriormente de Neoptólemo. Constatada a presença de Aquiles junto a Licomedes, Odisseu saiu à sua procura e descobriu-o pelo som de uma trombeta[206]; e deste modo, Aquiles partiu para Troia.

Acompanhava-lhe o filho de Amíntor, Fênix. Este havia sido cegado por seu pai porque Ftia, concubina de seu pai, o havia acusado em falso de tê-la seduzido. No entanto, Peleu o levou à presença de Quíron, e depois que este lhe restituiu a visão, tornou-o rei dos dólopes[207].

Acompanhava-lhe também Pátroclo[208], filho de Menécio e Estênele, filha de Acasto; ou de Periópide, filha de Feres, ou, conforme afirma Filócrates, de Polimela, filha de Peleu. Em Opunte, quando altercavam a propósito de um jogo de dados, Pátroclo matou Clitônimo, filho de Anfidamas, e tendo fugido com seu pai, passou a morar na casa de Peleu e tornou-se amante de Aquiles.

CAPÍTULO 14

Cécrope, Adônis, Tereu, Procne e Erictônio

Disputa de Atenas e Posídon pelo domínio da Ática

[3.14.1] O autóctone Cécrope, que tinha corpo híbrido de homem e serpente, foi o primeiro rei da Ática[209]; a terra, antes denominada Acte, passou a chamar-se Cecrópia, a partir de seu nome. Dizem que, nessa época, os deuses decidiram tomar posse das cidades em que cada qual receberia culto particular[210]. Posídon foi o primeiro a chegar à Ática e, golpeando com o tridente o centro da Acrópole, fez surgir um mar, hoje chamado Erecteu[211]. Depois dele chegou Atena; tomando Cécrope como testemunha de sua posse, plantou uma oliveira, ainda mostrada no Pandrósion. Surgindo disputa entre os deuses, Zeus os separou e designou como árbitros, não Cécrope e Crânao, como disseram alguns, nem Erisícton, mas os doze deuses [212]. A região foi concedida a Atena porque, segundo Cécrope, ela plantara primeiro a oliveira. Atena chamou a cidade Atenas; Posídon, indignado, inundou a planície Triásia e submergiu a Ática.

Filhos de Cécrope

[3.14.2] Cécrope desposou Agraulo, filha de Acteu, e teve um filho, Erisícton, que morreu sem descendência, e três filhas, Agraulo, Herse e Pandroso. De Agraulo e Ares nasceu Alcipe. Halirrótio, filho de Posídon e da ninfa Eurite, tentou violentá-la, foi descoberto e morto por Ares. Acusado por Posídon, Ares foi julgado no Areópago pelos doze deuses e absolvido[213].

[3.14.3] De Herse e Hermes nasceu Céfalo[214]; Éos, apaixonada por ele, raptou-o e, unindo-se a ele na Síria, deu à luz Titono, pai de Fáeton [215]. Fáeton gerou Astínoo; este, Sândoco, que se transferiu da Síria para a Cilícia, fundou Celênderis e, após desposar Fárnace, filha de Megasares, rei da Hiría, gerou Cíniras. Ao chegar a Chipre com seu povo, Cíniras fundou Pafos e, desposando Metarme, filha de Pigmalion, rei de Chipre, gerou Oxíporo e Adônis[216], além das filhas Orsédice, Laógora e Brésia. Estas, pela ira de Afrodite, uniram-se a estrangeiros e passaram a viver no Egito.

Adônis

[3.14.4] Adônis, ainda menino, pela ira de Ártemis, foi ferido por um javali durante a caça e morreu. Hesíodo diz que ele era filho de Fênix e Alfesibeia; Paníasis, que era filho de Tias, rei dos assírios, cuja filha se chamava Esmirna. Como Esmirna não cultuava Afrodite, a deusa fez com que se apaixonasse pelo pai. Com a ama como cúmplice, uniu-se a ele por doze noites sem ser reconhecida. Quando o pai descobriu, perseguiu-a com uma espada. Cercada, Esmirna suplicou aos deuses que a tornassem invisível, e eles, compadecidos, transformaram-na na árvore chamada mirra[217]. Dez meses depois a árvore se abriu e nasceu Adônis. Por sua beleza, Afrodite o ocultou numa arca e o confiou a Perséfone; esta, depois de vê-lo, recusou-se a devolvê-lo. Zeus dividiu o ano em três partes: Adônis passaria uma como quisesse, uma com Perséfone e outra com Afrodite[218]. Ele escolheu passar também sua própria parte com Afrodite; depois, ferido por um javali durante a caça, morreu.

Crânao

[3.14.5] Depois que Cécrope morreu, sucedeu-lhe no trono Crânao, que era autóctone, e conta-se que, durante seu reinado, ocorreu o dilúvio da época de Deucalião. Tendo desposado uma mulher lacedemônia, Pédia, filha de Mines, gerou Crânae, Cranecme e Átis [219], e depois que esta morreu ainda virgem, Crânao passou a chamar a região de Átide.

Anfictíon e Erictônio

[3.14.6] Após expulsar Crânao, Anfictíon passou a reinar; uns dizem que era filho de Deucalião, enquanto outros afirmam que era autóctone. Depois de haver reinado por doze anos, foi expulso por Erictônio. Segundo uns, este era filho de Hefesto e da filha de Crânao, Átide; segundo outros, de Hefesto e de Atena, da seguinte maneira: Atena havia acorrido a Hefesto para que lhe fabricasse armas, mas ele, que havia sido abandonado por Afrodite, sucumbiu de desejo por Atena e começou a persegui-la, porém ela fugia. Quando, com muito esforço, uma vez que era coxo, conseguiu se aproximar dela, tentou possuí-la, mas Atena, que era casta e virgem, não consentiu, e Hefesto acabou ejaculando na perna da deusa; tomada de asco, ela limpou o sêmen com uma lã e atirou-a ao solo. E enquanto Atena fugia, do sêmen caído ao solo nascia Erictônio [220]. Atena o criou às escondidas dos deuses, desejando torná-lo imortal; depositou-o numa cesta e depois de confiá-lo a Pandroso, a filha de Cécrope, proibiu-lhe abrir a cesta. No entanto, as irmãs de Pandroso abriram a cesta por curiosidade e contemplaram uma serpente enrolada em torno do bebê; e, como dizem alguns, elas foram aniquiladas pela serpente, mas segundo outros, ficaram ensandecidas pela cólera de Atena e se precipitaram da acrópole [221]. Erictônio, que havia sido criado pela própria Atena dentro de um bosque sagrado, após expulsar Anfictíon, tornou-se rei de Atenas; erigiu na acrópole uma estátua de madeira de Atena e instituiu a festa das Panateneias [222]; desposou a ninfa náiade Praxítea, que lhe gerou um filho, Pandíon [223].

Pandíon

[3.14.7] Depois que Erictônio morreu e foi enterrado no mesmo recinto sagrado de Atena, Pandíon sucedeu-lhe no trono; durante seu reinado, Deméter e Dioniso chegaram a Ática. Deméter foi acolhida por Céleo em Elêusis [224], e Dioniso, por Icário, que recebeu uma cepa de videira e aprendeu a produzir o vinho. Icário, desejoso de presentear as dádivas do deus aos homens, chegou junto a uns pastores que, após terem provado da bebida e tê-la bebido sem água, prazerosa e copiosamente, acreditaram que haviam sido enfeitiçados e o mataram. Já de dia, recobrada a sensatez, o enterraram. Quando sua filha Erígone saiu ao encalço de seu pai, uma cadela doméstica, chamada Mera, que acostumava acompanhar Icário, indicou-lhe o cadáver, e ela, transida de dor por seu pai, se enforcou [225].

Procne e Filomela

[3.14.8] Pandíon desposou Zeuxipe, irmã de sua mãe, e teve duas filhas, Procne e Filomela, e filhos gêmeos, Erecteu e Butes. Quando eclodiu a guerra contra Lábdaco a respeito das fronteiras da região, solicitou a ajuda de Tereu da Trácia, filho de Ares, e por haver tido êxito na guerra graças a ele, deu-lhe a mão de sua própria filha Procne em casamento. Tereu teve um filho com ela, Ítis; apaixonado por Filomela, também a seduziu, dizendo-lhe que Procne havia morrido, quando, na verdade, ela a mantinha oculta em suas terras. Posteriormente, casou-se com Filomela, teve relações sexuais com ela e cortou-lhe a língua. Esta, porém, tendo bordado em uma túnica uns caracteres, fez com que Procne ficasse sabendo, por meio deles, a sua própria desgraça. Tendo saído à procura de sua irmã, Procne matou seu filho Ítis e, depois de cozinhá-lo, serviu-o num banquete a Tereu, sem que ele percebesse, e juntamente com sua irmã, fugiram rapidamente.

Quando Tereu percebeu o que havia ocorrido, pegou um machado e saiu no encalço delas; elas, ao verem-se cercadas em Dáulia, na Fócide, suplicaram aos deuses que as metamorfoseassem em pássaros; Procne transformou-se em rouxinol e Filomela, em andorinha; Tereu também se metamorfoseou em pássaro e se tornou uma poupa[226].

CAPÍTULO 15

Céfalo, Orítia, Eumolpo e Egeu

Erecteu e seus filhos

[3.15.1] Após a morte de Pandíon, seus filhos dividiram a herança paterna; Erecteu obteve o reino[227] e Butes, o sacerdócio de Atena e de Posídon Erecteu[228]. Erecteu desposou Praxítea, filha de Frásimo e Diogênia, filha de Cefiso, e teve filhos, Cécrope, Pandoro e Metíon, e filhas, Prócris, Creúsa, Ctônia e Orítia, a que Bóreas raptou[229].

Prócris

Ctônia foi esposada por Butes; Creúsa, por Xuto[230], e Prócris, por Céfalo, filho de Díon[231]. Esta se uniu a Pteleonte em troca de uma coroa de ouro, e ao ser surpreendida em flagrante, refugiou-se junto a Minos. Este se apaixonou por ela e tentou seduzi-la. Contudo, se uma mulher fazia amor com Minos, era impossível continuar viva; pois Pasífae, uma vez que Minos costumava ter relações sexuais com muitas mulheres, lhe havia enfeitiçado com uma droga, e cada vez que ele se unia a uma mulher, lançava feras em suas articulações e, deste modo, elas pereciam. Minos possuía um cão veloz e um dado certeiro, e em troca deles, Prócris se uniu a ele, tendo antes, porém, lhe dado para beber a raiz de Circe para que não sofresse nenhum dano. Mais tarde, por temor à esposa de Minos, voltou a Atenas e, tendo se reconciliado com Céfalo, saiu com ele para caçar, pois era aficionada pela caça. Enquanto ela perseguia uma presa entre as folhagens, Céfalo, sem reconhecê-la, lançou o dardo e atingiu-a, ocasionando-lhe a morte. Após ter sido julgado no Areópago, foi condenado a um exílio perpétuo[232].

Orítia e Bóreas

[3.15.2] Enquanto Orítia brincava junto ao rio Iliso, Bóreas a raptou e se uniu a ela, que lhe gerou duas filhas, Cleópatra e Quíone, e filhos alados, Zetes e Cálais[233]; estes navegaram em companhia de Jasão e morreram quando perseguiam as Harpias[234]; mas segundo afirma Acusilau, foram mortos por Héracles nos arredores de Tenos[235].

[3.15.3] Cleópatra foi desposada por Fineu, que teve dois filhos com ela, Plexipo e Pandíon. Após ter tido estes filhos com Cleópatra, Fineu desposou Ideia, filha de Dárdano. Esta acusou falsamente seus enteados de tentativa de sedução, e Fineu acreditou nela e os cegou[236]; quando os Argonautas, juntamente com Bóreas, passaram por ali em seu périplo, eles o castigaram[237].

Erecteu e Eumolpo

[3.15.4] Quíone se uniu a Posídon, e às ocultas de seu pai deu à luz a Eumolpo [238], e para não ser descoberta, atirou o bebê em um precipício. No entanto, Posídon o recolheu e o levou para a Etiópia, entregando-o a Bentesícime, sua filha e de Anfitrite, para que o criasse. Quando ele se tornou adulto, o marido de Bentesícime concedeu-lhe a mão de uma de suas filhas em casamento, porém Eumolpo tentou violentar a irmã de sua esposa e, tendo sido exilado por causa disso, chegou, juntamente com seu filho Ísmaro, diante de Tegírio, rei dos trácios, que deu sua filha em casamento ao filho de Eumolpo. Contudo, tendo tramado depois uma conspiração contra Tegírio, Eumolpo foi descoberto e se refugiou junto aos eleusinos, com os quais estabeleceu uma relação

de amizade. Posteriormente, após a morte de Ísmaro, Tegírio mandou buscá-lo e, após ter solucionado sua disputa anterior, recebeu o reino. Quando eclodiu a guerra entre os atenienses e os eleusinos, Eumolpo foi convocado por estes e lutou como seu aliado com um grande número de forças trácias[239]. Quando Erecteu perguntou ao oráculo sobre a vitória dos atenienses, o deus lhe respondeu que teria êxito na guerra se degolasse uma de suas filhas, e após haver degolado a mais jovem, as restantes degolaram-se a si próprias, pois, segundo dizem alguns, elas haviam jurado entre si morrer juntas[240]. Na batalha que ocorreu após a matança, Erecteu matou Eumolpo, porém Posídon aniquilou Erecteu e sua casa[241].

[3.15.5] Cécrope, o primogênito de Erecteu, ocupou o trono[242], e tendo desposado Metiadusa, filha de Eupálamo, gerou-lhe um filho, Pandíon. Este, que reinou depois de Cécrope, foi expulso pelos filhos de Metíon durante uma sedição, e dirigindo-se à Mégara diante de Pilas, desposou a filha deste, Pília. Mais tarde, chegou a ser também rei da cidade, pois Pilas, após matar o irmão de seu pai, Bias, entregou o reino a Pandíon, enquanto ele próprio se dirigia com seu povo ao Peloponeso e fundava a cidade de Pilos.

Egeu

Pandíon, enquanto estava em Mégara, gerou os seguintes filhos: Egeu, Palas, Niso e Lico. Mas alguns dizem que Egeu era filho de Círio e que Pandíon o fazia passar por seu.

[3.15.6] Após a morte de Pandíon, seus filhos marcharam contra Atenas, expulsaram os metiônidas e dividiram o reino em quatro partes, porém Egeu detinha todo o poder [243]. Primeiramente desposou Meta, filha de Hoples, em seguida, Calcíope, filha de Rexénor. Como não tinha filhos e receava seus irmãos, acorreu à Pítia e consultou a respeito de como podia gerar filhos[244]. O deus lhe respondeu:

A tampa que sobressai do odre, tu, o melhor dos homens,

não a retires antes que tenhas chegado ao alto de Atenas.

Desconcertado pela resposta do oráculo, Egeu retornou a Atenas.

[3.15.7] Ao passar por Trezena, foi hospedado por Piteu, filho de Pélope, o qual compreendeu o oráculo e, depois de embriagá-lo, fez com que ele se deitasse com sua filha Etra. Mas nesta mesma noite, também Posídon teve relação sexual com ela. Egeu recomendou a Etra que, se desse à luz um varão, o criasse sem dizer de quem era filho. Deixou uma espada e umas sandálias debaixo de uma pedra e disse que, quando o menino fosse capaz de mover a rocha e pegá-los, que lho enviasse juntamente com esses objetos.

Morte de Androgeu, Minos contra Mégara e Atenas

Egeu chegou a Atenas e instituiu os jogos das Panateneias, nos quais Androgeu, filho de Minos, venceu a todos. Egeu o enviou contra o touro de Maratona, que o aniquilou. Porém alguns afirmam que quando Androgeu viajava para Tebas para participar dos jogos em homenagem a Laio, seus rivais armaram-lhe uma emboscada e por inveja o mataram [245]. Quando sua morte foi anunciada, Minos, que estava em Paros oferecendo um sacrifício às Graças lançou a coroa de sua cabeça e fez cessar os aulos, porém completou o sacrifício. Por isso, até hoje em Paros realizam-se sacrifícios às Graças sem coroas e aulos.

[3.15.8] Não muito tempo depois, tendo se tornado imbatível nos mares, Minos atacou Atenas com sua esquadra, tomou Mégara durante o reinado de Niso, filho de Pandíon, e matou Megareu, filho de Hipômenes, que havia acorrido em auxílio de Niso. Niso também morreu pela traição de sua filha. Pois possuía no meio da cabeça um fio de cabelo purpúreo e havia um oráculo

segundo o qual ele morreria se fosse arrancado. Porém sua filha, Cila, que havia se apaixonado por Minos, o arrancou[246]. Após ter dominado Mégara, Minos atou a moça pelos pés à popa da nau e a submergiu na água. Uma vez que a guerra se prolongava sem que conseguisse tomar Atenas, suplicou a Zeus que se vingasse dos atenienses. Quando a peste e a fome se alastraram pela cidade, os atenienses, em conformidade com um antigo oráculo, primeiramente degolaram as filhas de Hiacinto, Anteide, Egleide, Lítea e Órtea, sobre o túmulo do Ciclope Geresto; Hiacinto[247], o pai delas, havia chegado da Lacedemônia e havia se estabelecido em Atenas. Porém, como esse sacrifício não serviu de nada, consultaram o oráculo sobre como poderiam se livrar do mal. O deus respondeu-lhes então que dessem a Minos a indenização que ele escolhesse. Deste modo, enviaram uma embaixada a Minos e permitiram-lhe que pedisse uma indenização. Minos ordenou que lhe enviassem sete rapazes e o mesmo número de moças, desarmados, como alimento para o Minotauro [248]. Este estava encerrado no labirinto, no qual quem entrava jamais conseguia sair, pois complicadas sinuosidades obstruíam a saída desconhecida. Fora construído por Dédalo, filho de Eupálamo, o filho de Metíon, e de Alcipe, pois era um exímio arquiteto e o primeiro inventor de imagens. Havia fugido de Atenas por ter precipitado do alto da acrópole Talo[249], o filho de sua irmã Perdiz, que era seu discípulo, receando que ele o superasse com seu talento, pois tendo encontrado certa vez uma mandíbula de serpente, Talo serrou com ela um fino pedaço de madeira[250]. Quando o cadáver foi descoberto, Dédalo foi julgado no Areópago e, após ser condenado, refugiou-se junto a Minos. Ali se tornou cúmplice de Pasífae, que havia se apaixonado pelo touro de Posídon, fabricando-lhe uma vaca de madeira, e construiu o labirinto, ao qual a cada ano os atenienses enviavam sete rapazes e igual número de moças como alimento para o Minotauro.

CAPÍTULO 16

Teseu

Teseu

[3.16.1] Teseu, o filho que Egeu teve de Etra, quando se tornou adulto, ergueu a rocha, pegou a espada e as sandálias e depressa partiu a pé para Atenas [251]. Deixou livre de perigos o caminho que se encontrava sob o domínio de malfeitores. Pois, em primeiro lugar, em Epidauro, matou Peripetes, filho de Hefesto e Anticleia, que fora apelidado de Corinetes pela clava* que portava. Por ter pernas fracas, Peripetes portava uma clava de ferro, com a qual matava os transeuntes; Teseu lha tomou e passou a levá-la consigo.

[3.16.2] Em segundo lugar, matou Sínis, filho de Polipémon e Sileia, filha de Corinto, que tinha o apelido de Pitiocamptes[252]; pois habitava o Istmo de Corinto e obrigava aos que passavam por ali a dobrar pinos e mantê-los assim; porém os que não conseguiam fazê-lo por sua debilidade, eram lançados ao ar pelas árvores e pereciam de modo pavoroso. Desta mesma maneira, Teseu matou Sínis.

NOTAS AO LIVRO III

1. Cf. PSEUDO APOLODORO, II, 1, 4.

2. Não há um consenso sobre a identidade da mãe; segundo Higino, Fáb. 6 e 178, sua mãe chamava-se Argíope e não Teléfassa. Em algumas fontes aparece Tasos, em vez de Cadmo, como filho de Agenor, cf. Escol. a Eur. Fenícias 6 e PAUSÂNIAS V, 25, 12. Acerca de Europa, cf. HOMERO, Ilíada XIV 321 ss, BAQUÍLIDES, XVI, 29 ss., mencionam-na como filha de Fênix.

3. Cf. LUCIANO, Diálogos Marinhos XV; DIODORO, V, 78, 1; OVÍDIO, Met. II, 836-875 e Fastos 603-618; HIGINO, Fáb. 178. Europa também passava por ser mãe do adivinho Carno (por quem Apolo se apaixonou) e mesmo de Dodoneu. Zeus ofereceu-lhe em troca três presentes: deu-lhe Talo, o homem de bronze que guardava as costas de Creta, impedindo o desembarque de estranhos; um cão que nunca deixava escapar presa alguma, e ainda uma lança de caça que jamais falhava o alvo. O touro em que Zeus se metamorfoseara tornou-se uma constelação e foi colocado entre os signos do zodíaco (cf. Grimal, p. 161).

4. Segundo PAUSÂNIAS, V, 25, 12. Tasos também é filho de Agenor.

5. HIGINO, Fáb. 178, afirma que Fênix estabeleceu-se na África.

6. Cf. Escol. Ilíada XII 292; DIODORO, IV 60, 3.

7. Cf. PAUSÂNIAS, VII 2, 5; ANTONINO LIBERAL, Transform. 30.

8. Sarpédon era cultuado como herói na Lícia; cf. HERÓDOTO, I 173; DIODORO, V 79, 3; ESTRABON, XII 8, 5; PAUSÂNIAS, VII 3, 7.

9. Cf. supra PSEUDO APOLODORO II 4, 11.

10. PAUSÂNIAS, III 26, 1, identifica Pasífae com a Lua. Cf. APOLÔNIO, Argon. 999; OVÍDIO, Met. IX 736, e ANTONINO LIBERAL, 41.

11. Cf. DIODORO, IV 77, 2.

12. Sobre a talassocracia de Minos no Mar Egeu, cf. HERÓDOTO, I 171; TUCÍDIDES, I 4, 1.

13. Cf. infra, III 15, 8.

14. A respeito do Minotauro e do labirinto, cf. DIODORO, IV 77 1-5; PLUTARCO, Teseu, 15 ss.; HIGINO, Fáb. 40. Sobre os amores de Pasífae e touro, v. VIRGÍLIO, Éclogas, VI 45, ss. e OVÍDIO, A Arte de amar, I 289 ss.

15. Cf. PSEUDO APOLODORO III 15, 7-9; Epítome I, 7-11.

16. Cf. DIODORO, V 59, 1-4.

17. A passagem de DIODORO, V 59 1-4, coincide com a versão dada por Apolodoro destra trágica história e menciona que Altêmenes foi posteriormente venerado como herói em Rodes.

18. Este monte, que continua a ter o mesmo nome, é o mais alto de Rodes e encontra-se no centro da cadeia montanhosa que atravessa a ilha.

19. Cf. PÍNDARO, Olímp. VII 87; DIODORO, V 59, 2. DESCENDÊNCIA DE AGENOR (CADMO) Cadmo funda Tebas. Os espartos. Quando Teléfassa morreu, Cadmo a enterrou, e tendo sido acolhido hospitaleiramente pelos trácios, partiu para Delfos para obter informações sobre Europa. O deus disse-lhe que não se preocupasse com Europa, mas que se deixasse guiar por uma vaca e fundasse uma cidade no local em que ela caísse esgotada. Após receber este oráculo, viajou pela Fócida e, encontrando a vaca entre os rebanhos de Pelagonte, pôs-se a segui-la. Esta, após ter atravessado a Beócia, baixou ao

20. Glauco era filho de Minos e Pasífae, cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 2; a respeito de sua morte e ressurreição, v. HIGINO, Fáb. 136 e Astr. II 14.

21. Segundo HIGINO, Fáb. 136 tratava-se de uma bezerra e não de uma vaca, que mudava de cor três vezes ao dia, cada quatro horas, sendo primeira branca, depois vermelha e por último negro, igual à amora, que apresenta estas três cores sucessivamente.

22. Em outras versões, a ressurreição de Glauco é atribuída a Asclépio. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 3; HIGINO Fáb. 49 e Astr. II, 14.

23. PAUSÂNIAS, IX 12, 1 ss. menciona que a vaca tinha uma mancha branca de cada lado, semelhante a uma lua cheia; HIGINO, Fáb. 178, diz que se tratava de um boi. Segundo VARRON, Rerum rusticarum III 1, Tebas era a cidade mais antiga do mundo e havia sido construída pelo rei Ogiges antes do dilúvio. Cf. também OVÍDIO, Met. III 6 ss.

24. Sobre o episódio do dragão e a semeadura dos dentes, cf. EURÍPIDES, Fenícias 930 ss. Onde também se fala sobre o ressentimento de Ares contra a descendência de Cadmo devido à morte do dragão; PAUSÂNIAS, IX 10; OVÍDIO, Met. III 26-130. Os dentes que restaram, Atena guardou-os e posteriormente foram semeados por Jasão, cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 23.

25. Spartoí, isto é, "semeados".

26. Com relação aos nomes destes cinco sobreviventes, PAUSÂNIAS, IX 5, 3, e HIGINO, Fáb. 179, concordam com Apolodoro. Segundo o escoliasta de APOLÔNIO, Argon. III 1179 é em Ferécides que os seus nomes aparecem pela primeira vez. OVÍDIO, Met. III 126, afirma que sobreviveram cinco, mas cita apenas o nome de Equíon.

27. Com referência às núpcias de Cadmo e Harmonia, v. PÍNDARO, Pít. III 88 ss.; EURÍPIDES, Fenícias 822 ss.; DIODORO, IV 2, 1; V 48, 5; 49, 1; PAUSÂNIAS, III 18, 12; IX 12, 3.

28. Não há um consenso a respeito de qual divindade ter-lhe-ia dado o colar de presente. Segundo DIODORO, IV 65,5, Afrodite deu-o de presente a Cadmo e Harmonia, mas em seguida, em V 49, 1, afirma que foi Atena quem deu de presente o colar e o peplo. Já o Escólio a Eur. Feníc. 71, afirma que Afrodite deu o colar de presente, e Atena, o peplo.

29. Cf. HESÍODO, Teog. 975-978; DIODORO, IV 2, 1; PÍNDARO, Olímp. II 22 ss.

30. Sobre o amor de Zeus e Sêmele e o nascimento de Dioniso, cf. IX 5, 2; OVÍDIO, Met. III 259 ss.; HIGINO, Fáb. 167; 179.

31. Hera, sob a aparência de Béroe, a velha ama de Sêmele, convence-a a fazer o pedido a Zeus (v. nota anterior).

32. A respeito de Ino e Átamas, cf. PAUSÂNIAS, I 42, 6; 44, 7 ss.; II, 1, 3; IV 34, 4; HIGINO, Fáb. 2 e 3; OVÍDIO, Met. IV, 512-542; Fastos VI 489 ss.

33. Como um filhote de leão, em OVÍDIO, Met. IV 531-538

34. São convertidos em divindades marinhas com os nomes de Leucótea (a Deusa Branca, a deusa da bruma) e Palémon em OVÍDIO, Met. IV 531-538, Fastos VI 501-550.

35. Também se converteu em bode, quando, juntamente com os demais deuses, partiu para o Egito ao fugir de Tífon, cf. ANTONINO LIBERAL, Transform. 28, e OVÍDIO, Met. V 39.

36. Apolodoro nos proporciona duas versões sobre o castigo de Actéon. A que desfrutou de maior aceitação, segundo a qual foi castigado por contemplar Ártemis nua, aparece também em HIGINO, Fáb. 181, e OVÍDIO, Met. III 138-252. DIODORO, IV 81, 3-5, coincide com as anteriores, mas introduz duas variantes: ou Actéon teria tentado unir-se a deusa, ou teria se vangloriado de ser melhor caçador que ela (com esta última também concorda EURÍPIDES, Bac. 339 ss.). Estesícoro (em PAUSÂNIAS, IX 2, 3) segue a versão de Acusilau e menciona que Ártemis envolveu-o numa pele de cervo para que os cães o matassem e ele não pudesse se casar com Sêmele. O "catálogo dos cães" aparece em OVÍDIO E HIGINO.

37. Tudo indica que estes versos sejam uma interpolação de outra fonte; além do mais, os nomes dos cães de Actéon não coincidem com os catálogos dados por Ovídio e Higino.

38. Cf. DIODORO, III 62-63; IV 1, 6 ss.; ESTRABON, XV 1, 7-9.

39. É provável que esta visita de Dioniso ao Egito tenha sido inventada para explicar suas semelhanças com Osíris. Cf. HERÓDOTO, II 42 E 144; DIODORO, I 11, 3; 13, 5; 96, 5; IV 1,6; PLUTARCO, Ísis e Osíris 28; 34; 35.

40. Reia é identificada frequentemente com a deusa frigia Cibele (cf. nota 14 ao Livro I). Em EURÍPIDES, Bac. 58 ss., 78-82, um coro de mulheres acompanham Dioniso desde as montanhas da Frígia.

41. Há algumas divergências com relação ao castigo imposto a Licurgo. Segundo HOMERO, Ilíada VI 129 ss., ele foi privado da visão. SÓFOCLES, Antígona 955-965, diz que ele foi encerrado dentro de uma cova por Dioniso, na qual ele foi, aos poucos, recuperando sua sensatez. HIGINO, Fáb. 132, narra que, enlouquecido por Dioniso, ao podar uma videira, cortou um de seus pés ou ambas as pernas.

42. O Pseudo Apolodoro resume nestas breves linhas o argumento das Bacantes, de EURÍPIDES. Dioniso, ao provocar a morte de Penteu, castiga não apenas a impiedade deste, mas também a sua mãe Agave e suas tias, Ino e Autônoe, que haviam propagado a notícia falsa de que Sêmele havia sido fulminada por vangloriar-se de ter Zeus como seu amante, quando, na verdade, seu amante era um mortal, cf. EURÍPIDES, Bac. 23-42 e 242-247. PSEUDO APOLODORO, III, 4, 3. Com referência à morte de Penteu, v. EURÍPIDES, Bac. 1043-1051. OVÍDIO, Met. III 701-731, apresenta algumas diferenças: a mãe de Penteu o toma por um javali, enquanto em Eurípides é tomado por um leão; cf. também, Fastos 721; HIGINO, Fáb. 179 e 184; PAUSÂNIAS, II 2, 7.

43. A história de Dioniso e os piratas é o tema do Hino Homérico a Dioniso (VII). Cf. CABRAL, L.A.M., Os Hinos Homéricos, Odysseus Editora, São Paulo, 2011. Cf. também OVÍDIO, Met. III 581-686; HIGINO, Fáb. 134.

44. Dioniso desce ao Hades em busca de sua mãe ou por Trezena (PAUSÂNIAS, II 31, 2), ou pela lagoa Alciônia, em Lerna (PAUSÂNIAS, I 37, 5). Cf. também DIODORO, IV 25, 4. Várias fontes mitográficas contam a anedota de que certo Prosimno (Hipolipno ou Polimno) mostrou o caminho ao Hades a Dioniso, em troca de sua entrega erótica. Quando retornou, o deus encontrou Prosimno morto, mas cumpriu o prometido utilizando um ramo de figueira. Quanto a Sêmele, o escoliasta de ARISTÓFANES, Rãs 330, menciona que Hades permitiu seu resgate em troca do que era mais querido por Dioniso, o qual entregou o mirto, com o qual logo se enfeitaram os iniciados em seus ritos. O nome de Tione (cf. tyás, tyádos) equivale ao de "mênade". Dioniso também era denominado Tioneu. Os antigos explicavam essa diferença do nome da mãe de Dioniso quer pretendendo que, nos dois casos, não se tratava do mesmo Dioniso, quer considerando Sêmele o nome "mortal" da mãe do deus e Tione o seu nome "divino", que lhe teria sido dado após sua apoteose, quando o deus retirou sua mãe do Hades para colocá-la entre as divindades.

45. Após a morte de Penteu, Agave parte para a Ilíria e aí se casa com o rei Licoterses e o mata, entregando, posteriormente, o reino para seu pai Cadmo (HIGINO, Fáb. 184, 240, 254).

46. Sobre a chegada de Cadmo e Harmonia a Ilíria e sua transformação em serpentes, cf. OVÍDIO, Met. IV 563-603; HIGINO, Fáb. 6; PAUSÂNIAS, IX, 5, 3; EURÍPIDES, Bac. 1330-1339. Higino afirma que foi Ares quem os transformou em serpentes, como castigo por Cadmo ter matado a serpente que guardava a fonte de Tebas, filha do próprio Ares; Em Ovídio, são Cadmo e Harmonia que pedem que se lhes transformem em serpentes; Em Eurípides, por sua vez, Dioniso profetiza a Cadmo que Ares salvará a ambos e os levará à terra dos Bem Aventurados. V. também APOLÔNIO, Argon. IV 516 ss.; ESTRABON, I 2, 39; VII 7, 8.

47. Porque Cadmo havia partido para a Ilíria (PAUSÂNIAS, IX, 5, 3).

48. Em III 10, 1, Nicteu e Lico aparecem como filhos de Hirieu. Em HIGINO, Fáb. 157, Nicteu e Lico são filhos de Posídon. O problema é que geralmente Nicteu é considerado como irmão de Lico e filho de Hirieu e Clônia, portanto, descendente direto de Posídon e das Plêiades. Contudo, os mitógrafos, confundindo os dois Licos - um, filho de Posídon

e Celeno, o outro, filho de Hirieu e neto de Posídon e Alcíone - fizeram, por vezes, de Nicteu filho de Celeno e Posídon. A versão do Pseudo Apolodoro é aparentemente irreconciliável com esta.

49. Cf. EURÍPIDES, Fen. 8; PAUSÂNIAS, II 6, 2; IX 5, 4-5. Segundo o Pseudo Apolodoro, Lábdaco, como Penteu, pereceu violentamente pelas mãos das Bacantes, por opor-se à celebração dos ritos orgiásticos. As fontes restantes não mencionam, porém, que havia tido uma morte violenta.

50. Suspeita de uma lacuna no texto. Heine propôs completá-la com as palavras ekeîthen élthontes eis Thébas, solução que é adota por Frazer e por Margarita Rodriguez de Sepúlveda, por exemplo. Adotei a tradução entre colchetes.

51. A respeito da história de Antíope, v. PAUSÂNIAS, II 6, 2; IX 25, 3; HIGINO, Fáb. 7 e 8. EURÍPIDES compôs uma tragédia sobre este tema intitulada Antíope, da qual Higino oferece um resumo na Fábula 8. 39. Sobre Anfíon e Zeto, v. PAUSÂNIAS, IX 5, 6-8; HOMERO, Odisseia IX 260-265; APOLÔNIO, Argon. I 735-741; HORÁCIO, Epístolas I 18, 41-44; Odes III 11, 2; HIGINO, Fáb. 7 e 8.

52. Segundo PAUSÂNIAS, II 6, 1-4, é Epopeu quem rapta Antíope e Nicteu socorre-a com seu exército; Nicteu é ferido na batalha e levado para Tebas. Morre após recomendar a Lico a soberania e a punição de Epopeu e Antíope. Mas Lico não precisa punir Epopeu, já que este morre antes, uma vez que havia sido ferido; o sucessor de Epopeu, Laomedonte, filho de Corono, entrega-lhe Antíope.

53. Cf. PAUSÂNIAS, IX 5, 6-8; HOMERO, Odisseia IX 260-265; HORÁCIO, Epístolas I 18, 41-44; Odes III 11, 2; HIGINO, Fáb. 7 e 8.

54. Cf. PAUSÂNIAS, IX 5, 6, 9; HIGINO, Fáb. 9.

55. Laio levou Crisipo para Tebas, mas os tebanos não o puniram e, por isso, Hera enviou-lhes a Esfinge, embora o motivo seja diferente em PSEUDO APOLODORO, III 5, 8. Sobre a morte de Crisipo há duas versões: ou se suicida de vergonha ou é assassinado por seus meio-irmãos Atreu e Tiestes, ou por Hipodâmia. Pélope amaldiçoa seus filhos e os expulsa. Cf. HIGINO, Fáb. 85; escólio a EURÍPIDES, Fen. 1760; PAUSÂNIAS, VI 20 7.

56. O mito de Níobe e seus filhos já é atestado em HOMERO, Ilíada XXIV 602-617, que difere da versão do Pseudo Apolodoro quanto ao número de filhos, doze no total, seis homens e seis mulheres. Seu número oscila entre seis e dez, segundo as fontes. Com o Pseudo Apolodoro coincidem DIODORO, IV 74; OVÍDIO, VI 147-312, e HIGINO, Fáb. 9 e 11. Em Ovídio, a metamorfose de Níobe em rocha ocorre na própria Tebas, pouco depois da morte de seus filhos, e logo a rocha é levada pelos ares até sua pátria. Higino e Homero coincidem com o Pseudo Apolodoro em que Apolo matou os homens e Ártemis, as mulheres.

57. Segundo PAUSÂNIAS, II 21 9; V 16 4, seu nome havia sido Melibeia, mas após a morte de seus irmãos empalideceu-se tanto que passou a ser chamada de Clóris (“pálida”). Sobre seu casamento com Neleu, v. HOMERO, Ilíada XI 281 ss.

58. Outras variantes sobre a morte de Anfíon aparecem em HIGINO, Fáb. 9, onde ele perece pelas mãos de Apolo ao atacar o templo do deus em retaliação pela morte de seus filhos; ou em OVÍDIO, Met. VI 271 ss. segundo o qual ele se suicida.

59. Para a história de Laio e sua família, cf. Odisseia, 271-280; EURÍPIDES, Fen. 1-62; escólio a EURÍPIDES, Fen. 1760; HIGINO, Fáb. 66 e 67; DIODORO, IV 64; PAUSÂNIAS, IX, 2, 4; 5, 10-11; X 5, 3-4. Em Homero, a mãe de Édipo é chamada de Epicasta. A história de Édipo é o tema de duas tragédias de SÓFOCLES: Édipo rei e Édipo em Colono, e da tragédia de SÊNECA, Édipo. O Pseudo Apolodoro segue aqui a versão de Sófocles.

60. SÓFOCLES, Édipo Rei 775, e SÊNECA, Édipo 272, 661, 801, chamam-na de Mérope, mas segundo FERÉCIDES, Esc. a Sófocles, loc. Cit., a esposa de Pólibo era Medusa, filha de Orsíloco. Em HIGINO, Fáb. 66, é a própria rainha que encontra o bebê e o recolhe.

61. Cf. SÓFOCLES, Édipo Rei 718; EURÍPIDES, Fen. 26 ss. DIODORO IV 64, 1; PAUSÂNIAS, X 5, 3; HIGINO, Fáb. 66; SÊNECA, Édipo 812 ss.

62. Nesta encruzilhada convergem os caminhos que procedem de Tebas, Delfos e Dáulia. Sobre o parricídio há duas versões, segundo a versão atribuída a EURÍPIDES, Fen. 32-44 e Escol. Eurip. Fen. 44, Édipo mata seu pai quando ambos se dirigiam para Delfos e leva prontamente os cavalos de Laio para Corinto, entregando-os para Pólibo. Esta é a versão seguida também por DIODORO, IV 64 2-65, e HIGINO, Fáb. 67. O Pseudo Apolodoro segue a versão de SÓFOCLES, Édipo Rei 787-813, segundo o qual a morte de Laio ocorre quando Édipo volta de Delfos, após ter consultado o oráculo, e ele não se dirige a Corinto, mas vai diretamente para Tebas.

63. A Esfinge era filha de Equidna e Tífon, ou de Quimera e Ortro e, segundo diferentes versões, havia sido enviada a Tebas por Ares ou por Hera. Cf. HESÍODO, Teog. 326 ss.; SÓFOCLES, Édipo Rei, 391 ss. EURÍPIDES, Fen. 45 ss.; DIODORO, IV 64, 3 SS.; HIGINO, Fáb. 67; PAUSÂNIAS, IX 26-2-4; SÊNECA, Édipo 92 ss.

64. Cf. escólio a EURÍPIDES, Fen. 1760 e PISANDRO, Fr. 10 Jacoby. Segundo outras versões, Hémon não morre e torna-se o noivo de Antígona; assim ocorre na Antígona de SÓFOCLES e nas Fenícias de EURÍPIDES. Em HIGINO, Fáb. 72, Hémon salva Antígona da morte, que havia sido decretada por Creonte.

65. EURÍPIDES, Fen. 55 ss.; DIODORO, IV 64, 4; HIGINO, Fáb. 67.

66. Segundo outra versão, após a morte de Jocasta, Édipo se casa com Astimedusa, que acusa os filhos da primeira união de tentar seduzi-la. Cf. Escól. a Eurip. Fen. 53 e Escól. Homero Ilíada IV 376. Apolodoro coincide com PAUSÂNIAS, IX 5, 10 ss. a esse respeito.

67. Em EURÍPIDES, Fen. 1455-1459, Jocasta se apunhala após a morte de Etéocles e Polinice no ataque dos Sete contra Tebas. Cf. também HOMERO, Odisseia XI 277 ss., e SÓFOCLES, Édipo Rei 1235 ss.

68. Há divergências entre os autores com referência ao destino de Édipo depois que ele descobre a verdade. HOMERO, Odisseia XI 275 ss., afirma simplesmente que ele continua reinando em Tebas por algum tempo. EURÍPIDES, Fen. 63-68, narra que seus filhos varões o aprisionaram para que se esquecesse do acontecido, e que é então quando Édipo os amaldiçoa. HIGINO, Fáb. 242, afirma que ele se suicidou.

69. A chegada de Édipo em Colono é o tema da tragédia de SÓFOCLES, Édipo em Colono. Seu túmulo era mostrado no santuário das Eumênides, entre a Acrópole e o Areópago. Cf. PAUSÂNIAS, I 28, 7).

70. Cf. EURÍPIDES, Fen. 70 ss.; DIODORO, IV 65, 1; HIGINO, Fáb. 67. Segundo Eurípides, cada um, durante o ano em que não reine, se ausentará de Tebas para tentar fugir à maldição de seu pai. Em SÓFOCLES, Édipo em Colono, 375, 1249, 1422-23, Polinice, que é o mais velho, é destronado por seu irmão e expulso de sua pátria. PAUSÂNIAS, IX 5, 12, afirma que Polinice havia ido a Argo, ainda quando seu pai estava vivo, para se casar com Árgia, e retornou a Tebas a pedido de seu irmão, mas, tendo se desentendido com ele, partiu novamente.

71. O colar e o peplo que Cadmo havia dado de presente a Harmonia, cf. PSEUDO APOLODORO, III 4, 2.

72. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 5.

73. Adrasto havia recebido o oráculo de Apolo. Há duas interpretações a esse respeito: ou ambos já traziam de suas respectivas pátrias - Tideu a imagem do javali de Cálidon, e Polinice, a da Esfinge tebana - ou então, tendo ambos se refugiado no templo de Apolo, encontraram aí uma pele de javali e outra de leão, e apropriaram-se delas. Cf. EURÍPIDES, Supl. 133-150, Fen. 408-429 e escólio a 409; HIGINO, Fáb. 69.

74. Cf. PAUSÂNIAS, V 17, 7-8; IX 41, 2; HIGINO, Fáb. 73; SÓFOCLES, Elec. 836 ss. Sófocles escreveu sua tragédia Erifile (perdida) com este tema.

75. Cf. DIODORO, IV 65, 6; Escólio a Odisseia XI 326 (atribuído a Asclepíades).

76. Cf. ÉSQUILO, Sete contra Tebas 375 ss., SÓFOCLES, Édipo em Colono 1309 ss. EURÍPIDES, Fenícias 1090 ss. e Suplicantes 857 ss.; DIODORO, IV 65, 7; HIGINO, Fábulas 70.

77. Filho de Tálao e irmão de Aristômaco e Adrasto; cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 13.

78. Hipsípile, após a estadia dos Argonautas em Lemnos, havia fugido da ilha para escapar ao castigo que queriam infligir-lhe por ter salvado seu pai, Toas; e havia sido vendida como escrava para os reis de Nemeia, cf. HIGINO, Fáb. 15.

79. BAQUÍLIDES, Epinícios VIII 14, interpreta seu nome como “o que inicia a matança”, com referência à primeira vítima da expedição, mas o nome também é interpretado como “o começo do destino”.

80. Com referência à estadia dos Sete em Nemeia, cf. BAQUÍLIDES, Epinícios VIII 10-24; HIGINO, Fáb. 74 e 273; PAUSÂNIAS, II 15, 2-3. Os jogos nemeanos tinha caráter pan-helênico e eram realizados a cada dois anos.

81. O local de Tebas para os argivos constitui o tema de duas tragédias: As Fenícias, de EURÍPIDES, e Os Sete contra Tebas, de ÉSQUILO. Nas duas é descrito o ataque às sete portas por outros tantos chefes. O número sete parece provir do poema épico Tebaida. É discutível que houvesse realmente essa cifra. Segundo Wilamowitz, eram apenas três: a Prétida, a Electra e a Neista. Há algumas variantes nos nomes das portas e dos chefes que as atacam. Cf. ÉSQUILO, Os Sete 375 ss.; EURÍPIDES, Fen. 1140 ss.; HIGINO, Fáb. 69 e 70; PAUSÂNIAS, IX 8, 4.

82. A versão de Ferécides sobre a causa da cegueira de Tirésias é dada com maior detalhe por CALÍMACO em O Banho de Palas, 57-133, onde se menciona que Cariclo, a mãe de Tirésias, era uma Ninfa e companheira inseparável de Atena. Um dia, ambas se banhavam na fonte Hipocrene quando Tirésias, que havia se aproximado com sede, involuntariamente as viu. Atena, muito irritada, disse-lhe que ele sairia dali com as órbitas vazias. A mãe de Tirésias ficou tão triste que a deusa apiedou-se dela e o converteu em adivinho e, além disso, deu-lhe vida longa, um bastão e o dom de ser o único a poder conservar seus dotes divinatórios depois de morto; a segunda causa, citada pelo Pseudo Apolodoro e atribuída a Hesíodo, é a que citam OVÍDIO, Met. III 316-338; HIGINO, Fáb. 75, e ANTONINO LIBERAL, Transf. 17. Segundo Eustácio, certo Sóstrato, autor de um poema elegíaco intitulado Tirésias, afirmava que este havia mudado de sexo por sete vezes.

83. Há uma lacuna aqui que Heyne propôs restaurar com outra estrutura: “... ele veio junto a ela e a viu nua”, etc. Cf. nota de Frazer, I, p. 362.

84. Segundo FRAZER, I p. 336, estes versos foram provavelmente interpolados. Eles são citados pelo escoliasta de Homero na Odisseia, X 494, e por Tzetzes, Escólio a Licofron, 683. Além do mais, a repartição dos prazeres aqui não coincide com a do parágrafo anterior.

85. Cf. EURÍPIDES, Fen. 911 ss.; ESTÁCIO, Tebaida X 580 ss.; PAUSÂNIAS, IX 25, 1; HIGINO, Fáb. 68.

86. Cf. ÉSQUILO, Sete 423 ss.; EURÍPIDES, Fen. 1172 ss. e Supl. 496 ss.; DIODORO, IV 65, 8; ESTÁCIO, Tebaida X 827 ss;. HIGINO, Fáb. 68;

87. Cf. ÉSQUILO, Sete 804 ss.; EURÍPIDES, Fen. 1356 ss.; DIODORO, IV 65, 8; PAUSÂNIAS, IX 5, 12; HIGINO, Fáb. 71; ESTÁCIO, Tebaida XI 447-579.

88. Cf. Escólio a LICOFRON, 1066; escólio a Ilíada V 126; escólio a PÍNDARO, Nem. X 7, 12; PAUSÂNIAS IX, 18, 1 Todas essas fontes coincidem que foi Anfiarau e não Tideu quem matou Melanipo. No entanto, ESTÁCIO, Tebaida VII 789-823, afirma que foi Capaneu quem matou Melanipo.

89. Cf. PINDARO, Nem. IX 24 ss. e X 8 ss.; DIODORO, IV 65, 8; PAUSÂNIAS, I 34, 2; IX 8, 3; 19, 4; ESTÁCIO, Tebaida VII 789-823; EURÍPIDES, Supl. 925 ss.

90. Segundo PAUSÂNIAS, VIII 25, 4-10, Deméter havia se transformado em égua e Posídon em cavalo; este último também é mencionado por OVÍDIO, Met. VI 118. A Erínia era Tilfusa, mãe do dragão de Tebas. Segundo DIODORO, IV 65, 9, Adrasto retornou a Argo; PAUSÂNIAS, I 43, 1, porém, afirma que ele morreu em Mégara.

91. Nestas breves linhas resume-se o argumento da tragédia de SÓFOCLES, Antígona. Cf. ÉSQUILO Os sete 1005 ss. e HIGINO, Fáb. 72, dão uma versão diferente: Antígona é salva pelo seu protegido, Hémon, filho de Creonte, apesar de seu pai tê-lo encarregado de matá-la. Ambos têm um filho que é posteriormente descoberto por Creonte porque tinha em seu corpo a marca dos descendentes dos espartos (“semeados”). Héracles intervém junto a Creonte em favor de Hémon, mas como não consegue nada, Hémon mata Antígona e depois se mata.

92. Os suplicantes punham um ramo de oliveira no altar de um deus para serem acolhidos sob sua proteção. Este episódio é o tema da tragédia de EURÍPIDES, As suplicantes. PAUSÂNIAS, I 39, 2 menciona que os tebanos concederam o recolhimento dos cadáveres em luta. Cf. ESTÁCIO, Teb. XII 464-796.

93. Tudo que fosse atingido pelo raio de Zeus era considerado sagrado. Por esse motivo, Capaneu é incinerado à parte. Cf. EURÍPIDES, Supl. 934-983, 1034 ss.; PROPÉRCIO, I 15, 21-22; ESTÁCIO, Teb. XII 800 ss.

94. Cf. DIODORO, IV 66, 1-3; HIGINO, Fáb. 70; PAUSÂNIAS, IX 5, 13; 8, 6, 9, 4; 19, 2. Havia um poema épico chamado Epígonos, que alguns atribuíam a Homero. Ésquilo e Sófocles também compuseram duas tragédias homônimas.

95. Como antes havia persuadido seu marido, cf. PSEUDO APOLODORO, III 6, 2.

96. HIGINO, Fáb. 71, traz algumas variantes: o filho de Partenopeu é Tlesímenes ou Biante; não aparece Anfíloco nem Eurílalo, mas sim Polidoro, filho de Hipomedonte.

97. Cf. PAUSÂNIAS, IX 5, 13; 8, 6;9, 4; 19, 2.

98. Segundo PAUSÂNIAS, IX 33, 1, o túmulo de Tirésias estava junto à fonte. DIODORO, IV 67 1, localiza seu túmulo no monte Tilfúsio, próximo da fonte.

99. Cf. DIODORO, IV 66, 6; PAUSÂNIAS, VII 3, 3; IX 33, 2; escólio a APOLÔNIO DE RODES, I 308. Diodoro menciona Dafne como filha de Apolo.

100. Cf. TUCÍDIDES, II 102, 7 ss.; DIODORO, IV 65, 7; PAUSÂNIAS VIII 24, 7; OVÍDIO, Met. IX 407 ss.; HIGINO, Fáb. 73. Sófocles e Eurípides escreveram duas tragédias intituladas Alcméon. Cf. TUCÍDIDES, II 102, 7 ss.; DIODORO, IV 65, 7; PAUSÂNIAS VIII 24, 7; OVÍDIO, Met. IX 407 ss.; HIGINO, Fáb. 73. Sófocles e Eurípides escreveram duas tragédias intituladas Alcméon.

101. Avô de Alcméon.

102. PAUSÂNIAS, VIII 24, 8; HIGINO, Fáb. 244 e PROPÉRCIO, I 15, 15 denominam-na Alfesibeia.

103. Apolo havia dito a Alcméon que ele só se livraria de seus males se ele habitasse em uma terra que ainda não existia por ocasião de seu matricídio, pois o restante havia sido contaminado. Por isso, quando se deu conta de que havia criado um território suficiente para viver na embocadura do Aqueloo, ele se estabeleceu aí. Cf. TUCÍDIDES, II 102, 5-6; PAUSÂNIAS, VIII 24, 8-9.

104. OVÍDIO, Met. IX 413 ss.

105. PAUSÂNIAS, VIII 24, 10, chama-os de Têmeno e Áxion

106. Segundo PAUSÂNIAS, VIII 24, 10 E IX 41, 2, não teriam sido os filhos de Alcméon que dedicaram o colar e o peplo, mas sim os de Fegeu.

107. TUCÍDIDES, II 102, 6 e PAUSÂNIAS, VIII 24, 9, derivam o nome de Acarnânia de Acárnan, o filho de Alcméon. DESCENDÊNCIA DE PELASGO Licáon e seus filhos Voltemos agora a Pelasgo, que segundo Acusilau era filho de Zeus e Níobe, como havíamos suposto^{109}, enquanto Hesíodo diz que era autóctone. Deste e de Melibeia, filha de Oceano, ou da Ninfa Cilene, segundo dizem outros, nasceu um filho, Licáon, que foi rei dos arcádios e teve cinquenta filhos de numerosas mulheres^{110}: Meleneu, Tesproto, Hélice, Níctimo, Peucétio, Cáucon, Mecisteu, Hopleu, Macareu, Macedno, Horo, Pólico, Acontes, Evémon, Ancíor, Arquébates, Cartéron, Egéon, Palante, Êumon, Caneto, Prótoo, Lino, Coretonte, Mênalo, Teléboas, Fisio, Faso, Ftio, Lício, Halífero, Genétor, Bucolíon, Socleu, Fineu, Eumetes, Harpaleu, Porteu, Platão, Hémon, Cineto, Leonte, Harpálico, Hereeu, Titanas, Mantineu, Clítor, Estínfalo, Orcômeno... Estes superavam todos os homens em arrogância e impiedade. Zeus, desejando comprovar sua impiedade, apresentou-se-lhes como um trabalhador diarista. Eles lhe ofereceram sua hospitalidade e, tendo degolado uma criança dos nativos, misturaram suas entranhas com as das vítimas dos sacrifícios e lhas ofereceram, seguindo o conselho do irmão mais velho, Mênalo. Zeus, enojado, derrubou a mesa no lugar que é atualmente chamado Trapezunte^{111}, e fulminou Licáon e seus filhos, com exceção de Níctimo, o mais jovem, pois Terra, tendo se antecipado, agarrou a mão de Zeus e fez cessar sua cólera^{112}. Quando Níctimo subiu ao trono, ocorreu o dilúvio de Deucalião^{113}. Alguns disseram que o dilúvio foi ocasionado pela impiedade dos filhos de Licáon. Calisto Eumelo e alguns outros dizem que Licáon teve também uma filha, Calisto; com efeito, Hesíodo diz que ela era uma das Ninfas; Ásio, que era filha de Nicteu; e Ferécides, de Ceteu. Era companheira de caça de Ártemis, portava o mesmo tipo de roupa que ela e lhe havia jurado que permaneceria virgem. Mas Zeus, que estava apaixonado por Calisto, fez amor com ela à força, assumindo, segundo uns, a aparência de Ártemis, segundo outros, de Apolo, e, desejando ocultá-la de Hera, metamorfoseou-a em ursa, mas Hera persuadiu Ártemis a abatê-la a flechadas, como a um animal selvagem. No entanto, há alguns que dizem que Ártemis disparou contra ela por não haver conservado sua virgindade. Quando Calisto morreu, Zeus pegou o bebê e, dando-lhe o nome de Árcade, confiou-o a Maia, na Arcádia, para que o criasse; quanto a Calisto, ele a transformou numa constelação e chamou-a de ursa^{114}.

108. TUCÍDIDES, II 68, 3, atribui a fundação a Anfíloco, o irmão de Alcméon (cf. III 7, 2), não ao filho.

109. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 1, 1.

110. Para outras variantes dos filhos de Licáon, cf. PAUSÂNIAS, VIII, 3, 1 ss.

111. Cf. PAUSÂNIAS, VIII 3, 3; 5, 4; 27, 4-6; 29, 1; 31, 5. “Mesa” em grego é trápeza. V. etimologia de Náupacto.

112. Segundo HIGINO, Fáb. 176, OVÍDIO, Met. I 218 ss., e PAUSÂNIAS, VIII 2, 3, Licáon não foi fulminado, mas sim convertido em lobo (seu nome está relacionado com lýkos, “lobo”. Cf. a extensa nota de FRAZER sobre a licantropia em I. p. 390-393). Em outra passagem, PAUSÂNIAS, VIII 1, 4-6, apresenta-nos Licáon como um rei virtuoso que não conseguiu impedir os atos ímpios de seus filhos, que provocaram o dilúvio. Quanto à criança sacrificada, segundo algumas versões, seria seu próprio filho Níctimo ou seu neto Árcade, filho de Zeus e Calisto. HIGINO, loc. cit. diz que foram os filhos de Licáon que ofereceram carne humana a Zeus.

113. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 7, 2.

114. O amor de Zeus por Calisto, sua transformação em ursa e, em seguida, em constelação são mencionados por OVÍDIO, Met. II 409-507; HIGINO, Fáb. 155, 176 e 177; PAUSÂNIAS, I 25, 1; VIII 3, 6-7 e ERATÓSTENES, Catast. 1.

115. PAUSÂNIAS, VIII 4, 1 ss. conta que Árcade teve três filhos, Azan, Afidas e Élato e que repartiu seu reino entre os três.

116. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 7, 4.

117. PAUSÂNIAS, VIII 4, 10, menciona apenas os dois primeiros.

118. Tal como ressalta Apolodoro, há divergências quanto ao nome de seu pai e de seu marido. Segundo TEÓCRITO, II 1, 40-42, HIGINO, Fáb. 185, e OVÍDIO, Met. X 560-680, foi Hipômenes quem obteve sua mão. PROPÉRCIO, I 1, 9, OVÍDIO, A arte de amar II 188 e PAUSÂNIAS, III 12, 9, coincidem com Apolodoro ao denominar Melaníon como esposo de Atalanta. Quanto ao seu pai, CALÍMACO, Hino a Ártemis 216, e HIGINO, Fáb. 99, chamam-no de Iásio, enquanto DIODORO, IV 34, 4; IV 65, 4, e PAUSÂNIAS, VIII 35, 10 chamam-no de Esqueneu.

119. Cf. ELIANO, Histórias várias XIII 1; CALÍMACO, Hino a Ártemis 221-224.

120. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 13, 3.

121. As maçãs eram provenientes do jardim das Hespérides, cf. escólio a TEÓCRITO, III 40; SÉRVIO, escólio a Eneida III 113; ou do jardim de Afrodite em Tâmaso, Chipre, cf. OVÍDIO, Met. X 644-651. Estas maçãs infundem um amor repentino em Atalanta, inclusive antes da corrida.

122. Há diferentes versões sobre o nome do pai de Atalanta: Iásio, em CALÍMACO, Hino a Ártemis 216, e HIGINO, Fáb. 99. Esqueneu, em Hesíodo, Fr. 72 e 76. O patronímico Iáside é encontrado em PROPÉRCIO, I 10. DESCENDÊNCIA DE ATLAS As Plêiades De Atlas e Pleione, filha de Oceano, nasceram em Cilene, na Arcádia, sete filhas, chamadas Plêiades: Alcíone, Mérope, Celeno, Electra, Estérope, Taígete e Maia^{123}. Destas, Enomau desposou Estérope, e Sísifo, Mérope. Posídon se uniu com duas, primeiro, com Celeno, da qual nasceu Lico, que Posídon instalou nas Ilhas dos Bem-aventurados; em segundo lugar, com Alcíone, que gerou uma filha, Etusa, a qual gerou um filho com Apolo, Eleuter, e dois filhos, Hirieu e Hiperénor. De Hirieu e da Ninfa Clônia nasceram Nicteu e Lico; de Nicteu e Polixo, Antíope, e de Antíope e Zeus, Zeto e Anfíon. Zeus se uniu amorosamente com as restantes filhas de Atlas. Hermes Maia, a primogênita, se uniu a Zeus em uma gruta de Cilene e gerou Hermes. Quando este se encontrava ainda em fraldas, escapou do berço e, ao chegar a Piéria, roubou as vacas que Apolo apascentava^{124}. Para que não fosse descoberto pelas pegadas, atou uns calçados nas patas das vacas^{125} e levou-as a Pilos; o restante ocultou em uma gruta, porém sacrificou duas e estirou suas peles por meio de pedras; quanto às carnes, uma parte ele comeu, após tê-la cozido, e a outra, a queimou^{126}. E rapidamente partiu para Cilene e aí encontrou, diante de sua gruta, uma tartaruga que estava se alimentando. Após tê-la limpado, estendeu umas cordas sobre seu casco, provenientes das tripas das vacas que havia sacrificado, e tendo confeccionado a lira, inventou também o plectro^{127}. Apolo chegou a Pilos à procura de suas vacas e interrogou os habitantes^{128}; eles lhe disseram que haviam visto um menino a tangê-las, mas não sabiam dizer para onde haviam sido conduzidas, por não terem podido encontrar o rastro. Após haver descoberto por meio da adivinhação quem as havia roubado, Apolo se apresentou em Cilene diante de Maia e acusou Hermes. Ela lho mostrou envolvido em fraldas, mas Apolo o conduziu à presença de Zeus e exigiu suas vacas de volta. Quando Zeus lhe ordenou que as devolvesse, Hermes lhe disse que não as possuía mais, mas como não conseguia persuadi-los, levou Apolo a Pilos^{129} e lhe devolveu as vacas. No entanto, quando Apolo ouviu a lira, decidiu trocá-la pelas vacas. Enquanto Hermes as apascentava, confeccionou também um aulo e tocava com ele. Desejando também obtê-lo, Apolo lhe ofereceu em troca o caduceu de ouro, que havia adquirido quando se dedicava ao pastoreio. Mas Hermes desejava em troca do aulo não apenas o caduceu, mas também aprender a arte da adivinhação^{130}. Assim, logo

123. Cf. ARATO, Fenômenos 254-268; ERATÓSTENES, Catast. 23; HIGINO, Astr. II 21 e Fáb. 192; OVÍDIO, Fastos III 105 e IV 169-178; escólio a PÍNDARO, Nem. II 17. As Plêiades ou Atlântides eram sete, mas uma delas era quase imperceptível; esta era, segundo as versões, Electra, mãe de Dárdano, que, entristecida pela sorte de Troia, cobria o rosto com as mãos, ou Mérope, que, casada com um simples mortal, havia perdido o esplendor de suas irmãs. Sua transformação em estrelas é atribuída a Zeus, que se compadeceu delas quando lhe pediram ajuda para não ser violentadas por Oríon. O deus transformou todos em estrelas e, desse modo, Oríon persegue eternamente as Plêiades.

124. Apolodoro segue com bastante fidelidade a narrativa do Hino Homérico a Hermes (IV) 68-102. O roubo do gado por Hermes é o tema do drama satírico de SÓFOCLES, Os rastreadores. Cf. também ANTONINO LIBERAL, Transf. 23; OVÍDIO, Met. II 685-707; III 680, ss.; PAUSÂNIAS, VII 20, 4

125. No Hino Homérico a Hermes (IV), o aedo diz que ele inverte as pegadas do rebanho fazendo com que as vacas caminhassem para trás. Em Antonino Liberal, Hermes ata galhos nos rabos das vacas para que as pegadas fossem apagadas.

126. Segundo a versão do Hino Homérico a Hermes (IV) 115 ss., Hermes dividiu a carne em doze porções, mas, como estava muito faminto, comeu nove, sozinho.

127. Também nos Rastreadores, de SÓFOCLES, a confecção da lira é posterior ao roubo do rebanho, diferentemente do Hino Homérico.

128. Segundo o Hino Homérico a Hermes (IV), Apolo consegue desmascarar o bebê Hermes ao observar o voo de uma ave de grandes asas.

129. No Hino Homérico a Hermes (IV), 185, chega a Onquesto.

130. O Hino Homérico a Hermes (IV) não menciona nenhuma destas trocas entre Hermes e Apolo; contudo, há uma lacuna após o verso 526, na qual esse episódio poderia ter sido mencionado.

131. A cleromancia, que consiste em retirar seixos de uma vasilha. Os seixos também são denominados thriaí e esse nome também era aplicado às Ninfas que personificavam essa maneira de adivinhação, cf. Hino Homérico a Hermes (IV) 252 ss.; CALÍMACO, Hino a Apolo 45. Uma tradição atribuía esse método de adivinhação a Atena. Apolo ficou tão desgostoso com isso que conseguiu que Zeus impedisse que este método gozasse de algum prestígio no porvir.

132. PAUSÂNIAS, III 1, 2.

133. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 3, 3; PAUSÂNIAS, III 1, 3; 19, 5; PLÍNIO, História natural XXI 66; OVÍDIO, Met. X 161-219. O túmulo de Hiacinto estava em Amiclas, sob uma grande estátua de Apolo, segundo Pausânias.

134. Em outras ocasiões aparece como filho de Éolo, cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 5.

135. Cf. PAUSÂNIAS, IV 2, 7; PÍNDARO, Nem. X 62 e 116; HIGINO, Fáb. 14.

136. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 11, 2.

137. Cf. PAUSÂNIAS, II 26, 3-7; DIODORO, IV 71, 1; V 74, 6; HIGINO, Fáb. 202; Astr. II 40; APOLÔNIO DE RODES, IV 616-7 PÍNDARO, Pít. III 8 ss.; Hino Homérico a Asclépio (XVI) 1 ss. (. Os autores oscilam entre Corônis e Arsínoe como a mãe de Asclépio e relatam como o bebê foi resgatado e entregue a Quíron. ANTONINO LIBERAL, 20 e OVÍDIO, Met. II 534-5, narram a história de Corônis sem mencionar Asclépio. Há discrepâncias também com relação ao nome do amante de Corônis: para uns, Alcioneu, para outros, Lico.

138. Segundo EURÍPIDES, Íon 999 ss., Atena deu-lhe duas gotas de sangue da Górgona, uma para ocasionar a morte e outra capaz de curar qualquer enfermidade. É interessante, como, a seguir,o Pseudo Apolodoro anuncia, em uma rara utilização do verbo na primeira pessoa, alguns personagens com os quais ele se deparou (heûron), evidenciando, assim, o caráter livresco e erudito de sua pesquisa, cf. Introdução.

139. Cf. PÍNDARO, Pít. 54 e 96; ERATÓSTENES, Catast. 6; HIGINO, Fáb. 49 e Astr. II 14. De acordo com uma lenda romana, após ter sido ressuscitado, Hipólito dirigiu-s a Arícia, perto de Roma, aonde chegou a tornar-se rei e consagrou um recinto sagrado a Diana; cf. PAUSÂNIAS, II 27, 4; OVÍDIO, Fastos III 263 ss., VI 735 ss. e Met. XV 297 ss.; VIRGÍLIO, Eneida VII 761 ss.

140. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 3, 1.

141. Conforme DIODORO, IV 71, 1-3, Asclépio era um médico tão competente que fez com que Hades, alarmado com o esvaziamento de seu reino, pedisse socorro a Zeus, que o fulminou. Cf. também PÍNDARO, III 54 e 96; EURÍPIDES, Alceste 1 ss.; HIGINO, Fáb. 49.

142. CALÍMACO, Hino a Apolo 45 ss., afirma que Apolo esteve a serviço de Admeto, não por um castigo, mas pelo amor que o deus sentia por ele. Os autores divergem com relação ao tempo em que Apolo esteve a serviço de Admeto; o tempo indicado por Apolodoro seria um "ano eterno" como vimos em III 4, 2, que duraria oito anos dos nossos. O escólio a EURÍPIDES, Alceste 1, menciona que Apolo não matou os Ciclopes, mas os seus filhos.

143. Há algumas divergências na tradição mitográfica com relação a estas genealogias; cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 5, onde se afirma que Periere é filho de Cinorta e pai de Afareu, Leucipo, Tíndaro e Icário. Cf. PAUSÂNIAS, II 21, 7; III 1, 3-4; IV 2; 2, 4. Quanto a Tíndaro, às vezes aparece como filho de Ébalo, outras de Periere ou de Cinorta.

144. Conforme o escólio a Ilíada II, 581 e escólio a EURÍPIDES, Orestes 457, Icário colaborou com Hipocoonte na expulsão de seu irmão Tíndaro de Esparta. Cf. também DIODORO, IV 33, 5; PAUSÂNIAS, II 18, 7; III 1, 4-5; 21, 4.

145. O escólio a Odisseia XV 16 afirma que a esposa de Icário chamava-se Dóroque, filha de Ortíloco, mas menciona que, segundo a versão de Ferécides, seu nome era Asteródia, filha de Eurípilo.

146. Segundo PAUSÂNIAS, III 12, 1, Odisseu obteve sua mão em casamento ao vencer uma corrida. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 9, 2; Epít. 2, 5.

147. Cf. EURÍPIDES, Helena 16 ss.; LUCIANO, Diálogo dos deuses XX 14; HIGINO, Fáb. 77; Astr. II 8; PAUSÂNIAS, III 16, 1. Segundo o PRIMEIRO MITÓGRAFO VATICANO, 78, Cástor, Polideuces e Helena procediam de um único ovo; contudo, a mesma fonte, 204, afirma que Leda pôs dois ovos e que de um nasceram Cástor e Polideuces e de outro, Helena e Clitemnestra.

148. ERATÓSTENES, Catast. 25; PAUSÂNIAS, I 17, 5; 41, 3; II 22, 3; HIGINO, Fáb. 79.

149. Cf. Epítome 1, 23; DIODORO, IV 63, 2-5; PAUSÂNIAS, I 17, 5; 41, 3; II 22, 3; HIGINO, Fáb. 79; PLUTARCO, Teseu 31 ss.

150. Cf. HIGINO, Fáb. 81; HESÍODO, Fragm. 196, 197, 198, 199, 200, 202 e 204.

151. Cf. PAUSÂNIAS, III 20, 9; EURÍPIDES, Ifigênia em Áulide 57 ss.; HIGINO, Fáb. 78; TUCÍDIDES. I 9. Segundo Pausânias, Tíndaro fez os pretendentes jurarem sobre as partes de um cavalo. De acordo com Eurípides e Higino, Tíndaro deixou que sua filha escolhesse.

152. HOMERO, Odisseia IV 12-14 e Ilíada III 174-175, afirma que Helena teve apenas uma filha, Hermíone; no entanto, DICTIS, Guerra de Troia V 5, relata que ela teve mais três filhos de Páris: Búnomo, Corinto (ou Córito) e Ideu; por último PAUSÂNIAS II 22 6-7, afirma que Ifigênia era filha de Helena e Teseu, mas que a fizeram passar por filha de Clitemnestra.

153. Cf. HESÍODO, Fragmento 175.

154. Cf. Odisseia IV 10-12. O escoliasta da Odisseia IV 11, menciona que Helena teve de Páris um filho, Córito.

155. Cf. Ilíada III 237; Odisseia IX 300.

156. Isto é, "filhos de Zeus". Para etimologia do nome e estudo das divindades, cf. CABRAL, L. A. M., Os Hinos Homéricos, Odysseus Editora, São Paulo, 2011.

157. Segundo TEÓCRITO (XXII 137-211), HIGINO, Fáb. 80; OVÍDIO, Fastos V 699-714, escólio a PÍNDARO, Nem. X 112, escólio a Ilíada III 243 e escólio a LICOFRON, 547, as Leucípides (as filhas de Leucipo) iam se casar com Idas e Linceu, filhos de Afareu, casamento ao qual os Dióscuros haviam sido convidados; mas estes as raptaram, e ao serem perseguidos por Idas e Linceu, lutaram contra eles e Cástor foi morto por Linceu, que por sua vez foi morto por Polideuces. Zeus fulminou Idas com um raio.

158. Cf. Odisseia XI 298-304; PÍNDARO, Nem. X 55 ss. e 75 ss., id. Pít. XI 93-96; LUCIANO, Diálogo dos deuses XXVI; VIRGÍLIO, Eneida VI 121 ss.; HIGINO, Fáb. 80; Astr. II 22.

159. HOMERO, Odisseia V 125-128, menciona que Deméter, enamorada por Iásion, uniu-se a ele num terreno semeado e por isso Zeus o fulminou. HESÍODO, Teogonia 969-974, afirma que desse amor nasceu Pluto ("a Riqueza"). Em HIGINO, Fáb. 270 (v. também Astr. II 4), são dois os filhos nascidos dessa união: Pluto e Filomelo, rico o primeiro e pobre o segundo, além de ser o inventor do arado,. Cf. também DIODORO, V 77, 1.

160. Em VIRGÍLIO, Eneida III 163-168, Dárdano é de origem latina, e na Ilíada XX 214-241 sua descendência é mencionada até Eneias. Sobre sua viagem, CÓNON, Narrativas 21, afirma que cruzou o mar numa balsa porque ainda não se conheciam as naus, e DIODORO V 48, 3, diz que foi o primeiro homem que chegou à Ásia por mar. Segundo Estevão de Bizâncio, Batia, esposa de Dárdano, era filha de Teucro, não de Trós.

161. Os primeiros testemunhos como a Ilíada XX 232-235 e o Hino Homérico a Afrodite (V) 202-206 não mencionam a águia. Esta aparece em versões mais tardias do mito VIRGÍLIO, Eneida V 252-257; OVÍDIO, Met. X 157-161; LUCIANO, Diálogo dos deuses IV 1; TEÓCRITO XV 124. A Ilíada V 265 ss. menciona que Zeus recompensou Trós com cavalos magníficos, mas na Pequena Ilíada, fragmentos 6ª e 6B, Ganimedes aparece como filho de Laomedonte, que recebe como recompensa uma vinha de ouro, obra de Hefesto. Cf. II 5, 9.

162. Cf. HOMERO, Ilíada II 819-821; V 311-313; XX 239 ss.; DIODORO, IV 75, 5; HESÍODO, Teog. 1008-1010.

163. A fundação de Tebas (cf. PSEUDO APOLODORO III 4, 1) também ocorreu por meio de um oráculo semelhante.

164. A tradição mais difundida do Paládio afirmava que se tratava de uma pequena estátua de madeira, caída do céu, e que, enquanto permanecesse em Troia, a cidade não seria tomada. Segundo os helenos, cf. PSEUDO APOLODORO, Epít. 5, 10 e 13, Odisseu e Diomedes se apoderaram do Paládio e o levaram ao acampamento grego. Na versão romana, por sua vez, a imagem havia permanecido em Troia, após sua conquista, e Eneias conseguiu salvá-la, levando-a com ele para a Itália, onde finalmente foi depositada no templo de Vesta, em Roma. Cf. PAUSÂNIAS, I 28, 9; II 23, 5; CÓNON, Narr. 34; VIRGÍLIO, Eneida II 162 ss.; OVÍDIO, Met. XIII 337-349; DIONISO DE HALICARNASO, I 68 ss. Ainda que Ilo descubra o Paládio agora, ele já havia caído muito antes, como é narrado mais adiante.

165. Trata-se de uma das Plêiades, cf. PSEUDO APOLODORO, III 12, 1.

166. Ate é a personificação do erro, que por ter enganado Zeus, foi expulsa do Olimpo; cf. Ilíada XIX 126 ss. Para FRAZER, II p. 42, Heyne provavelmente estava certo em considerar met'Átes kaì como uma interpolação introduzida por um escriba que se lembrou de que Ate foi lançada do céu por Zeus (HOMERO, Ilíada XIX 131 ss.).

167. HOMERO, Ilíada XX 237-238, não menciona nem as filhas nem a esposa de Laomedonte, em VI 23 ss., afirma que Bucolíon era o maior, ainda que ilegítimo. Segundo o escólio a LICOFRON 18, Príamo e Titono eram filhos de mães diferentes; Príamo, de Leucipe, e Titono, de Estrimo ou Reo, filha de Escamandro.

168. Cf. Hino Homérico a Afrodite (V) 218-238; Éos ("a Aurora") pediu a Zeus a imortalidade para Titono, porém se esqueceu de pedir também a juventude eterna, e deste modo Titono envelheceu tanto que Éos encerrou-o em um quarto de onde sua voz flui sem cessar. No escólio a Ilíada XI 1, Titono terminou por ser metamorfoseado em cigarra. Segundo OVÍDIO, Amores, I 13, 35-38, a Aurora madruga para distanciar-se de Titono, por causa de sua velhice. Já PROPÉRCIO, II 18, 7-18, menciona que Aurora não deixou de amá-lo e acompanhá-lo ao leito.

169. PSEUDO APOLODORO, II 6, 4.

170. Segundo OVÍDIO, Met. XI, 749-795, é transformado em um mergulhão, e atribui-se-lhe como sua mãe Alexírroe, filha do rio Granico.

171. De acordo com EURÍPIDES, Hécabe 3, e VIRGÍLIO, Eneida VII 320; X 705, seu pai era Cisseu, mas segundo HOMERO, Ilíada XVI 718-9, era filha de Dimante, que vivia na Frígia, unto ao rio Sangário. Cf. também HIGINO, Fáb. 91, 111 e 249.

172. Em EURÍPIDES, Andrômaca 296 ss. é Cassandra quem aconselha que se mate a criança. Cf. também HIGINO, Fáb. 91; EURÍPIDES, Troianas 919 ss. VIRGÍLIO, Eneida VII 319 ss.; CÍCERO, Sobre a adivinhação I 21, 42. DESCENDÊNCIA DE ASOPO Egina e Éaco. Filhos de Éaco O rio Asopo^{177} era filho de Oceano e Tétis, ou de Pero e Posídon, conforme diz Acusilau, ou de Zeus e Eurínome, segundo outros. Com ele havia se casado Métope, que era filha do rio Ládon, e gerou dois filhos, Ismeno e Pelagonte, e vinte filhas, uma das quais, Egina, Zeus raptou. Em sua busca Asopo chegou a Corinto e ficou sabendo por Sísifo que o raptor fora Zeus^{178}. Este lançou seus raios contra Asopo, que o estava perseguindo, e o fez regressar à sua foz, por isso, mesmo hoje em dia, suas correntezas transportam carvões. Zeus levou Egina para a ilha que então se chamava Enone e que atualmente recebe o nome de Egina por sua causa, e tendo se unido a ela, gerou um

173. Apolodoro deriva seu nome a partir do verbo alégo, "defender" e do substantivo anér, andrós, "homem".

174. De acordo com SÉRVIO, Comentários a Eneida II 247, Apolo privou as profecias de Cassandra da credibilidade ao cuspir-lhe na boca. Segundo o Escólio a Ilíada VII 44, por ocasião da comemoração do aniversário dos gêmeos Cassandra e Heleno, no templo de Apolo Timbreu, foram ambos esquecidos e acabaram permanecendo toda a noite no seu interior. No dia seguinte, quando foram buscá-los, encontraram umas serpentes lambendo-lhes os ouvidos (como havíamos visto com o adivinho Melampo, PSEUDO APOLODORO I 9, 11), e foi deste modo que eles adquiriram o dom da profecia. Cf. ÉSQUILO, Agamêmnon 1202-1212; HIGINO, Fáb. 93.

175. A tradição atribui a Príamo cinquenta filhos, número que não corresponde com exatidão às listas apresentadas pelos diversos autores. A lista de Apolodoro é a mais completa, perfazendo quarenta e sete nomes. Se lhe acrescentarmos os nomes de Antifonte e Dio, mencionados na Ilíada, e o de Áxio, citado por Pausânias, de acordo com a Pequena Ilíada, obteremos um total de cinquenta, conforme a tradição, cf. Grimal, p. 394.

176. Para os amores de Páris e Enone e seu trágico desfecho, cf. CÓNON, Narrativas 23; OVÍDIO, Her. V; PARTÊNIO, Narrat. 4.

177. Cf. DIODORO, IV 72, 1-5; PAUSÂNIAS, II R 1-2; V 22, 6.

178. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 3; PAUSÂNIAS, II 5, 1.

179. Cf. DIODORO, IV 72, 5; PAUSÂNIAS, II 29, 2 ss.; HIGINO, Fáb. 52; PÍNDARO, Nem. IV 16; VIII 7; VIII 21; Ístm. V 34; OVÍDIO, Met. VII, 472 ss.

180. Estes homens seriam os mirmídones, nome formado etimologicamente a partir de mýrmex, "formiga". Cf. OVÍDIO, Met. VII 614-657; HIGINO, Fáb. 52; ESTRABON, VIII 6, 16; HESÍODO, Fr. 205.

181. Cf. PAUSÂNIAS II 29, 9; PLUTARCO, Teseu 10; HIGINO, Fáb. 14. Às vezes, Endeis aparece como filha de Quíron.

182. Cf. HESÍODO, Teogonia 1003; PÍNDARO, Nem. V 12. Os filhos de Foco estabeleceram-se na Fócida e outorgaram seu nome à região, cf. PAUSÂNIAS, II 29, 2; X, 1, I; X 30, 4.

183. Cf. DIODORO, IV 61, 1, narra que depois que os atenienses assassinaram Androgeu, filho de Minos, este suplicou a Zeus que enviasse enfermidades e fome a Atenas. Cf. também PAUSÂNIAS, II 29, 7

184. Éaco auxilia Plutão e Perséfone no Hades, cf. ISÓCRATES, Evágoras 15, e juntamente com Minos e Radamante, julga os mortos, cf. PLATÃO, Apologia 41a, procedentes da Ásia, cf. PLATÃO, Górgias 524a. Cf. também LUCIANO, Diálogo dos mortos XX 1.

185. Cf. DIODORO, IV 72, 6-7; PAUSÂNIAS, II 29, 9 ss.; ANTONINO LIBERAL, Transformações 38; HIGINO, Fáb. 14; OVÍDIO, Met. XI 266 ss.

186. De acordo com uma versão atribuída a Hesíodo, cf. Escólio a Licofron 175, esta serpente havia sido criada por Cicreu e foi Euríloco que a expulsou de Salamina. Posteriormente, foi acolhida por Deméter em Elêusis. Outras versões afirmam que se tratava de um homem assim denominado, que foi expulso da ilha por seu caráter perverso. Cicreu era venerado como herói em Salamina e Atenas, cf. PLUTARCO, Sólon 9 e Teseu 10, cf. também DIODORO, IV 72, 4.

187. DIODORO, IV 72, 7, afirma que Télamon casou-se primeiramente com Glauce, filha de Cicreu, e que após a morte desta, com Eribeia, filha de Alcátoo. PÍNDARO, Ístm. VI 45, também cita Eribeia como esposa de Télamon.

188. PÍNDARO, Ístm. VI 45, deriva o nome de Ájax a partir de aietós, "águia".

189. HOMERO, Ilíada VIII 283-284, chama Teucro de "bastardo". As fontes mitográficas não são suficientemente explícitas se foi Télamon ou seu irmão Peleu quem acompanhou Héracles a Troia; EURÍPIDES, nas Troianas 804, menciona Télamon, mas em Andrômaca 706, é Peleu quem participa da expedição.

190. Segundo HOMERO, Ilíada XVI 1173-1178, Polidora era filha de Peleu e teve um filho do rio Esperqueio, Menéstio, que foi adotado pelo seu esposo, Boro. No entanto, o próprio APOLODORO, III 13, 4, afirma que Peleu esposou Polidora, filha de Periere. Quanto à mãe de Polidora, ora é identificada como Antígona, filha de Eurícion, ora como Eurídice, filha de Áctor, cf. Escol. Ilíada (loc. cit.).

191. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 2.

192. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 9, 2.

193. Em PÍNDARO, Nem. IV 5, é Hipólita, ou Hipólita Creteide (Nem. IV 56).

194. cf. HESÍODO, Fr. 209

195. Cf. HOMERO, Ilíada XVIII 83 ss. e 432 ss; PÍNDARO, Ístmicas IV 61 ss. EURÍPIDES, Ifigênia em Áulis, 701 ss. e 1036 ss,

196. Cf. PÍNDARO, Ístmicas VIII 30 ss.; APOLÔNIO DE RODES, IV 800-804; OVÍDIO, Metamorfoses XI 217 ss. Também em Píndaro é a titânide Têmis que faz a profecia e lhes aconselha a casar Tétis com um mortal; em Ovídio é Proteu quem proclama o oráculo.

197. Segundo HIGINO, Fáb. 54, Zeus libertou Prometeu por ele ter-lhe advertido das consequências de se unir a Tétis; cf. ÉSQUILO, Prometeu 908 ss.; HIGINO, Astr. II 15.

198. Cf. APOLÔNIO DE RODES, IV 793 SS.; HESÍODO, Fr. 210

199. Por ser uma divindade marinha, como Nereu ou Proteu, Tétis possuía o dom de assumir todas as formas que desejasse. Servindo-se desta faculdade, metamorfoseou-se sucessivamente em fogo, água, vento, árvore, pássaro, tigre, leão, serpente e finalmente em siba (um molusco). Cf. PÍNDARO, Nem. IV 62 ss.; PAUSÂNIAS V 18, 5; OVÍDIO, Met. XI 235 ss.

200. Sobre a participação dos deuses nas núpcias e seus presentes, cf. Ilíada XVI 866-7, XVII 443-4, XXIV 62-3; APOLÔNIO DE RODES, IV 807-8; PÍNDARO, Pít. III 89-95, e CATULO, 64. Os cavalos dados por Posídon serão os que Aquiles levará para Troia: além de imortais, eram também dotados de fala, cf. Ilíada XIX 404 ss.

201. Conforme o mito, Tétis teve outros seis filhos antes de Aquiles (que é o sétimo!) e matou todos eles ao tentar torná- los imortais, atirando-os ao fogo ou a um caldeirão de água fervente, às ocultas de Peleu, cf. Escólio a Licofron 178; Escólio a Ilíada XVI 37. Cf. APOLÔNIO DE RODES, Argon. IV 866-879. O mesmo procedimento é realizado por Deméter com Deofonte (cf. I 5, 1). ESTÁCIO, Aquileida I 28-270 é o primeiro autor que menciona a invulnerabilidade de Aquiles, com exceção do calcanhar, por sua mãe tê-lo submergido no lago Estige ao nascer.

202. Cf. APOLÔNIO DE RODES IV 875 ss.; na Ilíada I 357 ss. XVIII 35 ss. XXIV 83 ss., encontramos Tétis vivendo com seu pai, Nereu, nas profundezas dos mar.

203. Ou seja, uma criança que jamais mamou. Apolodoro deriva o nome de Aquiles de a- (alfa privativo) e kheíle, "lábios".

204. Cf. PSEUDO APOLODORO III 23, 3. Segundo J. G. Frazer (O Folclore..., cap. VI, p. 216) é possível que o fato de cortar a mulher em pedaços e fazer passar os soldados entre eles fosse considerado uma forma de purificação, pois existia na Beócia o costume de cortar um cão em duas partes e passar entre os pedaços quando se queria fazer alguma purificação pública. O mesmo rito para purificar os exércitos também era empregado na Macedônia.

205. Aquiles é ocultado na corte de Licomedes sob o nome de Pirra, Cercisera ou Isa, segundo outros mitógrafos. Entre a profecia de Calcas e o nascimento de Pirro é necessário supor que se passaram vários anos, ao menos uns seis ou sete, uma vez que Aquiles tinha apenas nove anos quando chegou a Esciro. Cf. HIGINO, Fáb. 96 e 97; ESTÁCIO, Aquileida I 207-885; OVÍDIO, Met. XIII 162-170; FILÓSTRATO, Imagens 1.

206. Odisseu consegue descobri-lo graças ao seguinte estratagema: tendo oferecido na corte de Licomedes, disfarçado de mercador, artigos e roupas femininas, misturou entre eles umas armas e ordenou que soasse o clarim de guerra. Aquiles, acreditando que estava ocorrendo um ataque, precipitou-se em direção às armas e, deste modo, revelou sua identidade. Sófocles e Eurípides escreveram duas tragédias que tinham por argumento a estadia de Aquiles em Esciro e seu desmascaramento por Odisseu.

207. HOMERO, Ilíada IX 437-484, não menciona a cegueira de Fênix nem a cura de sua visão por Quíron. Segundo Homero, a acusação da concubina era verdadeira, pois Fênix havia sido instigado por sua mãe para que dormisse com ela.

208. Cf. HOMERO Ilíada XI 785 ss.; XIII 84-90; ESTRABON, IX 4, 2; OVÍDIO, Pônticas I 3, 73-74. REIS DE ATENAS Disputa de Atenas e Posídon pelo domínio da Ática O autóctone Cécrope, que tinha um corpo híbrido de homem e serpente, foi o primeiro rei da Ática^{209}, e a esta terra, que antes era denominada Acte, passou a chamá-la de Cecrópia, a partir de seu próprio nome. Dizem que nesta época os deuses decidiram tomar posse das cidades em que cada qual havia de receber um culto particular^{210}. Deste modo, Posídon foi o primeiro a chegar a Ática e, golpeando com seu tridente no meio da Acrópole, fez surgir um mar, que agora o denominam Erecteu^{211}. Depois dele chegou Atena, e tendo tomado Cécrope como testemunha de seu apossamento, plantou uma oliveira, que atualmente se mostra no Pandrósion. Ao surgir entre ambos os deuses uma disputa pelo domínio da região, Zeus os separou e lhes designou como árbitros, não Cécrope e Crânao, como disseram alguns, nem tampouco Erisícton, mas os doze deuses^{212}. De acordo com o veredito deles, a região foi outorgada a Atena, pois segundo o testemunho de Cécrope, ela havia sido a primeira a plantar a oliveira. Atena, portanto, chamou a cidade de Atenas, a partir de seu próprio nome, enquanto Posídon, indignado em seu íntimo, inundou a planície de Triásion e submergiu a Ática sob o mar. Filhos de Cécrope Cécrope desposou Agraulo, filha de Acteu e teve um filho, Erisícton, que morreu sem descendência, e filhas, Agraulo, Herse e Pandroso. De Agraulo e Ares nasceu Alcipe; foi esta última que Halirrótio, filho de Posídon e da ninfa Eurite, tentou violentar, porém foi descoberto e morto por Ares. Acusado por Posídon, Ares foi julgado no Areópago e, tendo os doze deuses como juízes, foi absolvido^{213}. De Herse e Hermes nasceu Céfalo^{214}; apaixonada por ele, Éos o raptou, e após ter-se unido a ele na Síria, deu à luz um filho, Titono, que foi pai de Fáeton^{215}, Fáeton gerou Astínoo, e este, Sândoco, que se transladou da Síria para Cilícia, fundou a cidade de Celênderis e, após ter

209. PAUSÂNIAS, I 2, 6, menciona que o primeiro rei da Ática foi Acteu, que foi sucedido por Cécrope por ter-se casado com sua filha Agraulo. HIGINO, Fáb. 48, concorda com Apolodoro ao afirmar que Cécrope foi o primeiro rei da Ática.

210. Sobre a disputa entre Posídon e Atena, v. HERÓDOTO, VIII 55; PAUSÂNIAS, I 24, 5; I 26, 5; PLUTARCO, Temístocles 19; OVÍDIO, Met. VI 70 ss.; HIGINO, fáb. 164. A versão mais extensa do mito, a de que Posídon fez surgir um cavalo em vez do mar, aparece somente nas fontes mitográficas latinas, cf. VIRGÍLIO, Geórgicas, I 12 ss. Uma versão etiológica do mito é apresentada por Varron (citada por SANTO AGOSTINHO, A cidade de Deus XVIII 9): quando surgiram repentinamente na Ática uma oliveira e água, Cécrope consultou o oráculo de Delfos para saber o motivo; o oráculo respondeu que a oliveira era um sinal de Atena, e a água, de Posídon, e que os cidadãos eram quem deveriam decidir qual dos deuses daria o nome à cidade. Realizada a votação, na qual as mulheres também participaram, estas votaram na deusa, e os homens, no deus. Sagrando-se vitoriosa Atena, Posídon, indignado, inundou a Ática, e proibiu as mulheres de votar e que os filhos recebessem o nome da mãe.

211. Segundo PAUSÂNIAS, id., um poço de água salgada que emite um rumor de ondas quando sopra o vento sul; e acrescenta que é possível ver na rocha a marca de um tridente. Cf. também ESTRABON, IX 1, 16.

212. Cf. OVÍDIO, Met. VI 72.

213. Areópago significa "colina de Ares", pelo fato de ter sido este deus o primeiro a ser julgado ali. Cf. EURÍPIDES, Íon 1258 ss.; Ifigênia em Táuride 945-946; PAUSÂNIAS, I 28, 5.

214. Em outras passagens (II 4, 7 e III 15, 1), o PSEUDO APOLODORO afirma que Céfalo é filho de Diomedes e Déion, coincidindo, assim, com ANTONINO LIBERAL, Transformações, 411. HIGINO o menciona como filho de Déion em duas passagens (Fáb. 189 e 270), mas em outra (Fáb. 160), diz que ele era filho de Hermes e Creúsa, filha de Erecteu.

215. Segundo HESÍODO, Teog. 986-991, e PAUSÂNIAS, I 3, 1, Fáeton era filho de Céfalo e de Éos (Aurora). No entanto, na maioria dos textos é filho de Hélios (Sol); cf. DIODORO, V 23, 2; HIGINO, Fáb. 152 e 156; OVÍDIO, Met. II 19 ss.; PAUSÂNIAS, I 4, 1; II 3, 2. Apolodoro omite a célebre história em que Fáeton pede ao Sol que provasse que era seu pai, fazendo com que prometesse, sob juramento, que lhe concederia qualquer que pedisse. O Sol concordou, e então Fáeton pediu-lhe para conduzir o carro com que ele percorria a abóbada celeste por um dia. O Sol tentou dissuadi- lo, mas não conseguiu. Logo que começou a conduzir o carro, os cavalos se aperceberam de que não era o seu condutor habitual e ficaram descontrolados, provocando tais desastres sobre a terra que Zeus o fulminou e Fáeton caiu no rio Erídano.

216. ANTONINO LIBERAL, Transform. 34, apresenta Adônis como filho de Esmirna, filha de Belo e da ninfa Orítia.

217. A versão mais comum é a de que Adônis era filho de Esmirna e Cíniras, cf. OVÍDIO, Met. X 298 ss. ANTONINO LIBERAL, 34; HIGINO, Fáb. 58 e 14.

218. Existe outra versão da lenda, segundo a qual as duas deusas suplicaram a Zeus para que fosse o mediador de sua disputa; este delegou o julgamento a Calíope, que determinou que Adônis passasse metade do ano com cada uma. Contudo, Afrodite, indignada, enlouqueceu as mulheres trácias e fez com que despedaçassem Orfeu, o filho de Calíope, cf. HIGINO, Astron. II 6.

219. Com referência a "autóctone", cf. PAUSÂNIAS, I 2 6. É a partir do nome de Átis que o território de Crânae passou a se chamar "Ática", nome por que ficou conhecido desde então.

220. Sobre o nascimento e a história de Erictônio cf. ERATÓSTENES, Catast. 13; EURÍPIDES, Íon 20 ss.; OVÍDIO, Met. II 553-561; HIGINO, Fáb. 166; id., Astr. II, 13; PAUSÂNIAS, I 18, 2. Os três primeiros coincidem com Apolodoro ao atribuir a maternidade de Erictônio a Atena. Apolodoro descreve Erictônio como um menino normal, mas segundo a versão mais comum, suas pernas terminavam em serpentes.

221. Não há acordo entre os diversos autores que tratam do tema (v. nota anterior) se foram duas, três ou apenas uma das cecrópides incumbidas de cuidar da cesta por Atena. Tampouco existe concordância a respeito de quem descumpriu a sua recomendação. Segundo OVÍDIO, Met. II 562-565, uma gralha denuncia a Atena a falta cometida pelas cecrópides, e pede proteção à deusa.

222. PLUTARCO, Teseu 24, atribui a instituição das Panateneias a Teseu. Também se atribui a Erictônio a invenção do carro de quatro cavalos, com que se competia nos jogos, cf. HIGINO, pass. cit. e ERATÓSTENES, id.

223. PAUSÂNIAS, I 5, 3, bem como Apolodoro, fala de dois reis da Ática que têm o nome de Pandíon: o filho de Erictônio e o do segundo Cécrope.

224. Segundo a inscrição do Mármore de Paros (23 ss.), a chegada de Deméter a Ática não ocorreu durante o reinado de Pandíon, mas durante o de seu filho, Erecteu. Cf. Diodoro I 29 1-3.

225. A cadela também se suicida, atirando-se no poço seco. Zeus ou Dioniso metamorfoseou os três em constelações: Erígone, na constelação de Virgem; Icário, na constelação do Boieiro, e a cadela, na da Canícula, cf. OVÍDIO, Met. X 450 ss. e HIGINO, Astron. II 4 e 25 e Fáb.130. Os atenienses celebravam uma festa como uma expiação pelo enforcamento de Erígone: as jovens brincavam em balanços e penduravam figurinhas nas árvores que eram movidas pelo vento. FRAZER menciona que a morte que fora expiada era, segundo outros mitógrafos, a de Erígone filha de Egisto, que havia se suicidado após a absolvição de Orestes. Cf. Epítome 6, 25.

226. As principais fontes latinas divergem de Apolodoro e nelas Procne se metamorfoseia em andorinha, e Filomela, em rouxinol. OVÍDIO, Met. VI 424-674 também apresenta uma versão diferente da de Apolodoro, em que Tereu não se casa com Filomela, apenas a violenta; além disso, não faz nenhuma referência ao fato de que a metamorfose das irmãs tivesse sido concedida pelos deuses mediante sua súplica. HIGINO, Fáb. 45, menciona que Tereu regressou à Trácia por sua própria iniciativa e que, após ter comunicado a Pandíon a falsa morte de Procne, pediu-lhe a mão de Filomela em casamento. Durante a viagem de retorno, livrou-se da escolta, lançando seus membros ao mar, e violentou Filomela, e uma vez na Trácia, ele a envia a Linceu, cuja esposa Latusa, amiga de Procne, fá-la chegar junto à irmã. Nesta versão, Tereu transforma-se em gavião e não em poupa. Não obstante, como Apolodoro, Higino não menciona a participação de Filomela no assassinato de Ítis.

227. Cf. OVÍDIO, Met. VI 675 ss.; HIGINO, Fáb. 48.

228. Na acrópole de Atenas havia um altar erigido a Erecteu, outro a Butes e outro a Hefesto (cf. PAUSÂNIAS I 26, 5). Segundo HESÍQUIO (v. ERECHTEUS) Erecteu foi identificado com Posídon pelos atenienses. Numa inscrição encontrada no Erectêion, há uma dedicatória a Posídon-Erecteu. Uma lenda aberrante afirma que Erecteu veio do Egito, numa época em que a fome dizimava a Ática. Teria importado trigo e introduzido na região a cultura deste cereal, merecendo assim o reconhecimento dos habitantes que o elegeram rei. Atribuía-se também a Erecteu a instituição da festa das Panateneias e a invenção do carro de guerra, por inspiração de Atena, cf. Grimal, p. 143.

229. Segundo OVÍDIO, Met. VI 683 ss., Bóreas primeiramente pediu a mão de Orítia em casamento, e ao ser-lhe negada, raptou-a. Presume-se que Ovídio toma este dado de uma tragédia perdida de Ésquilo, Orítia, embora não haja nenhum indício que possa corroborá-lo.

230. Cf. EURÍPIDES, Íon 57 ss.; PAUSÂNIAS, VII 1, 2.

231. Para a história de Céfalo e Prócris, cf. OVÍDIO, Met. VII 672-865; ANTONINO LIBERAL, 41; HIGINO, Fáb. 189. O cão, denominado Lélape por Ovídio, fora dado a Minos por sua mãe, Europa, que o recebera de presente de Zeus, quando este se uniu a ela; em Ovídio e Higino, Prócris recebe estes dons (o cão e o dardo) de Diana (Ártemis).

232. Segundo PAUSÂNIAS, I 37 6, Céfalo viveu como exilado em Tebas.

233. HIGINO, Fáb. 14, diz que ambos tinham asas em seus pés e que seus cabelos eram azuis como o céu, mas em outra passagem, Fáb. 19, os descreve com asas nos pés e na cabeça. Cf. também APOLÔNIO, Argon. I 211 ss. e II 273 ss.; OVÍDIO, Met. VI 711 ss.; PSEUDO APOLODORO, I 9, 21.

234. Cf. PSEUDO APOLODORO I 9, 21; APOLÔNIO DE RODES, I 211 SS.; HIGINO, Fáb. 14; OVÍDIO, Met. VI 711 ss.

235. Segundo APOLÔNIO DE RODES, I 1298-1308, foram mortos por Héracles, em Tenos, quando retornavam dos Jogos Fúnebres em honra de Pélias, porque haviam convencido os Argonautas que o abandonassem na Mísia.

236. SÓFOCLES, Antígona 969, atribui esse ato não a Fineu, mas à cruel madrasta, cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 21; DIODORO, IV 43; HIGINO, Fáb. 19.

237. Nesta passagem, o PSEUDO APOLODORO contradiz a si mesmo (em I 9, 21) e se afasta da versão tradicional, segundo a qual os Argonautas livraram Fineu das Harpias, que o atormentavam.

238. Cf. PAUSÂNIAS, I 38, 2; HIGINO, Fáb. 157.

239. Sobre a guerra entre atenienses e eleusinos, cf. PAUSÂNIAS, I 5, 2 e I 38, 3.

240. Segundo EURÍPIDES, Íon 277-280, é a mais jovem, Creúsa, que se salva, por levar uma criança em seus braços; em HIGINO, Fáb. 46 e 238, ainda que Erecteu tenha vencido Eumolpo, Posídon exige a imolação de uma das filhas de Erecteu. Ctônia é a escolhida pelo sorteio e as demais se suicidam. Segundo Cícero (Tusc. I 48, 116; Pro Sestio XXI 48), as filhas de Erecteu ofereceram sua vida pela salvação de seus concidadãos, e, em decorrência deste sacrifício, os atenienses teriam incluído Erecteu e suas filhas entre os deuses (CÍCERO, Sobre a natureza dos deuses III 19, 50).

241. Segundo HIGINO, Fáb. 46, Zeus fulminou Erecteu a pedido de Posídon, que estava encolerizado pela morte de seu filho Eumolpo.

242. Cf. PAUSÂNIAS, I 5, 3; VII 1, 2.

243. Cf. PAUSÂNIAS, I 5, 3 e 39, 4, segundo o qual Egeu, por ser o mais velho, obteve a Ática, enquanto Niso se tornou rei de Mégara.

244. Sobre o oráculo e a paternidade de Teseu, v. PAUSÂNIAS, I 17, 3; 27, 8; II 32, 7; PLUTARCO, Teseu 3 e 6; DIODORO IV 59, 1 e 6; HIGINO, Astron. II 5.

245. Há outras versões a respeito da morte de Androgeu. Segundo Pausânias, I 27, 10, foi o touro de Maratona quem o matou; HIGINO, Fáb. 41, por sua vez, afirma que morreu durante a guerra empreendida por seu pai (Minos) contra os atenienses.

246. Cf. ÉSQUILO, Coéforas 612-622, que menciona como Cila deixou-se subornar por Minos; PAUSÂNIAS, I 19, 4; II 34, 7; PROPÉRCIO, III 19, 21-26; OVÍDIO, Met. VIII 6-151: Minos abandona Cila e ela se lança ao mar e é metamorfoseada na aves ciris, não identificada; HIGINO, Fáb. 198.

247. Cf. DIODORO, XVII 15, 2; HIGINO, Fáb. 238. Este Hiacinto da Lacedemônia, o pai das "Hiacíntides", mencionado por Apolodoro, é desconhecido por todas as outras fontes, e não deve ser identificado ao herói amado por Apolo. Cf. Grimal, p. 257.

248. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 4; DIODORO, IV 61, 1-4; PAUSÂNIAS, I 27, 10; PLUTARCO, Teseu 15; VIRGÍLIO, Eneida VI 20 ss; HIGINO, Fáb. 41.

249. Cf. DIODORO, IV 76, 4-7; PAUSÂNIAS, I 21, 4; 26, 4; VII 4, 5; OVÍDIO, Met. VIII 236-259; HIGINO, Fáb. 39 e 244.

250. Segundo DIODORO, IV 76, 5, Talo inventou a serra imitando a mandíbula da serpente. Porém, segundo OVÍDIO, Met. VIII 244 ss, e HIGINO, Fáb. 274, inspirando-se na espinha de um peixe. Também se lhe atribui a invenção da roda do oleiro e a do compasso.

251. Cf. DIODORO, IV 59; PAUSÂNIAS, I 44, 8; II 1, 3-4; PLUTARCO, Teseu 8 ss; HIGINO, Fáb. 38; OVÍDIO, Met. VII 433 ss e Ibis 407 ss.

***** Korýnes, em grego.

252. Isto é, "O que dobra pinheiros".

EPÍTOME

CAPÍTULO 1

Teseu (continuação)

A porca de Cromíon. Círon, Cercíon e Damastes

Em terceiro lugar, matou em Cromíon a porca chamada Fea, como a anciã que a havia criado; alguns dizem que ela era filha de Equidna e Tífon[1]. Em quarto lugar, matou Círon de Corinto, filho de Pélope ou, segundo outros, de Posídon. Círon, que dominava as rochas, por ele denominada Cirônias, na região de Mégara, obrigava todos os transeuntes a lavar-lhe os pés e enquanto eles os lavavam, precipitava-os num abismo como alimento para uma tartaruga colossal; Teseu, porém, agarrando-o pelos pés, arrojou-o ao mar[2]. Em quinto lugar matou, em Elêusis, Cércion, filho de Branco e da Ninfa Argíope. Cércion obrigava os caminhantes a lutar e os matava durante a luta; contudo, Teseu ergueu-o no ar e quebrou-o contra o solo[3]. Em sexto lugar, matou Damastes, que alguns chamam de Polipémon. Este, que tinha sua morada ao lado de um caminho, havia estendido dois leitos, um curto e outro comprido, e convidava os transeuntes a aceitar sua hospitalidade; os de baixa estatura, ele os fazia deitar no comprido e batia-lhes com o martelo para igualá-los ao leito, enquanto os de alta estatura, ele fazia deitar no curto e serrava as partes que sobressaíam[4].

O touro de Maratona. Morte do Minotauro

Assim, pois, Teseu chegou a Atenas, depois de expurgar o caminho. Medeia, que vivia então com Egeu[5], tramou contra Teseu e persuadiu Egeu para que tomasse precauções diante do suposto conspirador. Egeu, que desconhecia seu filho, por temor o enviou contra o touro de Maratona[6]. E quando Teseu o matou, Egeu lhe ofereceu um veneno que havia recebido neste mesmo dia de Medeia. Porém, quando estava prestes a sorver a bebida, Teseu presenteou seu pai com a espada, e Egeu, ao reconhecê-la, arrebatou a taça de sua mão[7]. E tendo sido reconhecido por seu pai e ficado a par da trama, expulsou Medeia.

Teseu foi designado para o terceiro tributo ao Minotauro ou, como alguns dizem, ofereceu-se como voluntário[8]. Como a nau tinha as velas negras, Egeu encarregou seu filho de que, em caso de retornar com vida, desfraldasse nela as velas brancas[9]. Quando chegou a Creta, Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por ele e prometeu ajudá-lo se concordasse em levá-la a Atenas e a tomasse como esposa. Logo que Teseu lhe confirmou por juramento, ela pediu a Dédalo que lhe indicasse a saída do labirinto, e a conselho dele, deu um fio a Teseu no momento em que ele entrava. Tendo atado o fio à porta, Teseu o soltava à medida que ia se adentrando. E tendo encontrado o Minotauro na parte mais extrema do labirinto, matou-o, desferindo-lhe socos; e recolhendo o fio, encontrou a saída novamente[10]. À noite, chegou a Naxos com Ariadne e os jovens[11]. Ali Dioniso, tendo se apaixonado por Ariadne, raptou-a e levou-a para Lemnos, onde uniu-se a ela e gerou Toas, Estáfilo, Enópion e Pepareto[12].

Morte de Egeu

Entristecido pela perda de Ariadne, Teseu esqueceu-se de soltar as velas brancas ao se aproximar da costa; e Egeu, tendo avistado da acrópole a nau com velas pretas e presumido que Teseu havia falecido, precipitou-se e morreu[13]. Teseu assumiu a soberania de Atenas e matou os filhos de Palante, em número de cinquenta[14]; Matou igualmente todos os que quiseram opor-se a ele, e concentrou todo o poder em suas mãos.

Dédalo e Ícaro. Morte de Minos

Ao saber da fuga de Teseu e de seus acompanhantes, Minos encerrou o culpado Dédalo no labirinto juntamente com seu filho Ícaro, nascido de Náucrate, uma escrava de Minos. Contudo, Dédalo fabricou umas asas para si e para seu filho e advertiu-o, no instante de alçar voo, a não voar demasiado alto, para evitar que as asas se soltassem, ao derreter-se a cola pela ação do sol, e tampouco próximo ao mar, a fim de que elas não se desprendessem pelo efeito da umidade. Ícaro, porém, desdenhando as recomendações de seu pai, em seu arrebatamento, deixava-se levar cada vez mais alto; até que, derretida a cola, precipitou-se no mar, que foi denominado Icário em sua homenagem, e morreu[15]. Dédalo, por sua vez, chegou são e salvo a Camico, na Sicília[16]. Minos perseguiu Dédalo, e toda vez que investigava uma região, levava consigo um caracol e proclamava que daria uma grande recompensa a quem fizesse passar um fio através da sua concha, e por este procedimento pensava encontrar Dédalo. E tendo chegado a Camico, na Sicília, à corte de Cócalo, junto ao qual Dédalo se escondia, mostrou-lhe a concha. Cócalo a tomou e lhe prometeu passar o fio e entregou a concha a Dédalo, o qual atou um fio a uma formiga e, tendo perfurado a concha, permitiu que a formiga passasse através dela. Mas quando Minos comprovou que o fio havia sido passado, apercebeu-se de que Dédalo estava com Cócalo e imediatamente o reclamou. Cócalo prometeu que lho entregaria e o convidou como seu hóspede. Minos, depois de ter sido banhado pelas filhas de Cócalo, ficou exânime. Segundo afirmam alguns, pereceu por ter sido vertida água fervente sobre ele[17].

Teseu e as Amazonas. Fedra e Hipólito

Em uma expedição militar em companhia de Héracles contra as Amazonas, Teseu raptou Antíope ou, segundo outros, Melanipe ou, segundo Simônides, Hipólita[18]. Por este motivo, as Amazonas fizeram uma incursão contra Atenas, e quando estavam acampadas nas cercanias do Areópago, Teseu as venceu[19]. Ele tinha um filho da Amazona, Hipólito, e mais tarde recebeu de Deucalion[20] Fedra, a filha de Minos. Durante a celebração destas núpcias, a Amazona que havia sido a esposa anterior de Teseu apresentou-se armada, com seu séquito de Amazonas, e dispunha-se a matar os convidados; mas estes fecharam as portas rapidamente e a mataram. Alguns dizem que ela morreu durante o combate às mãos de Teseu. Fedra, tendo gerado com Teseu dois filhos, Acamas e Demofonte, apaixonou-se pelo filho da Amazona e pediu-lhe que tivesse relações sexuais com ela, mas ele, que odiava todas as mulheres, rejeitou a cópula. Fedra, porém, temendo que ele a acusasse diante de seu pai, forçou as portas de seu quarto, rasgou suas vestes e acusou falsamente Hipólito de violação. Teseu acreditou nela e suplicou a Posídon que aniquilasse Hipólito. Então, quando este guiava velozmente seu carro próximo ao mar, o Deus fez emergir um touro das ondas turbulentas, e quando os cavalos foram tomados de espanto, o carro partiu-se em pedaços. E por ter-se enrolado nas rédeas, Hipólito morreu arrastado. Quando sua paixão tornou-se pública e notória, Fedra enforcou-se[21].

Íxion

Dizem que Íxion havia se apaixonado por Hera e tentava violentá-la; quando Hera o denunciou, Zeus, querendo saber se tal fora, de fato, o ocorrido, formou uma nuvem semelhante a Hera e acostou-a ao lado dele, e quando Íxion se vangloriou de ter-se unido a Hera, Zeus o atou a uma roda[22], pela qual ele é levado no ar através dos ventos. A nuvem, fecundada por Íxion, deu à luz Centauro[23].

Combate entre Centauros e Lápitas. Ceneu

Teseu combateu com Pirítoo quando este manteve uma guerra contra os Centauros. Pois quando pretendia se casar com Hipodâmia, Pirítoo convidou os Centauros para o banquete de casamento, uma vez que eles eram parentes dela; porém como não estavam acostumados ao vinho, beberam-no prodigamente e se embriagaram, e quando a noiva apresentou-se, tentaram violentá-la[24]. Pirítoo, no entanto, completamente armado, juntamente com Teseu, travou-lhes combate e Teseu matou muitos deles[25].

Ceneu, a princípio, era uma mulher, mas depois de se unir a Posídon pediu que fosse convertida num homem invulnerável, por isso, no combate contra os Centauros, matou muitos deles sem se preocupar com as feridas; os restantes, porém, o cercaram e, golpeando-o com abetos, o enterraram[26].

Teseu e Pirítoo no Hades

Teseu havia combinado com Pirítoo para esposar filhas de Zeus; em companhia dele, raptou para si Helena de Troia, que tinha doze anos[27], e desceu ao Hades para pedir a mão de Perséfone em casamento para Pirítoo. Então os Dióscuros, com os lacedemônios e os arcádios, tomaram Atenas e levaram Helena e, juntamente com ela, como prisioneira, Etra, filha de Piteu; no entanto, Demofonte e Acamante fugiram. Fizeram também com que Menesteu retornasse e lhe concederam a soberania de Atenas[28]. Mas quando Teseu chegou com Pirítoo no Hades, foi vítima de um engodo, pois com o pretexto de lhes proporcionar sua hospitalidade, Hades lhes disse para se sentarem no trono do Esquecimento, no qual permaneceram fortemente atados pelas espirais de umas serpentes. Pirítoo ficou atado para sempre, mas Héracles reconduziu Teseu para cima e o levou a Atenas[29]. Tendo sido expulso daí por Menesteu, Teseu foi para junto de Licomedes, que o arrojou em um abismo e o matou[30].

CAPÍTULO 2

A progênie de Pélope

Tântalo

Tântalo é castigado no Hades a ter uma rocha pendente sobre si e a passar sua existência em um lago, vendo em torno de seus ombros árvores frutíferas que crescem nas suas margens. A água lhe toca o mento, mas quando deseja sorvê-la, ela seca, e quando deseja apanhar os frutos, as árvores com os frutos se elevam até as nuvens pela ação dos ventos. Alguns afirmam que ele é castigado desta forma por haver divulgado aos homens os mistérios dos deuses e por ter compartilhado a ambrosia com seus companheiros[31].

Bróteas era caçador e não venerava Ártemis; além disso, dizia que nem mesmo o fogo podia feri-lo. Tendo, portanto, enlouquecido, atirou-se ao fogo[32].

Pélope, depois de ter sido degolado e cozido no banquete dos deuses, renasceu ainda mais belo[33]. Por se destacar por sua beleza, foi amado por Posídon, que o presenteou com um carro alado; este, mesmo quando corria através do mar, não molhava seus eixos[34]. O então rei de Pisa, Enomau, tinha uma filha chamada Hipodâmia e, quer porque ele estivesse apaixonado por ela, como dizem alguns, quer porque fora advertido por um oráculo de que haveria de morrer às mãos daquele que a esposasse, ninguém a tomava como esposa[35], pois como seu pai não conseguia persuadi-la a unir-se a ele, matava os pretendentes; com efeito, por ter armas e cavalos recebidos de Ares, Enomau propunha a mão de sua filha como prêmio aos pretendentes, e cada um deles devia subir a seu carro com Hipodâmia e fugir até o Istmo de Corinto, enquanto Enomau,

completamente armado, devia persegui-lo imediatamente, e caso o alcançasse, matá-lo; se o pretendente não fosse alcançado, devia desposar Hipodâmia. Deste modo, havia matado muitos pretendentes, doze, conforme dizem alguns; e tendo-lhes cortado as cabeças, mantinha-as suspensas em sua casa[36].

Mirtilo

Não obstante, Pélope também se apresentou como pretendente; Hipodâmia, ao contemplar sua beleza, apaixonou-se por ele, e persuadiu Mirtilo, filho de Hermes, a ajudá-lo. Mirtilo era o condutor do carro de Enomau, e como a amava e desejava agradá-la, não pôs os pinos nos eixos das rodas e fez com que Enomau fosse derrotado na corrida e morresse[37], arrastado pelas rédeas nas quais se enredara; ou, segundo outros, morreu às mãos de Pélope. No instante em que morria, ao perceber a conspiração, Enomau lançou uma maldição a Mirtilo, para que encontrasse a morte às mãos de Pélope[38].

Deste modo, Pélope conquistou Hipodâmia, e quando passava por certo lugar em companhia de Mirtilo, distanciou-se um pouco para trazer água para sua esposa, que estava com sede, e nesse ínterim, Mirtilo tentou violentá-la. Quando Pélope ficou sabendo por meio dela o ocorrido, arrojou Mirtilo ao mar, nas imediações do Cabo Geresto, denominado Mirtoo, em sua homenagem[39]; contudo, ao ser lançado, Mirtilo proferiu maldições contra a estirpe de Pélope. Após ter chegado às margens do Oceano e ser purificado por Hefesto, Pélope retornou a Pisa da Élide e apoderou-se do reino de Enomau, e tendo submetido a região, denominada anteriormente de Ápia e Pelasgiótida, denominou-a Peloponeso, a partir de seu próprio nome[40].

Atreu e Tiestes, filhos de Pélope

Os filhos de Pélope foram Piteu, Atreu, Tiestes e outros[41]. Aérope era esposa de Atreu, filha de Catreu, e amava Tiestes. Atreu havia prometido certa vez sacrificar a Ártemis o que havia de mais belo em seu rebanho, mas dizem que quando apareceu uma ovelha de ouro, ele negligenciou completamente o seu voto, e depois de tê-la asfixiado, depositou-a numa arca e aí a guardava[42], e Aérope deu a ovelha a Tiestes, por quem ela se deixou seduzir. Com efeito, os micênios haviam recebido um oráculo que lhes prescrevia escolher um dos filhos de Pélope como seu rei, e então mandaram chamar Atreu e Tiestes. Quando ocorreu uma discussão sobre a soberania, Tiestes declarou à multidão que a soberania deveria pertencer àquele que possuísse a ovelha de ouro. Logo que Atreu concordou, Tiestes mostrou a ovelha e tornou-se rei. Zeus, no entanto, enviou Hermes a Atreu e disse-lhe para chegar a um acordo com Tiestes, de que Atreu passaria a reinar, caso o sol se encaminhasse na direção contrária. Depois que Tiestes concordou, o sol fez seu caminho do poente para o levante[43]; uma vez que a divindade testemunhou a usurpação de Tiestes, Atreu passou a ocupar o trono e baniu Tiestes. Mais tarde, depois de ter percebido o adultério, Atreu enviou-lhe um arauto e o convocou para uma reconciliação. Fingindo ser seu amigo, degolou os filhos que Tiestes tivera com uma ninfa náiade: Aglaos, Calileonte e Orcômeno, apesar de terem se sentado como suplicantes no altar de Zeus; e, depois de desmembrá-los e cozinhá-los, serviu-os a Tiestes, com exceção das extremidades. Depois que ele havia se saciado, mostrou-lhe os membros e o expulsou do país[44]. Tiestes, que procurava por todos os meios se vingar de Atreu, consultou o oráculo a respeito deste assunto e recebeu o vaticínio de que o conseguiria se gerasse um filho ao ter relações sexuais com a própria filha[45]. Assim ele o fez e de sua filha gerou Egisto, que quando tornou-se adulto e ficou sabendo de que era filho de Tiestes, matou Atreu e restituiu o trono a seu pai.

Agamêmnon e Menelau

A ama, porém, conduziu Agamêmnon e Menelau a Polífides, soberano de Sícion, que por sua vez os enviou a Eneu, o etólio; pouco depois, Tíndaro os reconduziu à sua pátria, e eles expulsaram o próprio Tiestes, que havia se refugiado no altar de Hera, depois de fazê-lo jurar que viveria em Citera. Tornaram-se genros de Tíndaro, ao desposarem suas filhas: Agamêmnon tomou Clitemnestra como esposa, após matar seu marido, Tântalo, filho de Tiestes, e seu filho recém-nascido, e Menelau desposou Helena[46].

Agamêmnon reinou sobre os micênios e casou-se com Clitemnestra, filha de Tíndaro, após haver matado seu primeiro marido, Tântalo, filho de Tiestes, juntamente com seu filho[47]; e teve um filho, Orestes, e as filhas Crisótemis, Electra e Ifigênia[48]. Menelau casou-se com Helena e reinou em Esparta, pois Tíndaro lhe concedera o trono[49].

CAPÍTULO 3

Pré-homérica

A maçã da Discórdia. Juízo de Páris. Rapto de Helena

Por sua vez, Alexandre raptou Helena, conforme alguns dizem, pela vontade de Zeus, para que sua filha se tornasse célebre por fazer com que a Europa e a Ásia entrassem em guerra; segundo outros, para que fosse enaltecida a estirpe dos semideuses. Por um destes motivos, Éris lançou o pomo da beleza entre Hera, Atena e Afrodite, e Zeus ordenou a Hermes que as conduzisse ao Ida, diante de Alexandre, a fim de que fossem julgadas por ele[50]. E elas prometeram presentes a Alexandre: Hera, caso fosse preferida às demais, a soberania total; Atena, a vitória na guerra, e Afrodite, o casamento com Helena. Ele escolheu Afrodite e zarpou para Esparta com as naus construídas por Féreclo[51]. Por nove dias, Alexandre foi hospedado na casa de Menelau, porém no décimo, quando Menelau viajou para Creta para prestar honras fúnebres a seu avô materno Catreu[52], persuadiu Helena a partir consigo. Ela, abandonando Hermíone, sua filha de nove anos, e levando a bordo a maior parte das suas riquezas, zarpou com ele durante à noite. Mas Hera enviou-lhes uma forte tempestade, pela qual foram constrangidos a atracar em Sídon. Receoso de que o perseguissem, Alexandre fez questão de passar um bom tempo na Fenícia e em Chipre e, quando supôs que a perseguição havia cessado, dirigiu-se a Troia com Helena[53]. Alguns dizem que Helena, por desígnio de Zeus, após ter sido raptada por Hermes, foi levada para o Egito e entregue à custódia de Proteu, rei dos egípcios, e que Alexandre chegou a Troia com um simulacro de Helena, feito de névoa[54].

Convocação dos reis helenos para a guerra

Quando Menelau percebeu do rapto, dirigiu-se a Micenas, à presença de Agamêmnon, e pediu-lhe que reunisse o exército, recrutando-o na Hélade. E ele, enviando um arauto a cada um dos reis, lembrava-os dos juramentos que haviam sido prestados[55], e exortava-os a cuidarem da segurança das próprias esposas, dizendo que a afronta havia sido idêntica e comum a toda Hélade. Quando muitos se mostraram dispostos a tomar parte na expedição, dirigiram-se também a Odisseu em Ítaca. Este, que não queria tomar parte na expedição, fingiu-se de demente. Mas Palamedes, filho de Náuplio, demonstrou que sua loucura era fingimento, pois quando Odisseu simulava estar louco, Palamedes o acompanhou e, depois de arrebatar Telêmaco do colo de Penélope, sacou da espada com a intenção de matá-lo. Então Odisseu, receoso por seu filho, confessou a dissimulação de sua loucura e uniu-se à expedição[56].

Morte de Palamedes

Tendo tomado um frígio como prisioneiro, Odisseu obrigou-lhe a escrever uma carta de traição supostamente enviada por Príamo a Palamedes, e após enterrar ouro em sua tenda, lançou a carta em meio ao acampamento. Agamêmnon leu a carta, encontrou o ouro e entregou Palamedes aos seus aliados para que o apedrejassem como a um traidor[57].

Cíniras

Menelau, juntamente com Odisseu e Taltíbio foram a Chipre ante a presença de Cíniras e tentaram convencê-lo a aliar-se a eles. E Cíniras, na ausência de Agamêmnon, presenteou-lhes com umas couraças, e apesar de haver prometido, sob juramento, enviar-lhes cinquenta naus, enviou-lhes apenas uma, sob o comando do filho de Migdalíon; as restantes ele as modelou em argila e as despachou pelo mar.

As Enótrofas

As filhas de Ânio, filho de Apolo, chamadas Enótrofas, foram Elaide, Espermo e Eno: Dioniso havia lhes concedido o dom de fazer azeite, trigo e vinho a partir da terra[58].

Catálogo das naus

O exército se reuniu em Áulis. Os que marcharam contra Troia foram os seguintes[59]: da Beócia, dez chefes, comandando quarenta naus; de Orcômeno, quatro, comandando trinta naus; da Fócida, quatro chefes comandando quarenta naus; da Lócrida, Ájax, filho de Oileu, comandando quarenta naus; da Eubeia, Elefénor, filho de Calcodonte e Alcíone, comandando quarenta naus; de Atenas, Menesteu, comandando cinquenta naus; de Salamina, Ájax, filho de Télamon, comandando doze naus; de Argo, Diomedes, filho de Tideu, e seus sequazes, comandando oitenta naus; de Micenas, Agamêmnon, filho de Atreu e Aérope, cem naus; da Lacedemônia, Menelau, filho de Atreu e Aérope, sessenta naus; de Pilos, Nestor, filho de Neleu e Clóris, quarenta naus; da Arcádia, Agapénor, sete naus; da Élide, Anfímaco e seus acompanhantes, quarenta naus; de Dulíquia, Meges, filho de Fileu, quarenta naus; de Cefalênia, Odisseu, filho de Laertes e Anticleia, doze naus; da Etólia, Toas, filho de Andrémon e Gorge, quarenta naus; de Creta, Idomeneu, filho de Deucalion, quarenta; de Rodes, Tlepólemo, filho de Héracles e Astíoque, nove naus; de Sime, Nireu, filho de Cáropo, três naus; de Cós, Fidipo e Ântifo, filhos de Téssalo, trinta; dos mirmídones, Aquiles, filho de Peleu e Tétis, cinquenta; de Fílace, Protesilau, filho de Íficlo, quarenta; de Feres, Eumelo, filho de Admeto, onze; de Olizonte, Filoctetes, filho de Peante, sete; de Ênia, Guneu, filho de Ócito, vinte e duas; de Trícea, Podalírio <e Macáon, filhos de Asclépio>, trinta, Órmeno, Eurípilo... quarenta naus; de Girtona, Polipetes, filho de Pirítoo, trinta; da Magnésia, Prótoo, filho de Tentrédon, quarenta. Portanto, o total das naus remonta a mil e treze, o de chefes, a quarenta e três, e a trinta, os reinos.

O augúrio de Áulis

Quando o exército se encontrava em Áulis, durante a celebração de um sacrifício em honra a Apolo, uma serpente lançou-se do altar para um plátano próximo, onde havia um ninho, e após devorar oito filhotes que se encontravam nele e a mãe, em nono lugar, converteu-se em pedra. Então Calcas disse que semelhante sinal havia lhes surgido pelo desígnio de Zeus, e supôs pelo ocorrido que Troia seria tomada no décimo ano[60]. E eles se prepararam para navegar contra Troia. Agamêmnon era o chefe supremo do exército, enquanto Aquiles, com quinze anos de idade, comandava a esquadra[61].

A guerra na Mísia. Retorno dos helenos

Uma vez que desconheciam a rota para Troia, atracaram na Mísia e a devastaram, pensando que era Troia[62]. Télefo, filho de Héracles, que nesta época reinava na Mísia, ao ver seu território saqueado, armou os mísios e perseguiu os helenos até suas naus; matou muitos, entre eles Tersandro, filho de Polinice, que havia lhe defrontado. Quando Aquiles lançou-se contra Télefo, este não o enfrentou e foi perseguido, ao fugir, enredou-se num ramo de videira e foi ferido na coxa pela lança do herói. Ao partirem da Mísia, os helenos fizeram-se ao mar, e então lhes sobreveio uma violenta tempestade e, separados uns dos outros, chegaram às suas pátrias. Por isso se diz que, como os helenos regressaram naquela ocasião, a guerra durou vinte anos[63], pois foi no segundo ano após o rapto de Helena que os helenos, tendo completado seus preparativos, empreenderam a expedição e, desde que se retiraram da Mísia para a Hélade, oito anos se passaram antes que retornassem a Argo e chegassem a Áulis.

Segunda expedição

Quando se reuniram de novo em Argo, após o mencionado período de oito anos, encontravam-se numa situação de grande dificuldade com respeito à travessia, pois necessitavam de um guia que pudesse lhes indicar a rota para Troia. Porém Télefo, que não havia curado sua ferida, e porque Apolo lhe dissera então que só seria curado quando aquele que o ferira se convertesse em seu médico, chegou da Mísia a Argo, envolvido em trapos[64]; e tendo requisitado a ajuda de Aquiles, prometeu-lhes indicar o caminho para Troia. Então Aquiles o curou, após raspar a ferrugem de sua lança de haste fraxínea do Pélion[65] sobre a ferida. Assim, pois, uma vez curado, mostrou-lhes o caminho, e Calcas confirmou a veracidade desta indicação por meio de sua arte divinatória.

Sacrifício de Ifigênia

Zarpando de Argo, os helenos chegaram a Áulis pela segunda vez, porém a ausência de ventos retinha a esquadra. Então Calcas declarou que não poderiam navegar a não ser que, dentre as filhas de Agamêmnon, a mais pujante em beleza fosse sacrificada a Ártemis, pois a deusa havia se irritado contra Agamêmnon porque este dissera ao atingir um cervo: “nem Ártemis”, e também porque Atreu não havia lhe sacrificado uma cordeira dourada[66]. Ao ocorrer este vaticínio, Agamêmnon enviou Odisseu e Taltíbio a Clitemnestra com a missão de trazer Ifigênia, alegando que havia prometido concedê-la como esposa a Aquiles em retribuição por sua participação na expedição. Deste modo, Clitemnestra a enviou, e quando Agamêmnon estava se preparando no altar para degolá-la, Ártemis arrebatou-a e a estabeleceu como sacerdotisa de seu culto em Táuris, pondo em seu lugar uma cerva; segundo dizem alguns, a deusa a tornou imortal[67].

Partindo de Áulis, atracaram em Tênedo, onde reinava Tenes, filho de Cicno (ou de Apolo, segundo outros) e Procleia. Este habitava ali após ter sido banido por seu pai, pois Cicno havia tido de Procleia, filha de Laomedonte, um filho, Tenes, e uma filha, Hemítea, e havia se casado pela segunda vez com Filônome, filha de Trágaso, a qual, tendo se apaixonado por Tenes e não conseguido seduzi-lo, acusou-o ante Cicno de assassinato e apresentou um auleta* chamado Eumolpo como sua testemunha. Cicno acreditou nela, e após metê-lo numa arca juntamente com sua irmã, arrojou-os ao mar. Quando a arca atingiu a terra firme da ilha de Lêucofris, Tenes desembarcou, povoou-a e denominou-a Tênedo, a partir de seu nome. Posteriormente, ao ficar sabendo da verdade, Cicno lapidou o auleta e enterrou sua esposa viva[68].

Ao ver que os helenos vinham navegando em direção a Tênedo, Tenes tentou afastá-los lançando-lhes pedras, porém, ferido no peito pela espada de Aquiles, morreu, apesar de Tétis ter

advertido Aquiles que não matasse Tenes, pois se o fizesse, ele próprio morreria às mãos de Apolo[69].

A ferida de Filoctetes

Quando os helenos estavam celebrando um sacrifício a Apolo, uma serpente marinha surgiu do altar e mordeu Filoctetes. E uma vez que a ferida tornou-se incurável e fétida e o exército não conseguia suportar o fedor, Odisseu, seguindo as ordens de Agamêmnon, abandonou Filoctetes em Lemnos, com o arco e as flechas de Héracles, dos quais detinha a posse. Ali, abatendo os pássaros com o arco, ele obtinha alimento no deserto[70].

Os helenos em Troia: Protesilau

Tendo zarpado de Tênedo, os helenos navegaram em direção a Troia, e enviaram Odisseu e Menelau para solicitar a devolução de Helena e seus bens[71]. Mas os troianos, após terem se reunido em assembleia, não apenas se recusaram a lhos restituir, como também quiseram matá-los. Contudo, Antenor os salvou, enquanto os helenos, indignados com a insolência dos bárbaros, envergaram suas armas e fizeram-se ao mar para atacá-los. Tétis advertiu Aquiles para que não fosse o primeiro a desembarcar, pois o primeiro a desembarcar haveria de ser o primeiro a morrer. Mas quando os bárbaros perceberam de que a esquadra os atacava, acorreram armados ao mar e tentaram impedir que desembarcassem, atirando-lhes pedras. Protesilau foi o primeiro guerreiro a desembarcar da nau, e após haver matado não poucos dos bárbaros, morreu às mãos de Heitor. Sua mulher, Laodâmia, continuou a amá-lo mesmo após a sua morte, e tendo modelado uma réplica de seu marido, mantinha relações sexuais com ela. Os deuses se compadeceram dela, e Hermes trouxe Protesilau de volta do Hades; Laodâmia, ao vê-lo, pensou então que ele havia voltado de Troia, e ficou exultante, mas quando ele foi reconduzido para o Hades, suicidou-se[72].

Cicno. Troilo. As conquistas de Aquiles

Depois que Protesilau morreu, Aquiles desembarcou com seus mirmídones e matou Cicno com uma pedrada na cabeça[73]. Assim que os bárbaros o viram sem vida, fugiram para a cidade, enquanto os helenos, saltando de suas naus, encheram a planície de cadáveres; e após fecharem o cerco aos troianos, sitiaram-nos e arrastaram suas naus para local seco. Como os bárbaros não lhes fizeram frente, Aquiles armou uma emboscada e matou Troilo no santuário de Apolo Timbreu, e ao entrar à noite na cidade, capturou Licáon[74]. Além disso, após escolher alguns dos mais intrépidos guerreiros, passou a devastar a região e chegou ao monte Ida à procura das vacas de Eneias. Este havia fugido, porém Aquiles matou os boieiros e Mestor, filho de Príamo, e levou as vacas consigo[75]. E também conquistou Lesbos e Fócea, e em seguida, Cólofon, Esmirna, Clazômenas e Cime, e depois destas, Egíalo e Teno [as chamadas cem cidades], e sucessivamente Adramítio e Side, e depois Endio, Lineu e Colona. Também se apossou de Tebas Hipoplácia[76], Lirnesso[77], e ainda Antandro e muitas outras cidades.

Os aliados dos troianos

Transcorrido um período de nove anos, chegaram os aliados dos troianos[78]: das cidades vizinhas, Eneias, filho de Anquises, e com ele, Arquéloco e Acamante, filhos de Antenor e Teano, comandantes dos dardânios; da Trácia, Acamas, filho de Eusoro; de Cicônia, Eufemo, filho de Trezeno; da Peônia, Pirecmes; de Paflagônia, Pilêmenes, filho de Bisaltes; de Zeleia, Pândaro, filho de Licáon; de Adrástia, Adrasto e Ânfio, filhos de Mérope; de Arisbe, Ásio, filho de Hírtaco; de Larissa, Hipótoo, filho de Pelasgo; da Mísia, Crômio e Ênomo, filhos de Arsínoo; de Alizônia, Odio e Epístrofo, filhos de Mecisteu; da Frígia, Fórcis e Ascânio, filhos de Aretáon; da Meônia,

Mestles e Ântifo, filhos de Talêmenes; da Cária, Nastes e Anfímaco, filhos de Nomíon; e da Lícia, Sarpédon, filho de Zeus, e Glauco, filho de Hipóloco.

CAPÍTULO 4

A Ilíada

A cólera de Aquiles. Combate entre Menelau e Alexandre

Aquiles, em sua ira tenaz, se recusava a guerrear por causa de Briseide... a filha do sacerdote Crises[79]. Por isso os bárbaros se animaram e saíram da cidade. Alexandre lutou num combate singular contra Menelau, e quando Alexandre estava sendo derrotado, Afrodite o arrebatou. Pândaro disparou uma flecha contra Menelau e rompeu o pacto[80].

Diomedes. Combate entre Heitor e Ájax

Diomedes, ao realizar suas façanhas, feriu Afrodite, que havia acorrido para socorrer Eneias, e tendo desafiado Glauco, lembrou-se da amizade entre seus pais e trocou suas armas com ele. Quando Heitor desafiou o melhor guerreiro para um combate singular, muitos acorreram, porém Ájax[81], designado por sorteio, foi quem se destacou no combate. Ao chegar a noite, os arautos os separaram[82].

Proposta dos helenos a Aquiles. Morte de Dólon e de Reso

Os helenos construíram um muro e um fosso em torno ao ancoradouro das naus, e quando ocorreu o combate na planície, os troianos os perseguiram até o muro[83]. Então os helenos enviaram Odisseu, Fênix e Ájax como embaixadores a Aquiles para lhe pedir que combatesse a seu lado, prometendo-lhe Briseide e outros presentes[84]. Ao anoitecer, enviaram Odisseu e Diomedes como espiões. Estes mataram Dólon, filho de Eumelo, e Reso, o trácio, que, chegado um dia antes como aliado dos troianos e sem ter tomado parte na luta, havia acampado distante das forças troianas, afastado de Heitor; mataram também doze guerreiros que dormiam ao seu redor e levaram seus cavalos para as naus[85]. No dia seguinte, após ter travado uma árdua batalha, Agamêmnon, Diomedes, Odisseu, Eurípilo e Macáon foram feridos, e ao ocorrer a debandada dos helenos, Heitor rompeu o muro, entrou[86], e assim que Ájax retirou-se, ateou fogo nas naus[87].

Morte de Pátroclo e de Heitor

Quando Aquiles viu a nave de Protesilau em chamas, enviou Pátroclo acompanhado dos mirmídones, após tê-lo armado com suas próprias armas e ter-lhe dado seus cavalos. Ao vê-lo, os troianos presumiram que era Aquiles e puseram-se em fuga. E tendo-os perseguido até as muralhas, Pátroclo matou muitos, entre eles Sarpédon, filho de Zeus, e foi morto por Heitor[88], apesar de haver sido previamente ferido por Euforbo. Travou-se um intenso combate pelo cadáver, e Ájax, realizando grandes proezas, conseguiu salvar o corpo[89]. Aquiles se desfez de sua ira tenaz e recuperou Briseide; tendo envergado as armas trazidas por Hefesto, partiu para o combate[90] e perseguiu os troianos até o Escamandro, onde, entre muitos outros, matou também Asteropeu, filho de Pélagon, que por sua vez era filho do rio Áxio. O rio (Escamandro) lançou-se impetuoso contra ele, porém Hefesto fez secar sua correnteza, perseguindo-o com intensas labaredas[91]. Aquiles matou Heitor em um combate singular, e tendo lhe atado os tornozelos a seu carro, arrastou-o até às naus. Após enterrar Pátroclo, instituiu jogos em sua homenagem, nos quais Diomedes sagrou-se campeão na corrida equestre; Epeu, no pugilato e Ájax e Odisseu, na luta[92]. Depois dos jogos, Príamo apresentou-se diante de Aquiles, resgatou o cadáver e o sepultou[93].

CAPÍTULO 5

Pós-homérica

Pentesileia

Pentesileia, filha de Otrera e Ares, após matar Hipólita involuntariamente, foi purificada por Príamo. Matou muitos em combate, entre eles Macáon, e morreu em seguida às mãos de Aquiles, que, tendo se apaixonado pela amazona após sua morte, matou Tersites por haver zombado dele[94].

Hipólita

A mãe de Hipólito foi Hipólita, também chamada de Glauce ou Melanipe. Quando eram celebradas as núpcias de Fedra, ela apresentou-se armada com suas Amazonas e ameaçou matar os convidados de Teseu, mas foi morta em combate, quer involuntariamente, por sua aliada Pentesileia, quer por Teseu ou por aqueles que o acompanhavam, que ao ver a atitude ameaçadora das Amazonas rapidamente fecharam as portas, e tendo-a aprisionado, a mataram[95].

Mêmnon. Morte de Aquiles: jogos fúnebres. Loucura de Ájax

Mêmnon, filho de Titono e Éos, que havia chegado a Troia com uma grande força de etíopes contra os helenos, matou muitos e também Antíloco, porém Aquiles o matou. Quando estava perseguindo os troianos, junto às portas Ceias, Aquiles foi atingido no calcanhar por uma flecha disparada por Alexandre e Apolo[96]. Tendo sido travado um combate por seu cadáver, Ájax matou Glauco, despojou-o das armas para que as levassem às naus e, apesar de ser fustigado pelas flechas, carregou o cadáver de Aquiles, passando em meio aos inimigos, enquanto Odisseu combatia os que o atacavam. A morte de Aquiles encheu o exército de consternação. Enterraram-no juntamente com Pátroclo na ilha Leuca, misturando os ossos de ambos. Diz-se que depois de morto, Aquiles habitou com Medeia na ilha dos Bem aventurados[97]. Nos jogos celebrados em sua homenagem, Eumelo venceu a corrida de carros; Diomedes, a corrida pedestre; Ájax, o arremesso disco, e Teucro, a prova do arco. As armas de Aquiles foram oferecidas como prêmio ao mais valoroso e por elas rivalizaram-se Ájax e Odisseu. Os árbitros foram os troianos ou, segundo outros, os seus aliados. Odisseu foi o escolhido, e Ájax, perturbado pela decepção, planejou um ataque ao exército durante à noite; porém Atena o enlouqueceu e o dirigiu, armado com uma espada, contra os rebanhos. Enlouquecido, matou reses e pastores, pensando que fossem aqueus; mais tarde, ao recobrar a razão, se suicidou. Agamêmnon se opôs a que seu corpo fosse incinerado e, deste modo, ele é o único dentre todos os que pereceram em Ílion que jaz em um ataúde; seu túmulo está em Reteu[98].

Filoctetes em Troia. As profecias de Heleno

Quando a guerra já estava no décimo ano, os helenos estavam desacorçoados e Calcas lhes profetizou que Troia não poderia ser tomada sem o concurso do arco e das flechas de Héracles[99]. Ao ouvir isso, Odisseu dirigiu-se com Diomedes a Lemnos à presença de Filoctetes, e após ter-se apropriado do arco e das flechas por meio de um ardil, persuadiu-o a navegar para Troia[100]. Filoctetes chegou e, tendo sido curado por Podalírio, disparou uma flecha contra Alexandre. Depois que este morreu, Heleno e Deífobo disputaram para se casar com Helena. Como Deífobo foi o preferido, Heleno abandonou Troia e foi viver no monte Ida[101]. Quando Calcas disse que Heleno conhecia os oráculos que protegiam a cidade, Odisseu capturou-o em uma emboscada e conduziu-o ao acampamento[102]. Heleno foi obrigado a dizer como Ílion poderia ser tomada: a primeira condição consistia em trazer os ossos de Pélope; a segunda, que Neoptólemo lutasse a

seu lado, e a terceira, que o paládio[103], que havia caído do céu, fosse roubado, pois enquanto se encontrasse em seu interior, a cidade seria inexpugnável.

Neoptólemo. Roubo do Paládio

Ao ouvirem isso, os helenos fizeram com que os ossos de Pélope fossem trazidos e enviaram Odisseu e Fênix a Licomedes, em Esciro, e estes o convenceram a deixar Neoptólemo[104] partir. Este, após ter chegado ao acampamento, e recebido as armas que haviam pertencido a seu pai de Odisseu, que de bom grado lhas entregou, matou um grande número de troianos. Mais tarde chegou, como aliado dos troianos, Eurípilo, filho de Télefo, conduzindo um grande contingente de mísios; e depois de realizar grandes façanhas, pereceu às mãos de Neoptólemo[105]. Odisseu foi à noite à entrada da cidade com Diomedes, e deixou-o ali, à sua espera, e após ter-se desfigurado e coberto de andrajos, entrou de modo irreconhecível na cidade, como um pedinte. Mas apesar de ter sido reconhecido por Helena, roubou, com sua ajuda, o paládio, e após matar um grande número de guardiões, retornou com Diomedes para as naus[106].

O cavalo de madeira

Mais tarde, Odisseu planejou a construção do cavalo de madeira e a sugeriu a Epeu, que era arquiteto. Este, tendo cortado madeira no monte Ida, construiu um cavalo oco, com aberturas nas laterais. Odisseu persuadiu cinquenta ou, conforme o autor da Pequena Ilíada, três mil, dos mais intrépidos a entrar nele[107], e os restantes, para que, ao chegar a noite, queimassem suas tendas e que depois zarpassem e ancorassem nas proximidades de Tênedo, para fazer a travessia de volta na noite seguinte. Eles obedeceram e introduziram os mais intrépidos no cavalo, após designarem Odisseu como seu líder e terem gravado no cavalo a inscrição “Os helenos, em agradecimento a Atena por seu retorno à pátria”. Eles próprios atearam fogo em suas tendas e, tendo deixado Sínon, que deveria acender uma tocha como sinal, zarparam à noite e ancoraram nas proximidades de Tênedo.

O saque de Troia

Quando amanheceu, ao contemplarem o acampamento dos helenos deserto, os troianos julgaram que eles haviam fugido e cheios de júbilo, arrastaram o cavalo e o estacionaram diante do palácio de Príamo, enquanto deliberavam sobre o que lhes convinha fazer[108]. Cassandra dizia que dentro dele havia uma tropa armada, e o adivinho Laocoonte assim o confirmava; alguns eram partidários de que fosse consumido pelo fogo, outros, de que fosse arrojado a um precipício; contudo, a maioria era da opinião de que fosse deixado como uma oferenda consagrada à deusa, e se entregaram à celebração de sacrifícios e banquetes. Não obstante, Apolo enviou-lhes um sinal: pois duas serpentes vieram nadando pelo mar das ilhas vizinhas e devoraram os filhos de Laocoonte[109]. Quando sobreveio a noite e todos eram reféns do sono, os helenos zarparam de Tênedo e Sínon acendeu-lhes uma tocha sobre o túmulo de Aquiles para guiá-los[110]. Entretanto, Helena andava em torno do cavalo e chamava os chefes, imitando as vozes de suas mulheres. Anticlo quis responder, porém Odisseu tampou-lhe a boca[111]. E quando julgaram que seus inimigos estavam dormindo, abriram e saíram armados. O primeiro foi Equíon, filho de Porteu, que escorregou e caiu, mas os demais desceram por uma corda e, ao chegarem à muralha, abriram as portas e receberam seus companheiros que haviam zarpado de Tênedo. Estes avançaram armados até a cidade e, entrando nas casas, assassinaram os que estavam dormindo. Neoptólemo matou Príamo, que havia se refugiado no altar de Zeus Herceu[112]. Odisseu e Menelau reconheceram Glauco, filho de Antenor, que fugia para sua casa, e com sua intervenção armada o salvaram[113]. Eneias, carregando seu pai Anquises, fugiu, e os helenos o deixaram em paz, devido sua piedade[114].

Menelau, após matar Deífobo, levou Helena para as naus[115]. Por sua vez Demofonte e Acamante, filhos de Teseu, também levaram Etra, a mãe de Teseu[116], pois também destes se diz que haviam ido a Troia mais tarde. Ájax, o lócrio, ao ver Cassandra abraçada a uma estátua de madeira de Atena, violentou-a; por esse motivo a estátua dirige o olhar para o céu[117].

A partilha do butim

Após terem massacrado os troianos, os helenos incendiaram a cidade e dividiram os despojos entre si. Depois de oferecerem sacrifícios a todos os deuses, precipitaram Astíanax das torres[118] e degolaram Políxena sobre o túmulo de Aquiles[119]. Como recompensa especial, Agamêmnon recebeu Cassandra; Neoptólemo, Andrômaca e Odisseu, Hécabe[120]; mas alguns dizem que foi Heleno que a recebeu, e que após atravessar com Hécabe para o Quersoneso, ela converteu-se numa cachorra, e ele a enterrou em um lugar que agora se chama Túmulo da Cachorra[121]. Quanto a Laódice, que se destacava em beleza dentre as filhas de Príamo, foi tragada por uma fenda que se abriu na terra diante de todos[122].

Quando os helenos se preparavam para retornar após o saque de Troia, foram retidos por Calcas, que lhes disse que Atena estava irritada contra eles devido à impiedade de Ájax. E eles estavam prestes a matá-lo, porém Calcas refugiou-se no altar e o deixaram.

CAPÍTULO 6

Os retornos

Disputa entre Agamêmnon e Menelau pelo retorno

Depois disso, após terem se reunido em assembleia, Agamêmnon e Menelau rivalizaram-se: Menelau recomendava-lhes que zarpassem, enquanto Agamêmnon exortava-os a permanecer e a sacrificar a Atena. Diomedes, Nestor e Menelau zarparam simultaneamente. Os primeiros fizeram uma boa travessia, porém Menelau, surpreendido por uma tempestade, chegou com apenas cinco naus ao Egito, após haver perdido as restantes.

Morte de Calcas

Anfíloco, Calcas, Leonteu, Podalírio e Polipetes deixaram suas naus em Ílion e se dirigiram por terra a Cólofon, onde enterraram Calcas, o adivinho[123], pois havia um vaticínio referente a ele de que morreria quando se deparasse com um adivinho mais sábio que ele. Com efeito, quando foram hospedados pelo adivinho Mopso, filho de Apolo e Manto, esse Mopso competiu com Calcas a respeito da arte da adivinhação. Havia ali uma figueira, e Calcas lhe perguntou: “quantos figos tem?” Mopso respondeu: Dez mil, um médimno e um figo a mais”. E assim foi confirmado. Por sua vez, Mopso, tendo uma porca prenhe, perguntou a Calcas “quantos leitões ela tem em seu ventre e quando irá parir?” E ele respondeu-lhe: “Oito”. Porém Mopso respondeu-lhe com um sorriso: “Calcas está equivocado com referência à adivinhação correta, pois eu, filho de Apolo e Manto, sou extremamente dotado da visão penetrante da adivinhação exata, e profetizo que ela porta nove em seu ventre, e não oito, como diz Calcas, e que todos são machos e nascerão sem falta amanhã à sexta hora”. Tendo ocorrido estas coisas, Calcas morreu de desgosto e foi enterrado em Nótion[124].

A esquadra de Agamêmnon

Após oferecer os sacrifícios, Agamêmnon zarpou e chegou a Tênedo. Tétis apresentou-se e persuadiu Neoptólemo a permanecer dois dias e a oferecer sacrifícios. Ele assim o fez. Porém os

outros partiram e se depararam com uma tempestade perto de Tênedo, pois Atena havia pedido a Zeus que enviasse uma tormenta aos helenos e muitas naus naufragaram.

Morte de Ájax

Atena arrojou um raio contra a nau de Ájax, e este, ao se despedaçar a nau, buscou a salvação em um rochedo e jactou-se de ter sobrevivido, apesar da previdência da deusa; no entanto, Posídon, golpeando o rochedo com seu tridente, o partiu, e Ájax, ao cair ao mar, morreu. Quando seu corpo foi devolvido a terra, Tétis o enterrou em Míconos[125].

Náuplio. Naufrágio junto ao Cafareu

Enquanto os demais se dirigiam para a Eubeia à noite, Náuplio acendeu tochas sobre o monte Cafereu. Eles, julgando que se tratava de alguns sobreviventes, navegaram nessa direção, porém os cascos das naus se romperam contra as rochas Caférides e muitos pereceram[126]. Palamedes, filho de Náuplio e Climene, filha de Catreu, havia sido lapidado pelos ardis de Odisseu[127]. Ao ficar sabendo disso, Náuplio navegou até os helenos e exigiu uma indenização por seu filho. De volta, sem ter obtido êxito algum, pois todos apoiavam o rei Agamêmnon, com o qual Odisseu havia assassinado Palamedes, Náuplio costeou os territórios helênicos e predispôs as mulheres dos helenos a cometer adultério: Clitemnestra com Egisto, Egialeia com Cometes, filho de Estênelo, e Meda, esposa de Idomeneu, com Leuco. Esta última, inclusive, Leuco a matou juntamente com sua filha Clisítera, que havia se refugiado no templo, e tendo provocado a secessão de dez cidades de Creta, governou-as como tirano. Após a guerra de Troia, expulsou Idomeneu, assim que este desembarcou em Creta. Tendo tomado primeiramente tais expedientes, Náuplio, após ficar sabendo do retorno dos helenos às suas respectivas pátrias, acendeu tochas no monte Cafereu, atualmente denominado Xilófago*; então os helenos, julgando que havia um porto, aproximaram-se dali com suas naus e foram aniquilados.

O retorno de Neoptólemo

Neoptólemo permaneceu dois dias em Tênedo, conforme o conselho de Tétis, e depois dirigiu-se por terra com Heleno ao país dos molossos, e como Fênix havia morrido no caminho, enterrou-o. Tendo vencido os molossos em combate, reinou sobre eles e teve um filho de Andrômaca, Molosso[128]. Heleno, após ter fundado uma cidade na Molóssia, passou a habitá-la e Neoptólemo lhe deu como esposa sua mãe, Deidâmia. Quando Peleu foi banido da Ftia pelos filhos de Acasto[129] e morreu, Neoptólemo herdou o reino de seu pai. E quando Orestes enlouqueceu, Neoptólemo arrebatou-lhe sua mulher, Hermíone, que antes havia sido sua prometida em Troia[130]; e por este motivo foi morto em Delfos por Orestes, embora alguns digam que, tendo ido a Delfos pedir reparação a Apolo pela morte de seu pai, saqueou as oferendas e incendiou o templo, e por isso foi morto por Maquereu, o focense[131].

O assentamento dos heróis

Os helenos, após andarem errantes, desembarcaram e se estabeleceram em diferentes lugares: uns na Líbia, outros na Itália, outros na Sicília, outros nas ilhas próximas a Ibéria; outros nas margens do rio Sangário, e houve outros também que habitaram em Chipre. Os que haviam naufragado em torno do monte Cafareu, tomaram distintos caminhos: Guneu foi para a Líbia; Ântifo, filho de Téssalo, para a região dos pelasgos, cujo território denominou Tessália, após ter se apoderado dele; Filoctetes dirigiu-se ao país dos campânios, na Itália[132]; Fidipo, com o contingente de Cós, estabeleceu-se em Andro, Agapénor, em Chipre[133], e os demais em diversos lugares.

Apolodoro[134] e os demais dizem o seguinte: Guneu, tendo abandonado suas naus, chegou à Líbia e se estabeleceu junto ao rio Cínipe; Meges e Prótoo pereceram com muitos outros na Eubeia, em torno do monte Cafereu... após o naufrágio de Prótoo, no Cafereu, os magnésios que o acompanhavam foram arrojados com ele a Creta, onde passaram a residir.

Após o saque de Ílion, Menesteu, Fidipo, Ântifo, os que acompanhavam Elefénor e Filoctetes navegaram juntos até Mimas. Menesteu foi até Melos e aí passou a reinar, pois o rei Poliánax havia morrido. Ântifo, filho de Téssalo, dirigiu-se à região dos pelasgos e, apoderando-se dela, denominou-a Tessália[135]. Fidipo foi arrojado com o contingente de Cós a Andros e depois a Chipre, onde passou a residir. Elefénor morreu em Troia[136], seus comandados, porém, arrojados ao golfo Jônio, habitaram Apolônia, no Epiro. O contingente de Tlepólemo chegou a Creta, e mais tarde, impelido pelos ventos, estabeleceu-se nas ilhas ibéricas... O contingente de Protesilau foi parar em Palene, próxima à planície de Canastro[137]. Filoctetes foi levado a Campânia, na Itália, e depois de lutar contra os lucânios, estabeleceu-se em Crimisa, próxima de Crotona e Túrios; ao cessar sua marcha errante, fundou o santuário de Apolo Áleo, ao qual dedicou seu arco e suas flechas – afirma Eufórion.

Naveto é um rio da Itália[138], assim chamado, segundo Apolodoro e os demais, porque após a conquista de Ílion as filhas de Laomedonte, irmãs de Príamo, Etila, Astíoque e Medesicasta, com o restante das cativas que se encontravam nessa parte da Itália, temendo a escravidão na Hélade, incendiaram as naus por isso o rio se chama Naveto, e as mulheres, Naupréstides, os helenos que estavam com elas, ao serem destruídas as naus, permaneceram ali.

Demofonte e Fílis

Demofonte[139] chegou ao país dos trácios bisaltas com escassas naus e Fílis, a filha do rei, apaixonou-se por ele e lhe foi entregue em casamento por seu pai, juntamente com o reino como dote, porém ele queria retornar à sua pátria e depois de muito suplicar-lhe, partiu, tendo jurado regressar. Fílis o acompanhou até os chamados Nove Caminhos e lhe deu um cofre dizendo que continha um objeto sagrado da mãe Reia, e que ele não devia abrir até que houvesse perdido a esperança de retornar para junto dela. Demofonte foi a Chipre e estabeleceu-se aí. Quando passou o tempo fixado, Fílis se suicidou, após tê-lo amaldiçoado. Este abriu o cofre e, dominado pelo medo, montou a cavalo, e galopando desenfreadamente, morreu, pois quando o cavalo tropeçou, lançou-o fora e ele caiu sobre sua espada e morreu[140]. Seu contingente estabeleceu-se em Chipre.

Podalírio

Podalírio chegou a Delfos e perguntou ao oráculo onde deveria habitar. A resposta que obteve foi que o fizesse na cidade na qual, se o céu circundante caísse, ela não sofreria dano algum; deste modo, estabeleceu-se no local do Quersoneso da Cária que está rodeado de montanhas por todo o horizonte[141].

Anfíloco

Anfíloco, filho de Alcméon, que segundo alguns havia ido mais tarde a Troia, foi arrojado por uma tempestade até Mopso, e alguns dizem que, tendo travado um combate singular pelo reino, mataram-se um ao outro[142]. Os lócrios recuperaram seu país com dificuldade; ao final de três anos, quando uma praga invadiu a Lócrida, eles receberam um oráculo segundo o qual deviam aplacar Atena em Ílion e enviar duas donzelas como suplicantes durante mil anos. As primeiras designadas por sorteio foram Peribeia e Cleópatra. Quando estas chegaram a Troia, ao serem perseguidas pelos seus habitantes, refugiaram-se no santuário; não se aproximavam da deusa, porém limpavam e varriam o templo. Não saíam, tinham os cabelos raspados, vestiam apenas uma

túnica e andavam descalças. Quando as primeiras morreram, enviaram outras. Estas entravam na cidade à noite para não serem assassinadas ao aparecer fora do recinto sagrado. Posteriormente enviaram meninas com suas amas. Quando se passaram mil anos, após a guerra da Fócia, eles cessaram de enviar suplicantes[143].

Morte de Agamêmnon. Orestes e Electra

Agamêmnon retornou a Micenas com Cassandra e foi morto por Egisto e Clitemnestra, esta lhe deu uma túnica sem mangas e sem gola, e enquanto a vestia, foi assassinado, e Egisto passou a reinar em Micenas[144]. E também mataram Cassandra[145]. Electra, uma das filhas de Agamêmnon, ocultou seu irmão Orestes e confiou-o a Estrófio, o focense, para que cuidasse dele, e ele o criou juntamente com seu filho, Pílades[146]. Quando Orestes atingiu a idade adulta, foi a Delfos para perguntar ao deus se deveria se vingar dos assassinos de seu pai[147]. Com a aprovação do deus, Orestes, acompanhando de Pílades, dirigiu-se furtivamente a Micenas e matou sua mãe e Egisto. Não muito tempo depois, foi acometido de loucura, e perseguido pelas Erínias, chegou a Atenas e foi julgado no Areópago. Segundo alguns, foi acusado pelas Erínias, segundo outros, por Tíndaro, e segundo outros, por Erígone, filha de Egisto e Clitemnestra. E tendo sido julgado, ocorreu o empate dos votos e ele foi absolvido[148].

Orestes no país dos Tauros

Então Orestes perguntou como poderia se libertar de sua enfermidade, e o deus lhe respondeu que conseguiria se trouxesse a estátua de madeira que havia no país dos tauros[149]. Os tauros são um ramo dos citas que sacrificam os estrangeiros e os arrojam ao fogo sagrado[150], que penetra no recinto elevando-se desde o Hades através de certa rocha. Quando Orestes chegou com Pílades ao país dos tauros, foram descobertos, capturados e levados atados ante o rei Toas, que enviou ambos à sacerdotisa. Como foi reconhecido por sua irmã, que atuava como sacerdotisa entre os tauros, Orestes fugiu com ela, após ter-se apoderado da estátua[151]. Esta foi levada a Atenas e agora é chamada a estátua do Taurópolo[152]. Porém, alguns dizem que Orestes foi levado por uma tempestade à ilha de Rodes... e por causa de um oráculo, a imagem foi consagrada na muralha[153]. Ao chegar a Micenas, Orestes casou sua irmã Electra com Pílades[154] e, por sua vez, se casou com Hermíone ou, segundo alguns, com Erígone; gerou Tisâmeno[155], e morreu no Oresteu, da Arcádia, por uma picada de serpente[156].

Retorno de Menelau

Menelau, com cinco naus no total sob seu comando, chegou ao cabo Súnion, na Ática; dali, impelido novamente pelos ventos para Creta, desviou-se muito de seu caminho e tendo errado pela Líbia, Fenícia, Chipre e Egito conseguiu reunir muitas riquezas[157]; segundo alguns, no palácio de Proteu, rei do Egito, descobriu Helena, pois até esse momento, Menelau só tinha consigo uma imagem feita de névoa. E após vagar durante oito anos, chegou a Micenas e ai encontrou Orestes, que havia vingado a morte de seu pai. Foi a Esparta e recuperou seu próprio reino, e imortalizado por Hera, foi para os Campos Elíseos com Helena[158].

CAPÍTULO 7

As perambulações de Odisseu

Odisseu, conforme alguns dizem, andou errante pela Líbia; segundo outros, pela Sicília, e segundo outros, pelo Oceano ou pelo mar Tirreno. Zarpou de Ílion e chegou a Ísmaro, cidade dos cícones e após conquistá-la pelas armas, a saqueou[159], tendo se compadecido apenas de Máron, sacerdote de Apolo[160]. Os cícones que habitavam o continente, ao ficarem sabendo, dirigiram-se

armados contra Odisseu, e este, tendo perdido seis homens de cada nau, fez-se ao mar e fugiu. Ao chegar ao país dos lotófagos, enviou alguns homens para investigar quem o habitava, porém estes comeram do loto e permaneceram ali, pois na região crescia um fruto doce, chamado loto, que produzia em quem o provava o esquecimento de tudo[161]. Quando Odisseu ficou sabendo disso, reteve os demais, e levou à força os que o haviam comido para as naus, e zarpando dali, navegou para a terra dos ciclopes.

Polifemo

Tendo deixado o restante das naus em uma ilha próxima, com apenas uma aproximou-se da terra dos ciclopes e desembarcou com doze companheiros. Odisseu, levando consigo o odre de vinho que Máron lhe havia dado, dirigiu-se a uma gruta próxima ao mar; era a gruta de Polifemo, filho de Posídon e da ninfa Toosa, um homem descomunal, selvagem e antropófago, que tinha um único olho na fronte. Após ter acendido o fogo e sacrificado alguns cabritos, celebravam um banquete. Porém o ciclope chegou e, tendo feito os rebanhos entrarem, colocou uma pedra enorme à porta, e ao ver os homens, devorou alguns deles. Odisseu deu-lhe o vinho de Máron para beber. Ele bebeu e pediu mais, e depois que bebeu pela segunda vez, perguntou a Odisseu o seu nome. Este lhe respondeu que se chamava Ninguém, então o ciclope ameaçou devorar Ninguém após devorar os outros primeiro, tal foi a mostra de hospitalidade que, por sua vez, lhe prometeu; porém, vencido pela embriaguês, adormeceu. Ao encontrar ali uma estaca, Odisseu afiou-a, ajudado por quatro companheiros, e com ela acesa, cegou Polifemo. Este gritou, pedindo ajuda aos ciclopes das redondezas, e quando eles chegaram e lhe perguntaram quem o havia maltratado, ele respondeu: “Ninguém”, e eles, presumindo que queria dizer que não havia recebido maus tratos de ninguém, foram embora. Porém, como o rebanho necessitava de sua pastagem habitual, Polifemo descerrou a gruta e, postando-se na entrada, com as mãos estendidas apalpava os animais. Odisseu, por sua vez, atou três carneiros juntos ... e ele próprio ocultou-se sob o ventre do maior e saiu com o rebanho. Após desatar seus companheiros dos animais, conduziu-os às naus, e, ao zarpar, gritou ao ciclope que ele era Odisseu, e que havia escapado de suas mãos. Um adivinho havia vaticinado ao ciclope que seria cegado por Odisseu, e por isso, ao ficar sabendo de seu nome, arrancou rochas e as arrojou ao mar; com muito custo, a nau se salvou das pedras. Desde então, Posídon ficou irritado com Odisseu[162].

A ilha de Éolo

Após zarpar com todas as suas naus, Odisseu chegou a Eólia, ilha em que reinava Éolo[163]. Este havia sido instituído por Zeus como o guardião dos ventos, encarregado de amainá-los ou de lançá-los. Tendo acolhido Odisseu como seu hóspede, deu-lhe um odre de pele de boi, no qual havia encerrado os ventos e o atou a nau, após ter-lhe indicado quais deveria usar na travessia. Odisseu, servindo-se de ventos favoráveis, teve uma viagem propícia, e quando estava perto de Ítaca e já se avistava a fumaça que se elevava da cidade, adormeceu. Seus companheiros acreditaram que o odre continha ouro e o desataram, deixando sair os ventos; deste modo, eles retornaram ao seu ponto de partida, arrebatados por seus sopros. Então Odisseu apresentou-se diante de Éolo e pediu-lhe que lhe permitisse retornar, mas ele o expulsou da ilha dizendo que não poderia lhe ajudar porque os deuses lhe eram contrários.

Os lestrigões

Portanto, navegando, Odisseu chegou ao país dos lestrigões[164] e... sua nau ficou amarrada mais distante. Os lestrigões eram antropófagos e seu rei era Antífates. Desejoso de informar-se sobre os seus habitantes, Odisseu enviou alguns homens para averiguar. A filha do rei encontrou-se com

eles e levou-os diante de seu pai. Este agarrou um deles e o devorou, e quando os demais fugiram, ele os perseguiu com altos brados, chamando os demais lestrigões. Estes chegaram ao mar e, lançando pedras, destroçaram as naus e devoraram os homens. Odisseu cortou as amarras de sua nau e zarpou, porém as restantes foram aniquiladas, juntamente com suas tripulações.

Circe. Descida ao Hades

Com uma única nau, chegou à ilha de Eeia[165]; ali vivia Circe, filha de Hélio (Sol) e Perse, perita em todo tipo de poções mágicas. Após tirar a sorte entre seus companheiros, coube a Odisseu permanecer junto à nau, e a Euríloco, com outros vinte e dois, correspondeu ir até Circe. Todos acorreram a esta convocação, exceto Euríloco; Circe deu a cada um uma poção de queijo, mel, cevada e vinho, misturados com uma droga. Assim que a beberam, ela os tocou com uma vara, transformando alguns em lobos, outros em porcos, outros em asnos e outros em leões[166]. Euríloco viu isso e o comunicou a Odisseu. Então este apresentou-se a Circe com o moly,[167] que havia recebido de Hermes, e lançando-o à poção, bebeu-a e foi o único que não sucumbiu ao sortilégio; tendo desembainhado sua espada, quis matar Circe, porém ela aplacou sua cólera e restabeleceu a antiga forma a seus companheiros. Após lhe fazer jurar que não lhe causaria dano algum, uniu-se a ela e gerou um filho, Telégono[168]. E tendo permanecido ali por um ano, navegou pelo Oceano, ofereceu sacrifícios às almas[169] e, aconselhado por Circe, consultou o adivinho Tirésias[170] e contemplou as almas dos heróis e das heroínas. Viu também sua mãe Anticleia e Elpenor, que havia morrido na casa de Circe[171] em decorrência de uma queda.

As Sereias

Após outra permanência com Circe, foi expedido por ela, zarpou e costeou a ilha das Sereias. Estas eram Pisínoe, Agláope e Telxíope, filhas de Aqueloo e Melpômene, uma das Musas. Uma tocava a lira, outra cantava e a terceira tocava aulo e deste modo persuadiam os navegantes e permanecer[172]. Tinham forma de pássaros a partir das coxas[173]. Ao navegar perto delas, Odisseu quis ouvir seu canto e, por conselho de Circe, tampou com cera os ouvidos de seus companheiros e ordenou-lhes que o atassem ao mastro. Ao ser persuadido pelas Sereias a permanecer, ele pedia que o desatassem, porém eles o ataram ainda mais e assim continuou a viagem. Havia um vaticínio para as Sereias de que elas pereceriam quando uma nau passasse por elas; e assim elas morreram[174].

Cila e Caríbdis. As vacas de Hélio (Sol).

Em seguida, chegou a dois caminhos. De um lado estavam as Rochas Errantes, do outro, dois gigantescos penhascos[175]; em um deles estava Cila, filha de Crateide e Trieno ou Forco, que tinha face e peito de mulher, e de seus flancos saíam seis cabeças e doze patas de cão[176]. No outro, estava Caríbdis, que três vezes por dia tragava a água e em seguida a vomitava. Aconselhado por Circe, Odisseu evitou passar junto às Rochas Errantes, e navegando em direção ao penhasco de Cila, postou-se armado na popa. Mas Cila apareceu, arrebatou seis de seus companheiros e os engoliu. Dali Odisseu dirigiu-se a Trinácria, a ilha de Hélio, onde suas vacas pastavam, e por falta de ventos favoráveis, permaneceu ali[177]. Seus companheiros degolaram algumas vacas e se banquetearam com elas, pois estavam famintos. Hélio contou o ocorrido a Zeus e quando Odisseu zarpou, Zeus lançou-lhe um raio[178]. Uma vez que a nau ficou destroçada, Odisseu se agarrou ao mastro e chegou até Caríbdis. Quando esta sorveu o mastro, ele se agarrou a uma figueira que crescia no penhasco e aguardou. Ao ver o mastro novamente regurgitado, lançou-se sobre ele e foi transportado à ilha de Ogígia[179].

Calipso. A ilha dos feaces

Aí o acolheu Calipso, filha de Atlas, e unindo-se a ela, Odisseu gerou um filho, Latino. Permaneceu com ela cinco anos e tendo construído uma jangada, zarpou[180]. Porém esta foi destroçada em alto mar pela fúria de Posídon e Odisseu foi arrojado desnudo à terra dos feaces[181]. Nausícaa, filha do rei Alcínoo, estava lavando roupa, e quando Odisseu pediu-lhe sua proteção, ela o conduziu a seu pai, que o hospedou, e depois de lhe dar presentes, enviou-o de volta à sua pátria com uma escolta[182]. Tendo se enfurecido com os feaces, Posídon petrificou a nau e cobriu a cidade com uma montanha[183].

Retorno à pátria. Os pretendentes de Penélope.

Ao chegar à sua pátria, Odisseu encontrou sua casa arruinada, pois, julgando-o morto, muitos pretendiam Penélope[184]. De Dulíquio haviam chagado cinquenta e sete: Anfínomo, Toas, Demoptólemo, Anfímaco, Eurílalo, Páralo, Evenórides, Clítio, Agenor, Eurípilo, Pilêmenes, Acamante, Tersíloco, Hágio, Clímeno, Filodemo, Meneptólemo, Damastor, Bias, Télmio, Políido, Astíloco, Esquédio, Antígono, Márpsio, Ifidamante, Árgio, Glauco, Calidoneu, Equíon, Lamas, Andrémon, Agéroco, Médon, Ágrio, Promo, Ctésio, Acárnan, Cicno, Pseras, Helânico, Perífron, Megástenes, Trasimedes, Ormênio, Diópites, Mecisteu, Antímaco, Ptolemeu, Lestórides, Nicômaco, Polipetes, e Cerau. De Same chegaram vinte e três: Agelau, Pisandro, Élato, Ctesipo, Hipódoco, Eurístrato, Arquêmolo, Ítaco, Pisénor, Hiperénor, Feretes, Antístenes, Cérbero, Perimedes, Cino, Tríaso, Eteoneu, Clítio, Prótoo, Liceto, Eumelo, Itano e Liamo. De Zacinto vieram quarenta e quatro: Euríloco, Laomedes, Mólebo, Frênio, Índio, Mínis, Liócrito, Prônomo, Nisante, Daémon, Arquéstrato, Hipômaco, Eurílalo, Perílalo, Evenórides, Clítio, Agenor, Pólibo, Polidoro, Tadítio, Estrátio, Frênio, Índio, Desenor, Laomedonte, Laódico, Hálio, Magnes, Olétroco, Bartas, Teófron, Niseu, Alcárope, Periclímeno, Antenor, Pelas, Celto, Perifante, Órmeno, Pólibo e Andromedes. Os pretendentes da própria Ítaca eram doze: Antínoo, Prônoo, Liodes, Eurínomo, Anfímaco, Anfíalo, Prômaco, Anfimedonte, Arístrato, Heleno, Duliquieu e Ctesipo.

A mortalha de Penélope. Morte dos pretendentes

Estes haviam chegado ao palácio e celebravam banquetes, consumindo os rebanhos de Odisseu[185]. Penélope se viu obrigada a prometer que se casaria quando terminasse a mortalha de Laertes; ela a vinha tecendo há três anos, pois o que tecia de dia, desfazia-o à noite; deste modo pôde ludibriar os pretendentes, até que foi descoberta[186].

Quando Odisseu ficou sabendo o que ocorria na sua casa, apresentou-se como um mendigo diante do escravo Eumeu[187], revelou sua identidade a Telêmaco[188] e chegou à cidade. Melântio, o cabreiro, encontrou-se com eles e, apesar de ser um escravo, os desprezou[189]. Ao entrar no palácio, Odisseu pediu comida aos pretendentes[190], e ao se deparar com um mendigo chamado Iro, lutou contra ele[191]; revelou-se a Eumeu e Filécio, e com eles e Telêmaco, armou um ardil contra os pretendentes[192]. Penélope entregou-lhes o arco de Odisseu, que ele havia recebido de Ífito, em certa ocasião, e disse que se uniria em casamento a quem fosse capaz de entesá-lo[193]. Como ninguém pudesse fazê-lo, Odisseu o tomou e abateu os pretendentes a flechadas, com a ajuda de Eumeu, Filécio e Telêmaco[194]. Matou também a Melântio e as donzelas escravas dos pretendentes[195]; em seguida, revelou sua identidade a sua mulher e a seu pai[196].

Odisseu entre os tesprotos

Tendo feito os sacrifícios a Hades, Perséfone e Tirésias, dirigiu-se ao Epiro e chegou à região dos tesprotos; e depois de oferecer sacrifícios conforme as recomendações de Tirésias, aplacou

Posídon[197]. Então a rainha dos tesprotos, Calídice, pediu-lhe que permanecesse e ofereceu-lhe o reino; e tendo se unido a ele, teve um filho, Polipetes. Odisseu se casou com Calídice, reinou sobre os tesprotos e venceu em combate os vizinhos que haviam se sublevado em armas. Porém, ao morrer Calídice, Odisseu deixou o reino a seu filho e retornou a Ítaca, onde encontrou Poliportes, o filho que havia gerado com Penélope. Telégono, ao ficar sabendo de Circe que era filho de Odisseu, zarpou à sua procura. Quando chegou à ilha de Ítaca, roubou gado e, quando Odisseu interveio, feriu-o com a lança que brandia na mão, arrematada por uma espinha de uma arraia, e Odisseu morreu[198]. Telégono o reconheceu, e muito angustiado, levou o cadáver a Circe, juntamente com Penélope, e ali se casou com esta. Circe enviou os dois às ilhas dos Bem-aventurados.

Morte de Odisseu

Contudo, alguns dizem que Penélope foi seduzida por Antínoo, e devolvida por Odisseu a seu pai Icário, e que na Mantineia da Arcádia teve um filho de Hermes, chamado Pã[199]. Segundo outros, morreu às mãos do próprio Odisseu por culpa de Anfínomo[200], pois contam que este a seduzira. Há também alguns que afirmam que Odisseu foi acusado da matança pelos parentes e julgado por Neoptólemo, rei das ilhas próximas ao Epiro, e que este, presumindo que se afastasse Odisseu poderia se apoderar da Cefalênia, condenou-o ao exílio. Então Odisseu chegou diante de Toas, filho de Andrémon, na Etólia, desposou sua filha e, tendo deixado um filho que tivera com ela, Leontófono, morreu em idade avançada.

NOTAS À EPÍTOME

1. Cf. DIODORO, IV 59, 4; PLUTARCO, Teseu 9, PAUSÂNIAS, II 1, 3; em HIGINO, Fáb. 38 trata-se de um javali.

2. Cf. PLUTARCO, Teseu 10; HIGINO, Fáb. 38; OVÍDIO, Met. 433 ss.; PAUSÂNIAS, I 44, 8; DIODORO, IV 59, 4. Ovídio menciona que os ossos de Círon não foram acolhidos nem pela terra nem pelo mar, e que o tempo os endureceu, convertendo-os em penhascos.

3. Cf. PLUTARCO, Teseu 11; HIGINO, Fáb. 38; DIODORO, IV 59, 5; PAUSÂNIAS, I 39, 3; OVÍDIO, Met. VII 439.

4. Cf. PLUTARCO, Teseu 11. Outros autores como DIODORO, IV 59, 5, denominam-no Procuste, atribuindo-lhe um único leito, no qual os transeuntes eram igualados por amputação ou estiramento.

5. Cf. PSEUDO APOLODORO, I 9, 28.

6. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 5, 7; PAUSÂNIAS, I 9-10; OVÍDIO, Met. VII 433-4.

7. Cf. PLUTARCO, Teseu 12; OVÍDIO, Met. VII 404-424, que menciona que o veneno era o acônito e que Medeia o traíra nas margens da Cítia.

8. As vítimas eram escolhidas por sorteio, porém, segundo Helânico (cf. PLUTARCO, Teseu 17), o próprio Minos ia a Atenas para escolhê-las e é assim que Teseu teria sido escolhido. No entanto, conforme a tradição mais difundida, ofereceu-se como voluntário. Cf. HIGINO, Fáb. 41; Escólio a Odisseia XI 322; Escólio a Ilíada XVIII 590.

9. Cf. PLUTARCO, Teseu 17, 4; DIODORO, IV 61, 4; PAUSÂNIAS, I 22, 5. Em SIMÔNIDES, 550, a vela que deveria substituir a negra era de cor purpúrea.

10. Cf. PLUTARCO, Teseu 19; HIGINO, Fáb. 42; DIODORO, IV 61, 4. Os atenienses do período histórico comemoravam esta façanha enviando uma nau a Delos em ação de graças. Cf. PLATÃO, Fédon 58 a-c.

11. Isto é, os rapazes e as moças que estavam destinados ao Minotauro.

12. A versão mais comum é a de que Teseu abandonou Ariadne em Naxos enquanto dormia, por diversas razões, conforme os autores: em OVÍDIO, Met.VIII 174 ss., por crueldade; em HIGINO, Fáb. 43, porque parecia desonroso levá-la para Atenas; em HESÍODO, Fr. 298, porque amava Egle, a filha de Panopeu. HOMERO, Odisseia XI 321-325, nos dá outra versão: Teseu levou Ariadne de Creta a Atenas, mas Ártemis matou-a na ilha de Dia, por acusação de Dioniso. Cf. também PAUSÂNIAS, I 20, 3 e X 29, 4; PLUTARCO, Teseu 20.

13. Cf. PAUSÂNIAS, I 22, 5; HIGINO, Fáb. 43; DIODORO IV 61, 6-7; PLUTARCO, Teseu 22.

14. Palante, que era o tio de Teseu (cf. III 15, 5), lutou contra ele juntamente com seus filhos, porém Teseu os matou e por isso foi condenado ao exílio em Trezena. Cf. EURÍPIDES, Hipólito 34 ss.; PAUSÂNIAS, I 22, 2; 28, 10; PLUTARCO, Teseu 3 e 13.

15. Cf. OVÍDIO, Met. VIII 184-235; HIGINO, Fáb. 40; DIODORO, IV 77, 5-6; este último menciona que Dédalo e Ícaro fugiram de Creta numa nau que Pasífae lhes concedeu, e PAUSÂNIAS, IX 11, 4-5, disse que em naus distintas. O mar Icário é uma porção do mar Egeu próxima à ilha de Míconos.

16. A estadia de Dédalo com Cócalo e a perseguição de Minos com o caracol eram o tema da tragédia de Sófocles Os Camicos.

17. PAUSÂNIAS, VII 4, 6, menciona a morte de Minos às mãos das filhas de Cócalo, e acrescenta que, quando este se negou a entregar Dédalo, manteve uma guerra contra Minos por ele; em DIODORO, IV 79, 2, é Cócalo quem o mata, mantendo-o por muito tempo no banho, e depois disse que foi Minos que havia se afogado. A morte de Minos também é relatada por HERÓDOTO, VII 169-170, e por HIGINO, Fáb. 44.

18. Em PAUSÂNIAS, VII 4, 6, Hipólita é irmã de Antíope. A maioria dos autores coincide em denominar Antíope a Amazona esposa de Teseu. Cf. DIODORO, IV 28; PLUTARCO, Teseu 26-28; PAUSÂNIAS, I 2, 1; 15, 2; 41, 7; II 32, 9.

19. Cf. a evocação poética desta guerra em ÉSQUILO, Eumênides 685-690.

20. Este Deucalion era filho de Minos e portanto irmão de Fedra. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 1, 2.

21. Com referência à paixão de Fedra por Hipólito, EURÍPIDES compôs duas tragédias intituladas Hipólito, das quais uma chegou até nós. A tragédia Fedra, de SÊNECA, versa sobre o mesmo tema. Cf. também DIODORO, IV 62; PAUSÂNIAS, I 22, 1-2; II 32, 1-4; OVÍDIO, Met. XV 497 ss.; id. Her. IV; HIGINO, Fáb. 47

22. Segundo o Escólio a Eur. Feníc. 1185, tratava-se de uma roda de fogo.

23. Cf. DIODORO, IV 69 4-5; PÍNDARO, Pít. II 40 ss.; Escólio a Odisseia XXI 303; HIGINO, Fáb. 62; OVÍDIO, Met. 42. Estes dois últimos situam o castigo de Íxion no Tártaro.

24. Pirítoo é filho de Íxion, rei dos Lápitas (cf. PSEUDO APOLODORO, I 8, 2), que é também avô dos Centauros. Mas DIODORO, IV 69, 1-3, fornece-nos uma genealogia diferente: Centauro era irmão de Lápites e ambos eram filhos de Apolo e de uma filha do rio Peneu; Íxion é descendente de Lápites. A respeito das núpcias de Pirítoo e Hipodâmia e a luta dos Centauros e Lápitas, cf. PLUTARCO, Teseu 30; PAUSÂNIAS, V 10, 8; OVÍDIO, Met. XII 210-535; DIODORO, IV 70, 3.

25. Esta passagem é reconstruída a partir de ZENÓBIO, Centauromaquia V 33.

26. Cf. HESÍODO, Fr. 87; OVÍDIO, Met. XII 459-532; ANTONINO LIBERAL, 17; APOLÔNIO DE RODES, I 57-64.

27. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 10, 7.

28. Descendente de Erecteu, cf. PAUSÂNIAS, II 25, 6 e PLUTARCO, Teseu 32 ss.

29. Cf. PSEUDO APOLODORO, II 15, 12.

30. Cf. PLUTARCO, Teseu 35; PAUSÂNIAS, I 17, 6; DIODORO, IV 62, 4.

31. HOMERO, Odisseia XI 582-592 menciona o tormento de Tântalo sem fazer referência à rocha, que aparece em muitos autores: PÍNDARO, Olímpicas I 57-8; EURÍPIDES, Orestes 4-10; ANTONINO LIBERAL, 36; OVÍDIO, Met. IV 458-9; HIGINO, Fáb. 82; LUCIANO, Diálogo dos mortos 17 menciona apenas o castigo da sede. Quanto aos delitos cometidos por Tântalo, além dos mencionados por Apolodoro, atribuem-lhe também o perjúrio: pois quando Hermes, a mando de Zeus, foi pedir-lhe o cão destinado a guardar o santuário de Creta, que estava provisoriamente em sua posse, Tântalo negou tê-lo visto, e Zeus castigou-o, sepultando-o sob o monte Sípilo; cf. PAUSÂNIAS, II 22, 3 e V 13, 7.

32. Filho de Tântalo, cf. PAUSÂNIAS, III 22, 4.

33. Tântalo, pai de Pélope, serviu os membros de seu filho aos deuses, mas somente Deméter comeu um de seus ombros. Quando os deuses ressuscitaram Pélope, substituíram esse ombro por outro de marfim. Cf. OVÍDIO, Met. VI 404-411; HIGINO, Fáb. 83; PÍNDARO, Olímpicas I 26 e 37-41.

34. Cf. PÍNDARO, Olímpicas I 75 ss.; PAUSÂNIAS, V 17, 7.

35. Cf. PÍNDARO, Olímpicas I 67 ss.; DIODORO, IV 73, 2; PAUSÂNIAS, V 10, 6-7; 14, 6; 17, 7; VI 20, 17; 21 6-11; VIII 14, 10-11.

36. Pélope, ao ver as cabeças dos pretendentes mortos, esteve a ponto de renunciar à sua pretensão, cf. HIGINO, Fáb. 84.

37. De acordo com DIODORO, IV 73, 5, Enomau, ao constatar que havia perdido a corrida, se suicida.

38. Os preparativos desta corrida constituem o tema do frontão Leste do templo de Zeus em Olímpia.

39. Parte do mar Egeu delimitada pela Lacedemônia, Argólida, Ática e sul da Eubeia, onde estava situado o promontório de Geresto. Cf. EURÍPIDES, Orestes 989 ss.

40. Cf. PSEUDO APOLODORO II, 1, 1; PAUSÂNIAS, II 5, 7.

41. PÍNDARO, Olímpicas I 144, menciona que Pélope e Hipodâmia tiveram seis filhos. HIGINO, Fáb. 84, nomeia três: Hipálcimo, Tiestes e Atreu. Além dos filhos legítimos, há também a menção a um filho bastardo, Crisipo (PSEUDO APOLODORO, III 5, 5), que foi morto por seus irmãos a pedido de Hipodâmia; cf. TUCÍDIDES, I 9; PAUSÂNIAS, VI 20, 7.

42. Segundo o Escólio a EURÍPIDES, Orestes 995, o próprio Hermes envia a ovelha de ouro para se vingar da morte de seu filho Mirtilo. Por outro lado, FERÉCIDES, 3, 133, afirma que foi Ártemis que enviou a ovelha, uma vez que a discórdia entre os irmãos ocorreu pelo fato de Atreu não tê-la oferecido em seu sacrifício.

43. A respeito da mudança na direção do sol cf. Escólio a EURÍPIDES, Orestes 998; EURÍPIDES, Electra 726-732; PLATÃO, Político 269a.; ESTRABON, I 15, 23.

44. O banquete nefasto de Atreu aparece pela primeira vez em ÉSQUILO, Agamêmnon 1590 ss. Cf. também HIGINO, Fáb. 88; SÊNECA, Tiestes 682 ss.; PAUSÂNIAS, II 18, 1-2

45. Com referência ao incesto de Tiestes com sua filha Pelópia, cf. HIGINO, Fáb. 87 e 88, que, no entanto, não menciona se Tiestes estava consciente do incesto.

46. Este parágrafo é uma tradução em prosa dos versos 456-465 do Livro I das Quilíades de TZETZES, que R. Wagner supôs que poderiam derivar da passagem correspondente de Apolodoro. Cf. nota de FRAZER, II p. 169.

47. Cf. EURÍPIDES, Ifigênia em Áulide 1148 ss.; PAUSÂNIAS, II 18, 2; 22, 2-3.

48. Na Ilíada IX 142 ss.; Agamêmnon tem um filho, Orestes, e três filhas, Crisótemis, Laódice e Ifianassa; não há menção alguma a Ifigênia nem a Electra.

49. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 11, 2.

50. A respeito do julgamento de Páris. Cf. Cíprias, resumo de Proclo; HOMERO, Ilíada XXIV 25 ss.; EURÍPIDES, Troianas 924 ss.; 971-981, Helena 23-31, Ifigênia em Áulis 1300 ss.; Andrômaca 274-290; LUCIANO, Diálogo dos deuses 20, Diálogos marinhos 5, 1; HIGINO, Fáb. 92. Segundo a tradição mais divulgada, Éris, a Discórdia, foi a única divindade que não foi convidada às núpcias de Peleu e Tétis e, para se vingar disto, lançou entre as três deusas uma maçã de ouro, que portava a inscrição “para a mais bela”. Mas dentre os textos mencionados, a menção à maçã só ocorre em Luciano e Higino.

51. Homero narra sua morte em combate na Ilíada V 59 ss. Os nomes de seu pai e seu avô, citados nesta passagem, parecem comprovar a consagração a esse ofício por sua família durante três gerações.

52. PSEUDO APOLODORO, III 2.

53. Cf. Ilíada VI 289-292. Nas Cíprias, segundo PROCLO, assim que chegou a Sídon, Páris saqueou a cidade, mas HERÓDOTO, II 117, proporciona outra versão das Cíprias: Helena e Páris, graças a um vento favorável e ao mar tranquilo, fizeram a viagem de Esparta a Troia em três dias.

54. EURÍPIDES, Helena 31-51, 582 ss., 670, menciona que a verdadeira Helena nunca foi para Troia, mas apenas um simulacro seu, pois Hermes a raptara a mando de Hera e a entregara a Proteu, no Egito; e HERÓDOTO, II 112-120, afirma que Páris, obrigado a desviar-se de sua rota, havia chegado com Helena ao Egito, e Proteu, indignado com ele, expulsou-o e reteve Helena consigo para posteriormente entregá-la a Menelau.

55. Cf. PSEUDO APOLOLODORO, III 1, 9.

56. Não obstante, a versão mais difundida sobre a loucura de Odisseu é a de que ele havia jungido um boi e um cavalo (ou um asno) ao arado e semeava sal nos sulcos. Palamedes tê-lo-ia desmascarado ao colocar Telêmaco diante do arado, pois ao vê-lo, Odisseu desviou-se de seu curso, denunciando-se. Cf. HIGINO, Fáb. 95; LUCIANO, De uma casa 30; LICOFRON, Alexandra, 815-819.

57. Cf. HIGINO, Fáb. 105; escólio a EURÍPIDES, Orestes 432.

58. A menção a Ânio ocorre, ao que tudo indica, porque os helenos requisitaram seus serviços, segundo se depreende de DÍCTIS, Guerra de Troia I 23. Ânio era rei de Delos, e segundo o escólio a Odisseia VI 164, ESTESÍCORO menciona uma viagem de Odisseu e Menelau a sua corte para levarem suas filhas. Elaide, "a do azeite", Espermo, "a da semente" e Eno, "a do vinho". Cf. também escólio a LICOFRON, 570, 581; OVÍDIO, Met.XIII 623-674. Segundo o escoliasta, quando os helenos chegaram a Delos em sua travessia para Troia, Ânio tentou convencer-lhes de que deviam permanecer ali nove anos, pois no décimo destruiriam Troia, e prometeu-lhes que suas filhas alimentariam o exército. Em Ovídio, é Agamêmnon que obriga as filhas de Ânio a lhes acompanharem a Troia, porém elas fogem e Dioniso as transforma em pombas.

59. Cf. HOMERO, Ilíada II 494-759; EURÍPIDES, Ifigênia em Áulis 253 ss., HIGINO, Fáb. 97; com algumas variantes no número de chefes e de naus.

60. Cf. Ilíada II 299-330; CÍCERO, Sobre a adivinhação II 30; 63-65; OVÍDIO, Met. 11-23; em Homero, a petrificação da serpente é anterior à interpretação de Calcas, em Ovídio, é posterior.

61. Apolodoro é único autor dentre todos os mitógrafos conhecidos que atribui a Aquiles o mando supremo da esquadra.

62. Para a chegada dos helenos a Mísia, cf. Cíprias, resumo de Proclo.

63. Na Ilíada XXIV 765-6, Helena diz que se passaram vinte anos desde que abandonou sua pátria.

64. Cf. OVÍDIO, Pônticas II 2, 6; HIGINO, Fáb. 101. Apolodoro parece ter em mente o episódio da tragédia perdida de Eurípides, Télefo, em que o protagonista aparece em cena coberto de trapos, fato que provocou a sátira de Aristófanes na sua comédia Os acarnenses, 430 ss.

65. Cf. OVÍDIO, Pônticas II 2, 6; HIGINO, Fáb. 101; PROPÉRCIO, II 1, 63-64.

66. Cf. PSEUDO APOLODORO, Epítome 2, 10.

67. Cf. EURÍPIDES, Ifigênia em Áulis; OVÍDIO, Met. 24-38; HIGINO, Fáb. 98; Cíprias, resumo de Proclo. * Auleta, isto é, o tocador de aulo, instrumento de sopro precursor da flauta.

68. Cf. PAUSÂNIAS, X 14, 2-4; DIODORO, V 83. Outros relatos mencionam que Cicno teria se dirigido a Tênedo para se reconciliar com o filho, porém este se recusou a recebê-lo e, com uma machadada, cortou a amarra que ligava à praia o barco de seu pai e em consequência desse caso, todos os auletas (flautistas) eram banidos de Tênedo, cf. Grimal, p 87.

69. Cf. PLUTARCO, Quest. Graec. 28 (297f), menciona que, quando Aquiles perseguia a irmã de Tenes, este acorreu para defendê-la e Aquiles o matou sem saber quem era. Matou também um de seus próprios servos que havia sido enviado por Tétis para fazer-lhe a advertência.

70. Segundo SÓFOCLES, Filoctetes 263-270 e 1326-1328, o acidente não ocorre em Tênedo, mas na ilha de Crises, junto ao altar de uma deusa também chamada Crise; porém, conforme HIGINO, Fáb. 102, ocorreu em Lemnos. Cf. Ilíada II 718-724.

71. Cf. HOMERO, Ilíada III 205-208, XI 138-142; BAQUÍLIDES, XIV 1-64; Cíprias (resumo de Proclo).

72. Cf. LUCIANO, Diálogo dos mortos 23; PROPÉRCIO, I 19, 7-10; HIGINO, Fáb. 103 e 104. Segundo Higino, Laodâmia havia obtido dos deuses que Mercúrio (Hermes) lhe trouxesse seu esposo por apenas três horas; depois, fez uma estátua de Protesilau, e quando estava abraçada a ela, foi surpreendida por um servo que a delatou ao seu pai, Acasto, que ordenou que a estátua fosse queimada. Protesilau recebeu o culto de herói após sua morte, e há informações interessantes sobre seu santuário em Eleunte em PAUSÂNIAS, I 34 e HERÓDOTO, IX 116.

73. Há vários heróis de nome Cicno, cf. PSEUDO APOLODORO, Epítome 3, 23 ss.; este, é filho de Posídon. Segundo OVÍDIO, Met. XII 70-145, Cicno era invulnerável e Aquiles o matou estrangulando-o. Seu pai, Posídon, transformou-o em cisne.

74. Cf. PSEUDO APOLODORO, III 12, 5. Nas Cíprias, Licáon é apenas capturado e vendido como escravo, mas HOMERO, na Ilíada XXI 34 ss., afirma que foi vendido como escravo, resgatado, e poucos dias depois, morto por Aquiles.

75. Cf. Ilíada XX 90 ss., 188 ss.; Cíprias, resumo de Proclo.

76. Cf. Ilíada II 691, VI 397.

77. Foi em Lirnesso que Aquiles capturou Briseide, cf. Ilíada II 688 ss.; XIX 291-299, XX 92, 191 ss.

78. Cf. Ilíada II 816-877.

79. A partir daqui o autor faz um resumo dos principais eventos da Ilíada de Homero. Há uma lacuna no texto. A história já é conhecida e constitui a trama principal do poema: uma vez que Agamêmnon recusou-se a devolver Criseide, a filha do sacerdote de Apolo, Crises, o deus enviou a peste ao exército helênico. Em vista disso, Agamêmnon foi obrigado a devolver Criseide ao sacerdote, mas para se ressarcir desta perda, arrebatou de Aquiles Briseide, que os helenos haviam lhe dado como prêmio de guerra por sua bravura.

80. Cf. HOMERO, Ilíada III 15-382 e IV 1 ss. O pacto era que o vencedor ficaria com Helena e seus bens, o que poria um fim à guerra. Mas como o desígnio de Zeus tinha de se cumprir (a queda de Troia), foi a própria Atena, instigada por Hera, quem persuadiu Pândaro a disparar o arco contra Menelau.

81. Trata-se de Ájax, filho de Télamon, rei de Salamina.

82. Cf. Ilíada VII 66-312.

83. Cf. Ilíada VIII 53-565.

84. A embaixada de Odisseu, Fênix e Ájax é o tema do Canto IX da Ilíada.

85. Estes acontecimentos são mencionados na tragédia de EURÍPIDES, Reso, e no Canto X da Ilíada.

86. Cf. Ilíada XII 436 ss.

87. Cf. Ilíada XV 716 ss.

88. Estes acontecimentos são narrados no canto XVI da Ilíada.

89. Estes acontecimentos constituem o tema do Canto XVII da Ilíada.

90. Estes acontecimentos são descritos no Canto XVIII da Ilíada.

91. Para a morte de Asteropeu por Aquiles, cf. Ilíada XXI 139-204; para o combate de Aquiles contra o rio Escamandro, IBID, XXI 211-382.

92. Estes acontecimentos são narrados no Canto XXIII da Ilíada.

93. Estes acontecimentos são descritos no Canto XXIV da Ilíada.

94. Estes acontecimentos eram narrados na Etiópida de ARCTINO, cujo resumo se encontra na Crestomatia de PROCLO, na qual se menciona que depois que Aquiles matou Tersites surgiu uma disputa entre os helenos e Aquiles parte para Lesbos; aí, após celebrar um sacrifício em honra a Apolo, Ártemis e Leto, é purificado do crime por Odisseu. Cf. Também HIGINO, Fáb. 112; DIODORO, II 46, 5. Para Tersites, v. HOMERO, Ilíada II, 211-277.

95. Cf. PSEUDO APOLODORO, Epít. 1, 17

96. A morte de Aquiles é narrada também na Etiópida de Arctino. Ao nascer Aquiles, sua mãe Tétis submergiu-o no lago Estige e deste modo tornou-o invulnerável, com exceção do calcanhar por onde o segurava. Cf. HIGINO, Fáb. 107; OVÍDIO, Met. XII 597-609. A morte de Aquiles é atribuída a Páris, na Ilíada XXII 359-60, XIX 404-5; OVÍDIO, Met. XII 605-6, XIII, 501; VIRGÍLIO, Eneida VI 56-58. Somente a Apolo, na Ilíada XXI 277-8, SÓFOCLES, Fil. 334-5; EURÍPIDES, Andrômaca, 1108. A Apolo sob a aparência de Páris, em HIGINO, Fáb. 107. Mas há outra versão da morte de Aquiles relacionada com seu amor pela filha de Príamo, Políxena: os troianos haviam lhe chamado ao templo de Apolo Timbreu com o pretexto de celebrar um pacto para suas núpcias com Políxena e ali o mataram à traição. Cf. HIGINO, Fáb. 110; DÍCTIS DE CRETA, IV; FILÓSTRATO, Heroico XX 16.

97. Na Etiópida é narrado que Tétis, acompanhada pelas Musas e as Nereidas, acudiu junto ao cadáver de seu filho e, depois de pranteá-lo, arrebatou-o da pira e o levou a ilha Leuca, isto é, a "ilha Branca" Cf. APOLÔNIO DE RODES, Argonáuticas, IV 810 ss. Mas há outras versões, como, por exemplo, que aí desposou Helena. V. também HOMERO, Odisseia XI 467 ss., passagem que é considerada paradigmática com referência ao conceito que os helenos em geral tinham da vida após a morte, embora também se admitisse que as almas ilustres habitassem em algum lugar paradisíaco, como os Campos Elíseos ou as Ilhas dos Bem aventurados.

98. O julgamento das armas de Aquiles era narrado na Pequena Ilíada e na Etiópida; cf. o resumo de PROCLO; OVÍDIO, Met. XIII, 1-383; HIGINO, Fáb. 107; Odisseia XI 544-548. Sobre a loucura de Ájax e os ataques a rebanhos e pastores, cf. SÓFOCLES, Ájax 97-100 e 237-244.

99. Segundo o autor da Pequena Ilíada, a profecia foi feita por Heleno, que havia sido capturado por Odisseu; do mesmo modo também em Sófocles, Filoct. 605-614.

100. Na tragédia de Sófocles, Filoctetes, são Odisseu e Neoptólemo que vão a Lemnos.

101. Cf. Pequena Ilíada no resumo de PROCLO; EURÍPIDES, Troianas 960-1; CÓNON, Narrativas 34.

102. Cf. SÓFOCLES, Filoctetes 64 ss. e 1337.

103. Cf. PSEUDO APOLODORO III 12, 3.

104. Cf. Pequena Ilíada (resumo de PROCLO); Odisseia XI 506 ss.; SÓFOCLES, Filoctetes 343-356; QUINTO DE ESMIRNA, VI 56-113;

105. Cf. Odisseia XI 516-521; QUINTO DE ESMIRNA, VIII 128-207

106. Cf. resumo de PROCLO da Pequena Ilíada; Odisseia IV 250-256; CÓNON, Narrat. 34. Segundo EURÍPIDES, Hécabe 239-250, quando Odisseu entrou em Troia, Helena o reconheceu e o levou a Hécabe e esta o enviou para fora do país, salvando-lhe a vida.

107. Cf. O saque de Troia e Pequena Ilíada (resumo de PROCLO); Odisseia IV 271-289, VIII 492-515, XI 523-532; VIRGÍLIO, Eneida II 13-267; HIGINO, Fáb. 108; QUINTO DE ESMIRNA, XII 23-83, 218-443, 539-585, XIII 21-59; este último cita vinte e nove nomes de guerreiros que entraram no cavalo e afirma que entraram ainda mais.

108. Sobre as deliberações dos troianos, cf. O saque de Troia (resumo de PROCLO); Odisseia VIII 505 ss.

109. Cf. o resumo de O saque de Troia; VIRGÍLIO, Eneida II 201-231; HIGINO, Fáb. 135; QUINTO DE ESMIRNA, XII 444-477; segundo Virgílio e Higino, as serpentes mataram Laocoonte e seus filhos, e segundo o autor do Saque de Troia, Laocoonte e um de seus filhos. SÉRVIO (Comentários a Eneida II 201) disse que essa desgraça ocorreu a Laocoonte porque, sendo sacerdote de Apolo Timbreu, havia cometido o sacrilégio de ter tido relações sexuais com sua esposa no templo.

110. Cf. Pequena Ilíada no resumo de PROCLO; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 23 ss. Em VIRGÍLIO, Eneida II 259, Sínon abre o cavalo ao ver o sinal luminoso, porém na Eneida VI 518-9, é Helena com sua própria tocha quem guia os helenos; no escólio a LICOFRON 340, é Antenor quem a acende, e em TRIFIODORO (510-521), são os dois: Sínon, sobre o túmulo de Aquiles, e Helena em seus aposentos.

111. Cf. Odisseia IV 274-289; segundo TRIFIODORO, 476-487, Anticlo morre deste modo, asfixiado por Odisseu.

112. "Protetor do lar". Sobre a morte de Príamo, cf. EURÍPIDES, Troianas, 16-7, 481-483; Hécabe 22-24; PAUSÂNIAS, IV 17, 4; VIRGÍLIO, Eneida II 533-538; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 220-250; TRIFIODORO, 634- 639.

113. Antenor sempre se mostrou favorável à devolução de Helena e seus tesouros aos helenos; cf. Ilíada III 203-207.

114. Cf. VIRGÍLIO, Eneida II 699-729; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 315-327;

115. Cf. O saque de Troia no resumo de PROCLO; HIGINO, Fáb. 113, QUINTO DE ESMIRNA, XIII 354-357; TRIFIODORO, 613-633. Em VIRGÍLIO, Eneida VI 520-27, Helena conduz Menelau ao quarto de Deífobo, que o mata enquanto este estava dormindo.

116. Etra havia sido feita prisioneira por Cástor e Polideuces (Pólux) quando estes foram a Atenas para resgatar Helena, cf. PSEUDO APOLODORO III 7, 4; Epítome I, 23.

117. Cf. o resumo de PROCLO de O saque de Troia; PAUSÂNIAS, I 15, 2; V 19, 5; X 26, 3; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 420-429; VIRGÍLIO, Eneida II 403-406,

118. Cf. O saque de Troia (resumo de PROCLO); EURÍPIDES, Troianas, 719-739, 1133-1135; Andrômaca 8-11; OVÍDIO, Met. XIII 415-417; HIGINO, Fáb. 109; QUINTO DE ESMIRNA, XIII 251-257; SÊNECA, Troianas 524 ss. e 1063 ss. No Saque de Troia, Astíanax morre às mãos de Odisseu; na Pequena Ilíada (Fr. 19 A) é Neoptólemo quem o arroja da torre. Em Eurípides e Sêneca, os helenos decidem em assembleia pelo assassinato do menino. Em Sêneca é o próprio Astíanax quem se lança das muralhas, antes que o fizessem.

119. Cf. O saque de Troia (resumo de PROCLO); EURÍPIDES, Hécabe 226 ss., 521-582; OVÍDIO, Met. XIII 439-480; HIGINO, Fáb. 110; SÊNECA, Troianas 168 ss., 938-944, 1118-1164.

120. Cf. EURÍPIDES, Troianas 247-259, 271-291; QUINTO DE ESMIRNA XIV 20-23.

121. EURÍPIDES, Hécabe 1259-1273 QUINTO DE ESMIRNA XIV 347-351; OVÍDIO, Met. XIII 565-571; HIGINO, Fáb. 111; SÊNECA, Agamêmnon 723-726.

122. Cf. QUINTO DE ESMIRNA, XIII 544-551; TRIFIODORO, 660-663.

123. Cf. o resumo de PROCLO dos Retornos (Nóstoi).

124. FRAZER (II, p. 244-5) dá em nota a seguinte variante do manuscrito do Vaticano da Epítome: “enquanto este (Calcas) nada disse, ele (Mopso) afirmou que teria dez crias, uma delas macho, e que pariria no dia seguinte. Esta versão coincide com a TZETZES (escólios a LICOFRON 427-30, 980). FERÉCIDES, por sua vez, segundo ESTRABON, XIV 1, 27, disse que a resposta correta era “três porquinhos, um deles fêmea”. CÓNON, Narrativas 6, relata que a rivalidade dos adivinhos consistiu em formular vaticínios contrários sobre o resultado de uma guerra que o rei dos lícios iria empreender.

125. Cf. Odisseia IV 499-511; VIRGÍLIO, Eneida I 39-45; HIGINO, Fáb. 116; QUINTO DE ESMIRNA, XIV 530-589.

126. Cf. PSEUDO APOLODORO II, 1, 5; EURÍPIDES, Helena 766 ss. e 1126 ss.; QUINTO DE ESMIRNA, XIV 621- 628; HIGINO, Fáb. 116.

127. Cf. Epítome 3, 8. * Isto é, “que devora os lenhos” (as naus).

128. Cf. Retornos (Nóstoi) cf. resumo de Proclo. Segundo SÉRVIO, Comentários a Eneida III 297, não foi Tétis que o aconselhou a permanecer em Tênedo, mas Heleno, que de bom grado o havia acompanhado. Conforme outra tradição, citada por Eustácio (Comentários a Odisseia III 189, p. 1463), ao retornar de Troia, Neoptólemo desembarcou na Tessália, queimou suas naus a conselho de Tétis e por fim estabeleceu-se no Epiro, porque aí constatou que o oráculo de Heleno se cumprira: este lhe havia aconselhado que se estabelecesse num local em as casas tivessem as bases de ferro, paredes de madeira e telhados de tela; os habitantes do Epiro viviam em tendas, cravadas ao solo com ferros, com revestimento de madeira nas paredes e cobertas de tela. PAUSÂNIAS I 11, 1, menciona que Pirro (Neoptólemo) recusou-se a retornar a Tessália e estabeleceu-se no Epiro, e que de Andrômaca teve os filhos Molosso, Pielo e Pérgamo.

129. Segundo EURÍPIDES, Troianas 1126-1130, quando ainda estava em Troia, Neoptólemo soube que seu avô Peleu havia sido banido por Acasto e partiu imediatamente com Andrômaca; no escólio a Troianas1128, foram os filhos de Acasto, Arcandro e Arquíteles, que expulsaram Peleu, o qual buscou refúgio na ilha de Cós e aí morreu. DICTIS DE CRETA, VI 7-9, por sua vez, nos proporciona outro relato: Acasto havia expulsado Peleu, que refugiou-se em uma gruta na Magnésia para esperar Neoptólemo, que retornava de Troia; este, ao chegar matou Acasto e seus filhos, e, deste modo, Peleu pôde recuperar Ftia.

130. Cf. EURÍPIDES, Andrômaca 967-981; Menelau havia concedido a mão de sua filha em casamento a Orestes, filho de Agamêmnon, mas depois, em Troia, ela foi prometida a Neoptólemo, caso conquistasse a cidade. Cf. também escólio a Odisseia IV 4; HIGINO, Fáb. 123.

131. Sobre a morte de Neoptólemo em Delfos, cf. EURÍPIDES, Andrômaca 49-55, 1086-1165; Orestes 1656 ss.; PAUSÂNIAS I, 13, 9; HIGINO, Fáb. 123 Segundo o escólio a EURÍPIDES 1655, o motivo da visita de Neoptólemo a Delfos foi a consulta ao oráculo a respeito da esterilidade de seu casamento com Hermíone.

132. Cf. ESTRABON, VI 1, 3.

133. Cf. PAUSÂNIAS, VIII 5, 2.

134. Os parágrafos 15a, 15b e 15c foram extraídos dos escólios a Licofron de TZETZES (Cf. nota crítica de FRAZER, II. p. 258).

135. Cf. ESTRABON, IX 5, 23

136. Cf. Ilíada VI 463-472.

137. Cf. APOLÔNIO DE RODES, I 599; HERÓDOTO, VII 123.

138. Cf. ESTRABON VI 1, 12. O Pseudo Apolodoro deriva o nome de Naveto a partir de naus, “nave” e aítho, “queimar”.

139. É o filho de Teseu que vai a Troia com seu irmão Acamante para resgatar sua avó, Etra; cf. Epítome 5, 22.

140. SÉRVIO, Comentários a Écloga V 10, de Virgílio, menciona que Fílis, tendo perdido todas as esperanças de que Demofonte regressasse, suicidou-se e foi transformada em árvore, um almendro sem folhas; mais tarde, quando

Demofonte retornou à Trácia e abraçou a árvore, ela se reverdeceu. Por isso, as folhas, que eram antes denominadas "pétalas", passaram a se chamar phýlla. Cf. também HIGINO, Fáb. 59; OVÍDIO, Rem. Am. 591 ss.

141. Havia na Itália, ao pé do monte Drio, um santuário consagrado a Podalírio no qual quem dormisse sobre a pele de um carneiro sacrificado teria sonhos proféticos; cf. ESTRABON, VI 3, 1047 SS. menciona que Podalírio foi enterrado na Itália.

142. ESTRABON, XIV 5, 16 menciona que Anfíloco foi a Troia com o adivinho Mopso e fundou a cidade de Malo na Cilícia. Posteriormente, desejou retornar a Argo e deixou Malo em poder de Mopso, porém, ao chegar a Argo, não lhe agradou o estado em que a cidade se encontrava e retornou a Malo. E aí reclamou o mando a Mopso e como este recusasse devolver-lhe, lutaram entre si e ambos pereceram. PAUSÂNIAS, I 34, 3, menciona que na sua época havia um oráculo de Anfíloco em Malo, na Cilícia.

143. Cf. escólio a Ilíada XIII 66; POLÍBIO, XII 5; ESTRABON, XIII 1, 40; SÉRVIO, Comentários a Eneida I 41.

144. Cf. os Retornos (Nóstoi) no resumo de PROCLO; Odisseia III 193-4, 303-305, IV 529-537, XI 404-434; ÉSQUILO, Agamêmnon, 1379 ss.; Eumênides 631-635; SÓFOCLES, Electra 95-99; EURÍPIDES, Electra 8-10; Orestes 25-6; PAUSÂNIAS, II 16, 6; HIGINO, Fáb. 117; SÊNECA, Agamêmnon 975-909; DÍCTIS DE CRETA, VII 2. O autor dos Retornos, Homero e Pausânias atribuem a morte de Agamêmnon a Egisto; Ésquilo, a Clitemnestra. Sófocles e Eurípides, aos dois.

145. Cf. Odisseia XI 421-423; PÍNDARO, Píticas XI 19 ss.; HIGINO, Fáb. 117.

146. Cf. PÍNDARO, Píticas XI 34 ss.; SÓFOCLES, Electra 11 ss.; EURÍPIDES, Electra 14 ss.; HIGINO, Fáb. 117.

147. A vingança pela morte de Agamêmnon é o tema de três tragédias gregas: Coéforas, de Ésquilo, Electra, de Sófocles, e Electra, de Eurípides. Cf. também HIGINO, Fáb. 117.

148. O julgamento de Orestes no tribunal do Areópago é o argumento da tragédia de ÉSQUILO, As Eumênides; com o empate dos votos pró e contra, Orestes foi absolvido pelo voto de Atena. Em Ésquilo, Orestes é acusado pelas Erínias, em HIGINO, Fáb. 119, por Tíndaro, e segundo o autor do Etimologicum Magnum, por Erígone e Tíndaro. Cf. EURÍPIDES, em Ifigênia em Táuris 940-967, 1469-1472; e em Orestes 931 ss.; 1648-1652; PAUSÂNIAS, III 22, 1. VIII 34, 1-4.

149. Cf. EURÍPIDES, Ifigênia em Táuris 77-92, 970-978; HIGINO, Fáb. 120.

150. Cf. HERÓDOTO, IV 103; DIODORO, IV 44, 7; PAUSÂNIAS, I 43, 1; EURÍPIDES, Ifigênia em Táuris 34-41. De acordo com Heródoto, os tauros ofereciam sacrifícios humanos a uma deusa virgem que identificavam com Ifigênia.

151. A chegada de Orestes com Píades ao país dos tauros e sua fuga com a imagem compõem o argumento da tragédia de EURÍPIDES, Ifigênia em Táuris.

152. Segundo EURÍPIDES, Ifigênia em Táuris 1446-1467, a imagem foi consagrada em um lugar da Ática denominado Halas, sob os nomes de Ártemis Taurópolo ou Ártemis Braurônia. PAUSÂNIAS, I 33, 1 menciona que Ifigênia chegou a Bráuron, localidade próxima a Maratona, com a imagem de Ártemis quando fugiu do país dos Tauros e também (I, 23, 7), que na Acrópole de Atenas havia um santuário dedicado a Ártemis Braurônia, nome atribuído à deusa pelo demo de Bráuron, onde estava a estátua de madeira de Ártemis (xóanon)

153. Suspeita-se que haja aqui uma lacuna. BÖCHELER propôs que ela fosse assim completada: "Dizem que a imagem permanece ali e que foi consagrada na muralha seguindo a prescrição de um oráculo". Cf. nota crítica de FRAZER, II p. 276.

154. Cf. EURÍPIDES, Electra 1249; e Orestes 1658-59.

155. Segundo PAUSÂNIAS, II 18, 6, Orestes uniu-se a Hermíone e gerou Tisâmeno, que o sucedeu no trono de Esparta; porém ele também menciona outra tradição em que Orestes teria tido um filho bastardo, Pentilo, ao se unir com Erígone, a filha de Egisto,

156. Cf. escólio a EURÍPIDES, Orestes 1645; PAUSÂNIAS, VIII 34, 1-4; HIGINO, Fáb. 120.

157. Cf. Odisseia III 276-303; PAUSÂNIAS, X 25, 2.

158. EURÍPIDES, Helena 1676-1679. Na Odisseia VI 561-569, Proteu profetiza a Menelau que será levado pelos deuses aos Campos Elíseos por ser genro de Zeus.

159. Os cícones são um povo da Trácia; sobre as aventuras de 196-211 entre eles, cf. Odisseia IX

160. Odisseu salvou Máron, juntamente com sua mulher e seus filhos e, por isso, recebeu ricos presentes, entre eles doze ânforas de um vinho excelente; cf. Odisseia IX 39-66.

161. Lotófagos, i.é. "comedores de loto". Supõe-se que habitam a região costeira do norte da África, na Cirenaica. Acerca das aventuras de Odisseu entre eles, cf. Odisseia IX 82-104; HIGINO, Fáb. 125.

162. Com referência às aventuras de Odisseu entre os Ciclopes, cf. Odisseia IX 105-542; HIGINO, Fáb. 125

163. Cf. Odisseia X 1-76; OVÍDIO, Met. XIV 223-232; HIGINO, Fáb. 125.

164. Cf. Odisseia X 80-132; OVÍDIO, Met. XIV 223-244.

165. Cf. Odisseia X 133-574; OVÍDIO, Met. XIV 246-440; HIGINO, Fáb. 125.

166. Em HOMERO os companheiros de Odisseu são todos transformados em porcos, embora na Odisseia X, 210-219 se diga que, quando eles chegaram à casa de Circe, vieram junto dela lobos e leões que haviam sido encantados por ela.

167. O móly, segundo HOMERO, Odisseia X 302-306, era uma planta de raiz negra e flor branca.

168. O autor dos Retornos (Nóstoi) afirma que Telégono era filho de Odisseu e Calipso, e HIGINO, Fáb. 125, menciona que ele tivera com Circe dois filhos: Telégono e Nausítoo.

169. A visita de Odisseu à região dos mortos é o tema do Canto XI da Odisseia.

170. Cf. Odisseia IX 90-151.

171. Odisseu e seus companheiros haviam deixado o corpo de Elpenor insepulto ao se dirigirem apressadamente para a ilha; cf. Odisseia X 552-560 e XI 51-83.

172. Cf. Odisseia XII 1-200; HIGINO, Fáb. 125. Segundo APOLÔNIO DE RODES, IV 895-6, as Sereias eram filhas da Musa Terpsícore e de Aqueloo.

173. APOLÔNIO DE RODES, IV 898-9, descreve-as do mesmo modo: em parte pássaros, em parte donzelas. OVÍDIO, Met. 552-562, com plumas e patas de ave e rostos de donzelas; talvez porque elas acompanhassem Perséfone quando ela foi raptada, foram dotadas de asas pelos deuses para que pudessem buscá-la inclusive pelos mares.

174. Cf. HIGINO, Fáb. 125 e 141

175. Cf. Odisseia XII 52-72 e 201-221. As Planctas são as mesmas Rochas Errantes pelas quais os Argonautas haviam passado

176. Cf. Odisseia XII 73-126 e 222-259; HIGINO, Fáb. 125 e 199. Homero afirma que Cila é filha de Crateide, sem, porém, mencionar o pai; Higino, que é filha de Tífon e Equidna.

177. Cf. Odisseia XII 127-141 e 260-402.

178. Cf. Odisseia XII 403-425.

179. Cf. Odisseia XII 426-450.

180. Cf. Odisseia V 13-281, VII 243-266; HIGINO, Fáb. 125. Segundo Homero, Odisseu permaneceu junto a Calipso sete anos; segundo Higino, um. HESÍODO, Teog. 1011-1013, menciona que Circe foi a mãe de Latino (e também de Ágrio).

181. Cf. Odisseia V 282-493.

182. Cf. Odisseia, Cantos VI, VII, VII e XII 1-124; HIGINO, Fáb. 125.

183. Cf. Odisseia XII 125-187.

184. Cf. Odisseia XVI 245-253; a relação dos pretendentes feita por Homero é de cento e oito: cinquenta e dois de Dulíquio, vinte e quatro de Same, vinte de Zacinto e doze de Ítaca. Segundo o Pseudo Apolodoro são cento e trinta e seis.

185. Cf. Odisseia XIV 80-109

186. Cf. Odisseia XIX 136-158

187. Cf. Odisseia XIV 1-492; HIGINO, Fáb. 126.

188. Cf. Odisseia XVI 1-234.

189. Cf. Odisseia XVII 184-253.

190. Cf. Odisseia XVII 360-457.

191. Cf. Odisseia XVIII 1-107; HIGINO, Fáb. 126.

192. Cf. Odisseia XXI 188-244.

193. Cf. Odisseia XXI 1-82; HIGINO, Fáb. 126.

194. Cf. Odisseia XXI 140-434, XXII 1-389.

195. Cf. Odisseia XXII 417-477.

196. Cf. Odisseia XXIII 153-297, XXIV 205-348.

197. Tirésias havia advertido a Odisseu que depois de matar os pretendentes deveria ir, com um remo sobre o ombro, ao país dos homens que jamais haviam visto o mar, onde se encontraria com outro caminhante que diria que levava um abanador sobre o ombro. Ali Odisseu deveria cravar seu remo e sacrificar um carneiro, um touro e um porco a Posídon; cf. Odisseia XI 119-131.

198. Assim também no resumo de PROCLO da Telegonia. Cf. HIGINO, Fáb. 1267; DÍCTIS DE CRETA, VI 14-5

199. CÍCERO, De Nat. Deorum III 22, 56, menciona a tradição de que Penélope era mãe de Pã; SÉRVIO, comentário à Eneida II 44, afirma que Penélope havia dado à luz Pã, na ausência de Odisseu, e este, ao chegar, expulsou-o de sua casa. Cf. CABRAL, L. A. M., Os Hinos Homéricos, 2011, notas ao Hino XIX, a Pã, nota ao verso 47.

200. Um dos pretendentes de Penélope que morre às mãos de Telêmaco; cf. Odisseia XXII 89 ss.